

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Ramiro Soares Valdez**

**Um nacionalismo transnacional? Estudo de caso da Nova Resistência, organização  
neofascista brasileira**

**Porto Alegre**

**2024**

**Ramiro Soares Valdez**

**Um nacionalismo transnacional? Estudo de caso da Nova Resistência, organização  
neofascista brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva

**Porto Alegre**

**2024**

### CIP - Catalogação na Publicação

Valdez, Ramiro Soares

Um nacionalismo transnacional? Estudo de caso da Nova Resistência, organização neofascista brasileira / Ramiro Soares Valdez. -- 2024.

233 f.

Orientador: Marcelo Kunrath Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Redes transnacionais de ativistas. 2. Enquadramentos interpretativos. 3. Nacionalismo. 4. Neofascismo. 5. Nova Resistência. I. Silva, Marcelo Kunrath, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Ramiro Soares Valdez**

**Um nacionalismo transnacional? Estudo de caso da Nova Resistência, organização  
neofascista brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva

RESULTADO:

BANCA EXAMINADORA:

---

Marcelo Kunrath Silva  
Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Odilon Caldeira Neto  
Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Camila Penna  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação encerra um percurso de dois anos e meio, ao longo do qual me dediquei à realização do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Assim como tudo o que importa na vida, esse período foi marcado por distintas emoções, nas mais diversas intensidades. Saúdo todas elas, inclusive as difíceis.

Dedico esse trabalho aos que vieram antes de mim e a quem anda ao meu lado. A meus pais e irmãos, e à minha família estendida (os vivos e os que já se foram). Dedico também às minhas companheiras/os de luta, às amizades e aos amores, os antigos, os novos e os ressignificados. Esse trabalho é fruto de muitas mãos, muitas cabeças e muitos nomes. Tantos que não caberiam aqui. Muitas vezes os clichês guardam verdades sociológicas: pois nós não somos muitos mais do que nossas relações, e existe uma grandeza nessa pequenez, que é a grandeza cotidiana dos nossos vínculos. Sem vocês eu não seria nada. Não teria feito nada. Não teria histórias para contar, palavras para falar ou uma voz humana. Eu não teria uma cabeça para pensar, e não haveria nem mesmo nascido. A solidariedade humana me comove, essa solidariedade cotidiana dos pequenos gestos. Se esse percurso não foi exatamente fácil, foi muito menos difícil por causa de vocês, meus amores, minha vida.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, com os quais, por conta da pandemia de Covid-19, não tive o prazer de compartilhar muitos colóquios sociológicos de boteco, mas de quem sempre encontrei apoio em suas várias formas, desde valiosas contribuições para meu trabalho até aquele famoso “ombro amigo”, presencial ou virtual, para desabafar e reclamar da vida de mestrando. Levarei para sempre na memória nossa ágil e eficiente mobilização em 2022 contra o congelamento do pagamento das bolsas, e por melhores condições para o exercício da pesquisa, quando contribuímos com nosso grãozinho de areia para uma luta vital em defesa da pesquisa e da ciência no Brasil.

Se o trabalho de pesquisa é conhecido como um ofício solitário, ainda mais em contexto pandêmico, nós conseguimos criar dispositivos para furar esse isolamento e coletivizar, nem que fosse um pouco, nossa solidão. Fica o agradecimento especial ao colega Luís Gustavo Ruwer da Silva, amigo e companheiro junto a quem ingressei no mestrado (quase literalmente, tendo em vista nossa preparação em conjunto para as etapas do processo seletivo), à amiga e companheira Amanda Porto, que entrou logo depois, às amigas e colegas Victória Mello Fernandes e Elizabeth Azevedo pelas diversas contribuições e apoio desde a elaboração do projeto.

Agradeço também ao meu orientador Marcelo Kunrath Silva, que acompanhou o trabalho desde que era o esboço de uma ideia, sempre solícito, acolhedor, e ao mesmo tempo honrando minha autonomia e estimulando o desenvolvimento de minha própria voz enquanto pesquisador. Um outro orientador muito significativo desse trabalho é uma coletividade: o Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE). Através das oficinas de discussão coletiva dos textos de seus membros, o GPACE proporciona orientações a muitas mãos, muitas vozes, o que enriqueceu imensamente não apenas este trabalho, mas certamente também as pesquisas de todos os membros do grupo. O GPACE, com suas oficinas, é um exemplo vivo de como é possível coletivizar e horizontalizar o processo de produção do conhecimento. Devemos fomentar a criação de mais espaços assim na universidade.

É preciso também fazer uma menção especial à jornalista e companheira antifascista Letícia Oliveira pela interlocução constante ao longo deste trabalho e pela importantíssima entrevista que me concedeu. A verdade é que, sem o comprometimento e o trabalho investigativo de Letícia, que trouxe luz à estratégia da Nova Resistência ainda em 2019, essa pesquisa provavelmente não existiria.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço, assim, à CAPES, pela bolsa de mestrado, subsídio que possibilitou a realização desta pesquisa. Agradeço também à UFRGS, e especialmente ao PPGS, o qual demonstrou grande sensibilidade e acolhimento das demandas de seu corpo discente diante do contexto pandêmico e pós-pandêmico em que foi realizado este trabalho, prezando por boas condições sanitárias (físicas e mentais) para o exercício da pesquisa, além de garantir um ambiente de excelência acadêmica.

O financiamento público da produção de conhecimento através das agências públicas de fomento é, junto ao ensino e à extensão, um dos pilares essenciais para a construção de uma universidade verdadeiramente popular, gratuita e de qualidade, que esteja acima da lógica do mercado – cujos interesses privados assaltam os serviços públicos, tendo a universidade pública como um de seus principais alvos – e seja realmente preocupada com o bem comum, produzindo conhecimento e atuando para além dos muros dos *campi*.

Por fim, como disse Buenaventura Durruti, valoroso companheiro libertário e antifascista tombado na Espanha revolucionária: “*nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo em nossos corações. Esse mundo está crescendo nesse momento*”. O agradecimento derradeiro é dedicado, assim, a todos e todas que tombaram na luta contra a extrema direita, seja na Espanha, na Alemanha ou na Itália de um século atrás, ou

contemporaneamente no Brasil, na Rússia e na Ucrânia (para além da guerra fratricida que põe trabalhadores para se matarem pelos interesses das classes dominantes), na Palestina ocupada ou em Rojava. Em todo o mundo e ao longo do tempo. Aos que trabalham, devagar e sempre, coletivamente e de maneira organizada, pela ruína do capitalismo e dos Estados-nação, que juntos estão exaurindo o planeta até sua destruição, destruindo a vida das gentes e dos povos, e abrindo flancos para a ameaça fascista com seu sedutor canto de sereia. Aos que caminham rumo ao socialismo e à liberdade. Aos que lutam por um mundo onde caibam muitos mundos, menos os mundos fascistas, os quais, partindo de valores e princípios intrinsecamente homogeneizantes, elitistas e excludentes, são verdadeiras máquinas ruidosas, redutoras de diversidade.

*“Ídolos vorazes, os Deuses dos exércitos e dos autos de fé exigem vítimas em massa.”*

(Maria Lacerda de Moura)

*“É necessário dizer: alguns tentaram depois ocultar esse privilégio, fruto de um erro inicial no qual caíram de boa-fé, arrastados por uma demagogia: simultaneamente nacionalista e operária; porém, que só pôde enganar uma minoria de intelectuais, enquanto o mundo do trabalho tinha uma ideia clara da natureza conservadora do novo movimento desde o seu início.”*

(Luce Fabbri)

## RESUMO

O presente trabalho tematiza a emergência e constituição de uma organização neofascista brasileira, a Nova Resistência (NR), em perspectiva transnacional, com foco na adequação discursiva da doutrina ideológica da Quarta Teoria Política (QTP), criada pelo russo Aleksandr Dugin, ao contexto brasileiro, tarefa que é agenciada pela organização. Como referencial teórico, são mobilizadas principalmente a teoria dos enquadramentos aplicada à ação coletiva, e a literatura sociológica sobre redes transnacionais de ativistas. O objetivo principal é entender como a organização mobiliza uma ideologia de circulação transnacional no agenciamento de seu “próprio” nacionalismo. O problema da pesquisa, que trata das maneiras como uma organização nacionalista alinha suas molduras interpretativas a doutrinas ideológicas que circulam transnacionalmente, é posto na forma da seguinte questão: *Qual o lugar da escala transnacional na produção discursiva dos atores políticos nacionalistas de extrema direita contemporâneos? Como eles mobilizam (e possivelmente ressignificam) enquadramentos interpretativos de circulação internacional?* Metodologicamente, foi reunida uma base de dados composta por 149 documentos, que, submetidos a critérios de seleção, resultaram em 54 URLs destacadas do *website* da NR, além do arquivo da obra *A Quarta Teoria Política* (Dugin, 2012a), em formato PDF, para análise e codificação, com auxílio do *software* CAQDAS NVivo. Também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com Letícia Oliveira, especialista pioneira na investigação da atuação do duginismo no Brasil, com ênfase na NR, além de diversas outras fontes jornalísticas a respeito do tema. A pesquisa da dimensão associativa transnacional da extrema direita nacionalista pode contribuir para a agenda de pesquisas sobre a nova direita brasileira que, na sociologia, precisa superar um certo nacionalismo metodológico, isto é, um foco demasiado grande na escala nacional. Além disso, este estudo contribui para maior entendimento da heterogeneidade e da conflitualidade interna a esta nova direita radical, campo de emergência recente na política brasileira. O foco de análise se deu em torno da comparação entre as dimensões diagnóstica, prognóstica e convocatória, por um lado, na doutrina ideológica da QTP, e, por outro, no material produzido pela NR. Os resultados apontam para: 1. a inexistência de divergências entre os enquadramentos interpretativos produzidos pela NR e a doutrina da QTP; 2. o agenciamento de um processo de “alinhamento de molduras” pela NR com ênfase no subtipo de “ligação de molduras” associado ao subtipo “amplificação de molduras” em sua acoplagem da QTP à realidade nacional; 3. a variação encontrada diz respeito às maneiras como a NR produz uma leitura teórico da realidade

brasileira, conectando os pressupostos desta doutrina de gênese russa ao contexto sócio-histórico-cultural nacional. Além destes resultados, nas considerações finais é feita uma caracterização das particularidades do neofascismo praticado pela NR. Também são apontados alguns dos limites do trabalho, que dizem respeito a uma discussão a ser aprofundada sobre a dimensão sociotécnica do fenômeno de emergência e proliferação do que identifiquei como um ecossistema digital transnacional duginista, tendo em vista a primazia dada às novas tecnologias de informação e comunicação mobilizadas, e à articulação em escala supranacional, pelos atores duginistas em seu repertório tático.

**Palavras-chave:** Redes transnacionais de ativistas; Enquadramentos interpretativos; Nacionalismo; Neofascismo; Nova Resistência; Quarta Teoria Política.

## ABSTRACT

The present work addresses the emergence and constitution of a Brazilian neo-fascist organization, Nova Resistência (NR), from a transnational perspective, focusing on the discursive adaptation of the ideological doctrine named Fourth Political Theory (FPT), created by the Russian Aleksandr Dugin, to the Brazilian context, a task conducted by the organization. The main theoretical approaches mobilized are the framework theory applied to collective action and the sociological literature on transnational networks of activists. The main objective is to understand how the organization mobilizes an ideology of transnational circulation in the orchestration of its “own” nationalism. The research problem, which deals with the ways in which a nationalist organization aligns its interpretative frames with transnational circulating ideological doctrines, is formulated as the following question: *What is the role of the transnational scale in the discursive production of contemporary far-right nationalist political actors? How do they mobilize (and possibly reinterpret) interpretative frames of international circulation?* Methodologically, a database composed of 149 documents was gathered, which, subjected to selection criteria, resulted in 54 highlighted URLs from the NR website, in addition to the PDF file of the work *The Fourth Political Theory* (Dugin, 2012a), for analysis and coding, with the assistance of the software NVivo. A semi-structured interview was also conducted with Letícia Oliveira, a pioneering specialist in investigating the role of Duginism in Brazil, with an emphasis on NR, along with various other journalistic sources on the subject. The research into the transnational associative dimension of far-right nationalism can contribute to the research agenda on the new Brazilian right, which, in sociology, needs to overcome a certain methodological nationalism, that is, an overly large focus on the national scale. Furthermore, this study contributes to a greater understanding of the heterogeneity and internal conflictuality within the recent emergence of a radical new right in Brazilian politics. The analytical focus centered around the comparison between the diagnostic, prognostic, and convocative dimensions, on one hand, in the ideological doctrine of FPT, and on the other hand, in the material produced by NR. The results point to: 1. the absence of divergences between the interpretative frames produced by NR and the FPT doctrine; 2. the orchestration of a “frames alignment” process by NR with an emphasis on the subtype of “frame bridging” associated with the subtype “frame amplification” in its coupling of FPT to the national reality; 3. the variation found relates to the ways in which NR produces a fourth theoretical reading of Brazilian reality, connecting the assumptions of this Russian-derived doctrine to the national socio-historical-cultural context. In addition to these results, the concluding remarks

characterize the peculiarities of the neo-fascism practiced by NR. Some of the limitations of the work are also pointed out, which involve a discussion to be further explored on the sociotechnical dimension of the phenomenon of emergence and proliferation of a transnational Duginist digital ecosystem, considering the primacy given to new information and communication technologies mobilized and articulated on a supranational scale by Duginist actors in their tactical repertoire.

**Keywords:** Transnational networks of activists; Interpretive frameworks; Nationalism; Neo-fascism; Nova Resistência; Fourth Political Theory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Bandeira do Partido Nacional-Bolchevique .....	69
Figura 2 - Estrela do Caos .....	75
Figura 3 - Bandeira do Partido Eurasia .....	76
Figura 4 - Cabeçalho Geopolitika.ru .....	76
Figura 5 - Manifestante no ciclo de protestos de 2019 no Chile .....	76
Figura 6 - Cartaz de solidariedade ao militante Marco Marino.....	77
Figura 7 - Aleksandr Dugin e Raphael Machado em entrevista durante o Encontro Evoliano de 2014 .....	107
Figura 8 – Dugin ao lado de Machado (atenção à camiseta da banda Burzum que este ostenta na foto).....	108
Figura 9 - Da esquerda para a direita: sujeito não identificado, Dugin, Machado, Victor Schroeder e David Vinko, no Encontro Evoliano de 2014.....	108
Figura 10 - Logotipo da Nova Resistência (cabeçalho do website) .....	116
Figura 11 - Logotipo da New Resistance (EUA) .....	116
Figura 12 - Logotipo da Nuova Resistenza (Itália) .....	117
Figura 13 - New Resistance Evropa .....	117
Figura 14 - Manifestação contra a PEC 241 no Rio de Janeiro.....	119
Figura 15 - Daria Dugina com militante da NR na Rússia.....	120
Figura 16 - Paul Antonopoulos e Raphael Machado no Sindicato dos Petroleiros, na cidade do Rio de Janeiro .....	121
Figura 17 - Evento em memória de Malcolm X, organizado junto à Mobilização Islâmica .	122
Figura 18 - Raphael Machado, Marcello Gullo e André Nunes (FNT).....	122
Figura 19 – Militantes da NR junto a Marcelo Gullo.....	123
Figura 20 - Capa da revista da ESG em que Dugin publicou um artigo .....	126
Figura 21 - Cartaz que anuncia a formação do “Comitê Central de Libertação Americana”	129
Figura 22 - Cartaz do I Congresso Sul-Sudeste da Nova Resistência.....	130
Figura 23 - Amaryllis Rezende, Aldo Rebelo, Robinson Farinazzo e Raphael Machado ....	130
Figura 24 - Cartaz de divulgação da Conferência Iberoamericana e Caribenha sobre Multipolaridade .....	133
Figura 25 - Printscreen de publicação da ação conjunta entre NR e PCO na Aldeia Marakanã .....	134
Figura 26 - Cartaz de divulgação de participação de Pimenta no canal de Youtube da NR..	135

Figura 27 - Pimenta com integrantes da NR (Tio Chico está à esquerda do dirigente do PCO)	136
Figura 28 - Linha do tempo: cronologia da emergência e atuação da NR	137
Figura 29 - Representação gráfica da rede transnacional que a NR ajuda a articular	155
Figura 30 - Ilustração de Dugin no site da NR	174
Figura 31 - Emoldurando o inimigo	176
Figura 32 - Capa do texto “A luta entre Patriotas e Globalistas chegou ao Brasil”	178
Figura 33 - Capa do texto “Nota oficial da Nova Resistência sobre as Eleições 2018”	179
Figura 34 - Capa do texto “Ciro Acordou! Que não durma de novo!”	180
Figura 35 - Enquadramento das clivagens políticas pela NR	182
Figura 36 - A QTP ilustrada segundo uma organização quarto teórica	183
Figura 37 - A ideologia da NR segundo ela mesma	185
Figura 38 - O espectro político moderno	188
Figura 39 - A nova topografia política proposta pela NR	188
Figura 40 - O “pacto de cooperação” articulado pela NR	189
Figura 41 - Raphael Machado (o segundo da esquerda para a direita) ao lado de Rebelo (no centro, de chapéu) no lançamento do livro <i>O Quinto Movimento: propostas para uma construção inacabada</i> (2021), no Chale da Praça XV, em Porto Alegre	191
Figura 42 - A NR e a reivindicação de um legado	193
Figura 43 - Enquadrando a história em ato	197
Figura 44 - As MIACs produtoras de identidade da NR	199
Figura 45 - Palavras de ordem	201
Figura 46 - “Morte ao imperialismo!”	202
Figura 47 - “God is gay” (Deus é gay)	205
Figura 48 - De Roma à Nova Roma	207

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Intertextualidade e referências na obra A Quarta Teoria Política .....	94
Quadro 2 - Autores mais citados em A Quarta Teoria Política .....	97
Quadro 3 - Atores presentes no vídeo Dugin e demais camaradas saúdam a Nova Resistência .....	140
Quadro 4 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Europa).....	142
Quadro 5 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Ásia).....	145
Quadro 6 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (África).....	147
Quadro 7 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (América) .....	148
Quadro 8 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Oceania) .....	148
Quadro 9 - Atores presentes na Conferência Ibero-Americana e Caribenha sobre a Multipolaridade .....	152

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCALE - Associação Cívico-Cultural Arcy Lopes Estrella

AIP - Ação Identitária Paulista

ALESP - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

CAQDAS - Computer-assisted qualitative data analysis software (Programa de análise de dados qualitativos assistida por computador, em português)

CSP-CONLUTAS - Central Sindical e Popular - Coordenação Nacional de Lutas

ESG – Escola Superior de Guerra

EUA – Estados Unidos da América

FIB – Frente Integralista Brasileira

FNT - Frente Nacional Trabalhista

GRU - *Glavnoié Razvédyvatel'noié Oupravléníé* (Diretoria de Inteligência Geral, em português)

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero

LNT - Legião Nacional Trabalhista

MBL – Movimento Brasil Livre

MEI – Movimento Eurasiano Internacional

MIAC – Moldura interpretativa da ação coletiva

NDE – Nova Direita Europeia

NDF – Nova Direita Francesa

NR – Nova Resistência

NSDAP – *Nationalsozialistische Deutsch Arbeiterpartei* (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em português)

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCFR – Partido Comunista da Federação Russa

PCO – Partido da Causa Operária

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PL – Partido Liberal

PNB – Partido Nacional-Bolchevique

PPL – Partido Pátria Livre

PROS – Partido Republicano da Ordem Social

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido Social-Democrata Brasileiro

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

QTP – Quarta Teoria Política

URL - Uniform Resource Locator (Localizador Uniforme de Recursos, em português)

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>33</b>
2.1 NACIONALISMOS E FASCISMOS NA COMPOSIÇÃO DA EXTREMA DIREITA CONTEMPORÂNEA .....	33
<b>2.1.1 As extremas direitas contemporâneas .....</b>	<b>34</b>
<b>2.1.2 Os nacionalismos .....</b>	<b>35</b>
2.1.2.1 Nacionalismo e extrema direita .....	42
<b>2.1.3 Fascismos e neofascismos.....</b>	<b>43</b>
2.2 AS REDES TRANSNACIONAIS .....	48
<b>2.2.1 As redes transnacionais de extrema direita .....</b>	<b>51</b>
2.3 A TEORIA DO ENQUADRAMENTO APLICADA À AÇÃO COLETIVA.....	54
<b>2.3.1 Alinhamento de molduras.....</b>	<b>55</b>
<b>2.3.2 Tarefas nucleares de enquadramento.....</b>	<b>61</b>
<b>2.3.3 Os enquadramentos e as ideologias.....</b>	<b>61</b>
<b>3 ALEKSANDR DUGIN E A QUARTA TEORIA POLÍTICA .....</b>	<b>65</b>
3.1 DAS MARGENS AO MAINSTREAM: DE DISSIDENTE NA URSS A CONSULTOR NA DUMA E NO KREMLIN.....	66
<b>3.1.1 Dugin no século XX: o Nacional-Bolchevismo e o Neo-urasianismo.....</b>	<b>67</b>
<b>3.1.2 Neo-Eurasianismo - aventura na política institucional, transnacionalização e         giro “metapolítico” (ou Dugin no século XXI: Movimento Eurasiano Internacional,         consultor do Kremlin) .....</b>	<b>71</b>
3.1.2.1 A Teoria da Multipolaridade e o Neo-urasianismo .....	74
3.1.2.2 O Tradicionalismo e a extrema direita contemporânea .....	77
<b>3.1.3 Dugin e o Brasil.....</b>	<b>79</b>
3.2 A QUARTA TEORIA POLÍTICA.....	82
<b>3.2.1 O Livro .....</b>	<b>83</b>

<b>3.2.2 Elementos Globais da QTP .....</b>	<b>84</b>
3.2.2.1 O que é a Quarta Teoria Política? Uma oferta de superação das grandes teorias políticas da modernidade .....	84
3.2.2.2 Antiliberalismo teopolítico e a escatologia Tradicionalista .....	87
3.2.2.3 Multipolaridade – nacionalismo civilizacional contra o Estado-Nação .....	88
3.2.2.4 Ethnos como sujeito político e o “antirracismo” racista de Dugin.....	90
3.2.2.5 O “gênero radical” da QTP e alguns trechos bizarros da obra .....	93
<b>3.2.2 Intertextualidade e Referências em <i>A Quarta Teoria Política</i>.....</b>	<b>94</b>
<b>4 A NOVA RESISTÊNCIA - DOCUMENTANDO A EMERGÊNCIA E ATUAÇÃO DE UM GRUPO NEOFASCISTA.....</b>	<b>102</b>
4.1 “A GENTE CHEGOU PRA BAGUNÇAR” – UMA BREVE HISTÓRIA DA NOVA RESISTÊNCIA.....	104
<b>4.1.1 O Orkut na formação do campo dissidente.....</b>	<b>105</b>
<b>4.1.2 Encontros Evolianos, vindas de Dugin, Guerra civil ucraniana, Lusvarghi como garoto-propaganda .....</b>	<b>109</b>
<b>4.1.3 Fundação oficial da NR.....</b>	<b>113</b>
4.2 MAPEANDO A REDE TRANSNACIONAL EM QUE SE INSERE A NR.....	138
<b>5 ELEMENTOS IDEOLÓGICOS ESTRUTURAIS DA QTP E O AGENCIAMENTO DAS TAREFAS NUCLEARES DE ENQUADRAMENTO PELA NR.....</b>	<b>156</b>
5.1 TRICOTOMIA DOS ELEMENTOS IDEOLÓGICOS ESTRUTURAIS DA QTP ....	156
<b>5.1.1 Elemento diagnóstico.....</b>	<b>157</b>
5.1.1.1 Globalização, mundo unipolar e a hegemonia liberal global .....	158
5.1.1.2 Pós-liberalismo: chegamos ao “Fim da história”?.....	158
5.1.1.3 A construção do antagonismo em <i>A Quarta Teoria Política</i> .....	160
5.1.1.4 Conspiracionismo .....	161
<b>5.1.2 Elemento prognóstico .....</b>	<b>161</b>
5.1.2.1 Pacto de cooperação e multipolarismo .....	162
5.1.2.1.1 Um parêntese importante sobre o pacto de cooperação .....	163

5.1.2.2 A amálgama entre comunismo e fascismo sobre uma moldura Tradicionalista .....	163
<b>5.1.3 Elemento convocatório .....</b>	<b>166</b>
5.1.3.1 Rationale.....	167
5.1.3.1.1 A batalha pelo futuro: pós-modernismo versus Tradição.....	167
5.1.3.1.2 Produção de uma identidade coletiva: o dissenso contra a conformidade, a periferia contra o centro e o retorno do soldado político.....	169
5.1.3.2 Motivacional.....	171
5.1.3.2.1 A QTP como “revelação de um novo horizonte” e convite para “espíritos livres” .....	171
5.1.3.2.2 Ocidente liberal (pós-)moderno – catástrofe, ditadura e degradação da Terra .....	172
<b>5.2 AS TAREFAS NUCLEARES DE ENQUADRAMENTO DA NR .....</b>	<b>172</b>
<b>5.2.1 Tarefas nucleares de enquadramento.....</b>	<b>173</b>
5.2.1.1 Enquadramentos diagnósticos .....	174
5.2.1.2 Enquadramentos prognósticos .....	183
5.2.1.3 Enquadramentos convocatórios .....	193
5.2.1.3.1 <i>Rationale</i> .....	194
5.2.1.3.1.1 História .....	195
5.2.1.3.1.2 Identidade .....	198
5.2.1.3.2 Enquadramentos motivacionais e simbólicos.....	201
5.2.1.3.2.1 Polo negativo dos enquadramentos motivacionais e simbólicos.....	202
5.2.1.3.2.2 Polo positivo dos enquadramentos motivacionais e simbólicos.....	205
<b>6 Considerações finais .....</b>	<b>209</b>
6.1 Resultados.....	209
6.2 APONTAMENTOS FUTUROS .....	217
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>220</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No dia 11 de setembro de 2014, o deputado estadual Fernando Capez (PSDB) discursa na tribuna da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp)<sup>1</sup>, protocolando um “requerimento de investigação com respectiva abertura de inquérito policial” para apurar a ocorrência do Encontro Evoliano, um “congresso internacional”, segundo Capez, de neofascistas e neonazistas, que acontecia na cidade de São Paulo em celebração da memória de Julius Evola<sup>2</sup>, enquadrado (corretamente, diga-se passagem) como “ideólogo do neofascismo”. Ao longo de sua fala, a qual durou seis minutos, o então deputado enfatiza que não devemos “trazer para cá estes grupos de intolerância racial”, que têm atuação na Europa e nos EUA, e agora buscam instalar-se no Brasil.

Capez denuncia a presença do ideólogo de extrema direita, Alain Soral, a quem se refere como “francês internacionalmente conhecido por práticas antissemitas e negacionistas do Holocausto, e [por] suas posturas discriminatórias e agressivas contra imigrantes na França”. E finaliza pedindo a responsabilização legal dos envolvidos “nesse congresso internacional de racistas preconceituosos que querem germinar em nosso país a violência radical”.

Àquela época não se imaginava que o Encontro Evoliano de 2014 marcava o momento de efervescência de um campo emergente da extrema direita brasileira, que havia começado a se articular ainda no fim da década anterior, a partir de uma comunidade virtual no extinto *Orkut*: a “Olavo de Carvalho do B”. Fórum de discussão alternativo à comunidade oficial de Olavo de Carvalho, reunia tanto críticos a Olavo de Carvalho quanto olavistas para debater em um ambiente mais “livre”, driblando a moderação da “Olavo de Carvalho Oficial”. A partir dessa comunidade, começam a circular discussões e materiais traduzidos a respeito de um obscuro “filósofo” russo, que trazia algo que era entendido como uma nova e original perspectiva, uma proposta de síntese ideológica entre comunismo e fascismo.

Quando denunciou a presença de Alain Soral no Encontro Evoliano de 2014, Capez provavelmente nem sabia da existência do neofascista russo Aleksandr Dugin, também presente entre os palestrantes. Dugin, que mais tarde viria a obter maior influência no Brasil, vinha de uma trajetória de ascensão, das margens da extrema direita perseguida pelo Estado soviético

---

<sup>1</sup> O discurso na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heTMCJ8Y08k>. Acesso em: 20 maio 2023.

<sup>2</sup> Num jogo de palavras, ele associa o nome do escritor ao vírus ebola – “Evola, não *ebola*” – pois suas “ideias também correspondem a um pernicioso vírus que pode configurar o germe de movimentos de violência e radicalização que não podem chegar no Brasil”.

durante a URSS a uma posição de relativa influência junto à Duma, ao Kremlin, a empresários conservadores e seus canais de mídia, à academia e a setores militares russos.

Menos de um ano depois dessa fala na Alesp, em janeiro de 2015, um grupo que começou a se articular em torno desse campo – e de certa forma começou a articulá-lo, frequentando a comunidade virtual narrada acima e agenciando uma blogosfera de literatura de extrema direita – funda a Nova Resistência (NR daqui em diante), a primeira organização filiada à Quarta Teoria Política (QTP daqui em diante), doutrina ideológica criada por Dugin, em um bar no centro da cidade do Rio de Janeiro. Eu consigo imaginar a cena: o grupo não ostenta suásticas, é composto mais por cabelos longos do que cabeças raspadas, poderia mesmo se dizer que se trata de uma guilda de RPG, de fãs de *metal*, um grupo esotérico ou meio *nerd* que conversa por horas a fio de maneira entusiasmada, em meio a copos de cerveja e porções de fritas.

Fortemente inspiradas por uma tradição neofascista europeia surgida como reação ao Maio de 68 – a Nova Direita Europeia (NDE), e sobretudo, a *Nouvelle Droite* (a Nova Direita Francesa, NDF) – as ideias de Dugin podem confundir um leitor desavisado, ao mobilizar conceitos, autores, heróis, memórias, símbolos e palavras de ordem – enfim, diversas referências – do campo da esquerda, sobretudo da esquerda radical, junto a esse mesmo conjunto de referências, porém da direita radical, sobretudo o (neo)fascismo. De recente difusão no Brasil, essa tendência intelectualista do neofascismo europeu e russo, caracterizado pela metapoliticização (isto é, a disputa da política para além das esferas consagradas a ela) (Caldeira Neto, 2022) e hibridização, ou uma aparente “virada à esquerda” (Caldeira Neto, 2022, p. 603) do fascismo (por conta da apropriação de pautas como o anti-imperialismo e o antiocidentalismo), começa a se capilarizar no país.

A QTP, doutrina ideológica analisada nesta pesquisa, existe oficialmente desde o lançamento de sua obra homônima em 2009, traduzida para o português em 2012. É uma doutrina de circulação transnacional, adaptável a contextos nacionais, onde assume formas distintas. No Brasil, através da NR, assumiu uma versão hibridizada do trabalhismo varguista radicalizada (à direita), através do agenciamento, ou de uma “acoplagem” da QTP à escala nacional através do alinhamento de molduras interpretativas, objeto de pesquisa deste trabalho.

Com esse discurso relativamente novo no Brasil, veiculado sobretudo em suas páginas nas mídias sociais e em seu *website*, aquele pequeno grupo de jovens neofascistas “idealistas”, “radicais”, “nacional-revolucionários”, começou a se expandir, aproveitando o desconhecimento, no Brasil, das ideias que realmente defendiam, ocupando espaços associados

à esquerda, como sindicatos e auditórios de universidades onde realizaram eventos, e mesmo dividiram espaços com figuras ligadas à esquerda.

Com a cena que abre esta introdução, convido o leitor a refletir sobre o contexto de emergência de grupelhos de direita no Brasil, filiados ao duginismo, ao neointegralismo, neonazismo, entre outros, assim como ao próprio olavismo, o qual obteve certa hegemonia junto ao bolsonarismo. Estes grupos começaram a ganhar tração e conquistar adeptos, coproduzindo, junto a outros fatores, a radicalização à direita que tomou conta da sociedade brasileira a partir da década de 2010. Talvez o contexto de surgimento, emergência e proliferação destes e outros grupos de uma nova direita radical brasileira tenha passado por debaixo do radar de pesquisadores acadêmicos e de organizações políticas como os partidos tradicionais justamente pelo foco demasiado na política institucionalizada e partidária, o que leva a um “ponto cego” que está relacionado à ignorância em relação a grupos que não se projetam (ao menos não exclusivamente) na arena política institucional. Isso demonstra os limites de uma concepção, bastante difundida na opinião pública, de que a política acontece apenas a partir ou em relação com a institucionalidade da democracia representativa. Mas, com os olhares voltados absolutamente para a arena da política institucionalizada, é impossível perceber certos deslocamentos ideológicos e alterações na correlação de forças que acontecem em arenas para muito além dos espaços reservados à política e produzem efeitos inclusive nestes espaços. O fenômeno de ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo está intimamente vinculado a esse contexto.

É importante lembrar que, se Jair Bolsonaro representou um *outsider* contra o *establishment* político, mesmo tendo sido parlamentar por vários anos, isso se deu graças à sua projeção nas mídias sociais e da construção de sua imagem como o “Mito”, alçando-o de um político de baixo escalão que defendia interesses da polícia, dos militares e também das milícias do Rio de Janeiro a presidente do país.

Capez, ex-deputado tucano que em 2022 concorreu a deputado federal pelo União Brasil, fez uma denúncia no púlpito da Alesp e depois, aparentemente, esqueceu do assunto. É interessante notar como o autor de uma denúncia relevante à extrema direita se moveu em direção ao extremo da direita, passando do PSDB, em teoria de centro-direita, para o União Brasil, partido surgido em 2021 da fusão entre os Democratas e o PSL, em 2021, e que foi uma importante base de apoio do então presidente Jair Bolsonaro. Também é significativo que hoje Capez participe de um *podcast* ao lado do Comandante Robinson Farinazzo, figura muito próxima à NR que aparecerá diversas vezes nesse trabalho. No cartaz do programa em questão, do *podcast Inteligência Limitada*, ambos são apresentados como “especialistas em conflitos”.

Aqui termina essa necessária digressão, que ilustra a guinada à direita da sociedade e da política brasileira na última década.

Fiquei sabendo da existência da NR em 2019, quando começaram a surgir denúncias da atuação deste grupo, a partir da leitura de uma série de textos de reportagem investigativa apócrifa sobre a organização no portal de mídia libertário *El Coyote*<sup>3</sup>. Nesta reportagem, cuja autoria descobri posteriormente ser de Letícia Oliveira, jornalista que foi entrevistada para esta dissertação, alertava-se dentre outras coisas, para a estratégia de entrismo<sup>4</sup> de militantes da organização no Partido Democrático Trabalhista (PDT), assim como da participação destes militantes em manifestações e eventos organizados por forças de esquerda (desde então, outros atores somaram-se a Letícia no importante trabalho de rastrear e denunciar a atuação da NR e outros atores duginistas, tais como o professor universitário e influencer digital Renato “Judz” Levin-Borges e o pesquisador Felipe Freitas de Souza). É muito significativo que o primeiro alerta específico em relação à NR tenha vindo do campo libertário<sup>5</sup>, cujos militantes e adeptos, pela própria natureza de sua concepção política, acompanham com atenção as formas como o poder e as formações ideológicas circulam e produzem efeitos na sociedade para além da esfera relegada à política.

De todo modo, a partir desse primeiro contato, comecei a navegar nas mídias sociais da organização. A exploração do conteúdo veiculado em seu *Facebook* e no *website* oficial, o qual vim a descobrir ser hospedado em domínio russo, causou em mim uma espécie de assombro, um desconfortável estranhamento, diante dos cruzamentos ideológicos agenciados em seu material, das referências a campos e personagens tão diversos, e muitas vezes contraditórios, da política, da religião, e da cultura. Pela estética “combativa” e beligerante de suas produções visuais; pela gramática política radical, mobilizando palavras como “revolução”, “radicalidade”, entre outras, e conjugando-as a um discurso nacionalista que carrega as tintas em tons ufanistas em frequentes ocasiões. Pela suposta defesa da diversidade étnica junto a um ataque reacionário a pautas e grupos feministas, à comunidade LGBTQIA+ e ao movimento antifascista. Em suma, diante dessa estranha amálgama, a nível ideológico, entre a esquerda e

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://elcoyote.net/a-infiltracao-neofascista-no-pdt/>. Acesso em: 26 abril 2022. Para acessar as partes II e III da série, basta navegar no site.

<sup>4</sup> O entrismo pode ser caracterizado como uma estratégia de infiltração que um ator político leva a cabo para capturar adeptos e possíveis aderentes de grupos concorrentes.

<sup>5</sup> Aqui, obviamente, estou usando o termo libertário em sua acepção original, ligada ao anarquismo (enquanto *communisme* ou *socialisme libertaire*, na tradição francesa), e não segundo o termo sequestrado pelos ultraliberais da extrema direita estadunidense, cujo uso infelizmente tem se consagrado no Brasil, e está ligado à tradição do “libertarianism”, o qual é uma das principais referências ideológicas do “anarco”-capitalismo.

a direita, que correspondia a uma estratégia de captura de atores à esquerda para vinculá-los a uma rede neofascista.

Muitas águas rolaram desde que iniciei esta pesquisa. Desde a escrita do projeto, eventos significativos impactaram a trajetória da NR. Em 2020, graças ao trabalho diligente de Letícia, Judz, Felipe e outros atores, o cerco à organização foi se fechando; fora o PCO, setores do PDT e algumas figuras isoladas ligadas a partidos e mídias de esquerda, a maior parte do campo da esquerda passou a entender a verdadeira filiação ideológica e a estratégia da organização e cortou vínculos com ela. Dentre outros acontecimentos que serão relatados no terceiro capítulo, a invasão russa à Ucrânia, o assassinato de Daria Dugina, filha de Dugin, a regulação por parte da gigante da Big Tech Meta que suspendeu as páginas da NR no *Instagram* e no *Facebook*, e mais recentemente, a publicação de um relatório do Departamento de Estado estadunidense (2023)<sup>6</sup> que classifica a organização como parte ativa de um “movimento neofascista internacional” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2023, p. 6) e “organização quase-paramilitar” (p. 8), impactaram a organização de formas que, por conta do tempo a meu dispor e do escopo deste trabalho, não consegui analisar com profundidade. Este relatório, apesar de conter algumas inconsistências e ser de autoria do Departamento de Estado dos EUA – país que tem interesses imperialistas no mundo inteiro, com atenção especial à América Latina e ao Brasil como satélite local de seus interesses no subcontinente – contém informações relevantes, e é uma pena que ele não tenha sido publicado antes, para que eu pudesse dialogar com ele com mais qualidade.

Mudando um pouco de assunto, acho importante explicitar o motivo deste trabalho apontar “evidências comprometedoras” sobre os vínculos de sujeitos e partidos tradicionalmente ligados à esquerda com esse campo do neofascismo. Ao fazer isso, minha intenção não é acusar sujeitos e organizações com a pecha de fascistas ou colaboracionistas com o fim de “cancelá-los”. A questão é mais séria. Meu objetivo com isso é sobretudo lançar luz, junto à academia e às organizações e partidos políticos, a um fenômeno de captura ideológica que ocorre diante de nossos olhos, contribuindo no sentido de alertar para algumas armadilhas da história. Tal como o fascismo histórico nascido no Entreguerras do século passado, a emergência desse novo campo neofascista no Brasil apresenta o risco de cooptação de setores da esquerda que, por algum motivo, estão predispostos a aderir ao campo de alianças do duginismo. Parte da vocação originária e da própria dinâmica geradora dos fascismos, há

---

<sup>6</sup> O relatório está disponível em inglês, português e espanhol no *website* do Departamento de Estado dos EUA. Disponível em: <https://www.state.gov/gec-special-report-exporting-pro-kremlin-disinformation-the-case-of-nova-resistencia-in-brazil/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

um século, era justamente essa produção de convergência de atores da extrema esquerda junto à extrema direita em um (aparentemente) “novo” campo de alianças. Agora, um século depois, vemos o ressurgimento desse fenômeno na política nacional, a partir de uma organização que rechaça o epíteto de fascista ao mesmo tempo em que utiliza referências, símbolos e temas do fascismo, apresentando-se ao mesmo tempo como nacionalista e internacionalista, conservadora e revolucionária. Considero inadmissível, em um período de reemergência da extrema direita e da ameaça fascista, cair nesse golpe do esquecimento e cometer os mesmos erros de um século atrás.

A agenda de pesquisas sobre a ascensão da direita e da extrema direita brasileiras desde a década de 2010 tem avançado consideravelmente nos últimos anos. Para citar apenas alguns exemplos, há excelentes estudos sobre a nova direita liberal (Rocha, 2018), sobre o fenômeno do bolsonarismo (Cesarino, 2019; Kalil, 2018, 2020), grupos integralistas contemporâneos (Barbosa, 2015; Caldeira Neto; Gonçalves, 2020), atores neopentecostais conservadores na política (Almeida, 2017; Costa, 2016; Cowan, 2014), neonazistas (Dias, 2007; 2018) e muitos outros que não terei tempo de referenciar aqui. No entanto, ainda não há nenhuma monografia acadêmica sobre a NR, ou que aborde privilegiadamente a influência de Dugin e a QTP sobre o campo político nacional<sup>7</sup>.

Além disso, enquanto a nível internacional as ciências sociais têm avançado no estudo das redes transnacionais de organizações de extrema direita contemporâneas, são ainda escassas as pesquisas sobre este tema no Brasil. Na área de História, no entanto, começam a surgir pesquisas sobre a dimensão transnacional da extrema direita, e mais especificamente, do neofascismo brasileiro (Magalhães, 2023; Caldeira Neto, 2022; Cowan, 2018), a qual parece estar mais avançada do que a sociologia nesta área. O artigo de Caldeira Neto (2022), que coloca em questão a emergência relativamente tardia do neofascismo brasileiro e analisa a articulação entre suas dimensões local e global, traz algumas definições importantes. Segundo o autor, esse campo começa a emergir a partir da redemocratização (1985), com algumas décadas de atraso em relação à articulação e consolidação do neofascismo europeu, a qual começou a se dar a partir do Pós-guerra. Dentro da emergência desse campo, a vertente metapolítica, da qual a NR é hoje o principal expoente, também surge tardiamente, no contexto dos Encontros Evolianos, entre 2009 e 2014 (Caldeira Neto, 2022). Uma caracterização detalhada desse período, que representa um momento de “efervescência” do neofascismo brasileiro, é apresentada no terceiro capítulo deste trabalho, e neste sentido, contribui a partir do caso da NR com elementos

---

<sup>7</sup> A esse respeito, Silva (2022) recentemente defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso na área de História tratando de Dugin.

empíricos que demonstram alguns dos acontecimentos, assim como as dinâmicas, repertórios e estratégias utilizados na constituição e consolidação deste campo, o que constitui uma primeira aproximação de fôlego deste objeto empírico a partir das ciências sociais.

Estudos sociológicos de redes transnacionais tendem a priorizar a ação coletiva contenciosa de movimentos sociais e organizações geralmente mais à esquerda; Mudde (2019), um dos mais reconhecidos estudiosos da *far right* contemporânea, argumenta que os grupos de extrema direita têm baixíssima capacidade de produzir articulações transnacionais sólidas e duradouras (2019). Porém, o estudo do caso da NR e suas articulações com Dugin e outros atores políticos internacionais através da internet (e para além dela), demonstra que há aí um problema não explorado, que é o da aparentemente paradoxal constituição de redes transnacionais de grupos nacionalistas de direita, ou, como se verá no referencial teórico, de redes de “antiglobalistas globalizados” (Grumke, 2013). Com esta pesquisa, espero ajudar a preencher essa lacuna.

Ao investigar a dimensão transnacional na constituição, articulação e produção discursiva da NR, problematizo como se caracteriza a transnacionalidade de um movimento político nacionalista. Em que medida os nacionalismos de extrema direita contemporâneos se constroem e atuam em redes transnacionais? Como uma corrente do nacionalismo de extrema direita brasileiro se fundamenta em uma produção teórico-ideológica russa como a QTP? Como uma ideologia nacionalista se transnacionaliza? Como essa transnacionalização se “enraíza” em distintos contextos nacionais, cada qual com suas especificidades?

Com o objetivo de responder ao problema da pesquisa que, de forma resumida, trata das maneiras como uma organização nacionalista alinha suas molduras interpretativas a elementos estruturais que circulam transnacionalmente, trago a seguinte questão de pesquisa: *Qual o lugar da escala transnacional na produção discursiva dos atores políticos nacionalistas de extrema direita contemporâneos? Como eles mobilizam (e possivelmente ressignificam) enquadramentos interpretativos de circulação internacional?*

Para responder a este problema, foram estabelecidos alguns objetivos de pesquisa. O objetivo geral busca analisar a articulação entre as escalas transnacional e nacional na mobilização de enquadramentos interpretativos, que circulam transnacionalmente, por uma organização nacionalista neofascista brasileira. Os objetivos específicos tratam de: a. caracterizar os elementos ideológicos estruturais da doutrina ideológica da QTP a partir da obra *A Quarta Teoria Política* (Dugin, 2012a); b. selecionar o material a ser analisado nas mídias digitais da NR, caracterizando os enquadramentos mobilizados pela organização a partir de sua apropriação da produção de Dugin; c. contrapor as molduras interpretativas para a ação coletiva

(MIACs) produzidas pela NR aos elementos estruturais apresentados por Dugin para contrastar em que medida a organização seleciona, reproduz, ressignifica ou traduz os enquadramentos que circulam transnacionalmente; d. documentar a emergência da NR, reconstituindo os processos que levaram à formação e atuação do grupo; e e. mapear a rede social transnacional a que a NR se articula através da análise dos dados.

Para alcançar esses objetivos, foi reunida uma base de dados composta por um total de 149 documentos. Deste total, um (01) é o arquivo em PDF da primeira edição brasileira da obra *A Quarta Teoria Política* (Dugin, 2012a), 148 são publicações veiculadas no *website* oficial da NR, cujas URLs foram baixadas em formato de arquivo PDF para fins de codificação e análise. Essas 148 URLs foram categorizadas em termos de autoria, entre fontes autorais da organização (e de seus militantes) e secundárias (traduções ou replicações), e em termos de gêneros textuais (entrevistas, notícias, matérias, manifestos, discursos públicos transcritos, colunas, artigos, notas públicas, textos de linha política). Elegendo autoria (fontes autorais da NR) e gênero textual (artigo, notícia, texto de linha política, nota pública, discurso público transcrito, matéria, manifesto) como critérios de seleção, cheguei a um total de 54 URLs destacadas do *corpus* empírico total para análise e codificação. A discussão desses dados encontra-se no segundo capítulo, no qual discuto mais especificamente a problemática da pesquisa.

Além disso, para o quarto capítulo foi realizada uma entrevista semi-estruturada online com Letícia Oliveira, especialista em grupos da extrema direita e precursora na pesquisa quanto à atuação do duginismo no Brasil, com ênfase na NR. Também foram utilizadas diversas matérias jornalísticas, consultadas *online*, e para fins de ilustração foi coletado material junto às diversas mídias digitais oficiais da NR.

O universo empírico em que foi realizada a coleta de dados de forma privilegiada foi o *website* oficial da NR, com foco no conteúdo autoral produzido pela organização com temas relacionados ao Brasil, à política brasileira, ao nacionalismo, às relações internacionais. O recorte temporal da pesquisa procura dar conta de material produzido desde 2015, data de criação da NR, até outubro de 2023. A análise de dados foi realizada com auxílio do CAQDAS (*software* de análise de dados qualitativos auxiliada por computadores) NVivo, para identificar categorias e enquadramentos relevantes à compreensão do objeto de pesquisa. Esta análise foi operacionalizada em uma extensa árvore de códigos descendentes, cujos códigos superiores, mais gerais, correspondem aos conceitos analíticos abstratos “elementos ideológicos estruturais” e “tarefas nucleares de enquadramento” (abordados no Referencial teórico), e cuja codificação secundária vai perdendo em abstração, tornando-se mais empírica e específica. As

figuras, quadros, gráficos e tabelas, foram produzidas com auxílio dos *softwares Draw.io, Excel e Word*.

A produção de dados deste estudo prescinde daquilo que alguns pesquisadores chamam de métodos intrusivos de pesquisa (Hewson, 2017). Os dados foram produzidos a partir da seleção e coleta de material público presente no *website* oficial da NR. A opção por utilizar fontes não reativas de dados (Rasmussen, 2017, p. 38), através de métodos não intrusivos em meu projeto também pode ser entendida como uma estratégia. Ela justifica-se por três motivos principais:

1) Reflexividade: sabendo de antemão que é impossível atingir uma suposta neutralidade enquanto pesquisador, devo levar em conta meu posicionamento político radicalmente contrário às posições da NR, sendo este posicionamento um dos fatores principais que me levaram a pesquisar o grupo. Assim, enquanto percebo os militantes da NR como atores políticos ligados à extrema direita, não tenho interesse nem desejo em fazer contato com os sujeitos pesquisados, uma vez que os considero no mínimo como adversários políticos cujas ideias devem ser combatidas.

2) Segurança do pesquisador: a partir desse antagonismo, considero potencialmente perigoso para minha integridade física o contato com os militantes do grupo.

3) Objetivos e problema da pesquisa: ademais, para atingir os objetivos e responder ao problema da pesquisa, o material público disponível nas mídias sociais digitais da NR já é uma base documental suficiente. Ou seja, se meu problema de pesquisa dissesse respeito aos sentidos produzidos pelos militantes, isto é, as formas de construção de sua visão de mundo, ou às dinâmicas sociais que ocorrem nos encontros e eventos do grupo, por exemplo, seria necessário utilizar técnicas como a entrevista e a observação participante, respectivamente. Não sendo assim, não houve necessidade de utilizar técnicas ou abordagens que supõem envolvimento direto e coleta de dados primários diretamente junto aos sujeitos pesquisados.

De um modo geral, os desafios éticos implicados na pesquisa online não são diferentes daqueles que se colocam para a pesquisa *offline*. Mas é inegável que, mesmo que os desafios trazidos pela pesquisa virtual não sejam intrinsecamente mais ou menos danosos para os sujeitos da pesquisa do que a pesquisa *offline* (Eynon; Fry; Schroeder, 2017), a pesquisa no universo virtual ainda assim traz uma série de desafios (Kraut *et al.*, 2002 *apud* Eynon; Fry; Schroeder, 2017, p. 22).

Com exceção dos dados oriundos da entrevista com a jornalista Letícia Oliveira, fonte jornalística, todos os dados coletados para esta pesquisa configuram-se como informações de acesso público, pois estão em domínios públicos na internet, com livre acesso. Mesmo que a

escolha de não utilizar nenhum método ou técnica que obrigue uma relação direta com os militantes dessa organização não se dê tanto por razões de ordem ética, e mais de ordem da subjetividade e da segurança do pesquisador, escolher uma estratégia não intrusiva de pesquisa online acarreta algumas implicações no sentido da ética na pesquisa.

Existe toda uma discussão sobre a opacidade das fronteiras entre o privado e o público no universo virtual, sobretudo em relação à questão de até que ponto o pesquisador deve tomar medidas para assegurar o anonimato e a privacidade dos indivíduos quando estes são fontes das informações públicas coletadas (Eynon; Fry; Schroeder, 2017). No entanto, devido ao caráter aberto e público das mídias sociais de organizações políticas, que servem como meios de difusão e propaganda ideológica, não há desvio ético na coleta desses materiais, assim como os nomes e rostos vinculados à autoria e ao conteúdo do material, por entender que ao publicizarem estas informações pessoais, o fazem na medida em que procuram se projetar publicamente.

Acredito que esse trabalho se justifica primeiramente pelo esforço de introduzir na academia brasileira uma caracterização pormenorizada sobre a emergência e os modos de ação de um ator específico que atua como articulador de um campo emergente do neofascismo nacional, a saber, a NR, principal expoente do campo duginista, ou quarto-teórico.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa procura contribuir à agenda de pesquisas ligada a uma dimensão simbólico-interpretativa no estudo dos movimentos sociais, sobretudo à teoria dos enquadramentos de Erving Goffman (2012) aplicada à ação coletiva, na medida em que procura discutir como um ator político coletivo produz enquadramentos para significar a realidade de uma forma que marque sua diferença em relação a seus oponentes, e traga algum ganho político para o grupo. Ao pesquisar a dimensão associativa transnacional de um grupo de direita nesta chave interpretativa, espero que as reflexões, discussões e resultados desta pesquisa contribuam para as agendas de pesquisa deste subcampo.

Além disso, as pesquisas sobre a ascensão da extrema direita contemporânea dão conta de uma pluralidade de fenômenos políticos à direita, geralmente numa chave de polarização política entre esquerda e direita, ou seja, de afastamento e diferenciação, e não aproximação e convergência. Pouca atenção é dada a fenômenos de convergência ideológica a partir de movimentos como o duginismo. Outra particularidade encontrada diz respeito à dimensão transnacional desse movimento nacionalista, que se dá em dois sentidos que estão correlacionados, isto é, o investimento privilegiado de recursos estratégicos na articulação de uma rede transnacional, e a adesão à QTP, uma doutrina nacionalista de caráter transnacional, a qual propõe os fundamentos ideológicos de um nacionalismo “aberto”, que deve ser adaptado, preenchido, pelos atores que a ele se filiam em distintos contextos nacionais. Esses dois sentidos

configuram a noção de que a NR pratica e articula uma forma de “nacionalismo transnacional”, como sugere o título desta dissertação. O estudo, assim, contribui ao entendimento da dimensão transnacional na constituição dos nacionalismos.

As redes transnacionais de extrema direita têm passado por debaixo do radar da sociologia política brasileira, tanto dos pesquisadores de ativismos e redes transnacionais de atores políticos – por estarem focados em movimentos sociais e organizações da sociedade civil à esquerda –, quanto daqueles que pesquisam as direitas – por estarem presos a um “nacionalismo metodológico”, uma perspectiva involucrada em âmbito nacional. A pesquisa também lança luz sobre a emergência de um setor da extrema direita brasileira e internacional alinhado com a Rússia, o qual antagoniza com setores ligados aos EUA e ao liberalismo, como o neopentecostalismo conservador militante, o olavismo, o bolsonarismo, enfim, setores daquilo que Rocha chama de “amálgama ultraliberal-conservadora” (2018, p. 15) e Cesarino (2022) chama de “convergência ultraliberal-conservadora”. Neste sentido, o presente trabalho pode contribuir à agenda de pesquisas sobre o campo da extrema direita brasileira, contribuindo não só na investigação das conexões e do agenciamento discursivo de seus atores a nível transnacional, mas também na compreensão de sua heterogeneidade, dos conflitos internos a este campo, e de sua complexidade de modo geral, a partir de uma primeira aproximação empírica sobre um campo ideológico emergente no Brasil.

Para além da contribuição teórica, de um ponto de vista ético-político, um dos principais motivos que justificam este estudo é sua capacidade de contribuir para o combate a estratégias de infiltração de grupos autoritários de extrema direita em espaços ligados a uma cultura democrática, inclusiva e contrária às opressões, como a academia, sindicatos, partidos e organizações políticas de esquerda, diante da ameaça que organizações como essa oferecem para a construção de uma sociedade com valores verdadeiramente democráticos, inclusivos e realmente abertos à diversidade, ainda mais num contexto de escalada das ideologias de direita, desde as mais moderadas às mais extremas, a nível global. Assim, a pesquisa poderá ajudar a entender alguns aspectos particulares de seu *modus operandi*.

Quanto à estrutura textual, esse trabalho se divide em seis capítulos, os quais consistem nesta introdução, quatro capítulos de desenvolvimento, e por fim as considerações finais. No referencial teórico, segundo capítulo, apresento a bibliografia que contextualiza conceitualmente o objeto empírico e fundamenta a gramática conceitual que mobilizo ao longo do desenvolvimento do trabalho, a respeito dos nacionalismos, das redes transnacionais de ativismo, das extremas direitas e neofascismos contemporâneos. Também trago os conceitos que compõem seu debate teórico central, que orbita em torno da teoria do enquadramento

aplicada à ação coletiva, da dimensão ideológica dos movimentos sociais, e mais especificamente da relação entre os elementos ideológicos estruturais de doutrinas ideológicas e as tarefas nucleares de enquadramento empreendidas pelos movimentos que a elas aderem.

No terceiro capítulo, contextualizo alguns aspectos da vida e da produção de Dugin. Primeiramente discuto a trajetória de Dugin “das margens ao *mainstream*” da política russa a partir da literatura existente, majoritariamente europeia, a esse respeito. Em um segundo momento, abordo a obra *A Quarta Teoria Política* em alguns de seus aspectos extra e intertextuais, assim como apresento uma interpretação dos temas globais desta publicação, que pode ser entendida como portadora privilegiada da doutrina da QTP.

No quarto capítulo, proponho uma primeira aproximação historiográfica da NR, a partir da já mencionada entrevista realizada com Letícia Oliveira, matérias jornalísticas como a reportagem no *El Coyote*, assim como material produzido pela própria organização, com ênfase em publicações em seu *website* e em um episódio do *podcast Pisando em Brasa*, produzido por militantes da NR, intitulado “A Verdadeira História da Nova Resistência”. Em um segundo momento, trago algumas evidências que apontam para a articulação transnacional da NR em uma rede que aglutina atores mais ou menos heterogêneos em torno de um núcleo duginista.

No quinto e principal capítulo, contraponho as MIACs produzidas pela NR à doutrina da QTP, comparando-as em termos de dois conjuntos – isto é, o conjunto das “tarefas nucleares de enquadramento” empreendidas pela organização para significar a escala nacional e os “elementos ideológicos estruturais” produzidos por Dugin. Ambos os conjuntos são entendidos como tricotomias, contemplando uma dimensão diagnóstica, uma prognóstica e uma convocatória.

Nas considerações finais, com o objetivo de responder ao problema de pesquisa, discuto em um primeiro momento os procedimentos envolvidos na produção de enquadramentos pela NR em sua filiação à QTP, à luz do conceito de “processo de alinhamento de molduras” a partir dos resultados do último capítulo. Depois, a partir da análise e interpretação dos dados produzidos ao longo da pesquisa faço alguns apontamentos e caracterizações a respeito do objeto empírico. Por fim, trago algumas das questões abertas pela pesquisa, as quais apontam caminhos para futuras investigações.

Além disso, o trabalho conta com um glossário que reúne o significado das abreviações e siglas presentes no texto. Em relação às referências deste trabalho, elas se dividem em referências bibliográficas, isto é, os autores com quem dialogo teoricamente, e referências documentais, para o material que utilizo como fonte de análise, tais como o livro *A Quarta Teoria Política* e as publicações da Nova Resistência.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo, apresento o referencial teórico mobilizado nesta pesquisa. Começo apresentando o pano de fundo temático desta dissertação, isto é, o contexto em que se insere meu objeto empírico. Para tanto, discuto brevemente a ascensão da extrema direita contemporânea, assim como os fenômenos de surgimento e as transformações do fascismo e do nacionalismo. Depois disso, abordo os conceitos e teorias que são centrais neste referencial teórico. Como tenho o objetivo de entender a problemática do lugar da escala transnacional na produção de molduras interpretativas por uma organização nacionalista de extrema direita a partir da produção ideológica de um militante de extrema direita russo, o foco da discussão teórico-conceitual no segundo momento orbita em torno de dois eixos: a teoria do enquadramento aplicada à ação coletiva (com uma breve discussão acerca da relação entre enquadramento interpretativo e ideologia); e a literatura sobre redes e articulações transnacionais entre atores políticos.

### 2.1 NACIONALISMOS E FASCISMOS NA COMPOSIÇÃO DA EXTREMA DIREITA CONTEMPORÂNEA

Com o objetivo de dar conta das especificidades de meu objeto empírico, é preciso recorrer não só a uma literatura que cubra o fenômeno global de ascensão das extremas direitas contemporâneas, mas também às discussões, conceitos e perspectivas teóricas de outros campos do saber (notadamente a ciência política, a história e a antropologia) a respeito do nacionalismo e do fascismo, atravessando temáticas distintas, mas bastante próximas, naquilo que as unifica – a saber, a singularidade do objeto empírico e os interesses da pesquisa.

Primeiramente, para caracterizar o fenômeno global de emergência das extremas direitas contemporâneas, apoio-me nos trabalhos de Mudde (2019; 2007) e Caiani (2017). Depois disso, o tema do nacionalismo é discutido com alguma profundidade: tento trazer os principais debates históricos a respeito do surgimento do nacionalismo enquanto fenômeno da modernidade, através de autores consagrados como Anderson (2013), Hobsbawm (1991), assim como o menos conhecido Rucker (1942). Após isso, procuro dialogar com autores que abordam o nacionalismo no Brasil, como Fausto (2001) e alguns dos debates contemporâneos sobre o nacionalismo (Kastoryano, 2007; Kaufmann, 2017; Triandafyllidou, 2020). Para abordar o

tema do fascismo enquanto fenômeno político e conceito analítico, diálogo com Griffin (2018) e Bernardo (2022a; 2022b).

### 2.1.1 As extremas direitas contemporâneas

Mudde (2019) oferece um panorama global de caracterização da quarta onda da extrema direita no Pós-Guerra, ajudando a compreender o contexto político que vivemos e a classificar, em uma categoria mais ampla, os atores pesquisados. A ideia de uma quarta onda<sup>8</sup> da extrema direita serve para localizar temporalmente e caracterizar a recente ascensão, ou melhor, reemergência de pautas de extrema direita, e o consequente fortalecimento de grupos ligados a ela, ganhando adesão de grandes setores das populações, e muitas vezes conquistando o poder político, como é o caso do Brasil e de vários países ao redor do mundo. A quarta onda da extrema direita remete ao “*mainstreaming*” ou melhor, a um processo contínuo de normalização e maior aceitabilidade de ideias de extrema direita no discurso de atores políticos, nas mídias e na opinião pública de modo geral.

Para Mudde (2007), a extrema direita é um campo heterogêneo, que reúne grupos diversos, com alto grau de diferenciação (e até divergência) entre si, mas que têm em comum uma linha “*antiestablishment*”, ou antissistema, isto é, que se posicionam, ao menos discursivamente e de diferentes formas, contra a democracia liberal ocidental, contra o multiculturalismo e a imigração, contra as pautas de igualdade de gênero, etc. Também compartilham de uma postura moral conservadora, de um discurso de demonização da esquerda política, de um nacionalismo mais ou menos chauvinista, seja em suas formas cívica ou étnica, e de uma tendência ao autoritarismo.

Faz-se necessário destacar, aqui, dois pontos problemáticos da abordagem de Mudde. Em *The far right today* (2019), o autor aponta para uma baixa capacidade de articulação transnacional dos grupos de extrema direita; além disso, divide sua análise em partidos, de um lado, e em grupelhos<sup>9</sup>, de outro, sem considerar formas de organização que não se configuram como grupelhos nem como partidos. Mudde (2019) também não oferece uma definição daquilo que entende por “grupelho”, utilizando o termo de forma descritiva.

Uma outra particularidade da NR dentro da extrema direita é que ela não necessariamente faz coro com a estigmatização da esquerda; em algum sentido, reivindica

---

<sup>8</sup> A primeira, a segunda e a terceira onda seriam outros momentos de emergência da extrema direita, todos localizados no século XX, enquanto a quarta onda é um fenômeno historicamente localizado no século XXI.

<sup>9</sup> Mais adiante trago uma definição do termo, proposta por Griffin (2018).

várias pautas comuns e acena com possibilidades de aliança com atores deste campo. Seu ataque a posições de esquerda diz respeito sobretudo a pautas relativas a gênero e sexualidade, direitos humanos e ao movimento antifascista, diferenciando estas pautas e movimentos como pertencentes a uma “esquerda liberal”.

Conforme Caiani (2017), embora o interesse acadêmico pelo crescimento recente da direita radical na Europa – e, eu acrescentaria, em âmbito global – tenha resultado em um aumento vertiginoso no número de pesquisas sobre o tema na última década, a grande maioria dos estudos nessa temática continua enviesada em torno de uma perspectiva que privilegia a análise de partidos políticos de direita radical, de processos e comportamentos eleitorais (Caiani, 2017), perdendo de vista a existência de grupos que se organizam e atuam para além da esfera eleitoral e da política institucional.

Além disso, baseando-se em Della Porta (2013), Caiani (2017) critica o fato – que acredito estar mudando desde a época da publicação de seu artigo – de o estudo de grupos de extrema direita abordar tais coletivos em uma perspectiva sobre violência política e extremismo, enquanto no estudo de grupos ligados à esquerda radical se costuma mobilizar uma literatura sobre movimentos sociais, que propicia a análise de estratégias e escolhas dos atores, contextos de oportunidade de mobilização, etc. Ainda segundo Caiani (2017), a agenda de estudos sobre a extrema direita contemporânea também carece de mais abordagens sobre o papel da internet e das mídias sociais na articulação destes grupos, além de sua constituição em redes transnacionais.

Embora os trabalhos de Caiani (2017) e Mudde (2019; 2007) tenham suas vantagens, ao procurar analisar as extremas direitas nacionais em uma perspectiva transfronteiriça, buscando especificidades e regularidades mais globais, ou seja, algo como um “mínimo denominador comum”, entre diferentes grupos da extrema direita internacional, um outro limite – para além do enfoque colocado na política eleitoral – que deve ser destacado nessa literatura é a centralidade que os contextos europeu e estadunidense ocupam, deixando, quando muito, em segundo plano, a emergência da extrema direita na América Latina, e mais especificamente no Brasil. De todo modo, essa conceituação mais global da extrema direita me será útil para pensar as especificidades da NR sobre um pano de fundo mais amplo.

### **2.1.2 Os nacionalismos**

Neste tópico, abordarei a literatura sobre nacionalismo, trazendo algumas discussões importantes sobre o tema, tais como sua relação com a modernidade; seu caráter “imaginado”,

produzido; a apropriação de formas do nacionalismo por ideologias autoritárias e de extrema direita; a distinção entre nacionalismo étnico e nacionalismo cívico, e os limites dessa dicotomia; e as formas “cotidianas”, isto é, não necessariamente ligadas ao poder constituído, de difusão horizontal e transformação dos discursos e ideologias ligados ao nacionalismo.

Em *Comunidades Imaginadas* (2013), Anderson aborda as questões da nacionalidade, condição nacional (“*nation-ness*”) e nacionalismo, de uma perspectiva histórica e cultural. Interessado na “morfologia geral da consciência nacionalista”, mais do que em “mitologias nacionalistas particulares” (Anderson, 2013, p. 307), o autor reflete sobre as origens históricas e as transformações dos significados culturais atribuídos a tais noções ao longo da época moderna e em diferentes geografias, seja nas metrópoles e impérios europeus ou nas suas colônias e ex-colônias, desde o século XVIII até o século XX – apesar de o autor recuar até o século XVI em momentos do livro, para refletir sobre o impacto das grandes navegações e a invasão da América para a gestação do que viriam a ser as nações e os nacionalismos modernos.

Tese central de Anderson, a consagrada definição de nação enquanto “comunidade política imaginada” remete ao caráter mais ou menos fictício, por assim dizer, dos laços “horizontais” que unem os membros de uma mesma nação, como que irmanados em uma mesma condição, sobre o mesmo denominador comum da nacionalidade (Anderson, 2013, p. 32-35) por compartilharem vínculos com um território “nacional”, cuja formação e demarcação está sujeita a um alto grau de contingencialidade. Isso se conecta a relações de poder entre impérios e os Estados-nação, entre diferentes classes e estamentos no interior de territórios, entre colônias e metrópoles; com relações de produção; com a difusão de meios e tecnologias de comunicação, sobretudo a imprensa, cujo surgimento teve grande impacto sobre a difusão da forma Estado-nação; e sob influência de fenômenos culturais, linguísticos, artísticos e religiosos.

Um outro ponto importante no estudo de Anderson (2013) diz respeito à diferenciação entre um nacionalismo popular, intimamente ligado a movimentos políticos populares, e um nacionalismo oficial, como reação àquele. Segundo o autor, o nacionalismo surge primeiro entre os segmentos populares, e está na base de lutas de libertação nacional e revoltas contra a dominação colonial, nos territórios que foram colônias europeias, ou contra o legado de impérios e dinastias nos países europeus, e só depois é incorporado como estratégia política oficial pelas classes dirigentes, alarmadas pela “*difusão mundial* da comunidade nacionalmente imaginada” (Anderson, 2013, p. 147, grifos meus) e pela potencial ameaça de unificação dos de baixo sob uma noção de pertença comum a esta comunidade.

Essa “difusão mundial” remete aos intercâmbios de práticas e teorias entre ideólogos, militantes e pensadores ligados aos nacionalismos, que, segundo o autor, “copiavam, adaptavam e aprimoravam” (Anderson, 2013, p. 198) modelos de movimentos nacionalistas mais ou menos distantes tanto histórica quanto geograficamente, fenômeno que também ocorreu com o nacionalismo oficial, o que pode apontar para a transnacionalidade tanto dos nacionalismos populares – ligados a um amplo espectro político, que vai desde os movimentos de libertação nacional anticolonialistas até movimentos de extrema direita – quanto dos oficiais, ligados às políticas de Estado e de governo.

Hobsbawm (1991), indo na mesma linha de Anderson (2013) quanto ao aspecto fictício da nação e fundamentando-se em Gellner (1983), aponta para uma relação de anterioridade do nacionalismo e da forma política Estado em relação à nação; isto é, enquanto entidade social, a última pertence a um período histórico relativamente recente, e é fruto de uma complexa relação entre as formas de Estado territorial moderno e elementos culturais que viriam a conformar os primeiros nacionalismos (Hobsbawm, 1991). Apoiando-se ainda em Gellner (1983), o autor define nacionalismo, de forma sucinta, como um princípio segundo o qual deve haver congruência rigorosa entre uma unidade política e uma unidade nacional (Hobsbawm, 1991).

Outra contribuição importante de Hobsbawm a respeito do nacionalismo é a captura cada vez maior, ao longo do século XX, de uma terminologia da esquerda revolucionária quanto às lutas de libertação nacional por movimentos ultradireitistas (Hobsbawm, 1991), chauvinistas e xenofóbicos. Também aborda a mobilização do medo e da insegurança que o processo de globalização<sup>10</sup> provocava nas comunidades nacionais por grupos nacionalistas de direita, que lançavam mão da dimensão social desta insegurança para fomentar a adesão popular à oposição ao multiculturalismo e à imigração internacional e intercontinental, cujos fluxos se intensificaram significativamente no final do século.

Entretanto, embora contribua para uma compreensão das transformações envolvendo os significados sociais de nação, nacionalidade e nacionalismo no final do século XX, é preciso dizer que Hobsbawm (1991) errou em seu prognóstico, segundo o qual havia uma tendência de declínio do nacionalismo, fenômeno cujo apogeu teria sido superado à medida que processos ligados à supranacionalização avançariam. Esta tendência de declínio não se confirmou, como podemos ver nesta década de 2020. Se na época do texto o nacionalismo, segundo o autor, atravessava um período instável e inconstante, pode-se dizer que, hoje, ele volta a se consolidar.

---

<sup>10</sup> O autor não utiliza o termo globalização, mas discute o início de um processo de supranacionalização das instituições econômicas e políticas e “revoluções tecnológicas nos transportes e nas comunicações” (Hobsbawm, 1991, p. 207), que viria a se acentuar ainda mais no período subsequente à escrita do livro.

Fausto (2001)<sup>11</sup> aborda o surgimento do campo do nacionalismo autoritário no Brasil, e o papel de figuras que transitaram entre círculos intelectuais e políticos, como Azevedo Amaral, Oliveira Viana, Alberto Torres, Francisco Campos e Álvaro Bomílcar, na constituição deste campo entre a década de 1920 e a década de 1940, com o fim do Estado Novo em 1945. Os nacionalistas autoritários viam no projeto político autoritário um caminho para o objetivo de concretizar a “nação brasileira” e construir a “identidade nacional”. Outro aspecto em comum entre estes atores era sua inspiração em nacionalismos de extrema direita europeus, tais como o fascismo italiano e o nazismo alemão, inspirando-se em uma oposição conservadora ao liberalismo

Da obra de Fausto (2001), vale destacar, além disso, uma reflexão em torno da dificuldade de localizar o nacionalismo no espectro político, sendo necessário falar de diferentes apropriações dele por atores à esquerda e à direita, sobretudo no chamado Terceiro Mundo, onde é possível ver nacionalismos “com diferentes matizes, que vão do tradicionalismo ufanista à luta de libertação nacional contra o imperialismo” (Fausto, 2001), sendo mobilizado tanto por um ultraconservadorismo de direita, quanto por liberais republicanos e setores da esquerda revolucionária.

Pesquisadores contemporâneos do nacionalismo, que se debruçam sobretudo nos nacionalismos do século XXI, propõem superar alguns pressupostos e categorias de análise para compreender o tema – que reemerge com força nas primeiras décadas do século – em sua heterogeneidade, complexidade, e sobretudo em sua força mobilizadora, reabilitada em sua capacidade de influenciar a esfera da política e da sociedade em um mundo cada vez mais interconectado em escala transnacional.

Triandafyllidou (2020, p. 792) propõe uma nova moldura analítica para classificar e distinguir os diferentes tipos de nacionalismo em torno de um gradiente que vai do “nacionalismo plural” ao “nacionalismo neotribal”, tentando entender as diferentes formas de interação com a diversidade e de permeabilidade à diferença no contexto do século XXI. A autora apresenta os limites de um paradigma já estabelecido nos estudos sobre nações e nacionalismo, que gira em torno da oposição entre as categorias de nacionalismo cívico e nacionalismo étnico. Segundo ela, “a pesquisa acadêmica sobre as circunstâncias e fatores que levaram à emergência de nações modernas e do nacionalismo na Europa após o século XVIII moldou a classificação em étnico *versus* cívico” (Triandafyllidou, 2020, p. 797, tradução minha).

---

<sup>11</sup> Por se tratar de *E-book*, a paginação está irregular.

Para Triandafyllidou (2020), é preciso elaborar novas categorias de análise para entender os nacionalismos contemporâneos, cujas especificidades estão diretamente relacionadas ao fenômeno da globalização, das novas tecnologias de informação e mídias sociais. É sobre esse contexto sociopolítico cada vez mais transnacionalizado que o nacionalismo reemerge enquanto força social e política capaz de mobilizar grandes segmentos da população em diversos países.

Mas o que são o nacionalismo étnico e o nacionalismo cívico? O nacionalismo étnico é uma forma de nacionalismo que se constrói (ao menos discursivamente) sobre elementos étnico-culturais; ou seja, o que une a comunidade nacional em uma pertença comum seria o compartilhamento desses elementos (língua, religião, história, “ancestralidade”, etc.) e o *status* completo de *nacional*, de nativo, só é atribuível a quem cumpre os requisitos da pertença étnica. Já o nacionalismo cívico refere-se às nações cívicas, que são mais marcadas por uma ideia republicana ou liberal de nação, não lastreada em elementos étnicos, mas no grau de integração política e cultural às instituições e símbolos nacionais, prescindindo do elemento étnico. O que une os cidadãos aqui é a partilha de uma cultura pública comum, uma mesma economia, direitos e deveres compartilhados, etc. (Triandafyllidou, 2020). Isto é, enquanto o nacionalismo cívico diz respeito a uma unidade territorial, jurídica, econômica etc., o étnico tem como requisito fundamental a pertença étnica compartilhada, na maior parte das vezes entendida em uma chave essencialista – seja pela ideia de raça, de povo, etc.

A autora critica a dicotomia *nacionalismo cívico x nacionalismo étnico*, argumentando que ela não é suficiente para entender as distintas formas de nacionalismo na contemporaneidade. Segundo ela, um equívoco que deve ser desfeito é a identificação do nacionalismo cívico, por sua filiação ao pensamento liberal, necessariamente com valores progressistas, democráticos e plurais; e a identificação do étnico, que, por sua relação com a identidade e a pertença étnica, estaria lastreada em valores autoritários e coletivistas, em detrimento dos direitos do indivíduo/cidadão.

Outra questão envolvendo a classificação dicotômica entre cívico e étnico é que aquilo que entendemos por cívico e étnico diz respeito a pólos típico-ideais dentro de um *continuum*, e não a categorias fixas e estáticas; assim, ela oferece uma forma de classificar e analisar os nacionalismos dentro de um espectro que vai de um pólo ao outro. Para dar conta da complexidade dos fenômenos, a autora também propõe outra terminologia: para identificar formas de nacionalismo chauvinista propõe o termo “nacionalismo neotribal”<sup>12</sup>, realçando a

---

<sup>12</sup> Não estou convencido do nome “neotribal”. Cesarino (2022) atenta para o etnocentrismo da ideia de “tribal”. Tribalismo, segundo a autora, corresponde a “um tipo de orientalismo (Said, [1978] 2007 *apud* Cesarino, 2022) que não condiz com a realidade histórica dos povos não ocidentais: um nome que os ocidentais dão a projeções de

dimensão xenofóbica e fechada ao outro dessas formas de nacionalismo, comumente ligadas à extrema direita; para referir-se a formas de nacionalismo abertas à diversidade e pautadas por solidariedades transnacionais, utiliza o termo “nacionalismo plural”. O último é definido como “uma forma aberta de nacionalismo, que reconhece a diversidade, interage com ela e eventualmente inclui e sintetiza uma nova configuração nacional”; o primeiro, como “uma forma reativa de nacionalismo, excludente, baseada na construção de uma autenticidade e homogeneidade orgânicas e imutáveis” (Triandafyllidou, 2020, p. 799, tradução minha). O nacionalismo plural difere do cívico na medida em que pode emergir em contextos pautados por uma ideia étnica de nação (Triandafyllidou, 2020, p. 801, tradução minha). Em síntese, o nacionalismo plural fundamenta-se em uma relação interativa e dialógica com o outro e a diversidade de um modo geral; o neotribal fundamenta-se na rejeição da diversidade e exclusão do outro. O parâmetro, assim, é o da abertura em relação à alteridade e à diferença.

Triandafyllidou (2020) ainda discute a persistência da nação e do nacionalismo como fonte de pertença, identidade e legitimidade, apesar dos prognósticos que se fazia, sobretudo na última década do século passado, de que à medida que o processo de globalização avançava, o poder dos Estados nacionais diminuiria, o que teria como consequência uma relativa perda de terreno das identidades nacionais e dos nacionalismos. Para a autora, o que se testemunhou foi, pelo contrário, um “retorno do nacionalismo, muitas vezes em uma forma agressiva [...]” (Triandafyllidou, 2020, p. 793, tradução minha), o que constitui um aparente paradoxo de reemergência do nacionalismo em um contexto de crescente transnacionalização do espaço socioeconômico global.

Kaufmann (2017) utiliza a teoria da complexidade para fazer uma releitura crítica dos principais paradigmas dos estudos sobre nações e nacionalismo. Segundo o autor, as duas grandes teorias concorrentes sobre o nacionalismo, a modernista/construtivista (à qual se filiam Anderson, Hobsbawm e Gellner), e a etnossimbolista/perennialista, formam uma oposição teórica entre si. O par, ou dicotomia, modernismo/etnossimbolismo deve ser, segundo o autor, atravessado também por um eixo vertical (*top-down*) e um horizontal (*bottom-up*) (Kaufmann, 2017).

Valendo-se, dessa forma, da teoria da complexidade, a qual afirma que “fenômenos sociais complexos emergem de atos individuais aparentemente não coordenados” (Kaufmann, 2017, p. 6, tradução minha), o autor procura entender e mapear de que formas essas ações

---

seus próprios lados obscuros nos outros”. No entanto, aquilo que o conceito de “neotribal” exprime, a saber, um tipo ideal que representa o pólo dos nacionalismos mais excludentes, autoritários, e ligados a matrizes ideológicas de extrema direita, é válido para minha discussão.

individuais, ligadas a um “nacionalismo cotidiano” (“*everyday nationalism*”) (Kaufmann, 2017, p. 7), acumulam, através de relações horizontais entre pares, um repertório simbólico, identitário, etc., fundamental no avanço dos nacionalismos. Kaufmann (2017) procura dar conta desse eixo horizontal no processo de produção e transformação sociocultural do nacionalismo, trazendo para o primeiro plano a agência de atores individuais em suas interações cotidianas, no âmbito microssociológico, e retirando do centro uma produção institucional e midiática do nacionalismo via elites (econômicas, políticas, midiáticas, empresariais, etc.).

É importante pontuar que, também no caso de formas radicalmente conservadoras ou reacionárias de nacionalismo, como aquele proposto e praticado pelos atores por mim pesquisados, têm preponderância uma produção e difusão, nesse registro horizontal, das relações cotidianas. É nesse registro do “nacionalismo cotidiano” que muitas das ideologias nacionalistas de extrema direita começam a circular e ganhar força, sendo veiculadas em mídias sociais, encontros, divulgação e publicação de material propagandístico e editorial, etc., além de, é claro, através das relações entre os sujeitos, e não através de discursos oficiais ou hegemônicos, como “propaganda de Estado”, para dar um exemplo. Segundo o autor, essa produção cotidiana, em escala micro, de indivíduo para indivíduo, embora difícil de mensurar, é fundamental na formação de uma rede de comunicação de ideias, concepções, etc., que acumule atores em torno de ideologias, a ponto de transbordar “para além das bolhas”, ganhando relevância e força politicamente, expandindo-se de círculos mais restritos a outros mais amplos da sociedade.

Uma última consideração a ser feita quanto às pesquisas mais recentes sobre nacionalismo diz respeito a uma formulação que é utilizada com frequência aqui neste trabalho, a saber: a noção de “nacionalismo transnacional”. Encontrei essa formulação no artigo de Kastoryano (2007), mas a categoria mobilizada pela autora se refere às expressões e dinâmicas de grupos nacionalistas em contextos de fluxo migratório. A escala transnacional serve, no sentido dado por Kastoryano, para marcar as relações de identidade, pertença, e mesmo de ativismo político, de atores nacionalistas em contextos migrantes em relação ao seu país de origem.

Assim, embora formulemos um conceito idêntico, eles não significam a mesma coisa. Então, para evitar equívocos, quando me referir a “nacionalismo transnacional” nesta dissertação, estarei me referindo mais especificamente ao objeto empírico do trabalho, ou seja, às maneiras como ideologias nacionalistas circulam em escala supranacional através de redes transnacionais de atores nacionalistas.

### 2.1.2.1 Nacionalismo e extrema direita

Antes de concluir essa seção, gostaria de trazer um autor que, embora pouco lido, merece atenção, por tratar-se de alguém que se dedicou a discutir problemas que, à sua época, causavam grandes impactos políticos e sociais, e que retornam hoje como ameaça aos avanços conquistados com muito esforço por grupos e classes sociais subalternizados. Estes problemas relacionam-se à (re)emergência dos nacionalismos de extrema direita, e tudo o que vem na esteira disso: intensificação da violência política chauvinista, normalização gradativa do discurso de ódio, autoritarismo, etc.

Em meio à ascensão do nazismo ao poder, o intelectual e militante anarquista alemão Rudolph Rocker escrevia sua obra *Nacionalismo e Cultura* (1942 [1937]). O livro, uma das primeiras pesquisas de fôlego a respeito da formação e dos desdobramentos dos nacionalismos modernos desde o século XVIII, foi escrito na Alemanha entre as décadas de 1920 e 1930, sendo concluído em 1933, ano em que Hitler assumiu o poder no país. Por óbvias razões políticas, a obra, que continha uma crítica ferrenha ao nazifascismo, à centralização de poder no Estado, e às formas políticas autoritárias de modo geral, seria impublicável na Alemanha nazista, e foi lançada pela primeira vez apenas em 1937, em língua inglesa, quando Rocker já estava exilado nos EUA, a salvo do acirramento da perseguição interna em seu país de origem e, posteriormente, da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

A produção desta obra de mais de setecentas páginas, divididas em dois volumes, teve como contexto histórico imediato a ascensão do fascismo italiano e do nazismo alemão ao poder. Rocker, assim, testemunhou o processo de avanço destas ideologias desde as ruas, os cafés, os bares e os espaços públicos que frequentava, até sua ascensão ao poder; suas reflexões históricas e filosóficas sobre o nacionalismo dialogam estreitamente com o fenômeno de constituição do nazifascismo enquanto desdobramento mais extremo das ideologias nacionalistas gestadas ao longo dos séculos XIX e XX. Rocker escreveu suas reflexões no calor do período entreguerras, e nesse ambiente político testemunhou as consequências perversas do nacionalismo quando conjugado ao revanchismo, à violência política xenofóbica e racista, às teorias racialistas, ao culto personalista de lideranças carismáticas, a contextos de crise econômica aguda, e aos interesses econômicos e políticos das burguesias nacionais.

Um livro que pode ser considerado um clássico da filosofia política e da literatura sobre o nacionalismo, *Nacionalismo e Cultura* é praticamente desconhecido no Brasil. No entanto, suas páginas antecipam em algumas décadas formulações, reflexões e argumentos que se tornariam consagrados anos mais tarde, na produção de intelectuais como Anderson,

Hobsbawm e Gellner. Quando afirma, por exemplo, que “o Estado cria a nação” (Rocker, 1942, p. 240, tradução minha) e não o contrário, Rocker formula a tese central da abordagem moderna ao nacionalismo, que leva em conta o caráter arbitrário da nação, uma “comunidade imaginada” que seria produzida, e muitas vezes imposta, de forma artificial e violenta, por agentes e interesses ligados ao Estado e às classes dominantes (Rocker, 1942, p. 289).

Para o autor, contudo, interessava ver como, nascido de um processo histórico ligado ao Iluminismo e à “Grande Revolução” – a Revolução Francesa –, – ambos animados por valores e princípios liberais – o nacionalismo moderno teve como um de seus desdobramentos de maior impacto o nacionalismo de tipo fascista, fundamentalmente contrário a valores liberais e democráticos (Rocker, 1942, p. 255). Assim, embora o autor realize uma arqueologia de fôlego da ideia de nação e do nacionalismo como fenômeno político, relacionando-o a períodos históricos diversos e abordando-o de várias perspectivas e dialogando com campos diversos do saber, o que mais me interessa na sua reflexão é o problema do “mais extremo nacionalismo” (Rocker, 1942, p. 475, tradução minha) moderno, ou o que chamaríamos de nacionalismo de extrema direita.

Segundo Rocker (1942), assim, o nacionalismo, quando mobilizado por ideologias de tipo fascista, tem as seguintes características: opõe-se a valores e instituições liberais, e defende a percepção da nação e do próprio Estado como entidades orgânicas autônomas – e, no limite, como “indivíduos místicos” (Rocker, 1942, p. 236, tradução minha). Tem características de um fenômeno político-religioso na medida em que procura mobilizar a religiosidade através do culto à nação, seus símbolos, ao mito de um passado heroico, cuja glória deve ser reconquistada pela guerra e pela eliminação do “inimigo”, que pode ser judeu, comunista, liberal, democrata, etc. (Rocker, 1942, p. 265).

### **2.1.3 Fascismos e neofascismos**

Nesta seção, apresentarei os pressupostos teóricos de que parto para fundamentar a categorização da QTP e da NR como expressões do neofascismo contemporâneo. Durante a escrita do projeto de pesquisa, mantive a classificação destas como expressões do nacionalismo de extrema direita, evitando utilizar a definição de fascistas ou neofascistas, pelo bem do rigor científico. Mas a fase da pesquisa de campo e de revisão bibliográfica me convenceram do contrário. Assim, apesar de Dugin, ou a NR, não se autodenominarem fascistas (embora sejam contra o antifascismo, o que já diz alguma coisa), e considerarem a si mesmos como algo “novo”, para além do espectro político moderno e sua oposição polar entre esquerda e direita,

creio que há evidências consistentes o suficiente para classificá-los nesta chave analítica – conforme se verá ao longo desta dissertação.

Griffin, em seu *Fascism (key concepts in political theory)* (2018), defende o uso da categoria “fascismo” não como objeto empírico mas como conceito típico ideal, isto é, como uma abstração formulada para analisar uma grande diversidade de fenômenos e atores políticos; para dar conta de um conjunto de fenômenos políticos e ideológicos que são por si só “polimórficos” (Griffin, 2018), múltiplos e heterogêneos, mas que têm uma matriz ideológica bem definida em comum.

Nesse sentido, ele estabelece a seguinte diferença: existe o Fascismo histórico italiano, com “F” maiúsculo, isto é, o Fascismo como fenômeno empírico, como acontecimento histórico particular; e existe também o “fascismo genérico” (Griffin, 2018). É a segunda acepção que utilizo. O fascismo, nesta acepção, é entendido como um conceito-chave, isto é, como um dispositivo heurístico e analítico (Griffin, 2018) central para analisar e compreender fenômenos e atores políticos heterogêneos e diversos entre si, mas unidos em torno de um certo núcleo ideológico que serve como uma espécie de mínimo denominador comum que ajudaria a contrapor as diferentes formas de expressão do fascismo tanto entre si quanto com outros fenômenos político-ideológicos.

Junto à abordagem típico ideal, Griffin (2018) propõe um “método empático” para aproximar-se do fascismo enquanto objeto de pesquisa. Segundo o autor, as perspectivas clássicas abordavam o fascismo ou como expressão virulenta de ideias irracionistas ligadas a movimentos do século XIX, como o romantismo alemão, na política, no caso da tradição liberal; ou como ferramenta da burguesia para desmobilizar a classe trabalhadora e fazer avançar o capitalismo, na tradição marxista. Embora estas abordagens tenham seus méritos, nenhuma se propôs a interpretar e compreender o projeto, a ideologia e a utopia fascista em seus próprios termos. Esta “abordagem empática”<sup>13</sup>, assim, é uma estratégia para “acessar a visão de mundo afetiva, subjetiva, e o sistema de valores” (Griffin, 2018, p. 47, tradução minha) dos atores ligados ao fascismo, procurando entendê-los como “atores políticos motivados por um gênero particular de visão de mundo, de ideologia de programa utópico para a transformação da sociedade” (Griffin, 2018, p. 43, tradução minha).

---

<sup>13</sup> Não é preciso dizer que a “empatia” é aqui uma postura heurística, um recurso metodológico de aproximação das fontes e dados, o que não implica em uma empatia do ponto de vista da ética; a “empatia metodológica” não significa neutralidade ético-política (Griffin, 2018) mas, muito pelo contrário, é pelo compromisso com o antifascismo que me dediquei à empreitada desta pesquisa, com incursões rotineiras ao território virtual de um inimigo de carne e osso.

“O fascismo”, segundo o autor, “não é um fenômeno estático”, e, ao longo de sua história, adaptou, de maneira pragmática, seus princípios e objetivos estratégicos a diferentes contextos geográficos e históricos, “mas sempre preservando um certo impulso em direção ao ativismo revolucionário e à mudança” (Griffin, 2018, p. 69, tradução minha) disruptiva. O autor destaca, dentre outros, a atuação de alguns fascistas notáveis que se dedicaram à continuidade do fascismo no Pós-Guerra, que se empenharam em atualizar suas estratégias, pensando formas de “ser fascista em uma era pós-fascista” (Griffin, 2018, p. 99, tradução minha), isto é, após uma derrota ideológica e militar que expôs as consequências nefastas das utopias fascistas caso fossem levadas a cabo. Dentre eles está Julius Evola (Griffin, 2018), largamente citado e reverenciado por Dugin e a NR como um dos maiores expoentes do Tradicionalismo e uma figura inspiradora em sua cruzada contra o mundo (pós)moderno. O termo “neofascismo” procura apontar a continuidade da ideologia fascista, e suas estratégias de adaptação, após sua derrota contundente enquanto força política na Segunda Guerra Mundial. Assim, qualquer manifestação de fascismo no período Pós-Guerra será entendida como neofascismo.

Dentre as definições mobilizadas pelo autor ao longo da obra, a que melhor sintetiza seu conceito de fascismo genérico é aquela que o entende como “um gênero de ideologia política cujo núcleo mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”<sup>14</sup> (Griffin, 2018, p. 54, tradução minha). Embora identifique alguns problemas na conceitualização do autor, sobretudo no que diz respeito à noção de populismo como características próprias ao fascismo em sua singularidade enquanto fenômeno político, a elaboração de uma definição típico ideal global a partir de estudos comparativos do fenômeno fascista é uma importante contribuição. De qualquer forma, trabalharei com uma outra conceituação de fascismo genérico, mais ampla, entendida por Griffin (2018) como uma

---

<sup>14</sup> A noção de “palingênese” do autor remete a esse renascimento glorioso da nação, purgada daquilo que a degenerou. Esse renascimento, esse expurgo, só podem ser obtidos através da destruição da ordem liberal e moderna – e é nesse sentido que o fascismo aparece como proposta revolucionária. A melhor forma de evocar a ideia de palingênese é com o mito da Fênix: a nação seria esse pássaro mítico que, após um período adoecido pela civilização moderna, é consumido no fogo da violência fascista e renasce de suas próprias cinzas (Griffin, 2018). Quanto à caracterização de “populismo”, Griffin é mais cauteloso. Primeiro, ele ressalta a distinção entre o conceito de fascismo e o de populismo, pois eles não são a mesma coisa. “Populismo”, e mais especificamente uma direita radical populista, é geralmente utilizado para conceitualizar “uma forma de política iliberal, mas democrática e não revolucionária”, cujo tom geral é de uma desconfiança generalizada, isto é, massificada, nas “elites políticas e econômicas dominantes, domésticas e internacionais” a respeito de preocupações com “forças globalizantes” como o multiculturalismo, a migração de massas, o comércio internacional etc., e seus impactos sobre a soberania e a identidade nacional (Griffin, 2018, p. 103, tradução minha). O populismo então remete à intenção de fazer-se um movimento antissistema (“*antiestablishment*”) de massas para combater essa elite e a ordem política por ela imposta. Para Griffin, uma forma revolucionária, extrema, de populismo está no centro ideológico do fascismo. Assim, embora todo fascismo seja populista, nem todo populismo é necessariamente fascista.

definição prática, na qual define o fascismo como uma forma revolucionária de nacionalismo, isto é, o restabelecimento dos valores e da força da nação através de meios revolucionários.

Assim entendido, o conceito de fascismo aqui remete a ideologias de extrema direita, de matriz ultranacionalista, que conjugam um projeto conservador de sociedade a estratégias revolucionárias de ruptura com a ordem político-institucional vigente. A ideia de “ultranacionalismo” procura dar conta de uma forma organicista de nacionalismo, isto é, uma concepção segundo a qual a nação é uma entidade orgânica, originalmente “saudável, poderosa e heroica” (Griffin, 2018, p. 136, tradução minha), dotada de vida própria, à maneira de um organismo (ou de uma pessoa, mais ou menos como disse Rucker, citado acima). O ultranacionalismo fascista rejeita os valores liberais ligados ao nacionalismo cívico – o multiculturalismo, o individualismo, a ideia moderna de cidadania – e fundamenta-se sobre uma pertença afetiva à comunidade orgânica nacional, uma “filiação mística que torna-se possível”, segundo ele, através de laços que dizem respeito a uma “história mitificada, à ancestralidade, ao lugar, ao idioma, à cultura e ao sangue” (Griffin, 2018, p. 136, tradução minha).

Segundo Griffin (2018), os traços mais inovativos do neofascismo, intensificados com a emergência das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), são sua “grupuscularização” e “internacionalização”, ou melhor, sua transnacionalização na forma de uma “entidade grupuscular globalizada”. Os “grupelhos” (“*groupuscles*”), assim, se definem como

entidades políticas (frequentemente metapolíticas, mas nunca primariamente político-partidárias) intrinsecamente pequenas formadas para perseguir objetivos ideológicos, organizacionais ou ativistas palingenéticos (ou seja, revolucionários) com a finalidade última de superar a decadência do atual sistema democrático liberal. (Griffin, 2003, p. 30, tradução minha)

A aparente “fraqueza” desse neofascismo fragmentado e multiforme é também seu “ponto forte” (Griffin, 2018), na medida em que garante a existência e proliferação de um “meio”<sup>15</sup>, ou, em meu caso, de uma rede transnacional, que articula diversos atores de diversos campos em uma mesma rede.

Seus elementos mais inovativos, nesse sentido, são sua virtualização em “ciberfascismo”, sua “metapoliticização”, isto é, sua virada culturalista (um “gramscismo de direita”), e a criação de uma escola própria de revisionismo histórico (Griffin, 2018). Evolva teria sido um dos precursores desse giro “metapolítico” – o acúmulo de força política através

---

<sup>15</sup> Um “*cultic milieu*” ou “meio cúltico” segundo o autor (Griffin, 2018).

da inserção na esfera cultural, seja no campo acadêmico, da arte, da cultura pop em geral, e contemporaneamente no ciberespaço, através da criação e infiltração em comunidades virtuais via mídias sociais e *videogames*.

Com a crescente expansão do fenômeno da globalização, e sobretudo com a popularização e centralidade crescentes das novas TICs nas relações sociais, o neofascismo tende a se transnacionalizar e capilarizar cada vez mais, primeiro proliferando em “comunidades virtuais”, as quais podem depois transbordar para o mundo *offline*, em um mundo onde a dicotomia entre o virtual e o material se torna cada vez mais opaca.

Um outro elemento, que vale a pena ser destacado da obra de Griffin, é o comprometimento com uma “nova ordem”, uma “nova sociedade” e um “novo homem”, uma utopia fundada em um “mito político”<sup>16</sup> – em referência à ideia de Georges Sorel (Ohana 1991 *apud* Griffin, 2018) –; no caso da NR, sua utopia emoldura o horizonte de futuro do Brasil como “Nova Roma”, numa apropriação da imagem utópica criada por Darcy Ribeiro, “destino civilizacional” ao qual se chegará através da luta ancorada na QTP, também apresentada como “novidade política”.

Por fim, é importante abordar o tema das convergências e influências mútuas entre correntes ideológicas antagônicas. Mais especificamente, este trabalho de combinação por correntes e movimentos políticos à direita não é novo (ver Mannheim, 1986 [1928]). Na obra *Labirintos do Fascismo* (2022a; 2022b), com a qual acabei cruzando em vias de concluir esta dissertação, Bernardo faz uma necessária arqueologia do fascismo em uma obra de mais de duas mil e quinhentas páginas divididas em seis volumes<sup>17</sup>, que traça as convergências que os

---

<sup>16</sup> Ver Sorel (1992 [1908]).

<sup>17</sup> Só tive tempo de ler o primeiro e o sexto volumes da obra. Futuramente pretendo me apropriar do conjunto da obra para dialogar com Bernardo de forma mais qualificada. Por ora, devo destacar que o volume sexto me causou assombro em dois aspectos paradoxais: um primeiro assombro pela detalhada arqueologia das filiações, influências, alianças e outras formas de convergência com os fascismos, por parte de sujeitos, organizações e regimes ligados à direita liberal, à social-democracia e à esquerda revolucionária, sobretudo durante o entreguerras. O autor mostra como, após a aliança tática entre os Aliados e a URSS, que garantiu a vitória militar sobre o Eixo, os vitoriosos empreenderam uma censura dessa parte da história do fascismo, recalçando e ocultando sua própria contribuição nessa história. O outro assombro, uma infelicidade, está relacionado à deplorável conclusão do sexto e último volume da obra *Labirintos do Fascismo*. Com a intenção de identificar as formas assumidas pelo “fascismo sem nome”, o autor localiza no “identitarismo pós-moderno” e na ecologia, os principais expoentes do “pós-fascismo” contemporâneo. O primeiro, cujo irracionalismo feroz converge com o irracionalismo fascista, e cuja negação da classe em nome da identidade é evidência de que o “identitarismo” é uma variação contemporânea do nacionalismo em um mundo em que o capital foi transnacionalizado. A segunda, a ecologia, é entendida como uma disciplina pseudocientífica e irracional, que se ancora em estratégias de difusão de pânico moral para deter o desenvolvimento. O autor chega a qualificar os ecologistas como “áugures de profecias adiadas”, pseudocientistas e profetas do fim dos tempos, que prosperam fomentando o pânico. É um negacionista climático. É incrível como um autor cujo trabalho mapeia de forma detalhada as aproximações e cruzamentos entre campos opostos é incapaz de perceber suas próprias convergências com um certo reacionarismo em relação a pautas étnico-raciais e ambientais, talvez a partir de uma ortodoxia do marxismo em relação ao desenvolvimento das forças produtivas e a um certo determinismo econômico que conflui com uma perspectiva desenvolvimentista. O eurocentrismo de

fascistas (a “novidade política” de sua época) empreenderam, com sucesso, com atores e elementos simbólicos e discursivos de outras correntes ideológicas, como o socialismo, o comunismo, o sindicalismo revolucionário, o conservadorismo, assim como com o próprio liberalismo, grande fiador dos partidos e movimentos fascistas em seu combate à “ameaça comunista” que se anunciava na Europa a partir do sucesso da URSS. Bernardo objetiva retrair uma genealogia do campo político fascista a partir de “articulações, de cruzamentos, de ecos e de influências práticas e circulações ideológicas” entre várias correntes do campo político, constituindo-se como um “jogo de espelhos” (Bernardo, 2022a, p. 67). Para o autor, o fascismo pode ser definido de forma sintética como um projeto de “revolta dentro da ordem”, isto é, uma “revolta que não compromete a coesão social” (Bernardo, 2022a, p. 66), objetivando o restabelecimento “revolucionário” de valores e instituições conservadoras, constituindo como ideologia através desses cruzamentos aparentemente contraditórios, e sendo essencialmente ambivalente, “ao mesmo tempo radical e conservador” (Bernardo, 2022a, p. 17). A história da “complexa teia de relações” estabelecidas entre o fascismo e as outras ideologias e movimentos políticos sofreu, ao longo do século XX, um “ocultamento deliberado” segundo o autor (Bernardo, 2022b, p. 11).

Além disso, o autor afirma, com base nessa arqueologia histórica da gênese e desenvolvimento do campo fascista, que “qualquer ensaio de síntese entre o comunismo e o fascismo não é mais do que uma reconstituição do fascismo” (Bernardo, 2022b, p. 103), localizando no neofascismo russo contemporâneo a “revitalização da própria vocação originária do fascismo”, a partir da “aproximação, tanto no plano doutrinário como no prático, entre os fascistas e os neocomunistas” (Bernardo, 2022b, p. 166), tema que será abordado no próximo capítulo.

Por todas essas características, defendo nesta dissertação que a NR é uma organização neofascista. Mas isso será retomado nas considerações finais da pesquisa, ao final do texto.

## 2.2 AS REDES TRANSNACIONAIS

---

Bernardo só o permite enxergar as linhas de gestação fascistas de pautas étnico-raciais e ambientais, como se não houvesse acúmulo em torno dessas questões a partir de outras epistemologias, como, por exemplo, a partir da crítica anticapitalista de diversos povos originários ao redor do mundo, ou a partir da prática militante de ambientalistas orientados por uma perspectiva classista. Enfim, pretendo retomar essa crítica futuramente. Para ler a crítica do autor, ver o terceiro capítulo do sexto volume da obra, intitulado “Fascismo pós-fascista” (Bernardo, 2022b, p. 151-256). Bernardo tem uma série de textos intitulada “Contra a ecologia” publicada no portal *Passa Palavra*, disponível em: <https://passapalavra.info/2013/08/82958/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Nesta seção, referenciarei a literatura sobre ativismo, associativismo e processos políticos em uma chave transnacional. Em um segundo momento, irei abordar a (relativamente recente) bibliografia sobre as redes transnacionais de ativismo político de extrema direita. Ao longo da seção destacarei alguns conceitos que utilizo para pensar teoricamente o caso da NR. Entendo as redes transnacionais de ativismo político como articulações entre atores individuais e coletivos que abrangem escalas distintas em uma mesma rede, de uma forma que não necessariamente hierarquiza as relações a nível local, nacional ou internacional. O conceito remete a uma relacionalidade determinada mais por parâmetros de afinidades político-ideológicas, interesses, pautas, objetivos e agendas em comum do que por proximidade geográfica.

Com *Activists Beyond Borders*, Keck e Sikkink (1998) estão entre os precursores no estudo das redes transnacionais de ativismo político. Para as autoras, o que vincula diferentes atores em uma mesma rede transnacional são um discurso em comum, valores compartilhados, e “densas trocas de informações e serviços” (Keck; Sikkink, 1998)<sup>18</sup>. Segundo elas, em relação à constituição de um discurso em comum, a tarefa básica é a construção de “enquadramentos comuns de significado” (“*common frames of meaning*”), o que é dificultado pelas diferenças culturais que existem, em maior ou menor grau, entre os atores que compõem as redes transnacionais. Para tal, atores em redes transnacionais podem operar de forma estratégica, preservando certos entendimentos comuns a esta rede e ao mesmo tempo ressignificando outros (1998).

Em “*Building Transnational Activism*”, von Bülow (2010, p. 5, tradução minha) define “ação coletiva transnacional” como “o processo através do qual indivíduos, grupos e/ou organizações não-estatais mobilizam-se conjuntamente em torno de questões, metas e alvos que conectam as arenas doméstica e internacional”. A autora aborda as contingências que podem levar atores diferentes, de nacionalidades, culturas e contextos socioeconômicos diversos, a encontrarem uma agenda em comum e se mobilizarem juntos. Von Bülow (2010) explora, em seu livro, as diferentes trajetórias (“*pathways*”) que levam os grupos à ação coletiva transnacional, ou seja, à pluralidade de estratégias, processos e articulações envolvidas nessas formas de mobilização.

Para von Bülow (2010), embora se articulem por vezes em redes transnacionais, o objetivo dos atores é sempre influenciar politicamente em suas arenas domésticas, levando em

---

<sup>18</sup> Por se tratar de *e-book*, a paginação está irregular.

conta as contingências e transformações conjunturais da política doméstica e internacional, e intercambiando sua ação através de diferentes escalas.

Em todo caso, a autora fala que um dos primeiros desafios na articulação de redes transnacionais de atores políticos é a construção de entendimentos em comum, que são abordados através da literatura de enquadramentos interpretativos. Inspirando-se na teoria do enquadramento aplicada à ação coletiva, tal como proposta por Snow *et al.* (1986) e Snow e Benford (1988), von Bülow (2010) chama o processo de construção desses consensos (que podem ocorrer em maior ou menor grau de concordância) de “enquadramento [ou trabalho de enquadramento] transnacional” (“*transnational framing*”), e caracteriza esses circuitos – que levam à internacionalização de enquadramentos domésticos, e nacionalização de enquadramentos que circulam transnacionalmente – como parte de “trajetórias ideacionais” “*ideational pathways*” (Von Bülow, 2010, p. 32, tradução minha).

Em seu livro *The new transnational activism* (2005), Tarrow aborda a relação necessária entre o ativismo transnacional e as redes sociais domésticas, assim como procura identificar os processos que conectam essas diferentes escalas. Para o autor, é preciso levar em conta a historicidade da difusão transnacional de movimentos políticos e repertórios de ação coletiva, que não são necessariamente uma novidade contemporânea; muito pelo contrário, abundam exemplos disto, e pode-se recuar muito na história para identificar tais experiências.

Um conceito importante de que Tarrow lança mão é a noção de “cosmopolitismo enraizado” (“*rooted cosmopolitanism*”), para dar conta do aspecto relacional e fluido da ação política em uma perspectiva multiescalar e transnacional. O conceito de “cosmopolitismo enraizado” (Tarrow, 2005, p. 35) fala sobre a capacidade de grupos e indivíduos transitarem (não necessariamente num sentido geográfico) para além da escala local e nacional, mas ainda estarem vinculados às suas “raízes”, ou seja, seus lugares de pertencimento, o que envolve dimensões identitárias, culturais, subjetivas. O lugar do enraizamento no cosmopolitismo, para Tarrow, se dá da seguinte maneira:

[...] conforme movem-se física e cognitivamente para fora de suas origens, os cosmopolitas continuam vinculados a lugares, às redes sociais que habitam tais espaços, e aos recursos, experiências e oportunidades que os lugares [de origem] propiciam a eles. (Tarrow, 2005, p. 42, tradução minha)

O conceito de Tarrow (2005) é útil para identificar e mapear os processos e as dinâmicas que ligam o nível doméstico ao nível internacional, inclusive no caso de uma organização política nacionalista de extrema direita. Utilizo tal conceito para refletir sobre o lugar da transnacionalidade na produção discursiva de grupos nacionalistas de extrema direita

contemporâneos. Compreendendo a atividade de propaganda e difusão de conteúdo ideológico como parte constitutiva, e mesmo vital, das atividades políticas de uma organização política, procurarei analisar como se dá empiricamente essa transnacionalização de ideias e discursos, essa articulação entre diferentes escalas de um grupo que reivindica o nacionalismo, a oposição à globalização e ao multiculturalismo em uma rede transnacional.

Penso que o caso da NR pode ser visto como um exemplo radical da noção de “cosmopolitismo enraizado”, mas desde uma posição ideológica fundamentada na extrema direita. Tal conceito, articulado à ideia de “antiglobalismo globalizado” (Grumke, 2013) que será discutida mais adiante, permite analisar de que maneiras os grupos de extrema direita se inserem em redes transnacionais a partir de ideologias nacionalistas – e como isso pode fazer sentido.

A literatura sobre redes transnacionais acima discutida oferece importantes ferramentas conceituais para pensar a ação política de uma perspectiva transnacional. Apesar de focalizarem suas discussões em atores à esquerda do espectro político – o que representa um limite, ou melhor, um “ponto cego” nessa literatura – vários dos conceitos formulados podem ser úteis para analisar a transnacionalidade dos movimentos de direita. Mas esta preponderância esmagadora de atores de esquerda na agenda de pesquisas não deixa de indicar uma lacuna.

Um outro limite que deve ser apontado é a centralidade exagerada que as relações com a institucionalidade, tanto a nível nacional quanto supranacional, com os sistemas políticos e os Estados nacionais e as organizações intergovernamentais, recebe por estes autores. Esse viés institucionalista oculta outros fenômenos ligados à ação política que passam por outras esferas. A preocupação excessiva com a interação dos atores, em maior ou menor grau, com sistemas políticos institucionalizados dificulta a compreensão de sua agência para além destes marcos. Entendo que a política é algo que se exerce (e se disputa) para muito além dos espaços formalmente reservados a ela.

### **2.2.1 As redes transnacionais de extrema direita**

Os trabalhos discutidos acima têm grande relevância na discussão sobre a articulação de redes transnacionais, mas concentram suas análises em *networks* ligadas à esquerda e a pautas progressistas. O desafio no estudo das redes transnacionais da extrema direita é encontrar formas de operar com as ferramentas conceituais formuladas por estes autores, e se necessário produzir novos conceitos para abordar este fenômeno, identificando os limites teórico-metodológicos a serem superados e avançando na produção destas ferramentas analíticas.

Segundo Froio e Ganesh (2018, p. 5), foram historiadores – que discutiam as experiências históricas do nazismo e do fascismo – os primeiros a mostrar que a ênfase etnocêntrica em uma “*nationhood*”, ou natividade (ligada ao racismo biológico mas não só a ele), não exclui necessariamente a mobilização transnacional (Albanese; Del Hierro, 2016; Macklin, 2010; 2013; Mammone, 2015). Estes pesquisadores apontaram, em alguns estudos recentes, para a dimensão transnacional dos fascismos já na primeira metade do século XX, período em que estes movimentos começaram a se articular até ganhar força suficiente para, como é o caso da Itália, conquistarem o poder e passarem de movimento a regime político. Entre pesquisadores brasileiros, encontrei um trabalho interessante, de Bertonha (2000), também na área de História, em diálogo com a história contemporânea, que fala sobre a transnacionalização do fascismo e sua apropriação em diferentes contextos nacionais, dentre os quais o Brasil. Nas ciências sociais, segundo Caiani e Kröll (2014), a abordagem transnacional dos movimentos de extrema direita ainda é atual, embora ultimamente, sobretudo desde a segunda metade da década de 2010, tenha crescido o interesse pelo tema.

Neste campo, pesquisadores como Froio e Ganesh (2018), Caiani e Kröll (2014) e Grumke (2013) apontam para algumas das características das redes transnacionais da extrema direita contemporânea, enfatizando certos repertórios e expedientes na constituição de redes sociais transnacionais, com destaque para o uso da internet e da participação em eventos internacionais e nacionais, com o recurso a convites mútuos entre atores de diferentes nações que se aproximam, além, é claro, do compartilhamento e alinhamento de enquadramentos interpretativos. Estes, a nível discursivo, criam uma certa gramática comum e uma linha política similar – ainda que levando em conta os contextos nacionais e locais particulares – entre estes diferentes atores (sejam eles organizações políticas supra ou partidárias, partidos políticos, editoras, grupelhos, coletivos, intelectuais, escritores, etc.).

Caiani e Kröll (2014) apontam, em seu artigo, para a relação ambígua de grupos de extrema direita com a política transnacional, um aparente contrassenso: o fato de que, apesar de se oporem, ao menos a nível discursivo, à política transnacional, muitas organizações de extrema direita acabam se adaptando a formas de articulação em escala transnacional, seja em termos de mobilização ou de comunicação (Caiani; Kröll, 2014), numa posição que as autoras chamam – não sem uma pitada de ironia – de “antiglobalismo globalizado”, termo cunhado por Grumke (2013), cujo artigo traz importantes discussões que serão abordadas mais adiante.

Outro aspecto importante deste trabalho fala sobre o papel central da internet na internacionalização da extrema direita contemporânea (Caiani; Kröll, 2014), reduzindo os custos e aumentando as possibilidades de comunicação, o que resolve parcialmente os

problemas de liderança e articulação das redes sociais. Segundo as autoras, as atuais TICs atuam como “multiplicadores da força” de atração de seu público-alvo, para além de fronteiras nacionais (Caiani; Kröll, 2014, p. 13).

Caiani e Kröll (2013) também defendem a superação da dicotomia *online-offline* a partir de seu estudo das organizações de extrema direita, pois concluem que não existe uma grande fronteira dividindo o ciberespaço do mundo *offline*. As interações iniciadas *online*, em comunidades virtuais, podem atuar no sentido de forjar vínculos e tornar as redes sociais mais “densas”. Isto é, a inserção dos atores em redes de contatos internacionais com grupos aliados ou afins em outros países, que muitas vezes começa online, é uma tática que leva a uma maior capacidade de transnacionalização e acúmulo de força política no domínio do real, que está para além da divisão *online-offline*.

Froio e Ganesh (2018), em uma pesquisa sobre as interações entre grupos de extrema direita no Twitter (tanto partidos como movimentos políticos não partidários), trabalham a relação entre a circulação de conteúdos através de mídias sociais e a formação de redes sociais de extrema direita, analisando também a forma como os enquadramentos interpretativos “viajam” através dessa circulação de conteúdos *online*. Os autores realçam uma perspectiva importante a ser trabalhada quando se fala de transnacionalismo. Para eles, o aspecto de transnacionalidade de um dado grupo pode referir-se a diferentes dimensões deste, quais sejam: suas pautas, seus alvos, sua forma de mobilização e organização – e que um grupo pode transnacionalizar-se em uma ou mais destas dimensões, e em outra(s) permanecer na escala nacional.

O trabalho de Grumke (2013), com o sugestivo título de *Globalized anti-globalists*, aborda o fenômeno da crescente transnacionalização da extrema direita; mais especificamente, o artigo analisa os fundamentos ideológicos do processo de sua internacionalização. Embora o trabalho subscreva a noção de extrema direita aos grupos explicitamente supremacistas brancos e neonazistas de países do Ocidente (destacadamente os EUA e a Europa Ocidental), o que é um limite por não abarcar a heterogeneidade e diversidade do conjunto de atores políticos deste campo, o autor oferece pistas valiosas para refletir sobre tal fenômeno. Tanto é que, mesmo referindo-se aos grupos supremacistas brancos da Europa ocidental e EUA, grande parte das pautas e posições mobilizadas e reivindicadas a nível transnacional pelos atores analisados se aplica ao caso da NR e da QTP. São elas o anti-imperialismo, o antiamericanismo, a defesa das tradições e de uma etnicidade tradicional dos povos (no caso pesquisado por Grumke, das tradições de europeus e estadunidenses brancos), e o antiglobalismo, que é acompanhado de uma oposição à globalização. Segundo o autor, a globalização, para os atores da extrema direita,

seria o processo através do qual uma elite globalista impõe sua agenda às nações e aos povos, ameaçando a sobrevivência das tradições étnico-nacionais. Essa ameaça globalista é (mais ou menos sutilmente) identificada com a ideia de uma conspiração judaica (Grumke, 2013, p. 19) para submeter os povos europeus brancos, que se infiltrou no imaginário europeu há séculos, mas que, em sua forma contemporânea, relaciona-se à difusão do texto conspiracionista antissemita “Os protocolos dos sábios de Sião”. Essa estratégia de substituição de uma “conspiração judaica” para uma “conspiração globalista” pode ser entendida aqui como uma forma de ocultamento ou codificação do antissemitismo dos grupos pesquisados pelo autor, com o fim de não afastar potenciais adeptos que não se identificam diretamente com o antissemitismo.

Para o pesquisador alemão, o estabelecimento de consensos ideológicos e objetivos comuns é um passo fundamental e anterior à formação das estruturas e funcionamentos das redes transnacionais. Apesar de não mobilizar uma análise dos enquadramentos interpretativos, um argumento importante do autor é que este consenso ideológico, fundamental para a ação transnacional, se funda na identificação de um inimigo em comum, que é, por sua própria natureza, transnacional; esse inimigo seria representado por essa elite globalista, que ameaça as culturas e economias nacionais. É a percepção da natureza transnacional do globalismo – e desta elite globalista identificada ao imperialismo estadunidense, ao capital internacional – que leva à defesa da necessidade de articulação transnacional entre nacionalistas.

Um dos limites dessa literatura sobre redes transnacionais da extrema direita, até onde pude observar, vai no sentido da pouca atenção dada a este duplo jogo entre a escala nacional e a transnacional na produção, apropriação e tradução de enquadramentos transnacionais, que circulam por redes de atores políticos nacionalistas para operar em seus contextos nacionais. Embora os autores apontem para a centralidade desses dispositivos de mediação de enquadramentos entre escalas, não observei um aprofundamento significativo em torno destes dispositivos. Ou seja, embora se demonstre que esta mediação entre escalas ocorre, não há um grande investimento em demonstrar *como* ela ocorre, e procuro contribuir justamente nesse sentido a partir de um ferramental teórico-metodológico centrado na teoria do enquadramento aplicada à ação coletiva, que será tema da próxima seção.

### 2.3 A TEORIA DO ENQUADRAMENTO APLICADA À AÇÃO COLETIVA

Para compreender as formas como a NR se apropria das ideias formuladas por Dugin em sua QTP, mobilizando-as para o contexto brasileiro, e assim ressignificando-as, proponho

o uso da teoria do enquadramento interpretativo de Goffman (2012) conforme é utilizada por pesquisadores de movimentos sociais e processos de mobilização política (Benford, 1997; Snow; Benford, 1988; Fernandes, 2016; Gamson; Croteau; Hoynes; Sasson, 1992; Koenig, 2004; Pereira, 2014). Este referencial teórico se inscreve em uma tradição interpretativa da sociologia, mais especificamente o interacionismo simbólico, e procura compreender as significações da realidade tal como são formuladas pelos sujeitos, permitindo assim avançar na compreensão dos “processos de interação, significação e ação por parte de atores individuais ou coletivos em contextos determinados” (Silva; Cotanda; Pereira, 2017, p. 146).

De acordo com Silva, Cotanda e Pereira (2017, p. 144), essa preocupação dos pesquisadores de movimentos sociais com a dimensão simbólico-cultural acompanha uma tendência mais ampla nas ciências sociais, notadamente a partir dos anos 1980 do século passado. Essa tendência é chamada “*interpretative turn*”, uma virada interpretativa, que “colocou a cultura e os processos de interpretação e atribuição de sentido no centro da análise dos fenômenos sociais”.

Esta abordagem privilegia os elementos culturais, simbólicos e identitários que envolvem os processos de associação política, e procura dar conta das formas como os atores políticos emolduram a realidade, recortando elementos de sistemas ideológico-culturais mais amplos – como as próprias ideologias dominantes em determinadas sociedades, ou ideologias de grupos que disputam “os corações e mentes” destas sociedades – em seus esforços para difundir suas visões de mundo e conquistar adeptos.

Quando são agenciadas por atores coletivos em processos de mobilização e associação política, as molduras interpretativas são chamadas “molduras interpretativas da ação coletiva” (MIACs) (Silva, Cotanda, Pereira, 2017, p. 151). As molduras interpretativas são definidas como esquemas interpretativos que simplificam e condensam “o mundo lá fora” (Snow; Benford, 1992, p. 137), através da seleção e codificação de certos elementos da realidade e da exclusão de outros. As MIACs são mensagens produzidas por atores políticos, criadas e mobilizadas com o objetivo de desmobilizar adversários e antagonistas, mas também, e principalmente, vincular novos sujeitos às coletividades, no mínimo produzindo afinidade a nível ideológico, e no limite recrutando novos adeptos.

### **2.3.1 Alinhamento de molduras**

Snow *et al.* (1986) chamam a criação do vínculo entre os agenciadores de MIACs e potenciais aderentes de “alinhamento de molduras” (“*frame alignment*”) (Snow *et al.*, 1986, p.

464). Eles definem o alinhamento de molduras como o processo de “conexão ou conjunção entre as molduras interpretativas dos indivíduos e as dos movimentos sociais” (Snow *et al.*, 1986, p. 467, tradução minha). O conceito foi elaborado com o objetivo primário de dar conta de uma lacuna teórica na literatura sobre movimentos sociais, a respeito da conexão entre elementos sociopsicológicos e estruturais/organizacionais nos processos de mobilização, participação política e adesão associativa. Sendo filiada ao interacionismo simbólico, e a essa dimensão microsociológica da interação entre atores, é notável o interesse em uma dimensão sociopsicológica, nas emoções e na subjetividade, sobretudo num contexto em que as principais discussões dos pesquisadores de movimentos sociais orbitavam em torno de perspectivas que tinham como centro ou um determinismo econômico, no caso das análises marxistas mais ortodoxas, ou um certo determinismo da razão, tal como a teoria da escolha racional e a teoria da mobilização de recursos, que hiperdimensionam o cálculo racional do indivíduo, o que representa sem dúvida um avanço nessa agenda de pesquisas. No entanto, como meu objeto de pesquisa não focaliza os atores individuais, e nem essa dimensão sociopsicológica no que concerne às molduras interpretativas, não entro nessa discussão.

De todo modo, segundo os autores, o processo de alinhamento de molduras pode se dar de quatro formas diferentes: a “ligação de molduras”, a “amplificação de molduras”, a “extensão de molduras” e a “transformação de molduras”. Importa ressaltar, aqui, que os tipos de alinhamento de molduras não ocorrem necessariamente em momentos separados, como “fases” de um processo mais amplo. Os quatro tipos de alinhamento de molduras podem ocorrer paralelamente, simultaneamente, de formas entrecruzadas, ainda que em dado momento se invista mais em tal ou qual tipo de alinhamento de molduras, ou que tal organização dê prioridade para tal tipo de alinhamento.

Também é preciso dizer que para que se efetue o alinhamento de molduras, não é imprescindível que os quatro subprocessos estejam presentes. A palavra “subprocessos” pode remeter à ideia de que o processo de alinhamento envolve, necessariamente, os quatro tipos. Entendo, ao contrário, que cada tipo constitui uma forma de alinhamento. Os quatro tipos se diferenciam em termos da maior ou menor proximidade entre as molduras previamente existentes, formando um *continuum*: enquanto a ligação de molduras, em um extremo, se refere à conexão entre molduras já convergentes, a transformação de molduras, no outro extremo, envolve a necessidade de uma mudança de enquadramento para que a convergência seja possível. Assim, a questão seria: quais tipos de alinhamento a NR privilegia no processo de adoção/tradução dos elementos estruturais da QTP no Brasil? Ela simplesmente se liga a eles?

Ela os amplia? Estende estes elementos? Ou ela os transforma? De todo modo, vamos ao primeiro subprocesso enunciado pelos autores.

“Ligação de molduras” (“*frame bridging*”) remete à conexão entre enquadramentos ideologicamente semelhantes, mas que não estão conectados estruturalmente (Snow *et al.*, 1986), e pode ocorrer em dois níveis distintos – a nível organizacional, isto é, entre grupos que compartilham algum grau de afinidade, ainda que mínima; e a nível individual, que diz respeito às táticas e esforços empreendidos por um grupo focando em influenciar indivíduos, com o objetivo de conquistar novos adeptos. A preocupação central dos autores é com o segundo nível, o que me deixa o desafio de pensar as especificidades que envolvem a ligação de molduras a nível organizacional, uma vez que a dimensão sociopsicológica e a esfera das emoções são menos evidentes ao abordar atores coletivos, como é o caso com uma organização política.

De todo modo, a ligação de molduras está relacionada também às formas de difusão de MIACs, isto é, às técnicas, tecnologias, estratégias e mecanismos de comunicação, com uma preocupação central em como difundir materialmente uma mensagem com a maior eficácia possível, para além do conteúdo da mensagem, o que evidencia um papel central das mídias e tecnologias de comunicação neste tipo de alinhamento de molduras. Uma das singularidades da internet e das novas mídias sociais está em sua capacidade de conectar transnacionalmente molduras interpretativas cuja ligação entre si seria mais dificultada, ou ao menos não tão ágil, em um mundo *offline*. As mídias, assim, podem ser entendidas como mecanismos de ligação de molduras (Snow *et al.*, 1986). No entanto, mesmo que as novas TICs propiciem formas quase imediatas de mediar transnacionalmente o trabalho de ligação de molduras, isso ainda demanda um grau de trabalho criativo na forma de tradução ou ressignificação de molduras interpretativas. É claro que, em meu caso de pesquisa, a apropriação da QTP pela NR não se dá de forma “mágica”, automática. Envolve, ao contrário, um trabalho ativo de produção de articulações, compatibilidades, convergências e similaridades entre as molduras interpretativas dos diferentes atores em relação. Esse trabalho produtivo, na medida em que evidencia as particularidades do agenciamento da QTP pela NR em escala transnacional, é a preocupação central desta pesquisa. Agora vamos para o próximo tipo.

“Amplificação de molduras” (“*frame amplification*”) refere-se ao investimento na difusão de determinados enquadramentos (Snow *et al.*, 1986), com o objetivo de obter alguma ressonância entre as molduras interpretativas produzidas pelo emissor e aquelas que já fazem parte da visão de mundo do remetente. Dialogando com os dados empíricos oriundos de uma vasta literatura sobre movimentos sociais, os autores concluíram que há duas variedades de amplificação de molduras. A “amplificação de valores” (“*value amplification*”) diz respeito à

“identificação, idealização, e elevação de um ou mais valores presumidamente básicos para potenciais membros que estão em prospecção, mas que, por inúmeras razões, não chegaram ainda a inspirar ações coletivas” (Snow *et al.*, 1986, p. 469, tradução minha). Já a “amplificação de opiniões e convicções” (“*belief*<sup>19</sup> *amplification*”) refere-se ao mesmo tipo de amplificação relatada anteriormente, mas direcionada às opiniões e convicções que podem impulsionar a ação política. Segundo os autores, existem cinco tipos de opiniões e convicções relevantes para os processos de mobilização e participação: 1. opiniões e convicções sobre a seriedade de tal problema ou pauta; 2. opiniões e convicções sobre o *locus* de causalidade ou culpa pelo problema ou situação; 3. opiniões e convicções estereotipadas sobre antagonistas ou alvos de influência; 4. opiniões e convicções sobre a possibilidade de mudança e eficácia da ação coletiva; 5. opiniões e convicções sobre a necessidade e importância de levantar-se [*standing up*] (no sentido de ir à luta) (Snow *et al.*, 1986).

Para ilustrar a diferença entre um e outro, um trabalho de amplificação de valores empreendido pela NR, enquanto organização conservadora, é o volume e a centralidade de molduras que orbitam em torno da defesa do restabelecimento de uma política ancorada em valores tradicionais, que esteja de acordo com um certo conservadorismo supostamente “inerente” ao povo brasileiro; já um exemplo de trabalho de amplificação de opiniões e convicções feito pela organização é a amplificação de MIACs conspiracionistas, de que *há uma elite globalista liberal que, em seus tentáculos no Brasil, ameaça os valores tradicionais do povo brasileiro através de um lobby progressista e neoliberal com o objetivo de atuar para a degeneração da pátria*. Apesar de haver uma relação estreita entre os valores, de um lado, e as opiniões e convicções, de outro, eles diferem na medida em que

[...] enquanto valores se referem aos objetivos ou estados finais que os movimentos procuram atingir ou promover, as opiniões e convicções [*beliefs*] podem ser interpretadas como elementos ideacionais que cognitivamente apoiam ou impedem a ação na busca dos valores desejados. (Snow *et al.*, 1986, p. 469-470, tradução minha)

Mais uma vez, como meu caso de pesquisa diz respeito às molduras interpretativas veiculadas por um ator coletivo, considerações sobre o nível dos atores individuais não serão feitas neste trabalho. Todavia, é interessante destacar que, no caso da busca por ressonância, é possível rastrear, de alguma forma, as maneiras pelas quais os tópicos privilegiados pela NR parecem depender de um cálculo, de uma reflexão sobre quais valores e crenças são mais centrais para seus potenciais adeptos, para saber em quais molduras investir, quais serão

---

<sup>19</sup> Optei por traduzir “*belief*” por “opiniões e convicções” por entender que o termo “crença” tende a carregar um tom pejorativo no sentido de desqualificar a visão de mundo, sobretudo o outro “não cientista”, em termos de “crendice”, “superstição”, etc.

amplificadas, etc. A amplificação de opiniões e convicções não inventa os enquadramentos (Snow *et al.*, 1986), mas os instrumentaliza para a ação política, investindo na produção de consensos que serão necessários para gerar coesão e unidade dentro de um grupo ou articulação em torno de determinada pauta. Busca-se selecionar e privilegiar opiniões e convicções já relativamente consolidadas, investindo na produção de molduras interpretativas alinhadas a elas.

A “extensão de molduras” (“*frame extention*”) consiste em alargar estrategicamente os temas pautados, conectando elementos acessórios, de forma instrumental, pragmática, às molduras interpretativas prioritárias com o fim de expandir o alcance das mensagens que realmente importam e assim aglutinar mais potenciais adeptos. Um exemplo disso, bastante grosseiro mas ilustrativo, é um panfleto que convoca para uma reunião sobre os problemas de saneamento básico de um bairro, e comunica que haverá pizza grátis ao fim do encontro, com o objetivo de colocar mais indivíduos em contato com a pauta. Um exemplo que lida com uma forma mais sutil de extensão de molduras interpretativas é quando um grupo está fazendo ações de propaganda sobre o saneamento, e ao perceber que não está tendo resultados satisfatórios com um discurso mais “técnico”, ou ambientalista, encontra uma forma de privilegiar a conexão entre falta de saneamento e mortalidade infantil, o contágio por doenças e a qualidade de vida das famílias, apelando ao que mais importa na vida das pessoas que procura atingir, mesmo que talvez não seja o que mais importa para os objetivos do emissor da mensagem.

Por fim, a “transformação de molduras” (“*frame transformation*”) diz respeito às atividades de ressignificação de molduras que já estão estabelecidas no universo cultural dos potenciais adeptos, assim como de fomento à adesão a enquadramentos que são relativamente novos naquele universo (Snow *et al.*, 1986). Os autores, fundamentando-se em Goffman (1974 *apud* SNOW *et al.*, 1986), se referem a esse processo de transformação como “chaveamento” ou “virada de chave” (“*keiyung*”), entendendo-o como uma forma de promover uma redefinição, ou seja, uma interpretação concorrente, de “atividades, eventos e biografias, que já são significativas a partir da perspectiva de algum enquadramento primário, em termos de outro enquadramento” (Snow *et al.*, 1986, p. 473, tradução minha). Isso implica a reconstituição da percepção sobre “o que está acontecendo”, ou seja, sobre a forma de enquadrar determinado acontecimento ou fenômeno (Snow *et al.*, 1986, p. 473).

Os processos de transformação de molduras podem ser divididos em dois tipos, de acordo com sua abrangência. Um concerne à “transformação de molduras interpretativas de domínio específico”, e o outro fala sobre “transformação de molduras interpretativas globais” (Snow *et al.*, 1986, p. 474, tradução minha). O primeiro diz respeito a alterações significativas

na forma como um domínio específico da vida é emoldurado, levando um domínio que costumava ser tomado como dado a ser reenquadrado como problemático, ou um domínio cuja normatividade era legitimada, reenquadrado como uma injustiça que necessita mudança. Já o segundo relaciona-se à transformação de molduras em um âmbito consideravelmente mais amplo, e procura efetuar uma substituição a nível dos enquadramentos primários, em que “um novo enquadramento primário ganha ascendência sobre outros e passa a funcionar como uma espécie de *master frame*<sup>20</sup>, que interpreta eventos e experiências em uma nova chave” (Snow *et al.*, 1986, p. 475, tradução minha).

De tudo que foi dito sobre a transformação de molduras, é possível depreender que este seja o tipo de alinhamento de molduras de mais longo prazo, e que, o sendo, constitui um objetivo central no trabalho discursivo da NR, que, em sua filiação à QTP, incorpora a tática da “metapolítica”, a qual também pode ser entendida como “gramscismo de direita”, isto é, a busca por hegemonia através de uma influência crescente na esfera ideológico-cultural, a qual concerne a intelectualidade, as formas de expressão estética, as relações com a esfera religiosa, etc.

Como se dá, a nível organizacional, o alinhamento de molduras entre atores nacionalistas articulados em escala transnacional? Como uma doutrina gestada na Rússia pode dar as bases ideológicas de uma organização política nacionalista brasileira? Apenas difundir a QTP, uma ideologia russa de circulação transnacional, em estado bruto por assim dizer, não teria efetividade a nível de comunicação e propaganda no Brasil. É preciso um trabalho de tradução, introdução – é preciso efetuar este alinhamento, o que demanda um trabalho ativo de emolduramento da parte de quem “importa” uma ideologia. Não é como se a NR fosse sujeito passivo da QTP, como se fosse um recipiente que simplesmente recebe a ideologia e a difunde. Parto do pressuposto de que, ao filiar-se à QTP, a organização produz uma espécie de QTP brasileira, uma variação do sistema ideológico proposto por Dugin. Mesmo não a alterando a nível axiológico, esta forma de filiação produz diferença – e uma diferença que está relacionada especificamente àquilo que imprime sentido à QTP na escala nacional, isto é, no contexto brasileiro. Veremos em capítulo posterior que a “cola” que acopla a QTP à realidade brasileira na produção de molduras interpretativas pela NR é uma releitura quarto-teórica da tradição trabalhista.

---

<sup>20</sup> “*Master frames*” ou “macro molduras interpretativas” (Silva; Cotanda; Pereira, 2017, p. 152) são enquadramentos estabelecidos a nível pressuposicional, que atuam como pilares ou fundamentos da visão de mundo. É a partir dos *master frames*, em primeiro lugar, que os sujeitos partem quando são instados a interpretar e significar um evento ou fenômeno da realidade, e é a eles que recorrem quando expostos a uma situação de insegurança e instabilidade na apreensão da realidade.

### 2.3.2 Tarefas nucleares de enquadramento

Além da atenção aos processos de alinhamento de molduras, utilizo como referencial as “tarefas nucleares de enquadramento” (“*core framing tasks*”) (Snow; Benford, 2000) em meu quadro de análise, privilegiando a interpretação dos enquadramentos interpretativos em termos de três grandes grupos. Nesta proposta teórico-metodológica, os autores aventam a interpretação dos enquadramentos a partir de três dimensões: 1) Enquadramentos diagnósticos: definem como os atores identificam antagonistas (fundamental à divisão do mundo entre “nós” e “eles”, inerente à mobilização política) e problemas, atribuindo os segundos a uma agenda de interesses dos primeiros; 2) Enquadramentos prognósticos: determinam o que se propõe para superar os problemas, definem planos de ação e estratégias para a ação política; 3) Enquadramentos motivacionais: propõem a mobilização, geralmente de forma exortativa ou em tom alarmista, para engajar potenciais adeptos e sustentar a participação de militantes, ativistas, etc. (Snow; Benford, 2000).

Os atores constroem MIACs de acordo com essas três dimensões para gerar mobilização de consenso e mobilização da ação. É importante pontuar que, embora a dimensão diagnóstica seja um *locus* privilegiado para a produção discursiva do inimigo (na medida em que este faz parte do problema diagnosticado), a produção de antagonismos e fronteiras identitárias pode ser identificada ao longo de distintas MIACs (Fernandes, 2016), não necessariamente ligada à dimensão diagnóstica.

Como já foi dito anteriormente, as variações entre os elementos ideológicos estruturais da QTP e as tarefas nucleares de enquadramento da NR são analisadas a partir da chave interpretativa do processo de alinhamento de molduras, entendendo que o trabalho de enquadramento daqueles elementos estruturais em molduras interpretativas significativas para o contexto brasileiro é agenciado pela NR através deste processo. É por meio da análise dos conteúdos que compõem essas dimensões do enquadramento que é possível examinar que tipos de alinhamento a NR busca produzir (ligação, ampliação, extensão ou transformação). Vamos agora discutir a relação entre os enquadramentos interpretativos e as ideologias.

### 2.3.3 Os enquadramentos e as ideologias

É de suma importância destacar que, embora a nível metodológico sejam tratadas num plano simétrico em torno das dimensões diagnóstica, prognóstica e convocatória, existem diferenças fundamentais entre ideologia e molduras interpretativas, a nível teórico. Enquanto a

noção de ideologia remete a um sistema, um conjunto coerente, ou ao menos suficientemente estável, de pressupostos, valores e argumentos teóricos e normativos sob um mesmo sistema, com vistas à ação política, o conceito de enquadramento interpretativo se refere a uma dimensão processual, mais contextual e pragmática, que diz respeito às formas dinâmicas, sujeitas a inúmeras contingências, com que os atores se utilizam das ideologias a que se vinculam (ou procuram vincular-se), assim como de valores, preconceitos, opiniões, etc. já existentes no contexto sociocultural em que atuam, com o objetivo de conquistar novos adeptos para si e afastá-los daqueles que entendem como seus antagonistas – em síntese, com a preocupação de alterar a correlação de forças do campo da política a seu favor. Mas não é como se os enquadramentos não contivessem ideologia. Muito pelo contrário. Eles concentram sentidos ligados a sistemas ideológicos, e estão imersos em ideologias na medida em que elas próprias fornecem elementos para “enquadrar” a realidade, uma visão de mundo.

Mas “ideologia” não é um objeto empírico, uma coisa no mundo, com contornos internos. E não é como se a ideologia da QTP fosse idêntica ao livro que leva seu nome. Essa noção exclui a heterogeneidade e a capilaridade com que as ideologias penetram e circulam nas produções humanas (na mídia, no esporte, na indústria do entretenimento, na geografia das cidades, em intervenções artísticas na rua, em um meme nas mídias sociais, em quase tudo que é feito por um ator humano, haverá ideologia, de forma mais ou menos explícita). Mas o livro carrega, e de alguma forma, guarda, a doutrina, isto é, o núcleo ideológico da QTP. Assim como o *Manifesto Comunista* para o comunismo marxista, o *Mein Kampf* pode ser entendido como representativo da ideologia nazista, e *Sobre a Liberdade*, do liberalismo clássico.

Ideologias “são sistemas de significado que conjugam asserções e teorias sobre a natureza da vida social com valores e normas que são relevantes para a promoção ou resistência às mudanças sociais” (Oliver; Johnston, 2000, p. 43, tradução minha), e na medida em que reúnem pressupostos teóricos e normativos, dão sentido às visões de mundo de seus adeptos, atuando como fundamentos norteadores da ação política, “servindo tanto como uma pista para a compreensão e como um guia para a ação” (Wilson, 1973, p. 91-92, tradução minha). É nesse sentido que entendo a QTP como um sistema ideológico, enquanto o livro *A Quarta Teoria Política* é sua principal produção teórico-ideológica, na medida em que é legitimamente percebida como a expressão doutrinária da QTP. Um sistema ideológico não tem materialidade para além da forma como circula através de relações sociais. Assim, a QTP circula na tradução brasileira do livro “*Chetvertaya politicheskaya teoriya*” (“A Quarta Teoria Política”, em russo) assim como circula através dos canais da NR, e de toda essa rede de divulgação e articulação política dos atores transnacionais alinhados a ela.

Um mesmo indivíduo ou coletividade, enquanto sujeito político, pode sofrer influência (ou mesmo influenciar, através de sua agência) diferentes ideologias que se entrecruzam em sua prática política (Oliver; Johnston, 2000). E o “mesmo” enquadramento – um conceito, um símbolo, uma palavra de ordem – pode ser apropriado, mobilizado e, no limite, ressignificado, por atores filiados às mais variadas matrizes ideológicas. Segundo Wilson (1973), as ideologias podem variar não apenas em termos de seu conteúdo, sendo algumas de tipo econômico, outras de tipo político, mais à esquerda ou à direita, mas também variam de maneira formal, categórica, qualitativa, sendo de caráter reformista ou revolucionário. Isto é, respectivamente buscam ou a mudança dentro dos marcos de uma ordem vigente ou a superação e substituição da ordem vigente por uma outra.

Wilson (1973), apesar de antever um intenso grau de variação e heterogeneidade na existência de ideologias diversas, não levou em conta o grau de heterogeneidade interna às ideologias, isto é, sua natureza de “bricolagem” (Lévi-Strauss, 1970). Mesmo aquelas ideologias que entendemos como “mais puras” – e aqui podemos entendê-las como “purificadas”, isto é, aquelas que tiveram seu contexto de produção ficcionalmente depurado do caráter heteróclito dos materiais diversos que foram reunidos e costurados durante sua fabricação – e do caráter hibridizante, combinatório, destas produções. As ortodoxias, os documentos e os livros arrematados ocultam essa dimensão e favorecem a percepção de coesão e autoencerramento. Assim, existem heterogeneidades internas às formulações internas a sistemas ideológicos, e é com o exercício da análise interpretativa que se pode compreender como alguns de seus meandros aparentemente mais paradoxais, contraditórios ou incompreensíveis são acomodados de forma relativamente estável e coerente.

Em suma, segundo a perspectiva de que parto, tanto ideologias como enquadramentos interpretativos lidam com três dimensões: uma dimensão diagnóstica (qual o problema?); uma dimensão prognóstica (o que fazer?); e uma dimensão lógica ou motivacional (aqui há diferenças entre a abordagem de Wilson e a de Snow e Benford, respectivamente, conforme se verá no parágrafo abaixo). Wilson (1973, p. 95, tradução minha) chama essas três dimensões de “elementos estruturais da ideologia”, enquanto Oliver e Johnston (2000, p. 43, tradução minha) as nomeiam como “tricotomia dos elementos estruturais da ideologia”, ou “estrutura tricotômica da ideologia”.

Para Wilson (1973), o diagnóstico se refere a uma interpretação da realidade que identifica o que há de errado no mundo, localizando social e politicamente as causas da insatisfação de seus potenciais aderentes, assim como identifica quem está causando esses problemas (campo do inimigo, “eles”). O prognóstico diz respeito ao que deve ser feito para

mudar esse quadro e quais consequências se pode esperar dessas ações, projetando um horizonte de futuro positivo, uma utopia. E o *rationale* tem uma função de “*call to arms*”, (Wilson, 1973, p. 124), isto é, produz identidade coletiva distintiva, identificando quem pode levar a cabo as mudanças necessárias (campo do amigo, “nós”), localizando o grupo como agente de mudanças, muitas vezes com um papel central enquanto “vanguarda”, ao mesmo tempo que o conecta ao contexto histórico onde procura incidir, num “esforço para tornar o movimento respeitável ao conectá-lo com a tradição da sociedade” (Wilson, 1973, p. 125). Conforme se viu acima, Snow e Benford (2000) adotam uma perspectiva muito parecida para nomear as “tarefas nucleares de enquadramento” (*core framing tasks*), alterando o terceiro elemento estrutural, que nomeiam como “motivacional” e procura dar conta da dimensão extrarracional da mobilização política. Ao fazer isso, deslocam a construção da utopia, que Wilson (1973) caracteriza como sendo próprio ao elemento prognóstico, para a tarefa nuclear motivacional. Para não deixar de lado a terceira parte das tricotomias elaboradas por Wilson (1973) e Snow e Benford (2000), proponho os conceitos de “elemento estrutural convocatório”, para englobar o *rationale* do primeiro, e o de “enquadramentos convocatórios” para dar conta dos enquadramentos motivacionais dos segundos. Outra modificação que proponho a este referencial analítico é o deslocamento da dimensão utópica para este elemento estrutural convocatório, o qual em Wilson (1973) compõe o elemento prognóstico. Assim, enquanto o elemento prognóstico é entendido, aqui, em uma dimensão mais tática, o elemento convocatório procura dar ênfase às *formas de convencimento* utilizadas com vistas à mobilização e à ação. A noção de *convocatório* aqui é elaborada para dar conta tanto das formas de persuasão – *call to arms* –, seja através de formas que privilegiam um impacto afetivo-emocional através de um investimento no simbólico – com um repertório que pode acionar desde o pânico moral à exortação estética de figuras e eventos históricos, mitológicos, símbolos, etc. –, quanto de vias de convencimento “racional”, isto é, através de argumentação que procura convencer o potencial adepto a juntar-se ao grupo, convencendo-o de que somente este grupo é capaz de ter efetividade em seus objetivos, isto é, ter impacto sobre a realidade a partir de seus princípios, práticas, valores e táticas.

A tríade por mim proposta, então, fica dividida em uma dimensão diagnóstica (*qual o problema*), uma prognóstica (*o que fazer*) e uma convocatória (*venha fazer/junte-se a nós*).

### 3 ALEKSANDR DUGIN E A QUARTA TEORIA POLÍTICA

Neste capítulo, trago alguns dados biográficos e bibliográficos do militante da extrema direita nacionalista russa, o neofascista Aleksandr Dugin. Considerado ora como filósofo, ora como cientista político, ora como analista geopolítico, Dugin é autor de uma prolífica bibliografia, além de ter inserções relevantes nos campos militar, político, acadêmico e midiático da Rússia. Em sua faceta intelectual, é autor de uma vasta – e no mínimo controversa – produção em áreas como as relações internacionais e geopolítica, ciência política, sociologia e filosofia política<sup>21</sup>, além de atuar como ideólogo, publicando textos, vídeos e entrevistas, entre outros tipos de material, de teor mais panfletário ou mais de análise, em diversos *websites* e revistas alinhados a suas ideias, tais como o website *geopolitika.ru*<sup>22</sup>, que tem versões em vários idiomas, dentre os quais o português, e no qual a produção de Dugin, assim como a dos principais atores ligados ao duginismo, a nível doméstico e internacional, é veiculada.

Este website funciona como uma espécie de ponto de aglutinação e circulação transnacionalizada da produção ligada a esse campo, e concentra em seu arquivo um grande volume de material da NR; um outro ator brasileiro que recebe bastante destaque no website é o jornalista Pepe Escobar, que é relativamente próximo de Dugin, e alinhado à sua perspectiva nas relações internacionais.

Embora não seja o foco de minha pesquisa, uma mínima compreensão do pensamento e da produção teórico-ideológica de Dugin é importante para que possamos avançar no entendimento daquilo que é central para esta dissertação, a saber, a filiação da NR à QTP e a articulação com Aleksandr Dugin, que além de ser o fundador, é também um dos principais agenciadores da rede transnacional em que estes grupos se articulam. Cabe destacar que, recentemente, foi defendido o primeiro trabalho produzido no Brasil, que cobre de forma satisfatória alguns aspectos da biografia e produção intelectual de Dugin, sobretudo da obra *A Quarta Teoria Política* (ver Silva, 2022). Esse trabalho representa um avanço, na medida em que introduz à academia brasileira quem é Dugin e quais os elementos centrais de sua obra e estratégia política, um importante primeiro passo na agenda de pesquisas sobre essa figura que, infelizmente, começa a ganhar algum destaque na cena política e intelectual brasileira.

---

<sup>21</sup> Segundo Umland (2007, p. 140), sua inserção na academia russa é controversa e envolta em fatos nebulosos, mas não entrarei nisso agora. Quanto às suas áreas de interesse, é considerado filósofo, sociólogo, cientista político e/ou filósofo, a depender de quem o cita.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.geopolitika.ru/en/mission>. Acesso em: 12 maio 2023.

O presente capítulo se divide em duas partes. Em um primeiro momento, contextualizo brevemente a atuação de Dugin como articulador político em escala transnacional, sua trajetória e seu pensamento, assim como sua crescente presença na mídia e no debate político brasileiro, naquilo que é relevante para esta pesquisa. Em um segundo momento, apresento de forma mais detalhada a proposta teórico-ideológica da QTP, com o objetivo de: i) compreender os principais argumentos e temas levantados na obra *A Quarta Teoria Política*; e ii) mapear as referências (bibliográficas, culturais, históricas, políticas, artísticas, etc.) mobilizadas por ele na obra.

### 3.1 DAS MARGENS AO MAINSTREAM: DE DISSIDENTE NA URSS A CONSULTOR NA DUMA E NO KREMLIN

A totalidade dos autores que pesquisam a trajetória de Dugin (Laruelle, 2006; Sedgwick, 2004; Teitelbaum, 2020; Umland, 2007, entre outros) apontam para um movimento, protagonizado por ele, que leva sua figura e seu pensamento das margens ao *mainstream* do cenário político russo entre as décadas de 1990 e 2000. Indicam sua saída de grupos mais ligados à “contracultura” (como o Círculo Yuzhinsky e o Partido Nacional-Bolchevique) em direção a lugares de prestígio, como a Duma e o Kremlin, a Universidade de Moscou e ao meio militar, a partir de uma estratégia de inserção nos campos acadêmico, político e cultural através da criação de websites, blogs, etc., de publicações de livros, revistas e jornais, participação – assim como atuação como apresentador – na mídia alternativa e hegemônica, em programas de rádio e televisão. Pode-se pensar até que ponto o processo de popularização, normalização e aceitação das ideias de Dugin, assim como dele próprio enquanto figura pública, acompanhou o processo mais amplo de emergência da quarta onda da extrema direita a nível global neste começo de século, discutido por Mudde (2019). Mas, para entender essa ascensão de Dugin, é preciso retomar agora alguns elementos significativos em sua trajetória enquanto ator político.

Para contextualizar o papel de Dugin (assim como de outros atores) como articulador político a nível transnacional, lanço mão do conceito de “empreendedor de movimento”, que remete a atores que operam como agentes produtores e mantenedores de vínculos, articulando outros atores – sejam eles individuais ou coletivos – entre si. Na literatura de redes transnacionais e movimentos sociais, a noção foi utilizada por Tarrow (2005, p. 22) para descrever as ações de atores que articulam redes sociais em escala transnacional.

### 3.1.1 Dugin no século XX: o Nacional-Bolchevismo e o Neo-urasianismo

A infância e parte da adolescência de Dugin são um tanto obscuras, e alguns dados se contradizem a depender da fonte<sup>23</sup>. O que se sabe é que Aleksandr Gélievitch Dugin nasceu em Moscou, na União Soviética, em 1962. Era filho de um oficial do Departamento Central de Inteligência, órgão de inteligência soviético para assuntos estrangeiros (em russo, GRU - *Glavnoïe Razvédyvatel'noïe Oupravlénie*) (Umland, 2007, p. 97). Já na adolescência, começou a se interessar por produções que encontravam censura na URSS – dentre elas, principalmente literatura nazifascista e esotérica. Para o que importa nessa pesquisa, convém destacar que Dugin começa sua atividade política intimamente ligada à curiosidade intelectual pelo misticismo e pela extrema direita, que desenvolveu no final da adolescência. Em 1980, aos dezoito anos, ele se aproxima do Círculo Yuzhinsky, grupo que reunia intelectuais e artistas soviéticos considerados “dissidentes”, na medida em que eram críticos e opositores do comunismo soviético<sup>24</sup>.

Ali, entra em contato com obras de difícil acesso no país, ligadas ao nazismo, fascismo, magia, ocultismo, esoterismo nazista, misticismo oriental e o Tradicionalismo de René Guénon e posteriormente o de Julius Evola – este último mais engajado na luta política (de extrema direita), por quem Dugin se encantou. Em 1983, ele e outros membros do círculo foram presos pela KGB, por envolvimento naquilo que foi considerado pelo Estado soviético como as “atividades antigovernamentais” do grupo (Teitelbaum, 2020, p. 45-48), o que envolvia consumo (nem sempre) ritualístico de álcool e outras drogas, rituais de magia sexual e outras excentricidades (Sedgwick, 2004, p. 223). Ao longo da década de 1980, Dugin efetuará um giro em direção à militância política. Ainda durante a Perestroika, em 1987, filiou-se junto a outro adepto do Círculo Yuzhinsky, Jamal Adzerov (que também viria a ser um dos mais importantes Tradicionalistas tempos depois), ao Partido *Pamyat'* (Memória), nacionalista e ultraconservador. Dugin e Jamal buscavam influenciar o *Pamyat'* em direção ao Tradicionalismo, como Mircea Eliade fez na Romênia com a Legião do Arcanjo São Miguel, e Evola tentou fazer com o Fascismo italiano, com o Herrenclub e com as SS nazistas (Sedgwick, 2004, p. 224). Mas a filiação ao partido, segundo Dugin “a organização mais reacionária que existe” (Sedgwick, 2004, p. 224, tradução minha), teve curta duração, e Dugin deixou o partido em 1989 (Silva, 2022, p. 13).

<sup>23</sup> Umland (2007) fala sobre as discrepâncias entre Sedgwick (2004) e outros.

<sup>24</sup> Como se verá com mais profundidade no capítulo sobre a NR, a ideia de “dissidência” e “dissidente” será central para a produção da identidade dos militantes da organização.

Ainda em 1989, em visita à Europa Ocidental, ele conhece alguns dos principais expoentes da Nova Direita Europeia (NDE), como o francês Alain de Benoist, o belga Jean-François Thiriart e o italiano Claudio Mutti. Nessa época funda a revista *Elementy*, imitando o nome da revista *Éléments*, principal plataforma de difusão da NDF, cujo editor-chefe era Alain de Benoist, também fundador de tal revista. Com ele, Dugin teve um período de intensa colaboração, sobretudo editorial, através de traduções e lançamentos mútuos de trabalhos, a partir de sua *Arktogaia*, iniciativa fundada em 1991 que funcionava como projeto editorial para o avanço das ideias de extrema direita, sobretudo da NDE, promovidas por Dugin, na Rússia, e que posteriormente, em 1998 também nomearia o *website* e espécie de *think tank* *arctogaia.com*, um dos primeiros websites da Rússia, que viria a obter grande sucesso (Silva, 2022, p. 17). Ambos, de Benoist e Dugin, tiveram papel central na “revitalização doutrinária do pensamento de direita”, cada qual em seu país (Laruelle, 2006, p. 18).

No entanto, entre 1991, com a queda da União Soviética, e 1993, o francês – líder da Nova Direita Francesa (NDF), que procurava se distanciar de uma direita mais abertamente racista, escondendo laços com autores e grupos cuja ligação com o fascismo ou outros fenômenos de extrema direita era evidente – optou por se afastar de Dugin, que sofria uma forte campanha de denúncia na imprensa da Europa Ocidental, por ser o articulador de uma “aliança vermelho-marrom” (isto é, uma aliança entre comunistas e fascistas) na Rússia.

Segundo Sedgwick (2009), essa aliança se formou, a partir de meados de 1988, e mais marcadamente 1989, em torno da formação de uma coalizão que era chamada, de forma genérica, de Oposição – para nomear o conjunto de atores que se articulava em torno da oposição à Perestroika, e posteriormente, ao governo pró-liberal, representado por Bóris Yeltsin. A partir de 1989, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS, que foi banido com a queda da União Soviética em 1991, transformando-se em Partido Comunista da Federação Russa, PCFR) passa a compor e articular essa coalizão sob a liderança de Guennadi Ziuganov. Como se verá abaixo, essa Oposição compreendia um amplo espectro ideológico, reunindo atores que vão da extrema direita à extrema esquerda no combate à imposição das reformas liberais. O período de colaboração mais intensa entre Dugin e a Oposição foi entre 1989 e 1991, mas algum grau de articulação com Ziuganov existiu durante toda a década de 1990. Convém dizer que o PCFR, maior partido comunista russo até hoje e segundo maior partido do país, mantém posições análogas àquelas que seriam as do PCO no Brasil, ou seja, tem uma linha ideológica afim ao marxismo-leninismo na política e na economia, porém marcadamente nacionalista e conservadora na moral e nos costumes.

Em 1993, pouco tempo após a queda da União Soviética e a consequente “abertura liberal” do país, Dugin se junta a Eduard Limonov – escritor, poeta, polemista e também um dissidente da União Soviética, que viveu muitos anos em exílio –, para fundar o Partido Nacional-Bolchevique (PNB), que surge em 1993. Prolífico escritor, Dugin passa a atuar como principal ideólogo do grupo<sup>25</sup>, colaborando em sua revista, *Limonka* (que significa tanto granada como limão em russo, e também faz um jogo de palavras com o sobrenome Limonov), e escrevendo também para outras revistas da Rússia e da Europa.

Fundado nessa conjuntura de liberalização agressiva do país, que levou grande parte da população à pobreza, ao desemprego e à miséria, o PNB surge em um contexto no qual se formava uma coalizão ampla e unificada em torno da oposição à liberalização, que colocava em aliança comunistas desejosos da volta da União Soviética, cristãos ortodoxos, saudosos do czarismo e nacionalistas de extrema direita. Neste confuso caldo ideológico, o recém-nascido PNB tinha um apelo especial entre a juventude, por seu aspecto de movimento rebelde, subversivo e contracultural, juntando elementos de extrema-direita e extrema-esquerda, nessa estética do choque cujo exemplo mais elucidativo seria a icônica fotografia de Sid Vicious, dos Sex Pistols, vestindo uma camiseta com a suástica nazista. O símbolo do PNB é a foice e o martelo comunista dentro de um círculo branco sobre um fundo vermelho. Ou seja, é uma bandeira nazista, porém a suástica foi substituída pela foice e o martelo.

Figura 1 - Bandeira do Partido Nacional-Bolchevique



Fonte: Wikipedia (2007).

<sup>25</sup> Laruelle aponta que Limonov, em sua autobiografia intitulada *Moya politicheskaia biografii* (“Minha biografia política”, em tradução livre), refere-se a Dugin como “o ‘Cirilo e Metódio’ do fascismo, na medida em que trouxe Fé e conhecimento sobre ele para nosso país [a Rússia] desde o Ocidente” (Limonov, 2002, p. 64 *apud* Laruelle, 2006, p. 23, tradução minha). Umland (2007), dialogando com Parland (2004), toca numa questão interessante: como Dugin, num aparente contrassenso, se apropria de autores e obras ocidentais para formular uma doutrina nacionalista russa em oposição radical ao próprio Ocidente, “enxertando” autores russos no meio para “nativizar” sua visão de mundo, que é ela mesma fundamentada sobretudo naqueles autores ocidentais. Mas não é como se Dugin fosse um chauvinista assumido, a ponto de negar o que é produzido fora de sua pátria; inclusive, a matéria da Folha de São Paulo relata que o russo é um entusiasta da cultura brasileira, sobretudo a Bossa Nova e as obras de Ariano Suassuna e Darcy Ribeiro. O que convém notar é o contrassenso na formulação de um corpo ideológico antiocidental e nacionalista russo partindo de influências majoritariamente não só estrangeiras, como eminentemente ocidentais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/guru-de-putin-aleksandr-dugin-tem-seguidores-no-brasil-e-e-fa-de-bossa-nova.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

O PNB tentou duas empreitadas eleitorais, uma em 1995, quando Dugin se candidatou para a Duma, obtendo o inexpressivo resultado de 0,84% dos votos, cerca de 1% a menos que seu parceiro Limonov, que se candidatou novamente em 1997, obtendo novamente um fracasso retumbante (Silva, 2022). Um tempo depois, ao avaliar que o movimento não tinha a seriedade e a disciplina necessários para atingir os objetivos que almejava, e estaria relegado a permanecer mais como um movimento contracultural, e menos como uma organização política consequente, Dugin decidiu romper com o PNB, em 1998 (Silva, 2022, p. 16). A entrada no novo século também marca um giro significativo na estratégia de inserção de Dugin, como veremos na próxima subseção.

Com a saída do PNB, Dugin – com uma equipe composta por alguns dos ex-militantes nacional-bolcheviques que arrastou consigo – passa a atuar como consultor informal de Gennady Selezniev, à época presidente da Duma (câmara baixa do parlamento russo). Isso representa um êxito significativo na aproximação da política institucionalizada (Umland, 2007). Um tempo depois, em 1999, sua consultoria é formalizada, tornando-se um instituto oficial ligado ao gabinete de Selezniev, sob o nome de “Seção de Expertise Geopolítica do Conselho Consultivo em Problemas de Segurança Nacional do Gabinete do Presidente da Duma da Assembleia Federal da Federação Russa” (Umland, 2007, p. 118)

Não é preciso dizer que esse salto em direção ao centro lhe garantiu uma boa circulação na Duma, garantindo que seu nome e seus textos começassem a ser notados pela cúpula da nova institucionalidade política russa. Sua obra *Fundamentos de Geopolítica* (“*Osnovy Geopolitiki*”, em russo no original), que defende um projeto ancorado em sua teoria da multipolaridade e em seu neo-eurasianismo para as relações internacionais da Rússia, passou a ser lido em muitos círculos acadêmicos, políticos e militares de elite (Umland, 2007, p. 119-120). O capital político acumulado na Duma e nesses outros âmbitos lhe rendeu, alguns anos depois, já na primeira década do século XXI, um importante acesso ao Kremlin.

O peso de Dugin junto ao Kremlin é ainda difícil de mensurar, mas um fato a ser destacado é o crescente alinhamento entre seu discurso e o discurso de Putin que, ao longo da primeira década do novo milênio, foi se revestindo de um tom mais nacionalista, conservador e antiocidental – mais especificamente contra o eixo que se articula em torno da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), comandado pelos EUA. Apesar desse movimento em direção ao centro, contudo, Dugin não abandonou a rede que havia acumulado ao longo de seus anos no “underground” da extrema direita (Sedgwick, 2004, p. 231), assim como não abandonou a abordagem de penetração entre a juventude através de uma estética

“contracultural”. Ele passou a atuar “empregando múltiplas estratégias de entrismo, tendo como alvo tanto a contracultura da juventude quanto as estruturas parlamentares” (Laruelle, 2006, p. 3, tradução minha).

### **3.1.2 Neo-Eurasianismo - aventura na política institucional, transnacionalização e giro “metapolítico” (ou Dugin no século XXI: Movimento Eurasiano Internacional, consultor do Kremlin)**

A virada do século representa uma transformação significativa na atuação política de Dugin. É quase como se ele tivesse operado uma campanha de “rebranding” de sua imagem junto à opinião pública, num esforço de adequação que o tornaria mais palatável ao *mainstream* político russo. Em 2001, alguns anos após o afastamento do PNB e aproximação com Selezniev, Dugin fundou o Movimento Eurásia (*Evrázia*) (Laruelle, 2006, p. 3). Em 2002, no segundo congresso do movimento, ele foi transformado no Partido Eurasiano. Em 2003, o partido disputa as eleições, em aliança com o Partido Rodina, nacionalista e de extrema direita, surgido também em 2003 sob a liderança de Sergei Glazev. No entanto, devido a disputas internas das quais saiu derrotado, o Partido Eurásia abandona a coalizão eleitoral, retirando suas candidaturas para a Duma (Silva, 2022). Ainda no final deste ano, Dugin, tendo recuado da estratégia eleitoral, funda o Movimento Eurasiano Internacional (Laruelle, 2006) braço transnacional do Movimento Eurásia, optando por investir esforços na transnacionalização do movimento.

Essa mudança de estratégia relaciona-se com uma outra mudança na abordagem de Dugin, que ao longo dos anos 1990 se aproximou não apenas ideologicamente da NDE, e mais especificamente da NDF, mas também incorporou métodos e táticas parecidos no que diz respeito às suas estratégias de difusão ideológica e propaganda. Assim como de Benoist, para apresentar-se como mais “politicamente correto” (Laruelle, 2006, p. 9), isto é, para ocultar as posições mais explicitamente de extrema direita, Dugin passou a investir em uma linguagem críptica, isto, é, no uso de conceitos e discursos que aparentemente se alinhavam aos de pensadores de esquerda em suas críticas à globalização e ao etnocentrismo do Ocidente, mas mobilizando-os para atacar a democracia liberal, o multiculturalismo e pautas das lutas feministas e LGBTQIA+, a partir de uma perspectiva conservadora revolucionária. Tal estratégia relaciona-se à ideia de “metapolítica” defendida por de Benoist, que, mais marcadamente a partir de sua obra *Vu de Droite (Perspectiva da Direita, em tradução livre)*, de 1977, passou a defender uma estratégia de disputa política a partir de uma inserção cada vez

maior na esfera acadêmica e na cultura, com vistas a conquistar hegemonia política, baseando-se nas discussões de Gramsci a respeito da luta por hegemonia, mas instrumentalizando-a para a direita. Umland (2007, p. 107, tradução minha) considera Dugin como parte da NDE, sendo “inspirado sobretudo pela estratégia gramsciana da *Nouvelle Droite* [a NDF]”, um “gramscismo de direita” (Umland, 2007, p. 72).

Mareš e Laryš (2015) apontam para a articulação de Dugin com lideranças de partidos da extrema direita europeia como Gábor Vona e Béla Kovács (Jobbik, Hungria) e Nikolaos Michaloliakos (Aurora Dourada, Grécia) (Mareš; Laryš, 2015), assim como com intelectuais e lideranças de movimentos políticos europeus, como o filósofo francês Alain de Benoist, citado anteriormente, Claudio Mutti<sup>26</sup>, muçulmano evoliano, intelectual e militante de extrema direita italiano, Jean Thiriart, da Bélgica, Troy Southgate, do Grã-Bretanha, e Doğu Perinçek, da Turquia (Mareš; Laryš, 2015). Esses autores descrevem o papel de Dugin, dentre outros atores, na articulação política com partidos, organizações e demais agrupamentos fora da Rússia. Através do Movimento Eurasiano Internacional<sup>27</sup>, Dugin estabeleceu grupos eurasianistas em pelo menos 22 países – em todas as nações pertencentes à Comunidade dos Estados Independentes no Leste Europeu, na União Europeia (França, Alemanha, Itália e Grã-Bretanha), Estados Unidos e Chile na América, com vários países de maioria religiosa islâmica (Líbano, Síria, Turquia, Egito, Paquistão, Irã), e com países do Extremo Oriente (Vietnã, Japão e Índia), além de simpatizantes na Nova Direita alemã, e na extrema direita intelectual tcheca, que orbita em torno do website *Dělský Potápěč*<sup>28</sup> (Mareš; Laryš, 2015).

Segundo os autores, através do estabelecimento e consolidação destas redes com atores internacionais, Dugin foi responsável por trazer ideias que circulavam na extrema direita internacional para o contexto nacional russo (Mareš; Laryš, 2015), o que dialoga com as ideias abordadas acima, sobre o esforço de uma espécie de “russificação” de ideias que eram provenientes do Ocidente, na formulação de um nacionalismo antiocidental, por parte do conservador russo. Como se pode notar, os autores apontam para a inserção de Dugin em uma

---

<sup>26</sup> Mutti é um filólogo e intelectual de extrema direita. Foi preso no fim da década de 1970 por seu envolvimento em atentados perpetrados por grupos de extrema direita, e no começo da década de 1980 converteu-se ao islamismo, que combinou a seu Tradicionalismo evoliano. Foi expulso do meio acadêmico por suas posições e sua militância de extrema direita, ligada a grupos armados de inspiração do Tradicionalismo evoliano. Perdeu o emprego de professor dos idiomas romeno e húngaro na Universidade de Bolonha (Sedgwick, 2004).

<sup>27</sup> Essas informações estão presentes no site Movimento Eurasiano Internacional. Note-se que Mareš e Laryš acessaram o endereço em 2014, e, portanto, antes da fundação da NR. Acessando o link hoje, o conteúdo está idêntico a como estava em 2014, o que leva a crer que não foi mais atualizado. Disponível em: <http://evrazia.org/modules.php?name=news&file=article&sid=1915>. Acesso em: 11 maio 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://deliandiver.org/>. Acesso em: 11 maio 2022.

rede mais ampla do que a extrema direita europeia e estadunidense, capilarizando sua influência na Extremo Oriente, Oriente Médio e América Latina.

Neste período da primeira década do novo milênio, Dugin começou a desenvolver o que viria a ser a sua<sup>29</sup> ideologia do Neo-Eurasianismo, sua porta de entrada para o centro da política russa, lançando as bases de sua ascensão na cena política, midiática e intelectual russa. Como se viu na seção anterior, os marcos nessa ascensão são sua atuação como consultor oficial do presidente da Duma, Zeleniev, e o livro *Fundamentos de Geopolítica*, que faz uma apologia da doutrina neo-eurasiana pregada por Dugin para a política externa russa. Ao longo da primeira década de 2010, Dugin começou a se aproximar do Kremlin principalmente devido à sua expertise como politólogo e analista geopolítico conservador, que dá elementos ideológicos para fundamentar e orientar o posicionamento do governo Putin nas relações exteriores. O Neo-eurasianismo de Dugin, que passou das margens ao *mainstream* (Sedgwick, 2004, p. 211), prevê a formação de um bloco liderado pela Rússia com países alinhados em uma resistência conservadora à hegemonia ocidental, um bloco eurasiático.

Analisando um pouco de sua trajetória nas últimas três décadas, podemos notar uma influência ascendente de Dugin tanto em movimentos políticos ligados à extrema direita – na Rússia e em outros lugares do mundo – quanto no meio acadêmico, e até nas estruturas governamentais russas. O intelectual também tem relevância no campo midiático, onde já apresentou programas de rádio, foi editor e colaborador de vários jornais e editor-chefe do canal de televisão cujo dono é um milionário conservador russo, Konstantín Maloféyev, empresário e fundador do primeiro canal de televisão de ideologia cristã ortodoxa da Rússia. Nota-se como Dugin soube manejar suas relações pessoais e institucionais, aproximando-se de representantes políticos na Duma, de oficiais militares, multimilionários, figuras públicas, acadêmicos e lideranças religiosas. Estas relações lhe renderam bons frutos, como participações na televisão e no rádio russos, cátedras universitárias – como na Universidade Estatal de Moscou –, assim como uma grande procura por seus livros, palestras e outras produções. Dugin se tornou a maior figura pública do nacionalismo conservador russo.

Sua proeminência como porta-voz intelectual do conservadorismo nacionalista russo pode ser vislumbrada no documentário *Rússia – Revolución Conservadora*, de Ricardo Marquina Montañana (2021), disponível no *Youtube*<sup>30</sup>, em que Dugin aparece como figura

---

<sup>29</sup> Digo “a sua”, pois há outras correntes contemporâneas que reivindicam o Eurasianismo como doutrina geopolítica, a partir de outras perspectivas, prescindindo por exemplo do Tradicionalismo. Ver: Laruelle (2006, p. 10).

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKnOECC6YIY&t=1861s>. Acesso em: 19 nov. 2023.

pública de destaque, com falas carregadas de reacionarismo e preconceito, em apoio às leis homofóbicas e conservadoras propostas por Putin.

Contudo, como já se falou anteriormente, é preciso ser cauteloso quanto à influência de Dugin sobre Putin e a política russa de modo geral. Há análises que subestimam, e outras que exageram essa influência. O fato é que existe, sim, um grau considerável de sobreposição entre as ideias duginianas e o discurso de Putin a nível doméstico e internacional, principalmente no que diz respeito às relações internacionais. Teitelbaum (2020, p. 53) chamou isso de “relação simbiótica entre Dugin e Putin”, em que o discurso do primeiro influenciava o segundo; e este, por sua vez, ajudava Dugin a ganhar relevo na mídia nacional.

### 3.1.2.1 A Teoria da Multipolaridade e o Neo-urasianismo

Além do neo-urasianismo, outro elemento para entender o pensamento de Dugin é a Teoria da Multipolaridade, desenvolvida sobretudo a partir dos anos 2000. A ideia de multipolaridade e escolas urasianistas não são criação exclusiva de Dugin na geopolítica. Sobretudo no pensamento geopolítico russo, a ideia de urasianismo, fundada há mais de um século pelo inglês Mackinder, tem sido retomada e atualizada por diferentes escolas e autores das relações internacionais. Essa visão se baseia na ideia mais geral de que a Rússia, como nação continental singular, com seu papel estratégico entre a Europa e a Ásia – logística, geográfica e étnico-culturalmente – teria um papel a desempenhar na nova correlação de forças que se desdobra no contexto do novo milênio, pós-Guerra Fria, quando os EUA começam a dar indícios de perda de tração como superpotência econômico-militar hegemônica. Com a teoria da multipolaridade acontece algo parecido.

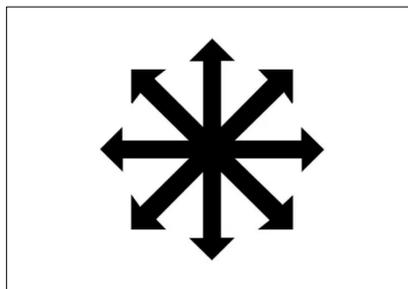
Analistas internacionais têm falado de uma nova ordem global multipolar que começa a emergir com a ascensão da China – e seu eixo de alianças, dentre as quais está a Rússia – e a queda dos EUA e satélites – OTAN, alguns países da União Europeia (UE), etc. No entanto, a multipolaridade defendida por Dugin prega uma compreensão das divisões territoriais contemporâneas para além do sistema westfaliano, entendendo que o fundamento das relações entre os Estados-nação deve ser substituído por um fundamento civilizacional. É a pertença a um mesmo “Grande Espaço” civilizacional que deve fundamentar a integração regional dos atuais territórios nacionais, e não necessariamente as fronteiras nacionais contemporâneas.

Segundo Sedgwick (2004), a versão duginiana do urasianismo seria uma variação desta doutrina combinada aos princípios e à visão de mundo Tradicionalista, o que modula o urasianismo em um sentido conservador e perenialista. O mesmo pode ser dito da

multipolaridade duginiana. Na realidade, o neo-eurasianismo de Dugin e sua multipolaridade andam lado a lado, pois a utopia de um “Grande Espaço Eurasiano” só é possível de surgir junto à nova ordem multipolar, que emergirá depois que a ordem unipolar sustentada pelo imperialismo estadunidense e seus satélites for derrotada.

O símbolo adotado para representar o multipolarismo de Dugin é semelhante a um asterisco, e foi apropriado por Dugin como logotipo oficial do Partido Eurasia, sendo estampado também na capa da primeira edição de seu *best seller* de 1997, “*Osnovy geopolitiki: geopoliticheskoye budushcheye Rossii*” (“Fundamentos de Geopolítica”, em português). Também está presente no cabeçalho do website *geopolitika.ru*, já mencionado anteriormente. A Estrela do Caos<sup>31</sup>, antes de ser sequestrada pelo movimento político eurasiático e de se capilarizar pela rede transnacional quanto teórica, era utilizada por ocultistas<sup>32</sup>, principalmente aqueles ligados às correntes caoísta e discordiana, ligados ao “Caminho da Mão Esquerda”, e também por anarquistas insurrecionalistas, niilistas e agoristas ao redor do mundo. As imagens abaixo servem para ilustrar a diversidade de usos e apropriações da Estrela do Caos, assim como a captura do símbolo pelo movimento eurasiático e pelos adeptos da multipolaridade duginiana:

Figura 2 - Estrela do Caos



Fontes: Símbolos (2019).

<sup>31</sup> Para ver mais sobre a apropriação duginiana do símbolo, ver: Teitelbaum (2018, p. 52-53).

<sup>32</sup> O símbolo foi criado por John Moocock, autor de livros de RPG (*Role Playing Game*), e passou a ser apropriado tanto pelo movimento *punk* – pela corrente *anarcopunk*, e pelos anarquistas insurrecionalistas, niilistas, agoristas, etc. – quanto pelos “caoístas” e discordianos, ocultistas ligados à Magia do Caos.

Figura 3 - Bandeira do Partido Eurasia



Fonte: Johnson (2014).

Figura 4 - Cabeçalho Geopolitika.ru



Fonte: Geopolitika.ru (s.d.).

Figura 5 - Manifestante no ciclo de protestos de 2019 no Chile



Fonte: Mulungu Anarchy Collective (2022).

Figura 6 - Cartaz de solidariedade ao militante Marco Marino



Fonte: Agência de Notícias Anarquistas (2023).

Com essa comparação, obviamente, não quero equiparar o movimento político agenciado em torno do pensamento de Dugin com os anarquistas insurrecionalistas, ou com adeptos das linhas de ocultismo acima mencionadas. As imagens são contrapostas sobretudo para sublinhar a maneira como Dugin joga com a polissemia inerente ao simbólico, capturando símbolos associados a outros campos para a difusão de sua ideologia, com o objetivo de atrair adeptos que orbitam em espaços que possam ser de alguma forma impactados por essa imagética. Cabe ressaltar um traço distintivo de Dugin: a aparente facilidade com que ele combina símbolos, autores, temas e teorias de campos muito diversos, muitas vezes contraditórios e antagônicos, o que explica também o símbolo do nacional-bolchevismo dele e de Limonov. Essa especial “capacidade em brincar/jogar [*playing*] com os conceitos” (Laruelle, 2006, p. 25), assim como com os símbolos, chega a causar certa perplexidade, ou mesmo uma vertiginosa sensação de estranhamento à primeira vista, em quem entra em contato com suas ideias e posições pela primeira vez.

### 3.1.2.2 O Tradicionalismo e a extrema direita contemporânea

O livro *Guerra pela eternidade*, de Teitelbaum (2020) pauta a existência de certas afinidades ideológicas entre os governos de Bolsonaro, Trump e Putin, através da influência de seus supostos ideólogos privilegiados – a saber, respectivamente, Olavo de Carvalho, Steve Bannon e Aleksandr Dugin, embora o foco principal esteja em Steve Bannon. Segundo o autor, cada um dos três teve um papel chave ao influenciar respectivamente Donald Trump, Jair Bolsonaro e Vladimir Putin em direção a formas de populismo de direita, conservadores e

autoritários. O terreno comum na ideologia destes “gurus” políticos, como chama Teitelbaum (2020), seria uma influência difusa, mais ou menos compartilhada, que o Tradicionalismo exerce sobre eles. Teitelbaum (2020) descreve um certo alinhamento entre Olavo de Carvalho e Bannon, em torno de uma defesa de um conservadorismo ligado a valores estadunidenses de modo geral, enquanto Dugin estaria do outro lado da trincheira – mas não sem certa relação diplomática com os outros dois –, com sua oposição veemente aos valores ocidentais, ao liberalismo, aos EUA e ao neoconservadorismo praticado pela extrema direita influenciada por Olavo e Bannon. De fato, segundo o autor descreve, Bannon teria tentado estabelecer uma aproximação política maior com Dugin em mais de uma ocasião – e relata um encontro que teria ocorrido entre o russo e o estadunidense.

Mas o que é esse Tradicionalismo com “T” maiúsculo, e qual o seu peso na atual emergência da extrema direita global? O Tradicionalismo, de modo geral, é uma escola esotérica – que se autoidentifica como filosófica –, fundada pelo intelectual e espiritualista francês René Guénon no final do século XIX. Essa escola pauta o retorno a valores e práticas tradicionais e perenes da humanidade, o que só será efetuado com a superação, ou no caso dos evolianos, com a destruição ativa do mundo moderno e seu secularismo desenraizado. O Tradicionalismo é um fenômeno plural e influenciou a abordagem de acadêmicos como o estudioso das religiões Mircea Eliade<sup>33</sup> (Sedgwick, 2004) e o cientista social Louis Dumont<sup>34</sup>, movimentos de contracultura como o movimento *hippie*, escolas e seitas esotéricas e religiosas, escritores de ficção como Aldous Huxley, Gide e T.S. Eliot (Sedgwick, 2004), movimentos políticos, etc. Nem Eliade nem Dumont, no entanto, citaram Guénon em seus trabalhos acadêmicos (Sedgwick, 2004), numa estratégia que Sedgwick chamou de “*soft Traditionalism*” (Sedgwick, 2004, p. 189), em que se toma cuidado para “ocultar” ou mitigar a influência desta escola, que foi paulatinamente descredibilizada no campo acadêmico, não alcançando o *status* de escola de pensamento legítima.

O Tradicionalismo é um dos pilares da formação do pensamento de Dugin. Sedgwick, em *Against the modern world* (2004), aborda os desdobramentos do Tradicionalismo desde René Guénon, passando por Julius Evola (ideólogo e escritor filofascista) e outros, até a contemporaneidade, mostrando como uma doutrina esotérica e protofilosófica foi se

---

<sup>33</sup> Eliade foi uma figura no mínimo controversa da intelectualidade de sua época. Além de voraz leitor do Tradicionalismo guénoniano e evoliano, se correspondia com Evola, a quem conheceu pessoalmente, e era militante do grupo fascista romeno Legião do Arcanjo Miguel, organização católica de extrema direita que teve certa expressividade no período entreguerras (Sedgwick, 2004). Em resumo, Eliade era um militante fascista.

<sup>34</sup> Segundo Sedgwick (2004), Dumont foi fortemente inspirado pelos escritos de indologia de Guénon, inclusive para escrever seu livro consagrado, *Homo Hierarchicus*.

“politizando” ao longo do tempo. De um modo geral, Sedgwick (2004) e Teitelbaum (2020) trazem importantes contribuições para o entendimento dos distintos usos e apropriações do Tradicionalismo, dentre eles a apropriação duginiana desta escola, relevante para esta pesquisa; sobretudo o livro de Teitelbaum, que traz dados mais recentes sobre as movimentações de Dugin e sua relação com a reemergência da extrema direita a nível global.

Embora a obra de Teitelbaum traga dados biográficos de Dugin e ofereça um ótimo panorama dos usos políticos contemporâneos do Tradicionalismo por esse e outros atores relevantes da extrema direita global, abordando em alguma medida articulações transnacionais entre os atores ligados a este campo, considero que a obra tenha alguns problemas. Em primeiro lugar, trata-se, como o próprio autor adverte no começo do livro (Teitelbaum, 2020, p. 11), de uma obra que está entre a etnografia e o jornalismo investigativo. Não segue exatamente o rigor dos métodos acadêmicos, estando próxima da divulgação científica, e embora seja uma leitura agradável e fluida, é deficitária em referências bibliográficas e na explicitação mais apurada do contexto e das condições de produção dos dados de campo.

Em segundo lugar, Teitelbaum (2020, p. 26) coloca seu livro como um relato sobre “ideias e parcerias ocultas operando na revolta populista global de extrema direita”, e assim, seu relato fica um tanto enviesado em prol de seu argumento, completando lacunas com hipóteses que parecem precipitadas, e, embora admita que certas afirmações são baseadas em suposições, sua narrativa dá a impressão de que seus dados subsidiariam a tese de que há uma rede global Tradicionalista ligando atores políticos cujas relações talvez não sejam exatamente de articulação e cooperação, ou pelo menos não no grau em que são descritas.

### **3.1.3 Dugin e o Brasil**

A mídia brasileira, desde a invasão russa à Ucrânia, passou a pautar a atuação política de Dugin na Rússia, assim como sua influência no Brasil. Grande parte dessa cobertura tende a fazer uma comparação entre Dugin e Olavo de Carvalho em seus papéis como ideólogos ou conselheiros de Putin e Bolsonaro, respectivamente, mais ou menos à maneira como Teitelbaum faz, de forma mais matizada, em seu *Guerra pela Eternidade*. Embora haja, como se viu na seção sobre Tradicionalismo, alguns pontos em comum entre Dugin e Olavo, essa comparação deve ser feita com cautela, para não equiparar pensamentos que, em alguns pontos, são radicalmente diferentes, apesar de algumas convergências ideológicas em torno do Tradicionalismo e, episodicamente, de outras correntes e pautas do campo conservador.

Nota-se que a presença de Dugin na mídia brasileira é um fenômeno recentíssimo. Com exceção de uma entrevista concedida por ele à *Folha de São Paulo* em 2014 (Celestino, 2014), e do portal independente de extrema esquerda, *El Coyote*, que lançou as primeiras reportagens investigativas sobre a presença da NR em espaços da esquerda, já mencionadas na introdução deste trabalho, e sobre a estratégia mais geral de entrismo de atores ligados ao duginismo e à NDF, Dugin só passa a ser objeto de matérias jornalísticas no Brasil a partir de 2022 (Zanini, 2022), por ocasião da guerra na Ucrânia, na qual ele é um ator significativo. O ideólogo e ativista era um dos maiores entusiastas da posição pró-Rússia na guerra civil separatista que se desenrolava no país desde 2014 até o início da guerra de invasão, em 2022, quando passa a fazer intensa militância em favor da continuidade da operação militar russa<sup>35</sup>. Inclusive, quem se propõe a ler e interpretar a produção de Dugin na área de geopolítica e relações internacionais encontra, em alguns escritos datados de mais de uma década atrás, em mais de um trecho, de forma explícita, a defesa da anexação do Donbass, região do leste da Ucrânia, etnicamente de maioria russa.

Algo que ajudou Dugin a ganhar alguma notoriedade no Brasil foi um debate<sup>36</sup>, por meios virtuais, com o autointitulado filósofo neoconservador Olavo de Carvalho, principal ideólogo do bolsonarismo, que foi traduzido e transformado em livro (Carvalho; Dugin, 2012). Este debate ocorreu numa época em que Olavo ainda não era um ator tão importante do campo político brasileiro. Todavia, segundo Teitelbaum (2020, p. 160), nas mídias sociais e grupos de afinidade da extrema direita brasileira, ele já tinha alguma relevância. O autor indicava Olavo como um dos primeiros atores da direita brasileira a ocupar uma posição relevante nas mídias sociais, no começo do século – primeiro com um blog, e depois com um programa de rádio online. Seu Curso Online de Filosofia, peça chave na popularização do discurso olavista, viria a ser lançado em 2009, segundo consta no índice de aulas do Curso Online de Filosofia (COF), de Olavo de Carvalho, documento elaborado por alguns de seus alunos, que vai da primeira aula, em 7 de março de 2009, até a aula 486, de 7 de setembro de 2019<sup>37</sup>.

Olavo e Dugin, apesar de serem fortemente influenciados pelo Tradicionalismo, partiam de pressupostos diferentes tanto em relação à geopolítica quanto em relação ao liberalismo: enquanto Olavo era um defensor dos EUA – tanto da cultura quanto do livre mercado de modelo

---

<sup>35</sup> Suas posições e propaganda a favor da operação militar orquestrada pelo governo Putin lhe custaram um atentado a bomba, que tirou a vida de sua filha, Daria Dugina, a qual militava ao lado do pai na causa eurasiática, e morreu em uma explosão enquanto entrava no carro do pai, que seria o suposto alvo do ataque. O suposto autor do ataque, segundo a inteligência russa, é o serviço de inteligência ucraniano.

<sup>36</sup> Para uma descrição mais detalhada deste debate, ver Teitelbaum (2020, p. 161-165).

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.rafaelalmeida.com/cof.html>. Acesso em: 26 abr. 2022.

estadunidense – e crítico de um suposto “marxismo cultural”, espécie contemporânea de propaganda anticomunista, Dugin é um ferrenho opositor daquilo que chama de Ocidente moderno e do imperialismo estadunidense, e seu discurso não é anticomunista, mas antes antiliberal.

Esse debate foi organizado por uma comunidade hospedada na extinta mídia social *Orkut*, a qual se chamava “Olavo de Carvalho do B”<sup>38</sup>, e discutia em seu fórum o pensamento do autoproclamado filósofo e, entre uma infinidade de outros temas, o Tradicionalismo (sobretudo o de Guénon e o de Evola) recebia especial atenção. É curioso notar como uma comunidade criada para discutir Olavo de Carvalho serviria como plataforma de discussão e difusão, assim como de articulação da tradução de textos de Dugin para o português, dentre eles *A Quarta Teoria Política*. Foi nela que muitos dos membros da NR, e dentre eles os fundadores, criaram vínculos pela primeira vez. Os primeiros rastros de Dugin no Brasil surgiram dela, que incubava aquilo que viria a se constituir como um campo específico da extrema direita brasileira nos anos seguintes. Foi com apoio das relações estabelecidas e facilitadas através dessa comunidade que foi articulada a primeira visita de Dugin ao Brasil, em 2012, em que realizou um ciclo de palestras em universidades brasileiras, como a UERJ, a USP e a UFPB e fez uma fala no primeiro Encontro Evoliano, ocorrido em Curitiba. Voltarei a esses fragmentos da trajetória de Dugin quando apresentar a história da NR, pois o surgimento da organização não apenas se cruza com esses eventos, mas está intimamente ligado a eles. Também em 2012 foram lançadas no Brasil edições dos livros *Geopolítica do Mundo Multipolar* e *A Quarta Teoria Política*, de Dugin, pela Editora Austral, produções que li e interpretei como parte dos objetivos da pesquisa.

A segunda visita de Dugin ao Brasil ocorreu por ocasião daquela que viria a ser a última edição do Encontro Evoliano, em 2014, ocorrido em São Paulo, que foi denunciado como “congresso internacional de neofascistas, neonazistas, pessoas que pregam a diferença racial e o preconceito”, celebrando a memória de Julius Evola, na Assembleia Legislativa de São Paulo pelo deputado Fenando Capez (PSDB) (2014), cena descrita na abertura da introdução deste trabalho.

Também em 2014 foi criado o *think tank* Centro de Estudos da Multipolaridade (CEM), cofundado por Dugin e pela acadêmica de filosofia Flávia Virgínia, filha do cantor Djavan, com

---

<sup>38</sup> Para mais detalhes sobre essa comunidade, ver <https://disparada.com.br/olavo-de-carvalho-b-orkut-brasil/>. O texto é escrito por André Luis dos Reis, ex-militante da NR e fundador da Frente Sol da Pátria, racha da NR fundado em 2022. Acesso em: 19 nov. 2023.

o objetivo de inserir a obra do russo nos debates acadêmicos e na opinião pública brasileira. Segundo a matéria da *Valor Econômico* (Zanini, 2022), atualmente o CEM está inativo.

### 3.2 A QUARTA TEORIA POLÍTICA

Nesta seção, abordarei a QTP, a partir da análise global do texto *A Quarta Teoria Política*, de Dugin<sup>39</sup>. A análise de seus elementos ideológicos estruturais será feita em capítulo posterior. Como se verá, não entrarei no mérito dos erros ou acertos da obra. Para os fins a que me proponho, ela é um objeto empírico, uma fonte de dados privilegiada que utilizo para interpretar e compreender sua proposta teórico-ideológica, visto ser entendida como doutrinária ou mesmo canônica pelos adeptos da QTP. Em resumo, o que proponho é antes de tudo uma análise *documental* do livro. No entanto, isso não quer dizer que nego a Dugin uma posição de *autor* legítimo. É preciso nos ater aos fatos, por mais não tenhamos simpatia por eles. Feliz ou infelizmente, a legitimação de Dugin como um “par” na academia, sobretudo a russa, e no corpo de peritos sobre geopolítica e relações internacionais vem cada vez mais se consolidando como um fato.

Outro ponto, que foi problematizado no capítulo metodológico e retomo aqui: ele diz respeito à utilização da tradução do livro por atores ligados à NR como a fonte original a partir da qual eles produziram suas molduras interpretativas, pois, na medida em que o próprio trabalho de tradução envolve uma forma de criação – “*traduttore, traditore*” –, poderia se dizer que a comparação que faço – entre a tradução do livro, enquanto “fonte de enquadramentos” e os enquadramentos veiculados nas mídias sociais da NR, enquanto “produto dessa fonte” – está equivocada, e é problemática em sua origem, pois eu estaria comparando dois materiais cuja fonte é mais idêntica do que diferente – ou seja, a própria tradução da QTP com a qual lido é tanto uma produção de Dugin quanto uma criação de atores ligados à história da NR, a saber, a Editora Austral. O que eu posso dizer é que esse é um risco que decidi assumir. Embora tenha começado a decifrar o alfabeto cirílico, e aprendido um vocabulário muito básico, ainda não conheço suficientemente o idioma russo para ler a versão original da obra. Feita essa ressalva, foi lida também, paralelamente, uma tradução para o inglês da mesma obra, como forma de exercer certo “controle” da fidedignidade da tradução brasileira de 2012. Não foram

---

<sup>39</sup> Para um estudo de fôlego sobre a QTP, que cobre também grande parte da trajetória e obra de Dugin, ver: Silva (2022).

encontradas grandes inconformidades entre as traduções (e suspeito fortemente que a tradução brasileira de 2012 foi feita em cima da tradução para o inglês).

### 3.2.1 O Livro

A primeira edição em russo do livro *A Quarta Teoria Política* (*Chetvertaya Politicheskaya Teoriya*) foi lançada em 2009 pela editora Amfora, e desde então o livro já foi traduzido para vários idiomas. A inspiração para o nome “Quarta Teoria Política”, segundo Dugin, veio do subtítulo, na tradução russa, do livro *Contre le Liberalisme* (Contra o Liberalismo), de Alain de Benoist, que diz “Em direção à Quarta Teoria Política” (Dugin, 2012a, p. 15). É curioso notar que Dugin figura entre os tradutores<sup>40</sup> da obra, lançada na Rússia no mesmo ano de lançamento d’*A Quarta Teoria Política* do autor russo. De fato, grande parte dos pressupostos da QTP já se encontram parcialmente desenvolvidos pelo filósofo de extrema direita francês.

Híbrido de monografia acadêmica, manifesto político e conspiracionismo panfletário, o livro articula campos, conceitos, autores e teorias à esquerda e à direita do espectro político, que à primeira vista parecem inconciliáveis, em uma proposta teórica que se apresenta como uma grande síntese com vistas a tornar inteligível a contemporaneidade, em um quadro amplo, abarcando perspectivas políticas, sociais, econômicas, filosóficas e – algo que merece destaque – espirituais e escatológicas. Esta proposta de grande generalização, que se apresenta como um diagnóstico da contemporaneidade a nível macro e ao mesmo tempo um programa que versa sobre *o que fazer*, em uma época de crescente especialização das áreas do conhecimento e em que abundam especialistas, mas faltam produções intelectuais ambiciosas em direção às generalizações, pode soar bastante sedutora para alguns de seus possíveis interlocutores.

Como se verá melhor no próximo capítulo, o contexto da tradução brasileira de 2012 está envolto em alguns eventos nebulosos. Segundo a jornalista Letícia Oliveira em entrevista para esta pesquisa, sua disponibilização gratuita em formato digital, no *blog* de Álvaro Hauschild, teria sido uma retaliação. Explico: aquela rede de atores que se formava em torno dos Encontros Evolianos começava a tocar iniciativas de difusão do Tradicionalista, e sobretudo de Dugin, no Brasil. Isso compreendia também a tradução e editoração de obras e autores deste campo. A tão esperada tradução d’*A Quarta Teoria Política* foi lançada, assim, em meio a um turbilhão de disputas que não estão bem esclarecidas para mim, mas o fato é que houve um

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.tnu.in.ua/study/books/entry-1022961.html>. Acesso em: 07 out. 2023. (Traduzido com auxílio de ferramentas de tradução *online*).

racha na editora, que levou à saída de um grupo que reunia Hauschild, Raphael Machado (que assina o prefácio a esta primeira edição brasileira) e outros, e passou a orbitar sobretudo em torno do *blog* Legio Victrix, o qual difunde autores e textos de “terceira posição”<sup>41</sup>, Tradicionalistas e neoeurasianos/quarto-teóricos – cujo dono é Raphael Machado.

### 3.2.2 Elementos Globais da QTP

Agora entramos na análise do texto propriamente dita. Após uma introdução global aos principais argumentos e características encontrados na obra, comentarei um conjunto de eixos aos quais Dugin dedica mais atenção. Devo lembrar que a análise dos elementos estruturais da formulação teórico-ideológica de Dugin será feita de forma mais exaustiva em capítulo posterior. Começemos então pela caracterização global da QTP, a partir do texto *A Quarta Teoria Política*. No final do capítulo, apontarei algumas das referências e relações intertextuais de que Dugin lança mão em seu texto. Como se verá, uma característica central do livro é a produção de sentido a partir de uma amálgama relativamente consistente entre autores, campos, teorias e ideologias diversos, e no limite antagônicos; o sucesso de Dugin nessa empreitada relaciona-se em parte com a plasticidade e abertura inerentes aos conceitos mobilizados pelo autor, e em parte à sua criatividade teórica associada à ausência de compromisso com o rigor científico lastreado em uma episteme compartilhada. Mas agora, vamos à obra.

#### 3.2.2.1 O que é a Quarta Teoria Política? Uma oferta de superação das grandes teorias políticas da modernidade

Para sintetizar sua proposta, na obra *A Quarta Teoria Política*, Dugin cita uma frase de Alain Soral, o já referido autor e ideólogo antissemita e negacionista do Holocausto da *Nouvelle Droite*: “‘*la droite des valeurs et la gauche du travail*’ (Alain Soral)” (Dugin, 2012a, p. 383), ou a direita dos valores e a esquerda do trabalho. Mas a fundamentação da QTP, que se dá ao longo das quatrocentas e quarenta e quatro páginas do livro, é muito mais elaborada, bebendo em fontes da filosofia, da história, das ciências sociais, de diversas correntes políticas à esquerda e à direita, além de elementos da teologia da igreja ortodoxa russa e do Tradicionalismo. O autor a caracteriza como “ao mesmo tempo ‘ciência política’, ‘metafísica

---

<sup>41</sup> “Terceira posição” se refere a ideologias (neo)fascistas específicas, que estariam mais “à esquerda” dentro do espectro ideológico interno ao fascismo. Exemplos dessa linha são os nacional-bolcheviques do entreguerras e contemporâneos, os strasseristas dentro do nazismo, etc

política’ (Angelópolis), ‘teologia política’ (escatologia política), ‘filosofia política’ e tecnologia política (área menos desenvolvida até agora)” (Dugin, 2012a, p. 411).

Resumidamente, a proposição de uma quarta teoria política responde ao diagnóstico feito pelo autor segundo o qual as três grandes teorias políticas que nasceram na modernidade – a saber, o liberalismo, o comunismo e o fascismo, respectivamente a primeira, a segunda e a terceira teorias políticas – estão ultrapassadas e precisam ser superadas por uma nova formulação, que avance para além dos limites do pensamento político moderno. Segundo ele, o liberalismo, produto direto do Iluminismo e identificado como a primeira teoria política surgida na Modernidade, vence a segunda e a terceira teorias políticas concorrentes no século XX, em uma guerra pela hegemonia. Com a derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial e posteriormente com o colapso da União Soviética, o liberalismo assume uma posição de domínio quase soberano, em uma nova fase neoliberal, tanto como sistema político e econômico globalizado quanto em uma dimensão cultural e midiática, inaugurando na aurora do século XXI uma fase de homogeneização das identidades étnico-culturais e apagamento dos valores tradicionais da humanidade, passando de uma estrutura geopolítica bipolar para uma outra unipolar, articulada em torno da hegemonia política, econômica e cultural estadunidense.

Em seu discurso, Dugin se aproxima do campo da esquerda, de modo geral, na crítica ao eurocentrismo e ao etnocentrismo ocidental, o universalismo moderno, o colonialismo<sup>42</sup>, ao individualismo exacerbado, à noção de progresso unilinear (fundamentada em um paradigma racista de darwinismo social) e à racionalidade cientificista; no anti-imperialismo e na crítica ao aparelhamento da noção de Direitos Humanos como justificativa para a imposição de valores liberais como régua moral, justificando intervencionismo imperialista por exemplo no Oriente Médio; na crítica ao capitalismo financeirizado global e à globalização como fenômeno homogeneizante da diversidade étnica, religiosa e cultural; na defesa da autodeterminação dos povos e da soberania territorial das nações; na oposição ao neoconservadorismo, posição política surgida nos EUA que mistura conservadorismo moral com a defesa de políticas neoliberais; na defesa de um Estado forte e de uma economia de modelo socialista; e na crítica à democracia liberal de inspiração estadunidense.

Ao mesmo tempo, aproxima-se do campo da extrema direita em seu conspiracionismo que vê uma agenda demoníaca sob os processos da globalização neoliberal, controlada por uma “elite liberal global” (Dugin, 2012a, p. 382); na interpretação, baseada na escatologia da Igreja

---

<sup>42</sup> Existe uma história pouco conhecida sobre convergências, alianças e filiações entre os movimentos anticoloniais e as lutas por libertação nacional do chamado “Terceiro Mundo” no século XX e o campo fascista. Ver Bernardo (2022, v. 6, p. 55-150).

Ortodoxa Russa, dos EUA como o Anticristo e no Fim dos Tempos como horizonte temporal; na defesa Tradicionalista de valores conservadores e crítica ao progressismo liberal nos costumes, que estaria destruindo o tecido tradicional das sociedades; oposição aos direitos humanos e à degeneração da instituição da família tradicional desde um lobby LGBTQIA+ e feminista que estaria sendo planejado e executado por aquela mesma elite como arma de guerra para destruir a Tradição.

Ao propor uma nova combinação entre elementos das ditas segunda e terceira teorias políticas, Dugin defende que se deve depurá-las daquilo que considera seus aspectos “demasiado modernos” (que seriam, principalmente, o materialismo dos comunistas e o racismo “científico” dos nazifascistas), a partir de uma matriz conservadora – isto é, baseada em valores perenes pré- ou anti-modernos – para derrubar a hegemonia liberal, que se encarna, em uma primeira camada, no imperialismo unipolar sob a figura dos Estados Unidos da América, e da Europa Ocidental como seu satélite no Velho Mundo. Em camadas mais “profundas”, identifica nesta hegemonia a agenda oculta de uma elite globalista que domina o mundo e tem interesses escusos de homogeneização e desenraizamento da humanidade através destruição dos valores e instituições tradicionais disfarçados de laicismo, democracia liberal, das pautas feministas, LGBTQIAP+, entre outras. A conclusão deste argumento é a constatação maniqueísta de uma batalha espiritual entre as forças do liberalismo, o Mal Absoluto encarnado, e as forças que se opõem a ele, que devem formar uma aliança para derrotar este poderoso inimigo comum.

Mas como pode a QTP fazer sentido? Um dos méritos de Dugin é fazer um trabalho de “divulgação científica” de discussões teóricas altamente nichadas nas ciências sociais e na filosofia, afiando os argumentos para a ação política, capturando, porém, a discussão sobre um pano de fundo conservador, em que ele conclama potenciais adeptos da QTP a abandonarem o progressismo, a filosofia do progresso, do desenvolvimento, e abraçarem a filosofia do conservadorismo em todas as áreas da vida, ligando o conservadorismo à ecologia e de alguma forma à resistência ao colonialismo ocidental (Dugin, 2012a, p. 116). Essa amálgama, essa forma política híbrida, é o grande trunfo do sistema teórico-ideológico de Dugin, do qual a QTP é o ponto culminante: através dela, torna-se mais palatável a infiltração, aqui e ali, de autores e ideias intimamente ligados à extrema direita, como Julius Evola, Ernst Niekisch, Alain de Benoist, Oswald Spengler, assim como, é claro, do próprio Dugin entre outros duginistas, e também autores já legitimados, reabilitados, como Carl Schmitt e Martin Heidegger, a discursos e pautas ligados ao movimento antiglobalização, às lutas dos povos originários e etnias tradicionais, ao anti-imperialismo e às causas ligadas aos países e atores do Sul Global. Não é

por mero acaso que alguns dos autores mais citados por Dugin sejam Martin Heidegger, Carl Schmitt e Friedrich Nietzsche, os quais inspiraram fortemente o pensamento, a ideologia e, no caso de Schmitt e Heidegger, as próprias técnicas de governo nazistas. Não se trata de “cancelar” ninguém aqui, ou de fazer uma “crítica anacrônica”, mas de lidar com um dado da realidade, isto é, a relação entre a vida e a obra, entre a teoria e a biografia; tais autores, muito mobilizados nas ciências sociais e na filosofia, têm um grau de simbiose com o nazifascismo enquanto ideologia e forma de governo.

### 3.2.2.2 Antiliberalismo teopolítico e a escatologia Tradicionalista

Como já foi suficientemente demonstrado, o campo do inimigo corresponde a uma gama ampla de atores amalgamado sob o enquadramento da Modernidade Liberal. Mas quem são esses liberais? O que é a Modernidade? Segundo Dugin, o liberalismo estende seus tentáculos à esquerda e à direita, e assume múltiplas formas que incidem cultural, filosófica, epistemológica, econômica, sociológica e mesmo ontologicamente sobre os valores, as tradições, as comunidades e os corpos humanos. Assim, o inimigo liberal é multiescalar, e compreende desde uma elite global, o império estadunidense com sua doutrina “americanista” unipolar, seus aliados e satélites políticos nacionais e supranacionais, assim como atores subnacionais que agiriam em prol de sua agenda.

O grande pressuposto do antiliberalismo duginiano é que, para além de sua dimensão material, a luta política contra o liberalismo é uma luta escatológica, ou mais especificamente soterológica: trata-se de uma batalha espiritual, entre as forças do liberalismo e as forças “revolucionárias” amalgamadas pela QTP – uma guerra apocalíptica. Sendo assim, se o liberalismo é o Mal Absoluto, “espiritualmente, a globalização é a criação da Grande Paródia, o reino do Anticristo. E os Estados Unidos são o centro de sua expansão” (Dugin, 2012a, p. 376) e “a Modernidade com seus valores é o reinado do Anticristo no qual nada de bom pode existir” (p. 233-234), a “batalha contra ele, a oposição a ele, a refutação de seus dogmas venenosos – este é o imperativo moral de todas as pessoas honestas no planeta”.

A base filosófica da crítica de Dugin é, afinal de contas, uma teologia política. Suas ideias são calcadas em uma perspectiva que costura, sob os conflitos políticos e sociais da atualidade, e sobretudo em uma chave geopolítica, a existência de uma batalha escatológica entre o Bem – a Tradição – e o Mal Absoluto – a Modernidade Liberal. O trecho abaixo deixa isso bastante explícito

Ideologicamente, a unipolaridade é baseada em valores modernistas e pós-modernistas, que são abertamente antitradicionais. Eu compartilho da visão de René Guénon e Julius Evola, que consideravam a Modernidade e a sua base ideológica (individualismo, democracia liberal, capitalismo, consumismo, etc) como sendo a causa da futura catástrofe da humanidade e a dominação global do modo de vida Ocidental como razão da derradeira degradação da Terra. O Ocidente está se aproximando do seu término e nós não podemos deixar que ele arraste todos nós para o abismo com ele. (Dugin, 2012a, p. 376)

De forma explícita, Dugin compartilha do pressuposto teopolítico de Carl Schmitt segundo o qual a política é um fenômeno religioso, e “todas as ideologias e sistemas políticos são modelos teológicos integrais com religiões, dogmas, instituições e ritos próprios” (Dugin, 2012a, p. 200). Para ele,

a única forma de luta política real é atrair para a Quarta Prática Política as raízes, livres do processo evolutivo da concepção até o último ponto onde estamos agora, porque ou nossa luta política é soteriológica e escatológica ou não faz sentido. (Dugin, 2012a, p. 200)

Mas qual, mais exatamente, é a orientação de fundo dessa concepção escatológica e soteriológica da luta política? Como se pode notar, a base da teologia política de Dugin é o Tradicionalismo, abordado anteriormente neste capítulo, e tomado pelo autor como “um modelo de paradigma conservador em sua forma mais pura” (Dugin, 2012a, p. 231). Mais especificamente, ao produzir um enquadramento escatológico da luta política, Dugin é legatário de Julius Evola. Apesar de alguns de seus escritos pregarem a negação da política, e a confiança na passagem do tempo, por dar abertura a uma leitura aceleracionista de suas ideias, Evola imprimiu uma qualidade militante ao Tradicionalismo guénoniano, que implicava em uma espécie de imobilismo apolítico. Evola defendia um “ideal guerreiro” contra o mundo moderno, através de ações que levassem ao fim da era moderna, associada com a Kali Yuga, ou a Era de Bronze, da cosmologia hindu, período degenerado no qual o materialismo reina em um mundo governado por uma casta de comerciantes. Segundo ele, os guerreiros Tradicionalistas devem se levantar para esgotar a era degenerada e restabelecer um mundo regido por guerreiros, em uma nova Era de Ouro ancorada na Tradição.

### 3.2.2.3 Multipolaridade – nacionalismo civilizacional contra o Estado-Nação

A concepção de nacionalismo de Dugin rejeita aquilo que identifica como nacionalismo “burguês” ou “liberal”, que retira o valor “das comunidades etno-religiosas ou históricas” e entende “nação” como “formação política uniforme fundada em uma base contratual, se opondo às formas imperial e feudal, mais antigas” (Dugin, 2012a, p. 337). Para o autor, a

institucionalização do Estado-nação acompanhou a difusão do liberalismo, à “época das revoluções burguesas”, quando “as nações europeias chutaram religião, etnicidade e classes para o meio-fio, acreditando que estas fossem resquícios da “idade das trevas”. Ao rejeitar o nacionalismo liberal e a limitação aos Estados-nação, defende o retorno a uma espécie de “nacionalismo civilizacional” antimoderno, inspirado na “Teoria dos Grandes Espaços” de Carl Schmitt (2005 [1950]), que propõe uma divisão jurídico-política do mundo em torno de múltiplos blocos de poder integrados e comandados por impérios regionais. Diagnosticando uma crise do sistema vestfaliano, por não mais corresponder “ao atual balanço global de poderes” (Dugin, 2012a, p. 153), com a proliferação de atores nas esferas subnacional e transnacional ganhando relevo naquilo que considera um “novo paradigma nas relações internacionais” (p. 153), Dugin defende que a “civilização” retorna ao centro do debate, tornando-se “o principal sujeito da análise da política internacional” (p. 284). A ideia de civilização para ele está ligada à noção de “império” na medida em que remete às identidades étnico-culturais ligadas às formações territoriais unificadas em torno de um centro de poder soberano, que estabeleciam laços solidários entre um grande conjunto de sujeitos. Ao fim e ao cabo, e apesar de toda a elaboração teórica, o projeto duginista prevê um mundo dividido em grandes blocos cujo critério de formação e extensão territorial é a pertença étnica comum, entendida em uma chave “civilizacional” das populações por eles englobadas.

De fato, inspirando-se em autores muito caros à extrema direita, como Oswald Spengler, cuja obra *O Declínio do Ocidente* (1918) influenciou a retórica dos nacionalismos nazifascistas ao redor do mundo, e o contemporâneo Samuel Huntington, com o clássico racista *Choque de Civilizações*, Dugin estabelece que não existem atualmente, no mundo, consolidadas além do Ocidente, mas que as civilizações que foram derrotadas pela ofensiva global da civilização do Ocidente Moderno estão reemergindo para retomar seu protagonismo em suas áreas de influência. Dugin as divide de forma um tanto nebulosa, mas basicamente são: i) a civilização ocidental, que compreende basicamente EUA, Canadá e os países “euroatlantistas”, isto é, o Reino Unido e alguns países da Europa Oriental “direcionados pela russofobia”, enquanto a Itália, a Alemanha, a França e a Espanha seriam naturalmente parte do Grande Espaço da Europa continental, “a clássica Velha Europa” (Dugin, 2012a, p. 288); ii) a civilização eurasiática, ou eslavo-ortodoxa que inclui, também, orgânica, histórica e culturalmente, outros grupos étnicos, como túrquicos, siberianos e caucásicos, assim como confissões como o islamismo (p. 289); iii) o “mundo islâmico”, civilização em expansão ao redor do globo (por exemplo na África e nas Américas) que, embora unida religiosa e identitariamente em torno de uma filiação ao Islã, divide-se em diferentes “grandes espaços” – o ‘mundo Árabe’, a ‘zona

continental do Islã’ (Irã, Afeganistão e Paquistão) e a região do Pacífico com influência muçulmana” (Dugin, 2012a, p. 289); iv) em relação à Ásia, assinala que “É difícil estabelecer as fronteiras entre as zonas de influência das civilizações chinesa e japonesa no Pacífico, cuja identidade civilizacional continua aberta” (p. 289); v) na África, a situação civilizacional é de disputa entre dois projetos que ainda não se consolidaram: um ligado à Liga das Nações Africanas, e o outro aos “ideais Pan-Africanos” (p. 290); vi) em relação à América Latina, também existe uma situação indeterminada pois, apesar de haver uma “reaproximação evidente” entre os países que compõem esse grande espaço civilizacional, a pressão norte-americana não permite o avanço de nenhum processo de integração significativo (p. 290).

Se o século XX viu a emergência, no pós-guerra, de uma ordem geopolítica bipolar, e um momento unipolar após a derrocada da URSS em 1991, Dugin propõe a emergência de um mundo multipolar, restabelecendo o equilíbrio entre as civilizações e freando o ímpeto e a agressividade e o hegemonismo do “atlantismo”, do Ocidente liberal, regido pelos EUA. O ideal da Multipolaridade, tal como é formulado por Dugin, trata da reemergência desses atores civilizacionais enquanto polos de uma ordem geopolítica multipolar, calcada em grandes blocos civilizacionais regidos por impérios regionais. A NR, por exemplo, defende a constituição de uma “Pátria Grande Latinoamericana” enquanto bloco civilizacional regida pelo Brasil, o qual, segundo eles, por suas dimensões continentais, sua posição de potência regional e outros fatores, tem a vocação de ser o “centro imperial” dessa pátria grande, capturando uma retórica bolivariana panamericana em um enquadramento teórico-ideológico schmittiano a respeito de Grandes Espaços e impérios e, pegando emprestado de Spengler e Huntington a ideia de civilizações.

Por último, convém falar da importância, da centralidade mesmo, da geopolítica, com seu “colossal potencial epistemológico”, filosófico e sociológico (Dugin, 2012a, p. 68), para a Teoria da Multipolaridade e para o pensamento de Dugin de maneira geral. Ecoando ainda o pensamento de Carl Schmitt (2005 [1950]), o autor defende uma ligação entre a ciência política e a teologia política através de um “novo modelo de organização política do espaço”, uma espécie de geopolítica sagrada, reencantando as relações internacionais sobre um fundamento teopolítico schmittiano.

### 3.2.2.4 Ethnos como sujeito político e o “antirracismo” racista de Dugin

Etnia e etnicidade têm papel central na proposta teórico-ideológica de Dugin, para quem “O Ethnos é o maior valor da ‘Quarta Teoria Política’ enquanto fenômeno cultural” (p. 76).

Em alguns trechos, o autor afirma que o *ethnos* é o sujeito político da QTP (p. 78), ainda que em outros ele identifique o Dasein heideggeriano nesta posição (p. 63), e em outros trechos ainda afirme que “o sujeito da Quarta Teoria Política é um macho não-adulto (sic)”, no sentido de rejeitar o modelo universal do Homem da modernidade (p. 212). Essas inconsistências são fruto de um trabalho pouco rigoroso, mas também refletem um caráter polissêmico da obra, ligado à ausência de compromisso com o rigor e método científicos, o que permite um grau maior de abertura na interpretação e compreensão por diferentes interlocutores. Em todo caso, o *ethnos* tal como entendido por Dugin é uma noção central para compreender a QTP.

O *ethnos* como sujeito político existe em contraposição aos sujeitos políticos da primeira, segunda e terceira teoria política – a saber, o indivíduo, a classe, e a raça ou o Estado, respectivamente. No entanto, indo na contramão de todo o acúmulo científico a respeito das teorias relacionais da etnicidade como produção e afirmação de diferenças entre os grupos<sup>43</sup>, o autor trabalha com uma concepção essencialista de etnia, que entende que a pertença étnica, assim como a filiação religiosa, são parte das “energias arcaicas” que os grupos humanos tradicionais conservam, e que são o antídoto e a resistência ao projeto de homogeneização e desenraizamento moderno. A etnia, assim, é entendida em termos vitalistas, como “‘entidade orgânica’ e ‘matriz do ‘mundo vital’ (*apud* Husserl)” (Dugin, 2012a, p. 76), como uma energia que se transmite geracionalmente e cuja transmissão só pode ser garantida se mantida a homogeneidade e a continuidade de um grupo étnico, através da tradição. Essa concepção de etnia não deixa de estar próxima dos pontos de vista que animaram as teorias racialistas, como o culturalismo alemão do século XXI, que teve forte influência do romantismo alemão e do movimento *Völkisch*, cujo principal expoente, Herder, postulou a existência de um *volksgeist*, um espírito que anima os povos. Essas concepções essencialistas, mesmo as “bem intencionadas”, como a de Herder, cujo “amor à diversidade” foi mais de uma vez elogiado por Franz Boas, seu discípulo e fundador do culturalismo estadunidense, serviram algumas décadas mais tarde para fundamentar ideologicamente o racismo nazista, assim como outras formas fascistas de determinismo étnico.

Além disso, Dugin defende um paradoxal antirracismo inspirado em autores nazistas. Ele argumenta que

como uma de suas características essenciais, a ‘Quarta Teoria Política’ rejeita todas as formas e variedades de racismo e todas as formas de hierarquização normativa de sociedades com base em fundamentos étnicos, religiosos, sociais, tecnológicos, econômicos ou culturais. (Dugin, 2012a, p. 74)

<sup>43</sup> Ver, por exemplo, Barth, Streiff-Fenart e Poutignat (1997).

Entretanto, ao afirmar que “único lugar em que o *ethnos* recebeu qualquer atenção foi nas correntes dissidentes de ‘terceira via’ [eufemismo para as variedades de fascismo] razoavelmente marginais nas correntes políticas gerais”, como a Revolução Conservadora e a “Escola alemã de sociologia étnica”, Dugin admite que a centralidade do *ethnos*, alçado a sujeito político da QTP, é inspirada por pensadores que fizeram parte de correntes do nazismo. Ele justifica esse contrassenso, essa inconsistência de base, ao afirmar que

Rejeitando fortemente qualquer sugestão de racismo, nós, de fato, destruímos o “círculo hermenêutico” da ideologia nacional-socialista e neutralizamos seu conteúdo, solapando sua integridade e fundações basilares. Sem o racismo, o nacional-socialismo não é mais nacional-socialismo – seja teórica ou praticamente – ele é neutralizado e descontaminado. Nós podemos agora proceder sem medo de objetivamente analisá-lo em busca daquelas ideias que podem ser integradas na “Quarta Teoria Política”. (Dugin, 2012a, p. 75)

É com base nessas concepções essencialistas, “integradas” a partir de uma matriz de pensamento nazifascista, supostamente “neutralizada”, que Dugin reivindica uma espécie de etnopluralismo ao defender, na esteira de Alain de Benoist, que

nós devemos prestar atenção ao fato de que *nós vemos o ethnos no plural*, sem tentar estabelecer qualquer tipo de sistema hierárquico: etnias são diferentes, mas cada uma delas é em si mesma universal; etnias vivem e se desenvolvem, mas essa vida e desenvolvimento não se encaixam em um paradigma específico; elas são abertas e sempre distintas; etnias se misturam e se separam, mas nem uma, ou outra coisa é boa ou má per se – as próprias etnias geram o critério de avaliação, a cada momento de um jeito diferente. (Dugin, 2012a, p. 78, grifos meus)

Se Dugin aparenta “valorizar” a diversidade étnica, e mesmo admitir processos de transformação étnico-cultural, isso se dá apenas nos termos da preservação de uma suposta “essência” arcaica, perene, das etnias tradicionais. Nesse sentido, a concepção de Dugin da etnicidade é uma concepção organicista, que equipara etnias a organismos vivos, o que converge, de alguma forma, com a discussão de Griffin sobre a ideia de representação orgânica de uma unidade sociopolítica (no caso discutido por Griffin, a “Nação”), que possibilita valorar tais unidades com uma gramática de “saúde” e “degeneração”, um tema central do fascismo.

A filiação de Dugin com um conjunto de referências nazistas sobre a etnicidade, buscando reabilitá-las, reflete uma visão estática e essencialista, em suma, racista, do conceito de etnicidade. Nesse sentido, concordo com os autores que utilizam o termo “racismo diferencialista” (Lentin, 2000), ou “neorracismo diferencialista” – conceito usado pelo

controverso autor francês para descrever o “etnopluralismo” da Nouvelle Droite francesa (Taguieff, 1985), para nomear as concepções de etnia, etnicidade e diversidade étnica na QTP.

### 3.2.2.5 O “gênero radical” da QTP e alguns trechos bizarros da obra

Quando aborda a questão de gênero, mais especificamente quando propõe a teoria do “gênero radical” da QTP, Dugin realiza talvez a mais estranha de suas quimeras: entendendo que o gênero da QTP precisa ser forjado a partir de “modelos de gênero antiburgueses das 2TP e 3TP” (Dugin, 2012a, p. 404), funde, em uma mesma proposta, por exemplo, elementos do pós-estruturalismo e do Tradicionalismo evoliano. A crítica aos papéis de gênero na sociedade moderna, que começa no feminismo marxista e é aprofundada pelo pós-estruturalismo na demonstração da convencionalidade social do gênero, é útil como ponto de partida para, a partir da desconstrução, desmontar a primazia do “Homem burguês moderno”, colocando em seu lugar aquilo que Dugin entende como um “sujeito radical” sem gênero, que pode ser considerado andrógino, ou mesmo como tendo o “sexo dos anjos”, e mistura elementos do “ultra-heroísmo do Evolianismo com a ontologia super-humana do guerreiro”, (p. 404) essência do masculino, ao “matriarcado nórdico”, segundo Dugin um feminismo nórdico, que manifestaria a essência do feminino.

Neste mesmo capítulo, o autor fala ainda pelo menos mais dois absurdos. Um deles é que as mulheres supostamente dirigem mal porque, na verdade, estão imitando a forma como os homens deveriam dirigir, isto é, de forma agressiva e imprudente (Dugin, 2012a, p. 399). Ele utiliza isso de exemplo para demonstrar como o feminismo moderno é ruim para as mulheres, pois as leva a mimetizar o comportamento do homem com vistas a atingir a igualdade de direitos. Um outro absurdo desse capítulo, não misógino mas racista, mas ainda argumentando como as lutas de sujeitos subalternizados por direitos estão condenadas ao fracasso é a caracterização do ex-presidente estadunidense Barack Obama como exemplo de um “semi negro” que a modernidade transformou de acordo com seu modelo universal de “homem branco urbano e cosmopolita” (p. 398).

Como ultraconservador, os preconceitos de Dugin se tornam mais evidentes quando fala sobre questões que envolvem gênero e sexualidade<sup>44</sup>. Quando fala sobre esse tema, Dugin utiliza uma gramática da degeneração, da monstruosidade. Quando critica o suposto

---

<sup>44</sup> Para ver um Dugin mais virulento em seu ultraconservadorismo contra os direitos LGBTQIAP+, recomendo assistir o documentário *Rússia. Revolución Conservadora*, de Ricardo Marquina (2021), que também faz uma ótima contextualização sobre a Rússia contemporânea sob Putin..

decadentismo do pós-modernismo, argumenta que “não é por acaso que os heróis da pós-modernidade são ‘aberrações’ e ‘monstros’, ‘travestis’ e ‘degenerados’” (Dugin, 2012a, p. 36). Também afirma que, no mundo atual, “para ganhar dinheiro é suficiente ser gay (nesse caso, trabalhar não é necessário, é opcional)” (p. 389).

### 3.2.2 Intertextualidade e Referências em *A Quarta Teoria Política*

Agora farei a análise de alguns elementos intertextuais do documento, isto é, que dizem respeito às referências feitas por Dugin ao longo de suas linhas. Como se verá, o autor convoca para suas páginas centenas de autores dos mais diversos campos do saber e do espectro político, figuras públicas, produtos e atores ligados à cultura *pop*, eventos históricos e seres mitológicos; em suma, o texto amalgama, ou tece relações, entre atores, símbolos e eventos altamente heterogêneos e que, em uma lógica normal, representariam uma relação de antagonismo, contrariedade ou contraditoriedade entre si.

A intertextualidade da obra *A Quarta Teoria Política* foi codificada e mensurada com auxílio do *software* NVivo. Veja-se no quadro abaixo a quantificação das referências intertextuais feitas na obra, entre autores, militantes, artistas, eventos históricos e seres mitológicos:

Quadro 1 - Intertextualidade e referências na obra *A Quarta Teoria Política*

<b>Campo</b>	<b>Subcampo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Quantidades totais</b>
<b>Academia, intelectualidade</b>	Filósofos	48	144
	Cientistas sociais	54	
	Cientistas de outras áreas	11	
	Economistas	16	
	Historiadores	11	
	Psicanalistas	4	
<b>Arte, cultura, religião, história</b>	Escritores, poetas	30	109
	Ocultistas	2	
	Outras figuras públicas	9	

	Referências da cultura <i>pop</i>	9			
	Eventos históricos	49			
	Mitologia, religião	9			
<b>Política, ideologia</b>	Direita	Extrema direita	43	56	89
		Centro-direita, direita moderada	13		
	Esquerda	Extrema esquerda	24	33	
		Centro-esquerda, esquerda moderada	9		

Fonte: Elaboração própria (2023).

Ao todo foram contabilizadas 335 referências intertextuais, divididas em três campos, “Academia, intelectualidade”, “Arte, cultura, religião, história” e “Política, ideologia”, cada um com seus respectivos subcampos, cujos números podem ser vistos no Quadro 1. É importante assinalar que a quantificação das referências em cada categoria não se dá em termos absolutos. Isto é, muitos dos sujeitos referenciados no campo “Academia, intelectualidade”, por exemplo, por serem autores inter-, trans- ou multidisciplinares (ou por serem simultaneamente pensadores, cientistas e artistas, como por exemplo Gaston Bachelard, o qual foi filósofo, poeta e químico), ou por terem sido intelectuais e militantes políticos a uma só vez, como Martin Heidegger e Carl Schmitt, filósofo e jurista que foram membros ativos do NSDAP (Nationalsozialistische Deutsch Arbeiterpartei, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) na Alemanha nazista, pertencem a mais de uma das classificações. Assim, os dados acima não devem ser lidos como números absolutos, mas sim de forma justaposta, como índices da proporção entre os diferentes campos, disciplinas e universos simbólicos mobilizados pelo autor.

O campo “Arte, cultura, religião, história” reúne sujeitos e obras do universo da arte e da cultura, assim como acontecimentos históricos e referências míticas e religiosas. Também aqui a elasticidade da obra de Dugin foi capaz de mencionar, na cultura *pop*, desde o filme *Pequenos Espiões 2*, passando pelo clássico dos anos 1990 *Matrix*; na literatura, referenciou desde o poeta soviético Aleksandr Blok e o francês maldito Antonin Artaud até a vanguarda fascista como o futurista Marinetti e o obscuro Jacques Vaché, colaboracionista francês – também cita o literato nazista e Conservador Revolucionário Friedrich Jünger, irmão de Ernst Jünger. Também fez referências a ocultistas como Aleister Crowley e a eventos escatológicos

de diversas religiões, como o Erev Rav judeu, a Kali Yuga hindu, o Apocalipse cristão e o Dajjal muçulmano.

O campo “Política, ideologia” procura quantificar, entre aqueles que são classificáveis, quantos dos atores (autores, militantes, artistas) citados pertencem ao campo da direita ou ao da esquerda, de forma amplíssima – seja numa posição de centro ou radical, simpaticante ou militante. O campo da extrema direita reúne nazistas, fascistas, franquistas, Conservadores Revolucionários, Nacional Bolcheviques, Tradicionalistas, fundamentalistas religiosos, neofascistas como expoentes da QTP e da Nouvelle Droite, pan-eslavistas e eurasionos, entre outros. O campo da direita reúne os autores e figuras políticas ligadas a conservadorismos não radicais, políticos ligados à institucionalidade da democracia liberal, economistas liberais, neoliberais, etc. O campo da extrema esquerda reúne marxistas de diversas vertentes, socialistas, socialistas revolucionários, anarquistas, pós-estruturalistas e pós-modernos. O campo da centro-esquerda e esquerda moderada corresponde aos social-democratas e liberais de esquerda.

É significativo que o campo “Política, ideologia” tenha sido para mim o mais difícil de classificar nitidamente, pois Dugin faz referência a muitos sujeitos cuja posição política oscilou ao longo de suas vidas, na medida em que muitos deles, tendo sido os expoentes do nazifascismo, eram ex-militantes da esquerda radical convertidos ao novo campo fascista. Exemplos disso são o sindicalista revolucionário Georges Sorel e ninguém mais ninguém menos do que o virulento orador anticlerical Benito Mussolini, que foi um dos principais quadros do Partido Socialista Italiano antes de tornar-se o propositalmente caricato *Duce* do fascismo italiano.

Essa tabela ajuda a visualizar a grande elasticidade teórico-ideológico-textual em *A Quarta Teoria Política*, primeiro *locus* da convergência entre os campos que Dugin pretende colocar em “cooperação”. Note-se que, embora, por questões de tempo, eu não tenha conseguido demonstrar o quanto do diálogo estabelecido com cada autor, campo político-ideológico ou teoria é aderente e o quanto é crítico, convém ressaltar que, tirando os autores mais umbilicalmente ligados a um ultraliberalismo de extrema direita (como Ayn Rand, por exemplo, autora de *A Revolta de Atlas* e inspiração de “anarco”-capitalistas atuais) ou a uma agenda de defesa dos interesses do imperialismo estadunidense e do liberalismo globalizado (como Francis Fukuyama, autor da obra *O fim da história*), com os quais o rechaço e o antagonismo são totais, Dugin utiliza como referência e fonte de inspiração autores ligados a campos altamente heterogêneos entre si. Isso pode ser visto como demonstração de abertura intelectual, um certo “pluralismo do pensamento”; também pode ser analisado na chave dos

interesses de convergência e aproximação entre campos como a extrema direita e a extrema esquerda, ou mais precisamente, em termos de uma captura da segunda pela primeira.

Para ilustrar meu argumento, veja-se no Quadro 2 os dez autores mais citados por Dugin na obra. O critério utilizado para quantificar a presença destes autores é a quantidade de vezes que seu sobrenome aparece ao longo do arquivo em formato .pdf (por exemplo: “Marx”, “Heidegger”, são contabilizados; “marxista”, “heideggeriano”, não):

Quadro 2 - Autores mais citados em *A Quarta Teoria Política*

<b>Autor</b>	<b>Nº de citações</b>
Martin Heidegger	59
Karl Marx	27
Carl Schmitt	22
Francis Fukuyama	21
Alain de Benoist	18
Gilles Deleuze	19
Samuel Huntington	19
Julius Evola	17
René Guénon	11
Ernst Niekisch	11

Fonte: Elaboração própria (2023).

Note-se que os dez autores mais citados representam distintas colorações ideológicas. Huntington, com sua teoria e obra homônima *Choque das Civilizações*, que obteve sucesso no final do século passado, representa uma vertente do pensamento conservador estadunidense. Por inaugurar um paradigma civilizacional sobre os atuais problemas da política internacional (notadamente as crises migratórias) no debate público, e inclusive entre analistas geopolíticos “profissionais”, Huntington é um autor caro a Dugin, ao lado de Spengler, menos citado na obra. No entanto, por sua concepção “americanófila” de uma civilização ocidental, a teoria de Huntington é objeto de algumas críticas.

Fukuyama, com sua teoria e obra homônima sobre o *Fim da História*, representa uma vertente do pensamento liberal estadunidense que também fez sucesso no final do século passado, com sua tese de que, com o fim da ordem bipolar, a humanidade não veria mais guerras entre diferentes ideologias e blocos de poder, mas sim uma hegemonia incontestada e pacífica da

democracia liberal ao redor do mundo. Fukuyama e sua tese do fim da história são duramente atacados ao longo de todo o texto.

É notável também a primazia de referenciais teóricos ligados de alguma forma à extrema direita e, mais especificamente, a autores que teórica e ideologicamente animaram e estruturaram as teses e projetos ligados aos fascismos europeu, como é o caso de Heidegger e Carl Schmitt, que não apenas foram membros do NSDAP, mas ocuparam posições estratégicas na formulação do corpo de ideias nazista, tanto em uma perspectiva cosmológica, isto é, ligada à *Weltanschauung* nazista, como Heidegger, quanto em relação à tradução desta em uma forma jurídico-política, trabalho empreendido por Carl Schmitt, que foi importantíssimo tanto para a legitimação do nazismo na arena internacional quanto para o planejamento estratégico da política racialista e expansionista do Terceiro Reich. Heidegger, de longe o autor mais citado na obra, é a suposta fundamentação filosófica da QTP, cujo coração é supostamente o Dasein heideggeriano, conceito mais utilizado na obra. “O Dasein é o sujeito da 4ª Teoria Política” (Dugin, 2012a, p. 123), Dugin afirma, ao mesmo tempo em que afirma que o *ethnos* ocupa essa posição. Mas Dugin não parece exatamente preocupado com o rigor filosófico em seu texto. Pelo contrário, o autor parece confortável na contradição, no paradoxo e no contrassenso, acumulando ambiguidades e polissemias ao longo do texto. Isso faz parte de sua crítica ao pensamento moderno, calcado na lógica e tendo a razão como valor central, crítica que aliás é grandemente fundamentada nas críticas heideggerianas à razão ocidental, à doutrina do liberalismo, e à primazia da técnica e do avanço tecnológico pelo ocidente liberal.

Falando nisso, em razão da polissemia que se pode extrair de sua obra, por suas características aforísticas e seu estilo muito próximo a gêneros literários, Nietzsche é apropriado por diversas escolas teóricas, movimentos estéticos e correntes ideológicas, dentre elas os fascismos do período entreguerras do século passado. Suas críticas ferrenhas à ordem democrática liberal e demais instituições burguesas, seu desprezo pelos valores liberais como a ideia de igualdade, e em suma, sua visão de mundo aristocrática e antimoderna, assim como os conceitos de “vontade de poder”, o *übermensch* e a oposição entre o apolíneo e o dionisíaco, para dar alguns exemplos, serviram de inspiração doutrinária para diversos ideólogos e teóricos dos fascismos europeus.

Niekisch, um dos expoentes do movimento dos Conservadores Revolucionários alemães (ao lado de Heidegger e Schmitt, os quais Dugin classifica como pertencentes a este movimento), foi um destes propagandistas da apropriação política das ideias de Nietzsche pelo nazismo à época em gestação, e militante do NSDAP de primeira hora, mais ligado à ala strasserista, que, sendo de extrema direita, convergia para a esquerda radical mais do que a ala

hitlerista. Niekisch tornou-se um proeminente membro da resistência clandestina ao nazismo junto a outros “conservadores revolucionários” e ex-companheiros de Hitler.

De Benoist, expoente da *Nouvelle Droite* francesa, o qual já foi abordado neste texto, é uma inspiração vital para Dugin. O russo não esconde sua admiração pelo neofascista francês que pavimentou o caminho para ele com sua proposta de uma estratégia “metapolítica” de infiltração e conquista de hegemonia a partir da esfera cultural e intelectual, um “gramscismo de direita”, assim como a enunciação da necessidade de uma quarta teoria política, a qual serviu de gérmen para a QTP duginiana.

Junto com todos esses, está Gilles Deleuze, pós-estruturalista que se posicionava na extrema esquerda, e cujas ideias animaram e dialogaram de perto com o caldo ideológico-cultural de Maio de 68, e portanto foi um dos maiores alvos das críticas de De Benoist àquilo que identificava como a degeneração da esquerda revolucionária. Deleuze, como é de se esperar, é objeto de algumas críticas severas, sobretudo em sua defesa pós-estruturalista de um “pós-humanismo” e de uma descodificação radical de preceitos morais, epistemológicos e ontológicos vigentes à sua época; ao mesmo tempo em que critica com veemência o desenraizamento rizomático da árvore da Tradição empreendida por Deleuze (e Guattari, que também é citado em alguns pontos do texto), que segundo Dugin faz parte de um projeto pós-moderno de avanço de desestruturação e degeneração dos valores e instituições tradicionais, também extrai dele conceitos como “rizoma” e “produção maquínica do desejo”, com os quais opera de forma positiva em sua formulação das maneiras de dar combate à hegemonia liberal. Também adere a algumas de suas críticas antiedipianas ao capitalismo (Dugin, 2012a, p. 222). Isso reflete aquilo, que já foi dito acima, sobre sua defesa do diálogo intelectual aberto e sem censuras ao matiz ideológico dos autores.

O último autor que abordo, mas que obviamente não é o menos importante para o pensamento de Dugin, é Karl Marx. As ideias de Marx, assim como Deleuze e outros autores de esquerda, são objeto de crítica, mas também são parte da fundamentação da QTP. Dugin concorda com a teoria econômica de Marx em *O Capital*, assim como com sua crítica da burguesia, do capitalismo e do liberalismo, mas abomina fortemente o caráter materialista e anticlerical do marxismo. O marxismo, para Dugin, deve ser entendido em uma dimensão mítica, uma versão secularizada do mito escatológico cristão, em que o mundo utópico do comunismo equivale ao Reino de Cristo na Terra; assim, o único marxismo que tem validade para a QTP é aquele que pode ser imantado com elementos oriundos da religiosidade e da Tradição, um “marxismo mítico”, messiânico, milenarista.

Os principais expoentes do Tradicionalismo, Guénon e Evola, e sua influência sobre o pensamento de Dugin, já foram suficientemente abordados neste texto.

De tudo o que foi dito, ficam destacadas algumas características globais da obra *A Quarta Teoria Política* e da QTP, doutrina que aparece pela primeira vez, de forma sistemática, na referida obra. São elas: 1. A elasticidade teórico-ideológico-textual da obra, que permite ao autor mover-se (e assim, conduzir seu interlocutor) através de diferentes registros epistêmicos, gêneros textuais, perspectivas teóricas e ideologias sem grandes compromissos; 2. O efeito de amálgama que pode ser percebido como produto final de seu texto, que pode reverberar em outros efeitos nesse sentido para além do seu texto, no sentido de ser tanto produto quanto produtor de novas combinações entre autores, teorias, conceitos e ideologias; 3. a evidente filiação e tentativa de reabilitação de autores, ideias e teorias oriundas do campo fascista – incluindo aí autores, ideias e táticas neofascistas – que são colocados em relação a partir dessa amálgama com discussões, pautas e teorias relevantes ligadas ao campo da esquerda, entendido de forma ampla; 5. na medida em que a construção do inimigo se dá em um enquadramento conspiratório escatológico, as críticas lançadas a processos de colonização e etnocídio são não apenas fundamentadas, ao menos em parte, em teoria nazista, como também conectadas a críticas reacionárias a pautas e movimentos que lutam contra diversas formas de opressões, que estariam articulados entre si em torno de uma agenda conspiratória que busca destruir a Tradição, corromper totalmente a humanidade e consolidar o Reino do Anticristo na Terra.

Neste capítulo, abordei aspectos da trajetória de Dugin que interessam a essa pesquisa, dando destaque para sua escalada das margens dissidentes da URSS até a Duma, o Kremlin, e a academia militar, o prestígio midiático e acadêmico que este ator político tem na Rússia, assim como seu trabalho de articulação internacional, dando destaque para sua relação com o Brasil, que demonstra o cordão umbilical que une a NR ao trabalho de Dugin como empreendedor de uma rede transnacional sob suas táticas e ideias. Também abordei alguns aspectos globais da QTP, tal como formuladas n’*A Quarta Teoria Política*, obra homônima que pretende conter essa doutrina.

No próximo capítulo, esboçarei uma historiografia da NR, assim como darei indícios da amplitude de suas relações em uma rede transnacional de nacionalistas. O tema da QTP mais especificamente será retomado no penúltimo capítulo desta dissertação, anterior às considerações finais, em que analisarei o alinhamento de molduras, empreendido pela NR, com os elementos ideológicos estruturais desta doutrina ideológica. Como se verá, a QTP tem entre suas características centrais a proposição de um nacionalismo de circulação transnacional – talvez um “metanacionalismo” –, que interpela seus adeptos em escala nacional a enquadrarem-

na a referências que façam sentido em escala nacional. No caso da NR, esta “acoplagem” é feita com o trabalhismo, sobretudo em sua vertente original varguista, tomando como elemento mobilizador uma versão fascista do mito da Nova Roma de Darcy Ribeiro.

## 4 A NOVA RESISTÊNCIA - DOCUMENTANDO A EMERGÊNCIA E ATUAÇÃO DE UM GRUPO NEOFASCISTA

Como ficará evidente neste capítulo, embora a NR tenha surgido oficialmente apenas em 2015, a articulação entre seus membros (em encontros, fóruns e comunidades virtuais em mídias sociais, etc.) já existia pelo menos desde o final da década anterior. A organização manifesta a adesão à QTP, adaptada – aliás, como o próprio Dugin recomenda – à realidade brasileira. Segundo a própria se descreve em suas mídias sociais, “A NR é uma organização política, de orientação nacional-revolucionária, que defende uma resistência ampla à agenda globalista e neoliberal no Brasil”, entende-se como suprapartidária e “de vanguarda”, associando-se no Brasil ao trabalhismo, amalgamando as diferentes tradições e ícones do trabalhismo brasileiro em uma ideia de “nacional-trabalhismo” socialista e patriótico. Junto à reivindicação desta herança do trabalhismo, militantes da organização se filiaram no PDT<sup>45</sup> desde o começo da atuação política da organização, como se pode ver na reportagem do *El Coyote* citada anteriormente<sup>46</sup>. Além disso, a NR elabora um jogo semântico com certas palavras mais ou menos caras ao campo da esquerda, como “revolução”, “anti-imperialismo”, “anticapitalismo”, “cooperativismo”, “conselhos autogestionários de trabalhadores”, “comunitarismo” e a proposta de um “socialismo patriótico”, como se pode ver em seu manifesto (Nova Resistência, s.d.a.). Vale destacar que suas palavras de ordem, que se encontram em vários conteúdos assinados pelo grupo, são “LIBERDADE! JUSTIÇA! REVOLUÇÃO!”.

Quais os objetivos da NR? A organização mesma responde isso na seção “Quem somos” do website:

O objetivo fundamental da Nova Resistência é recrutar e treinar uma nova classe de soldados políticos capazes de ocupar espaços nas universidades, nos sindicatos, nas forças armadas, em centros culturais e todo o resto, de modo a aglutinar a maior base popular possível. Acreditamos que nossos ideais estão em total e absoluta consonância com os anseios mais profundos do povo brasileiro. Somos a síntese de que o Brasil precisa. (Nova Resistência, s.d.b)<sup>47</sup>

<sup>45</sup> Esse assunto afetou inclusive o candidato à presidência do partido, Ciro Gomes, que foi instado no programa Roda Viva de 16 de agosto de 2022 a responder sobre a presença dos neofascistas da NR em seu partido. O candidato, na ocasião, negou a presença de neofascistas no PDT. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Acaegq3gvd0>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

<sup>46</sup> Desde então, vários foram expulsos do partido após a exposição, nas mídias sociais, de que havia militantes da NR no PDT.

<sup>47</sup> O texto estava disponível na antiga versão da página “Quem Somos”, que foi modificada.

Nota-se, com este trecho, que a NR incorpora, em seu discurso, um certo heroísmo romântico e um belicismo político, ao tratar seus militantes como “soldados políticos”. Além disso, coloca como estratégia de expansão de sua “base popular” a inserção em espaços diversos, do meio universitário e sindicatos (historicamente mais ocupados pelas forças de esquerda) até as forças armadas (reduto onde podem aproveitar as subjetividades militarizadas, nacionalistas e belicistas que são formadas). Segunda a própria organização,

Nossos ativistas são estudantes, graduandos, mestrandos, doutorandos, professores e pesquisadores atuantes em grupos de pesquisa em Direito, Ciências Políticas, Geopolítica, Relações Internacionais e outras áreas em todo o Brasil. Somos estudantes, trabalhadores, sindicalistas, professores, pesquisadores, acadêmicos, servidores públicos e profissionais de diversas áreas. (Nova Resistência, 2019a)

No próximo capítulo abordarei de forma mais detida o conteúdo produzido e veiculado pela NR em suas mídias sociais. Mas por ora é necessário introduzir alguns desses elementos. A organização costuma fazer referência a uma “Pátria Grande Latinoamericana”, rende homenagens e faz memória a episódios históricos como as revoltas de Canudos e do Contestado, a ícones e movimentos da esquerda latinoamericana, como Ernesto “Che” Guevara (Perón, 2017), Hugo Chávez (Savin, 2023), defende o movimento zapatista (O’Hara; Fitzgerald, 2018) e a reforma agrária e se opõe ferrenhamente ao imperialismo estadunidense; ao mesmo tempo, é a favor da pena de morte, de um Estado centralizado e autoritário (como o Estado Novo de Vargas) (Teixeira, 2022), faz atos em defesa da memória dos bandeirantes e da figura de Borba Gato como heróis nacionais (Teixeira, 2021), é saudosa de um ideal imperial (Alcântara, 2021), é profundamente militarista, transfóbica, posiciona-se contra o movimento feminista, contra direitos indígenas, sendo a favor da tese do marco temporal, contra movimentos antirracistas como o Black Lives Matter (Sandouno, 2021), contra o direito ao aborto (Nova Resistência, 2022c), contra o movimento “Antifa” (antifascista) (Milà, 2023), assim como tudo que identifica como “esquerda liberal”, que estaria seguindo uma suposta “agenda globalista”. A NR também se coloca como “uma alternativa real à direita conservadora-liberal e a esquerda anti-patriótica e anti-povo” (Nova Resistência, s.d.b). Esses elementos serão melhor explorados ao longo do texto, mas trago aqui a título de ilustração introdutória às estranhas características ideológicas da organização.

Certamente, o surgimento e a expansão da NR, que, em oito anos de existência já conta com quadros militantes organizados em núcleos em vários estados do país (Nova Resistência, s.d.b), e milhares de seguidores em suas mídias sociais, não está descolado de um processo de

ascensão da extrema direita no Brasil (e no mundo), fenômeno que tem sido objeto de muitos estudos, ainda mais desde as eleições de 2018. Apesar de ser parte constituinte e ativa desse fenômeno de ascensão da extrema direita, esse grupo em particular ainda precisa ser investigado. Em seu discurso, a NR se diferencia dos setores mais ou menos hegemônicos da direita conservadora brasileira, como por exemplo o neopentecostalismo neoconservador, o bolsonarismo, o olavismo, e a nova direita liberal representada pelo MBL, assim como procura se afastar, ao menos em uma dimensão discursiva, de setores marginais da extrema direita, como o neointegralismo, o neonazismo, etc. – embora seja possível vislumbrar vínculos do portal de extrema direita *O Sentinela*, maior expoente do revisionismo histórico antisemita brasileiro, com militantes da NR, como mostra uma entrevista realizada por Eduardo Paim Braga (2022), editor d’*O Sentinela*, com o líder Raphael Machado. Alguns outros vínculos da NR com seus supostos adversários serão demonstrados no decorrer deste capítulo. Trago a seguir um pouco da história, e posteriormente, na próxima seção, focalizarei a rede internacional junto à qual a NR se articula, para demonstrar a existência do trabalho de articulação transnacional do grupo.

#### 4.1 “A GENTE CHEGOU PRA BAGUNÇAR” – UMA BREVE HISTÓRIA DA NOVA RESISTÊNCIA

Nesta seção, trago uma breve descrição do contexto de formação da NR enquanto organização política nacionalista de extrema direita, ligada a um setor específico do neofascismo brasileiro, que por sua vez é um subcampo da extrema direita brasileira. Para entender melhor a formação desse setor, que chamarei aqui de campo Tradicionalista evoliano, e é chamado pelos atores investigados como “campo dissidente”<sup>48</sup>, baseio-me principalmente em uma entrevista realizada por mim com a jornalista e militante antifascista Letícia Oliveira, e em um episódio do *podcast Pisando em Brasa*, chamado “A Verdadeira História da Nova Resistência”, cujo apresentador e convidados são todos militantes da NR, em que os interlocutores relatam o avanço da organização em cinco anos, desde as “pequenas páginas no Facebook [a página da *Frente Brasileira de Solidariedade com a Ucrânia*, que será abordada

---

<sup>48</sup> Nesta dissertação, quando for utilizado o termo “dissidente”, ele deve ser entendido em seu sentido êmico, isto é, com o significado atribuído pelos próprios sujeitos pesquisados. “Dissidente” serve para categorizar todo indivíduo ou grupo que dissida radical e absolutamente em relação à hegemonia liberal global, em todos os níveis. O sujeito dissidente, para os autoproclamados dissidentes, pode ser de extrema esquerda ou extrema direita, pode ser um povo originário ou grupo religioso tradicional, basta que rejeite em absoluto o liberalismo em um sentido cultural, ideológico, econômico, político e filosófico.

adiante] e daquelas reuniões de meio de sábado no Bar do Gengibre [no Rio de Janeiro]”, segundo Rafael Camisão, militante da NR.

Secundariamente, uso como fontes publicações de autoria da própria organização, assim como as reportagens do *El Coyote* utilizadas no capítulo anterior. Como se verá nas páginas que se seguem, embora a NR tenha sido fundada oficialmente apenas em 2015, a articulação do campo no interior do qual ela emerge se inicia ainda na segunda metade da década de 2000, em uma comunidade virtual altamente nichada na extinta mídia social *Orkut*, a comunidade “Olavo de Carvalho do B”.

#### 4.1.1 O Orkut na formação do campo dissidente

Segundo Oliveira (2023), a articulação do campo Tradicionalista evoliano, ou o campo dissidente, começa a ocorrer a partir de um grupo que orbitava em torno da figura de Olavo de Carvalho, mas que não era necessariamente olavista. Havia três comunidades sobre Olavo de Carvalho que eram grandes no Orkut: a “Olavo de Carvalho” (oficial), a “Olavo de Carvalho nos odeia” (satírica) e “Olavo de Carvalho do B” (de discussão mais crítica sobre o pensamento de Olavo e outros autores cujas ideias tinham algum tipo de conexão, seja convergente ou divergente, com as suas).

Essa última, criada entre meados de 2009 e 2010 (Machado, 2020, *Pisando em Brasa*), reunia membros críticos às ideias que tinham ampla aceitação na comunidade oficial do astrólogo, mas também olavistas convictos a fim de debater outros autores, e, além das críticas ao pensamento do astrólogo, o objetivo da comunidade era estudar e discutir a obra de Carvalho em um ambiente menos controlado, assim como debater outros autores Tradicionalistas, sobretudo René Guénon, pai do Tradicionalismo, e Julius Evola, que, inspirado em Guénon, formulou um tipo de Tradicionalismo voltado à ação política de extrema direita. Através do fórum desta comunidade, textos traduzidos de Dugin começaram a circular e serem discutidos com cada vez mais frequência. A comunidade começa a ganhar visibilidade no nicho olavista, levando o próprio Olavo a fazer incursões de resposta às críticas, influenciadas sobretudo pelo duginismo, a seus textos. Nessa época, a primeira edição do livro *A Quarta Teoria Política* (*Chetvertaya Politicheskaya Teoriya*) ainda não havia sido lançada, mas outros materiais já anunciavam a transição ideológica de Dugin, do nacional bolchevismo no século anterior para sua escola neo-eurasiana, em direção ao que viria a ser a QTP.

Da “Olavo de Carvalho do B” surge a articulação e mediação do debate virtual entre Olavo e Dugin, que ocorreu em forma textual entre 2011 e 2012, e foi transformado em livro. Assim

como a partir dessa comunidade se formam os grupos que viriam a formar a Editora Austral, que traduziu as primeiras obras de Dugin para o português brasileiro – *Geopolítica do Mundo Multipolar* (2012c) e *A Quarta Teoria Política* (2012a) –, ela ajudou a organizar algumas das edições dos Encontros Evolianos, que serão descritos de forma mais detida na sequência. Não deixa de ser irônico que a articulação do chamado campo dissidente tenha começado em um fórum que surge como ramificação da comunidade oficial do astrólogo Olavo de Carvalho no Orkut. Machado relata que começou por iniciativa própria o contato com Dugin por *e-mail*, em meados de 2009-2010, período em que era lançado o livro na Rússia. Segundo Machado (2020), o russo teria sido extremamente solícito, enviando textos em arquivos de extensão .doc, mas que, por a maioria dos textos ser na língua russa, não foi possível traduzi-los. Com esse canal de comunicação aberto, a articulação da primeira vinda de Dugin ao Brasil não tardaria a ocorrer. Mais abaixo, a título de ilustração, pode-se ver uma imagem de Machado em encontro presencial com Dugin anterior à fundação da NR, quando o russo veio por ocasião dos Encontros Evolianos de 2012. A imagem é usada como capa de uma entrevista publicada no *blog Legio Victrix* (note-se a camiseta que Machado usa, da banda de *death metal* Burzum – conhecida, assim como seu fã clube, por sua simpatia ao nazismo e ao neonazismo –, cujo ex-vocalista é o famoso neonazista Varg Vikernes) (Essinger, 2023).

Desta subseção, é importante reter o papel das TICs – o e-mail, a forma *blog* e o sobretudo o *Orkut* – na formação de uma rede de atores que virá a constituir um campo político. Na próxima seção, veremos como as articulações e vínculos *online* transbordaram para o *offline*. O breve relato histórico iniciado nesta seção, e que segue adiante, localiza o início da formação do campo dissidente, ou Tradicionalista evoliano, entre meados de 2009, 2010, e o ano de 2014, período de maior efervescência do campo dissidente, como um marco importante para a fundação oficial da NR, que viria a ocorrer em 2015. Mas, partindo do consenso de que os marcos temporais, na história, são sempre mais ou menos arbitrários, toda essa história pode recuar mais um pouco no tempo. O “camarada-líder” Raphael Machado já traduzia material de Dugin em meados de 2005 e 2006, através de seu *blog Legio Victrix*, que serve como uma plataforma para a difusão do pensamento dissidente no Brasil<sup>49</sup>. Machado relata que conheceu o pensamento de Dugin através da internet, do Tradicionalismo de Evola a Guénon e a Dugin. Nessa época Machado (2020, *Pisando em Brasa*) afirma que

---

<sup>49</sup> Em outro lugar Machado chega a colocar o *Legio Victrix* como a plataforma responsável pela totalidade do pensamento teórico da NR.

[...] já lia material de pensadores dissidentes, a maioria deles vinculadas de alguma maneira à terceira teoria política [fascismo], né? Ainda que fossem pensadores heterodoxos dentro da terceira teoria política, como Julius Evola. E através do Evola, do René Guénon, eu cheguei no Aleksandr Dugin. Eu cheguei no Dugin inicialmente como alguém interessado no âmbito mais do estudo do Tradicionalismo, do pensamento Tradicional. Foi aí, um pouquinho depois, que eu tomei contato com o pensamento político dele, né?, nacional-bolchevismo, ainda que na época ele já não fosse nacional-bolchevista. Mas a maioria dos textos que você conseguia encontrar dele lá pelos idos de 2005, 2006, eram do período nacional-bolchevique, no site dele, Arktogaia, no site Arktogaia, de onde eu traduzi bastante coisa pro Legio Victrix. Então na época eu tinha um grupo, um grupo pequeno, um grupo de estudo, a gente se reunia no Orkut de modo geral, que é onde, na prática, aquilo que a gente entende hoje por dissidência brasileira efetivamente começou. (Machado, 2020, *Pisando em Brasa*)

O *Legio Victrix*, que se define como “Blog de metapolítica, história, filosofia e cultura dissidentes”, tem uma estética abertamente fascista, seu logotipo é uma águia romana sobre um *fascio*, e agrega tanto produção do próprio Machado e de outros “camaradas” de sua organização, quanto, e sobretudo, traduções de autores e ideólogos de diversas tradições e manifestações do neofascismo e do Tradicionalismo, sobretudo aqueles ligados à NDE e à QTP e ao neo-urasianismo, com destaque para Julius Evola, Alain de Benoist e, evidentemente, o próprio Dugin. O “grupo de estudos” do Orkut citado por Machado, embora oculte o nome, é a comunidade “Olavo de Carvalho do B”.

Figura 7 - Aleksandr Dugin e Raphael Machado em entrevista durante o Encontro Evoliano de 2014



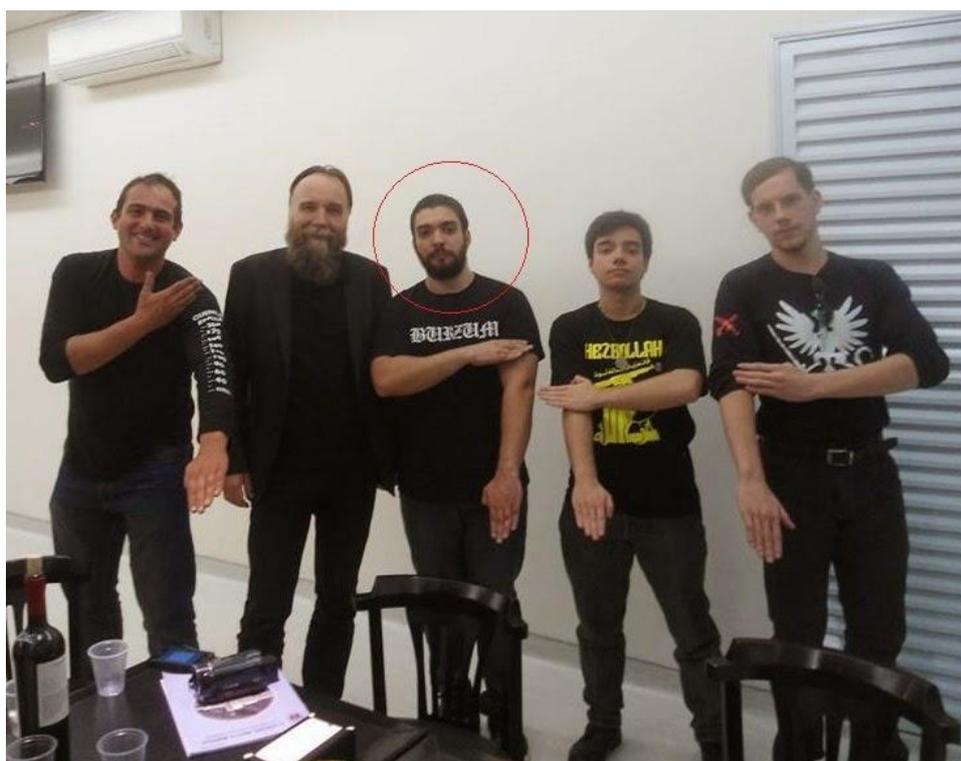
Fonte: Machado (2014).

Figura 8 – Dugin ao lado de Machado (atenção à camiseta da banda Burzum que este ostenta na foto)



Fonte: Nova Resistência (2019a).

Figura 9 - Da esquerda para a direita: sujeito não identificado, Dugin, Machado, Victor Schroeder e David Vinko, no Encontro Evoliano de 2014



Fonte: Jest nas Wielu (2015).

#### 4.1.2 Encontros Evolianos, vindas de Dugin, Guerra civil ucraniana, Lusvarghi como garoto-propaganda

O período entre 2011 e 2014 representa o início de um processo de constituição do chamado campo dissidente, no qual os atores, que durante os anos anteriores se articulavam virtualmente, passam a organizar agendas offline, com a presença de Dugin e outros atores vinculados ao Tradicionalismo, à NDE, ao integralismo e outras frações da extrema direita de expressão nacional e internacional. Essas agendas orbitam sobretudo em torno dos chamados Encontros Evolianos, mas também palestras e participações de Dugin em eventos acadêmicos. 2014 é um ano de grande efervescência política no Brasil, após o ciclo de protestos de 2013, os protestos contra os megaeventos e o desgaste do governo de Dilma Rousseff, que vai se intensificando.

É um ano de grande efervescência também para a extrema direita, que a nível global já vem em um processo de acelerada ascensão na Europa e nos Estados Unidos, e a nível nacional começa a acumular forças como oposição nas ruas, apoiada pela mídia hegemônica, sobretudo a Rede Globo, e setores como o empresariado, o agronegócio, assim como por atores políticos que há anos já vinham militando pela reemergência de seus grupos na cena pública – militares golpistas, conservadores radicais de todos os matizes, como olavistas e integralistas, entre outros.

Note-se, nas linhas a seguir, como algo que começa *online* é transposto para o *offline*, e retorna para o *online* com mais potência. A ideia não é reforçar uma perspectiva dicotômica *mundo digital/mundo “real”*, mas justamente mostrar como em última instância a fronteira *online/offline* é extremamente porosa.

Em 2011, ocorrem o 1º Encontro Evoliano da Paraíba (organizado por Dídimo Matos) e o 1º Encontro Evoliano de Curitiba (organizado pelo grupo da Editora Austral), assim como começa a se formar a Editora Austral, que seria a primeira iniciativa editorial de publicação de autores dissidentes no Brasil, mas que durou pouco tempo, sendo dissolvida em meados de 2013 em circunstâncias um tanto nebulosas que apontam para um racha entre duas frações dentro da Austral, uma ligada ao grupo de Machado, e outra ligada a outros atores<sup>50</sup>. Segundo Oliveira, o grupo ligado ao blog *Legio Victrix*, e, portanto, a Machado, reunia, entre outras figuras, Álvaro

---

<sup>50</sup> Seria muito interessante conhecer melhor a história da editora. Infelizmente não será possível avançar muito nesse ponto aqui. Tudo indica que havia um grupo que orbitava em torno de Machado e do *blog Legio Victrix*, e outro que orbitava em torno de João Arrais. Agradeço mais uma vez a jornalista Letícia Oliveira por indicar o trecho da reportagem do *El Coyote* que narra o contexto de dissolução da editora. Disponível em: <https://elcoyote.net/politica/a-infiltracao-neofascista-no-pdt/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Hauschild, o ex-doutorando em filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), expulso da universidade após processo administrativo movido por pressão do movimento estudantil, principalmente setores estudantis do movimento negro (G1 RS, 2022).

O ano de 2012, além de ser o ano em que *A Quarta Teoria Política* é lançado no Brasil pela Editora Austral, seria um marco importante para a formação do campo dissidente brasileiro. Nesse ano Dugin viajou ao Brasil com uma agenda repleta de eventos políticos e acadêmicos. Participou do 2º Encontro Evoliano da Paraíba, deu palestras na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e depois na Universidade de São Paulo (USP), e por fim participou do 2º Encontro Evoliano de Curitiba. Se o ano de 2013, por não haver registro de atividade política, foi aparentemente mais “morto” no que diz respeito à agenda do campo dissidente, é preciso lembrar que, neste ano, o país passava pelo momento de maior agitação política de sua história recente, o que nos permite conjecturar que neste ano se formaram muitos dos vínculos pessoais e adesões ideológicas que viriam a ser capitalizados pela NR, sobretudo no que diz respeito às experiências políticas de jovens que viriam a se filiar a ideologias à direita e à esquerda – tendendo à radicalidade – a partir de sua experiência nas ruas.

De acordo com os militantes da NR no *Pisando em Brasa*, o ano de 2014 foi um marco para a articulação da Quarta Teoria Política no Brasil, que resultaria, a partir de um trabalho de alinhamento teórico-ideológico e estreitamento dos vínculos políticos entre atores coletivos e individuais, na criação da NR no ano seguinte. A segunda visita de Dugin ao Brasil, com uma agenda de participação em vários eventos, que resultou na denúncia do Evoliano de São Paulo na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), cena que abre a introdução deste trabalho e também é descrita no capítulo sobre a trajetória de Dugin, foi, segundo o militante Israel Silva no *Pisando em Brasa*, “provavelmente o evento mais bombástico, porque atraiu polícia, comunidade sionista<sup>51</sup> querendo barrar a vinda do Alain Soral pro Brasil, e uma série de polêmicas” (Isaac Silva, 2020, *Pisando em Brasa*).

Mas antes disso, no começo do mesmo ano, havia estourado a guerra civil no leste ucraniano, conflito muito caro aos duginistas, tanto na Rússia quanto no exterior, pois a anexação do leste ucraniano já era uma pauta defendida por Dugin e sua rede havia anos, por entenderem que essa região da Ucrânia é parte do “Grande Espaço Eurasiano” e, portanto, legitimamente território russo. Além disso, os duginistas acreditavam que o conflito no Donbass não poderia ser lido de forma tradicional, mas como uma batalha entre o consenso e o dissenso,

---

<sup>51</sup> O evento foi alvo de ações judiciais por parte da Confederação Israelita do Brasil. Disponível em: <https://elcoyote.net/uncategorized/3-ate-quando-catilina-a-infiltracao-neofascista-no-pdt-parte-ii/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

o atlantismo unipolar e a resistência do eixo eurasiático, defensor da multipolaridade, conforme relata Isaac Silva:

Numa época onde a NR existia enquanto projeto, não existia um, não era um movimento ainda, fechado, é, público, mas existia uma reunião ali de alguns camaradas que tinham interesse em colocar em prática um projeto metapolítico concreto para o Brasil, um projeto fundamentalmente pautado na Quarta Teoria Política. E foi um período de efervescência interessante, porque o leste, a Batalha do Donbass, a guerra do Donbass, ela é uma guerra que caracteristicamente só pode ser lida a partir da Quarta Teoria Política. Porque o que se tem ali não é uma luta entre comunistas e fascistas, ou entre direita e esquerda, não, não é isso. Tem gente de todas as ideologias dos dois lados. É basicamente uma luta do dissenso, da dissidência, contra o consenso né, contra o atlantismo, né. (...) Então é toda uma efervescência, teórica, ideológica, interessante no Brasil, que acabou também sendo muito bem direcionada pela Frente Brasileira de Solidariedade com a Ucrânia. E a NR, ela começa a tomar forma nesse período. Nesse período de efervescência ideológica, que é justamente quando eu tenho contato com o Dugin, contato com as ideias do Dugin, eu que sempre fui um cara socialmente de esquerda, mas conservador em diversos pontos, Tradicionalista em diversos pontos, uma vez que sempre fui cristão. (Silva, 2020, *Pisando em Brasa*)

Como argumenta Silva, outro fator relevante para entender o contexto de efervescência da QTP no Brasil neste ano é a página do Facebook “Frente Brasileira de Solidariedade com a Ucrânia”. Administrada por Machado e outros atores que viriam a ser membros fundadores da NR, a página fazia intensa propaganda das forças pró-Rússia combatendo no Donbass, trazia atualizações do *front*, assim como mobilizava a solidariedade internacional com essas forças. Oliveira relata que seu primeiro contato com a NR foi justamente através desta página. A jornalista monitorava o grupo Femen Brasil (braço brasileiro de uma organização de mulheres ucraniana de extrema direita, que tinha entre suas lideranças de maior destaque Sara Winter, e contava com o apoio de Carla Zambelli). Na época o Femen conseguiu causar certa confusão e cooptação de ativistas, pois tinha uma fachada de coletivo feminista, mas na verdade era de extrema direita. Ao se deparar com a página da Frente Brasileira de Solidariedade com a Ucrânia, Letícia percebeu alguns sinais estranhos em seu conteúdo, e começou a rastrear, ainda antes da fundação da NR, quem era o grupo responsável pela página, que atraía muitas pessoas identificadas com a esquerda, sobretudo marxistas.

Eu lembro que foi em 2014, se eu não me engano, foi 2014, que foi quando eu comentei, que eu peguei, que eu cheguei até eles, que foi quando, por causa da guerra da Ucrânia, apareceu um grupo em uma página do Facebook que chamava “Solidariedade com a Ucrânia”. E como eu tava acompanhando já, que na época eu estava monitorando o Femen e [...] inclusive eu vi o surgimento do batalhão Azov<sup>52</sup>, né, na época, acompanhando pela internet, e então assim, eu comecei a ver essa

---

<sup>52</sup> Milícia neonazista ucraniana que foi transformada em batalhão oficial do exército ucraniano em novembro de 2014.

página. Eu achei estranha, eu já sabia que tinha muito nazista lá, que os nazistas tinham tomado conta do Maidan [ciclo de protestos contra o governo pró-Rússia que ocorreu na Ucrânia em 2014, começando na praça Maidan em Kiev e despontando em um conflito armado no leste do país] e a princípio a página me parecia algo assim, tinha aquele discurso que a gente sabe que pega na esquerda, da soberania, né? Enfim, anti-imperialista. Mas sempre me parecia alguma coisa *off*, alguma coisa errada. E aí foi quando eu comecei a pegar o negacionismo do Holocausto e outras coisas que eu percebi “não, isso aqui realmente é nazista”. (Oliveira, 2023)

Por ocasião desse conflito, um ator muito próximo aos militantes da Nova Resistência, Rafael Lusvarghi, vai lutar no Donbass como voluntário internacional com apoio logístico de Machado e Hauschild (Oliveira, 2023) para chegar ao *front*, adquirindo algum destaque, sobretudo no emergente campo dissidente brasileiro. Rafael Camisão, militante da NR, também no referido episódio do Pisando em Brasa, relata que a figura de Lusvarghi o impressionou muito, e foi um dos fatores que levou ao seu convencimento pela QTP e aproximação com o grupo que viria a formar a NR. Segundo Camisão, Lusvarghi “[p]arecia pra mim um Mazzini do século XXI. Não tinha como não ficar encantado com alguém com uma trajetória heróica, lutando a batalha da Pós-modernidade, a batalha contra a Pós-modernidade” (Rafael Camisão, 2020, *Pisando em Brasa*). Para Oliveira (2023), Lusvarghi atuou como “garoto propaganda” para recrutar adeptos “não só para a Nova Resistência [...] mas também para convocar mercenários no mundo todo, principalmente na Europa”.

A história de Lusvarghi<sup>53</sup> renderia uma pesquisa à parte, pois através dela é possível rastrear muito da formação do campo dissidente no Brasil e sua capilarização transnacional. Nos anos 2000 alistou-se na Legião Estrangeira, onde atuou até 2005. De volta ao Brasil, trabalhou na Polícia Militar de São Paulo e depois na do Paraná, dando baixa em 2010. Tendo sido detido duas vezes nos protestos contra os megaeventos em 2014 em São Paulo, em que atuou na primeira linha contra a repressão policial, Lusvarghi é a personificação da confusão ideológica do militante quarto-teórico médio, havendo evidências de reivindicações de sua filiação ao nazismo e a ideologias de extrema esquerda em posts de sua autoria no Facebook.

Logo após sair da cadeia, Lusvarghi começou a se preparar para combater no Donbass, no leste ucraniano, para onde foi em setembro de 2014, lutando ali por pouco mais de um ano. Voltou ao Brasil entre o final de 2015 e o início de 2016. Foi chamado para atuar na segurança privada de uma embarcação no Chipre, mas chegando ao aeroporto de Mariupol, na Ucrânia, onde faria uma escala, foi preso, no dia 6 de outubro de 2016, descobrindo-se vítima de uma emboscada do serviço de inteligência ucraniano (Balanço Geral, 2016). De volta ao Brasil, foi

---

<sup>53</sup> Uma reportagem sobre o perfil e a trajetória dele pode ser vista no *El Coyote*, em matéria de Oliveira (2019). Disponível em: < <https://elcoyote.net/politica/desgraca-estas-de-pe-agora-toma-o-rumo-que-bem-te-parecer-um-perfil-de-rafael-lusvarghi/>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

preso em flagrante alguns anos depois, em maio de 2021, portando munições e drogas, suspeito de tráfico de entorpecentes (Band Jornalismo, 2021).

Outro vínculo que surge nesse contexto, e se desdobra por alguns anos, dessa vez com um ator ligado à extrema esquerda, é a relação com André Ortega (Pimentel, 2019), ex-editor da mídia marxista-leninista *Revista Opera*, que resultou, alguns anos depois, em uma carta de demissão da Opera assinada pelo jornalista<sup>54</sup>, após uma série de denúncias de vínculos pessoais e políticos dele com os militantes que viriam a formar a NR. Através de seu trabalho nas mídias sociais de denúncia da infiltração duginista em espaços, setores e grupos de esquerda, Oliveira participou também da exposição desses vínculos entre Ortega e a NR.

Os anos de 2011 a 2014 foram fundamentais na consolidação de um campo de relações que chamei previamente de campo Tradicionalista evoliano, ou campo dissidente, brasileiro. Foi nesse contexto que se articulou o grupo que formaria a NR, setor duginista conformado no interior desse campo, que emerge como um dos principais atores resultantes desse acúmulo. As vindas de Dugin ao Brasil, em 2012 e 2014, através dos encontros evolianos e das palestras em universidades federais, serviram como ocasiões para reunir atores de diversos setores ligados à extrema direita nacional e internacional, assim como tinham o objetivo de estabelecer raízes mais consolidadas no campo acadêmico, formando rede com atores de diferentes esferas de atuação em escala nacional e internacional. Tanto segundo Oliveira quanto segundo a militância da NR, a organização surge nesse contexto de efervescência (ao qual eu conectaria o fator pós-2013, que atuou na politização, à esquerda e à direita, de jovens brasileiros que participaram das jornadas de protesto daquele ano, o que não quer dizer que concordo com a perspectiva simplista segundo a qual “2013 chocou o ovo da serpente do fascismo”, mas não abrirei essa discussão aqui).

#### **4.1.3 Fundação oficial da NR**

É nesse contexto que a NR surge, em 31 de janeiro de 2015, em uma reunião do Centro Cultural Banco do Brasil, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Letícia Oliveira (2023), a NR

[...] surge como uma organização que é guarda chuva para unir diversos setores da extrema direita e trabalhar, fazer esse trabalho diferente do que a gente estava acostumado desde os anos 80, com neonazistas e neofascistas atuando em gangues. A gente tem uma organização voltada, voltada para agir de forma institucional, seja ela como fazendo eventos na academia, como aconteceu. E, assim, com a proximidade,

---

<sup>54</sup> A URL contendo a carta não está mais disponível.

inclusive com o Departamento de Geopolítica da USP<sup>55</sup>, e essas pessoas que vinham, que eram provenientes de diversas, de diversos setores neofascistas.

Seria o caso de conjecturar se a NR surge como guarda-chuva, como afirma Oliveira, ou se ela emerge, a partir de um subcampo duginista ou quarto-teórico, desse guarda-chuva mais amplo que era o recentemente formado campo dissidente brasileiro, através da produção de relações e vínculos que transbordaram do mundo *online* para o *offline*. O grupo que viria a formar a NR desde sua fundação tem aglutinado e incorporado atores individuais e coletivos em torno da formação de consenso a respeito de um projeto político fundamentado na QTP. Embora ainda não tenha elementos para concluir qual das hipóteses está correta, uma coisa é fato: a emergência desse campo dissidente, apesar de ter passado despercebida pela agenda de pesquisas sobre a extrema direita brasileira contemporânea, traz luz aos fatores de heterogeneidade e conflitualidade interna como elementos marcantes dessa extrema direita nacional contemporânea.

A partir de sua fundação até os dias de hoje, a NR procurou se inserir em diversas atividades, campos e esferas, entre a política partidária, a academia, a cultura e a religião; se envolveu com diversos atores ideologicamente à esquerda e à direita, e acumulou polêmicas, sobretudo em torno da filiação de vários de seus militantes em partidos políticos, sendo o principal deles o PDT.

Convém trazer aqui a justificativa própria dos membros da NR para a fundação de uma nova organização nacionalista no Brasil, se já havia grupos nacionalistas, tanto à esquerda quanto à direita do espectro político. Para Lucas Leiroz,

Não havia outra opção em 2015, não há outra opção hoje, nem nunca haverá, é a NR, e não há Quarta Teoria Política, logo não há sequer nacionalismo, fora da NR. A NR é o único, é a única opção para quem de fato deseja se opor ao liberalismo e à pós-modernidade. (Lucas Leiroz, 2020, *Pisando em Brasa*)

Ou seja, segundo eles, embora houvesse grupos que se dissessem nacionalistas, nenhum representava um “nacionalismo autêntico”, comprometido com um projeto político patriótico e com um amor à nação e ao povo brasileiro, seus valores, culturas e tradições. À direita, segundo

---

<sup>55</sup> Letícia explica um pouco essa breve aproximação com pesquisadores da geopolítica e relações internacionais uspianas: “Eles tinham, como eu te disse, eles tiveram esse espaço com o professor André Martin, né? Isso tá bem no nosso artigo, e com o Segrillo, acho que é da UFRJ. Que foi, que é justamente a galera da geopolítica. E é uma galera que estuda, e assim, é uma galera que estuda tipo o bloco soviético, o leste europeu, e o que eu converso muito com uma das minhas fontes, que era acadêmico, inclusive participou de alguns desses encontros, é: imagina você aqui no Brasil, você ter acesso a um acadêmico russo que está disposto a conversar, que está disposto a trocar ideia, entendeu? Como foi o que o Dugin fez, que estava disposto a investir aqui, eles ficaram assim... isso pra eles foi muito bom, parecia ser muito bom. Até que começaram a perceber que não era bem por aí” (Oliveira, 2023, entrevista).

eles, viam nos grupos brasileiros de “terceira posição” uma espécie de viralatismo cultural típico do eurocentrismo ocidentalizado comum à burguesia brasileira, e à esquerda, calcada em uma perspectiva materialista, viam um profundo desprezo, e mesmo escárnio, pelas tradições e valores do povo brasileiro, que é conservador e religioso.

O nome da organização, conforme explicado no *website* oficial, vem de uma extinta organização da extrema-direita “nacional-revolucionária” francesa, a “*Nouvelle Résistance*”, que teve uma breve existência nos anos 1990, e fez parte da rede da NDF. Mas na verdade, embora, como se verá, a NR tenha vínculos com os franceses que fundaram a extinta *Nouvelle Résistance*, a inspiração direta parece vir da *New Resistance* do neonazista James Porrazzo, quem talvez tenha sido inspirado pela *Nouvelle Résistance*. É curioso como, apesar de haver a *New Resistance* e outras organizações contemporâneas com nome parecido em outras línguas, a NR afirma não ter nenhum vínculo organizativo com estes grupos<sup>56</sup>; entretanto, é sabido que essa afirmação responde às situações de conflito ocorridas entre a NR brasileira e a *New Resistance*, de James Porrazzo, militante experiente da extrema direita estadunidense e antigo membro do *American Front*, um dos mais violentos grupos neonazistas das décadas de 1980 e 1990 nos EUA<sup>57</sup>. O antigo *website* da Mátia, antes de sua incorporação como frente de mulheres da NR, por estar desatualizado, traz na seção “Nossos parceiros” uma evidência de que a NR se entendia, ao menos até 2017, período da última atualização da página, como “a célula brasileira da Nova Resistência”, “rede autônoma de dissidentes internacionais [...]” (Mátia, s.d.). Junto à NR, são tidos como parceiros o extinto Centro Russo-brasileiro de Estudos da Multipolaridade, que era coordenado pela pesquisadora Flávia Virgínia, o grupo Avante, e o *blog Legio Victrix*, que segue ativo sob a autoria e administração de Raphael Machado.

A *New Resistance* é uma organização Tradicionalista dos EUA, que em 2019 rompeu com a NR e, segundo Letícia Oliveira (2023), após uma tentativa fracassada de golpe interno na liderança de Machado na NR junto ao ex-militante Idelmino Ramos Neto, ajudou a formar a Aurora de Ferro, grupo neofascista mais ligado ao Tradicionalismo, ao arqueofuturismo de Guillaume Faye (Caldeira Neto, 2022, p. 614), e à obra de Julius Evola, e crítico à produção de Dugin. Na ocasião de uma entrevista ao portal Tribuna da Imprensa Livre (Mazola, 2020), James Porrazzo acusou a NR de “entrismo marxista” na direita. O que é curioso, tendo em vista

---

<sup>56</sup> A URL “Sobre nós”, que continha essa informação, foi editada recentemente, como mencionado em nota anterior.

<sup>57</sup> É interessante notar que a *New Resistance* também surge a partir de um golpe interno no *American Front*, articulado por Porrazzo. Informações concedidas por Letícia Oliveira (2023).

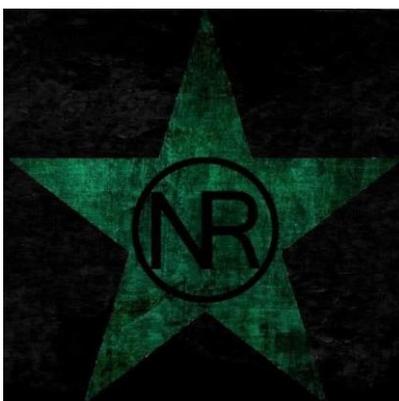
as acusações de entrismo fascista na esquerda denunciadas nas matérias do portal *El Coyote*. O símbolo da *New Resistance*, apesar de não ser dito pelas mídias oficiais da NR, inspirou fortemente o logotipo da organização brasileira – ambos são estrelas verdes com as letras “N” e “R” inscritas, praticamente idênticas. Essa coincidência na identidade visual conjunta à não incidência de vínculo político aparente também ocorre com a *Nuova Resistenza* (Itália), a *New Resistance Europa* e a *New Resistance Canadá* (vide figuras 10, 11, 12 e 13), as duas últimas com o site fora do ar, e cujos motivos para a desativação não descobri até o momento. A seguir, pode-se ver a semelhança entre os logotipos.

Figura 10 - Logotipo da Nova Resistência (cabeçalho do website)



Fonte: Nova Resistência (2023).

Figura 11 - Logotipo da *New Resistance* (EUA)



Fonte: New Resistance - North America (2016).

Figura 12 - Logotipo da Nuova Resistenza (Itália)



Fonte: Nuova Resistenza Italia (s.d.).

Figura 13 - *New Resistance* Evropa

Fonte: New Resistance Evropa (2019).

A fundação da NR contou com o apoio de Dugin, que acompanhava de perto e dava apoio à formação do grupo desde antes da fundação oficial. Além do russo, um outro ator internacional, segundo Oliveira (2023), teve importância na articulação da organização política. E voltamos à figura de James Porrazzo, que foi um importante observador internacional nos primórdios da NR. Segundo Oliveira (2023), Porrazzo conheceu as ideias de Dugin e, no começo do século XXI, aderiu ao duginismo, fundando a *New Resistance* a partir de um golpe interno no grupo neonazista *American Front*. Machado, que há anos tem uma participação ativa em espaços virtuais de articulação e discussão da extrema direita, era membro fundador da

“Orgulho Branco”, maior comunidade supremacista branca no Orkut, assim como era um importante moderador da seção brasileira do fórum internacional do *Stormfront*. Tudo leva a crer que Machado e Porrazzo se conheceram nesse contexto de articulação virtual do neonazismo transnacional<sup>58</sup>. Oliveira (2023) relata que houve um período de intensa colaboração entre ambos, no qual chegaram a ter um blog juntos, e junto com isso, Porrazzo dava apoio à articulação da NR no Brasil.

De 2015 até os dias atuais, a NR já incorporou, assim como rompeu, com outros grupos ligados ao campo dissidente. Alguns deles são o já mencionado Avante, outro grupelho quarto-teórico, do Distrito Federal, liderado por Marcos Valério (Oliveira, 2023), o qual foi integralmente incorporado pela NR em 2017. Outro foi a Ação Identitária Paulista, agrupamento de “terceira teoria política” – ou, melhor dizendo, fascista<sup>59</sup> – (Nogueira Sousa, 2020, *Pisando em Brasa*), que segundo Nogueira Sousa aderiu totalmente à NR:

A gente era muito inspirado pelas obras do fascismo italiano e tudo o mais, só que começou a ter alguma coisa faltando, que... não sei, a gente começou a ver algumas incoerências, alguns problemas nessas teorias aí de terceira via, e decidimos finalmente se juntar à NR, e aí a Ação Identitária Paulista se juntou totalmente à Nova Resistência, hoje estamos aí ativos na Nova Resistência. (Nogueira Sousa, 2020, *Pisando em Brasa*)

Além da AIP, entraram alguns membros da Legião Nacional Trabalhista, grupelho castilhista com membros filiados ao PDT e ao PROS, para a NR, “dois ou três” segundo Machado (2020, *Pisando em Brasa*). Segundo Oliveira, da LNT veio a reivindicação do trabalhismo e a estratégia de filiação ao PDT (2023). Outro grupo que se fundiu à NR teria sido o Mátia, atualmente a frente de mulheres da NR, que também se fundiu à NR posteriormente à sua fundação. Para Oliveira, mais do que a simples incorporação ou fusão, o *modus operandi* da NR em relação a outros grupos de seu campo de influência é de parasitismo hegemônico, e que essa forma de agir é um reflexo do estilo de liderança, extremamente centralista e autoritária, de Machado. Todos esses grupos (Avante, LNT, Mátia, AIP) surgem entre 2014 e 2015, o chamado “período de efervescência” (El Coyote, 2019).

Os dados referentes às atividades do grupo entre 2016 e 2018 foram recolhidos majoritariamente no texto “4 anos de Nova Resistência!” publicado em seu website no dia 31 de janeiro de 2019 (Nova Resistência, 2019a), dia do aniversário da organização. Segundo esse texto, militantes da NR participaram

---

<sup>58</sup> Para conhecer melhor o ecossistema dos neonazistas na rede, ver Dias (2007; 2008; 2018).

<sup>59</sup> “Terceira teoria política”, tal como é utilizada pelos sujeitos pesquisados, é um eufemismo para teorias e ideologias ligadas ao fascismo.

das manifestações contra a PEC/241, a PEC 215 e em uma série de atos relativos a pautas locais em todo o Brasil e ações sociais. Atuação que continuou em 2017, nos protestos contra o governo de Michel Temer e na greve geral. Também estreitamos laços com comunidades étnicas de base e com dissidentes da esquerda e do nacionalismo. (Nova Resistência, 2019a)

Figura 14 - Manifestação contra a PEC 241 no Rio de Janeiro



Fonte: Nova Resistência (2019a).

O ano de 2017 é caracterizado como “um ano intenso”. É citado um evento organizado junto ao Ação Avante-DF, por meio do que nomearam como “a frente ‘Dissidência Política do DF’”, no auditório do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Trata-se da palestra “Desmistificando a Coreia do Norte”, ocorrida no dia 15 de maio de 2017, e que contou com a participação do missionário Ivens Luis, que realiza missões na Coreia do Norte, do jornalista Pedro Oliveira, filiado ao Pcdob à época (não tenho a informação mais atualizada), Myong Chol, conselheiro cultural da Embaixada da Coreia do Norte, e o estudante norte-coreano Myong Kum Song (que cursava direito na UnB). Segundo a organização, o evento

contou com o auditório lotado – mais de 150 pessoas presentes – e foi pioneiro por seu caráter apartidário e por contar com relato de liderança cristã sem relação com organizações de esquerda – relato esse que contextualizou e desmistificou diversas facetas da sociedade norte-coreana. O auditório, com capacidade para 248 pessoas sentadas, ficou lotado e com muitas pessoas em pé e sentadas nas escadas. Estimamos mais de 300 pessoas presentes e destacamos a presença de diplomatas brasileiros do Itamaraty que prestigiaram o evento. (Nova Resistência, 2019a)

Em outubro do mesmo ano, a NR envia uma delegação para o 19º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Sóchi, na Rússia (dizendo representar o Brasil). No país, também participam da conferência “Multipolaridade: principais valores e perspectivas”

(“*Multipolarity: the main values and perspectives*”, em inglês), na qual relatam terem estreitado “laços com várias organizações internacionais” (Nova Resistência, 2019a, grifos meus). Na foto abaixo pode-se ver militantes da NR com Daria Dugina, filha de Aleksandr Dugin, morta em um atentado a bomba em 2022:

Figura 15 - Daria Dugina com militante da NR na Rússia



Fonte: Nova Resistência (2019a).

Também em 2017 o grupo organiza, junto à Mobilização Islâmica “organização comunitária e anti-imperialista composta por membros da comunidade xiita carioca”, o 1º Fórum Fluminense de Resistências Patrióticas, na cidade do Rio de Janeiro (Nova Resistência, 2017). O evento, que aconteceu na sede do Sindicato dos Petroleiros (Sindipetro-RJ), contou com a participação de Paulo Lindesay, então coordenador do núcleo carioca da Auditoria Cidadã da Dívida e de Paul Antonopoulos, à época jornalista e analista político do portal *Fort Russ* e do *Center for Syncretic Studies*, respectivamente um canal de mídia e um *think tank* ligado à rede duginista transnacional. A Mobilização Islâmica é ligada ao Observatório Xiita de Direitos Humanos e ao Centro Cultural Imam Hussein.

Figura 16 - Paul Antonopoulos e Raphael Machado no Sindicato dos Petroleiros, na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Nova Resistência (2017).

Ainda em 2017, Marcus Valério, “diretor sindical e membro da então Ação Avante-DF” (Nova Resistência, 2019a) (*então*, pois em 2019 o Avante já havia sido incorporado à NR) discursou, “na presença de Celso Amorim e Requião” segundo destaca o texto, no Plenário da Câmara dos Deputados no Congresso Nacional, por ocasião do lançamento da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Soberania, em 21 de junho de 2017. Em 30 de julho de 2017, participam de ato de apoio à vinda do Aiatolá Mohsen Araki ao Brasil, “para discutir a importância do combate ao terrorismo”, liderança religiosa iraniana conhecida por discursos radicais contra o Estado de Israel. A NR afirma que estão “sempre presentes em atos de solidariedade internacional, nas embaixadas e consulados, no espírito do nacionalismo internacionalista” (Nova Resistência, 2019a). Em dezembro do mesmo ano os “camaradas” do Rio Grande do Sul realizaram a primeira edição do “Café Dissidente” e organizaram o 1º Fórum de Resistência.

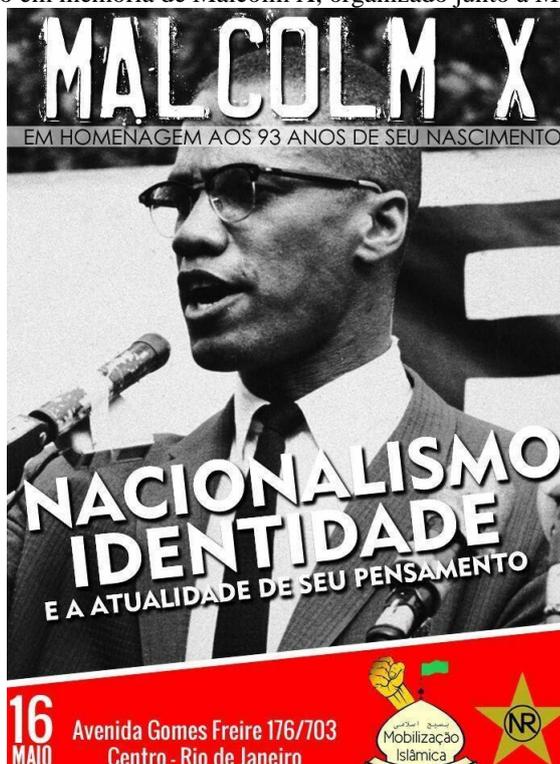
Em 28 de abril de 2018, o texto destaca a organização, junto a “parceiros locais”, de uma palestra com Mohamad Khafif, embaixador da Síria, na Universidade de Brasília. O evento é descrito assim:

O auditório, com capacidade para 248 pessoas sentadas, ficou lotado e com muitas pessoas em pé e sentadas nas escadas. Estimamos mais de 300 pessoas presentes e destacamos a presença de diplomatas brasileiros do Itamaraty que prestigiaram o evento. (Nova Resistência, 2019a)

Também é relatada a presença em “seminários e congressos abertos no mencionado Centro Cultural Imam Hussein, como, por exemplo, realizando palestra sobre a Revolução

Islâmica iraniana (09 de maio de 2018) e sobre Malcolm X nesse Centro (16 de maio de 2018)” (Nova Resistência, 2019a).

Figura 17 - Evento em memória de Malcolm X, organizado junto à Mobilização Islâmica



Fonte: Nova Resistência (2019a).

Em 22 de novembro de 2018, a NR compõe uma mesa, junto à Frente Nacional Trabalhista (FNT), em evento organizado pelo Movimento de Resistência Leonel Brizola (MRLB), com a participação do peronista argentino Marcelo Gullo, professor da Universidade de Lanús e da Escola Superior de Guerra das forças armadas argentinas, Prof. Darc Costa, presidente do Instituto da Brasilidade e do secretário de organização do PSB-RJ, Helid Raphael. O nome do evento não é citado. A Frente Nacional Trabalhista (s.d.) caracteriza-se como

uma organização suprapartidária anti-imperialista brasileira que tem como objetivo lutar pela soberania e autonomia nacional, pelo desenvolvimento econômico, pela justiça e bem estar social, pelos direitos do povo e pela sua integridade, pela defesa do patrimônio público, pela prosperidade, fraternidade e pelo progresso da Nação brasileira.

Figura 18 - Raphael Machado, Marcello Gullo e André Nunes (FNT)



Fonte: Nova Resistência (2019a).

Figura 19 – Militantes da NR junto a Marcelo Gullo



Fonte: Nova Resistência (2019a).

Em 2019, ocorre o 1º Congresso da Nova Resistência, que segundo Machado contou com a participação de “sessenta camaradas, de todas as regiões do Brasil, de vários estados do Brasil”, o que não seria “nem um terço dos membros da nossa organização” (Machado, 2020, *Pisando em Brasa*). Este primeiro congresso é citado em alguns outros materiais, como o episódio analisado do podcast *Pisando em Brasa*, mas por algum motivo não encontrei conteúdo específico sobre ele nas mídias sociais da NR.

No dia 2 de maio de 2019, a NR enviou representante para a “Conferência Anti-Imperialista de Lugansk”, no Donbass, leste da Ucrânia, região em guerra civil desde 2014. O congresso reuniu autoridades locais da então autoproclamada República de Lugansk, lideranças sindicais, e militantes de esquerda e de direita de diversos países (Nova Resistência, 2019b). Nesta

viagem, também há uma postagem no website referindo-se à participação da NR no 1º de Maio em Lugansk, junto a uma “delegação internacional de solidariedade ao povo de Lugansk” (Nova Resistência, 2019c).

Neste ano, a organização também participa do Congresso Trabalhista, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 17 e 19 de maio e organizado pelo ex-deputado federal Vivaldo Barbosa (Podemos) e pelo vereador Leonel Brizola Neto (PDT), que à época do evento estava filiado ao PPL, além da presença de “diversos baluartes históricos do trabalhismo” (Nova Resistência, 2019d). Tendo sido convidada pelos “camaradas da Frente Nacional Trabalhista”, a NR fez um discurso nessa ocasião, que pode ser lido na íntegra em seu *website* (Nova Resistência, 2019d).

É nesse mesmo ano que são publicadas as reportagens do portal *El Coyote* denunciando a infiltração da NR no PDT e em distintos espaços políticos ligados à esquerda, como eventos e manifestações. Nesse primeiro momento, a denúncia teve uma difusão relativamente baixa, mas graças ao contínuo trabalho jornalístico e militante de Letícia Oliveira e de uma rede de colaboradores, que pressionaram partidos, mídias e outros atores para tomarem posição em relação a suas ligações com os neofascistas da NR e outras organizações de extrema direita, a questão ganhou maior repercussão. Oliveira (2023) acredita que, à medida que as denúncias de sua rede de monitoramento retiravam terreno da NR a nível nacional, eles foram investindo mais e mais nas relações internacionais, ao perceber que estavam cada vez mais “queimados” e algumas portas (de partidos, sindicatos e universidades) que antes se mostravam abertas agora começavam a se fechar, sendo levados a readequar sua estratégia, alterando a ênfase na escala de sua ação política, retirando força da escala nacional e reforçando os esforços nas articulações a nível internacional<sup>60</sup>. Esse ajuste em minha opinião foi fácil, pois, além do fato de a organização ter surgido em uma articulação transnacional entre atores nacionais e internacionais (sobretudo Dugin e Porrazzo)<sup>61</sup>, o terreno da geopolítica e das relações internacionais é o campo onde Dugin tem mais influência (Oliveira, 2023), de modo que é relativamente confortável para a rede duginista atuar nesse nível. Além disso, essa atenção à escala transnacional é congênita ao tipo de nacionalismo defendido por Dugin e pela NR, um “nacionalismo internacionalista”, tal como se referiu a organização em trecho citado mais acima.

---

<sup>60</sup> Sem nunca abandonar o escopo nacional, diga-se de passagem, o que é atestado pela força que colocam nas relações com o setor pedetista que orbina em torno de Aldo Rebelo e seu “Quinto Movimento”, e Comandante Farinazzo e sua estranha linha “olavo-pedetista”.

<sup>61</sup> Isso aponta para um curioso fenômeno de nacionalismos de gênese e formação exógena.

Como efeito disso, o ano de 2020 é marcado por um certo fechamento de cerco em torno da estratégia de inserção da NR tanto a nível partidário, quanto em sua capacidade de inserção em espaços ligados à esquerda. Letícia Oliveira, que já vinha monitorando o grupo havia anos, mobilizou sua rede de contatos para denunciar e pautar a expulsão de militantes da NR, ou outros duginistas, do PDT, por ocasião das eleições municipais de 2020. O principal deles era André “Bicho Solto” Matos, duginista antissemita e nacionalista de extrema direita, cuja relação com a organização é um tanto obscura, que se filiou ao PDT para concorrer a vereador na cidade de São Paulo. Bicho Solto, através de sua campanha, procurou estreitar os vínculos com o CSP-Conlutas, através de entrevista com o presidente do Sindicato dos Metroviários à época da campanha. Oliveira e sua rede alertaram a direção do PSTU, ligado à central sindical, sobre esse vínculo, e segundo a jornalista, a direção do partido acatou o alerta, tomando as devidas providências para cortar a relação com o candidato neofascista.

Segundo Machado, no episódio do *Pisando em Brasa*, essas denúncias, ou “tentativas de cancelamento”, serviram como forma de publicidade da organização, seus princípios e objetivos, e que

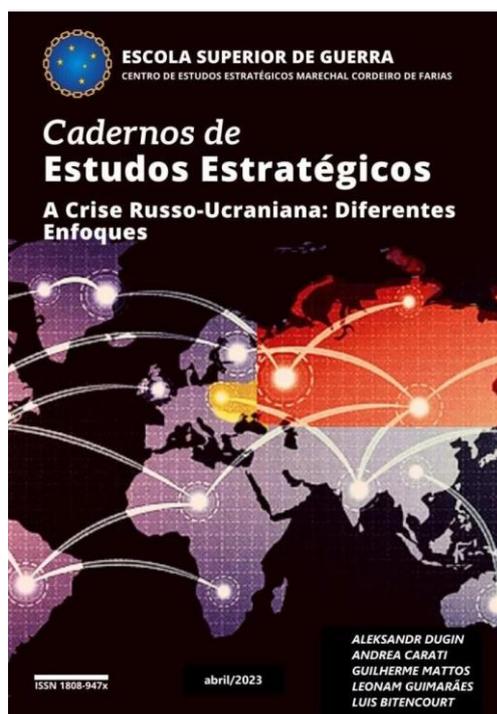
Quanto mais nos atacarem, mais fortes vamos ficar, nós continuamos crescendo, nos fortalecendo, vem surpresas por aí ainda esse ano. O pessoal que tá desesperado com nossa presença em partido, com candidato, com instagram nosso, twitter nosso, canal, página, vai se rasgar todinho aí com... com as surpresas que nós temos preparadas aí pra... é... final de 2020, início de 2021. (Raphael Machado, 2020, *Pisando em Brasa*)

No entanto, ao que tudo indica, a organização tem sofrido reveses em sua capilarização para dentro de certos campos e espaços políticos. Suponho que as “surpresas” mencionadas por Machado sejam o lançamento da Editora Ars Regia, projeto editorial vinculado à NR fundado em 2021, com o objetivo de difundir o pensamento de Dugin e outros autores contemporâneos ligados ao campo dissidente a nível global, como ideólogos e escritores vinculados à NDE, NDF, quarto-teóricos latino-americanos, entre outros. Entre os dias 9 e 12 de outubro 2021 também ocorreu o 2º Congresso Nacional da organização, em Cruzeiro, interior de São Paulo, reunindo “70 camaradas vindos de 15 estados brasileiros” (Nova Resistência, 2021a). É nesta ocasião que, entre outros acontecimentos, mobiliza a saudação, e mesmo o reconhecimento da posição de “vanguarda quarto teórica”, por cerca de quatorze atores vinculados à rede transnacional em que se insere a NR – este ponto será descrito em mais detalhes na próxima seção (Antonopoulos, referido acima, é um desses atores internacionais; Dugin é outro).

O ano de 2022, que começa com a invasão russa à Ucrânia e a morte de Olavo de Carvalho, que hegemonizava o campo Tradicionalista brasileiro, é marcado por reacomodações e

disputas, tanto no interior do chamado campo dissidente quanto no campo mais amplo do Tradicionalismo brasileiro. Segundo Oliveira (2023), o falecimento de Olavo de Carvalho inaugura uma nova fase na disputa pela hegemonia neste campo. Tratava-se de disputas internas pela hegemonia nesse campo e também disputas por influência externa, isto é, para fora deste campo, para ver quem ocuparia o lugar deixado por Olavo. É nesse contexto que Dugin ensaia um retorno ao Brasil. Ele seria a “estrela” de um evento presencial na Escola Superior de Guerra<sup>62</sup> do Rio de Janeiro, o qual estava sendo articulado pelo Comandante Robinson Farinazzo, do PDT, e militantes da NR, com destaque para Lucas Leiroz. O evento, graças às denúncias de Letícia Oliveira e sua rede, foi cancelado, ocorrendo apenas em formato de videoconferência, ou melhor, mais uma *live* no *Youtube*, no canal Arte da Guerra, de Farinazzo (2022).

Figura 20 - Capa da revista da ESG em que Dugin publicou um artigo



Fonte: Escola Superior de Guerra (2023).

<sup>62</sup> No dia 30 de junho de 2023, a NR publica em seu website a notícia *Dugin publica artigo na Escola Superior de Guerra*. A data da publicação é descrita na matéria como “Um grande dia para os estudos da geopolítica no Brasil” (Nova Resistência, 2023a). O artigo, publicado na revista acadêmica *Cadernos de Estudos Estratégicos* intitula-se *O Segundo Mundo, a Semiperiferia e o Estado-Civilização na Teoria do Mundo Multipolar*, e é de autoria de Aleksandr Dugin.

Nesse contexto, a organização sofreu um duro impacto com o surgimento da Frente Sol da Pátria (FSP)<sup>63</sup>, quando diversos militantes da NR saíram da organização em uma racha, dentre eles a ala intelectual-acadêmica do grupo – com destaque para Alexandre Sugamoto, doutorando em ciências da religião, Uriel Araújo, doutorando em antropologia, André Luiz dos Reis, historiador e professor, e Luiz Campos, historiador e antigo apresentador do podcast *Caipira Armorial* (podcast de corte cultural e artístico da NR, hoje inativo)<sup>64</sup>. A saída destes atores foi bastante sentida na organização; segundo Oliveira (2023), dos Reis, por exemplo, cumpria um importante papel de articulação frente a outros setores da extrema direita brasileira, pois tem boas relações com atores ligados a correntes com as quais publicamente antagonizam a nível discursivo, mas que, “na hora do aperto” se solidarizam, como por exemplo, o MBL, a quem militantes da NR vieram pedir socorro quando opositores à esquerda fizeram críticas contundentes no Twitter (Oliveira, 2023), assim como figuras de relevo no campo Tradicionalista mais amplo, seja ele evoliano ou guénoniano. Além disso, existe a conturbada relação com outros grupos duginistas, como a Resistência Sulista e o Partido Nacional Bolchevique do Brasil (PNBB), que já atua politicamente e está em processo de recolhimento de assinaturas para oficializar sua legenda. A Resistência Sulista é uma organização quarto teórica separatista atuante na região sul que nunca foi vinculada à NR. Foi fundada em 2019, e reivindica a QTP para justificar a independência da região sul do país, produzindo, a nível discursivo, uma continuidade com o movimento “O Sul é meu país”, liderado por Irton Marx. O PNBB é composto por dissidentes da NR que saíram em um contexto de conflito com Machado, e, de acordo com Oliveira,

[...] hoje a galera que está tentando fazer o Partido Nacional Bolchevique brasileiro é uma dissidência da Nova Resistência. São os duginistas que detestam o Machado. (Oliveira, 2023)

O PNBB é um partido político em formação que se fundamenta ideologicamente no nacional bolchevismo limonoviano, corrente da qual Dugin já foi ideólogo e militante, como já foi dito anteriormente. Como se pode notar, uma das características mais marcantes do campo dissidente é a predisposição ao dissídio, o que se relaciona com a tendência à cissiparidade comum aos diferentes tipos de neofascismo (Griffin, 2018), que, se por um lado impede a

<sup>63</sup> A Frente Sol da Pátria rechaçou a adesão à QTP, colocando que a obra de Dugin é apenas mais uma das fontes de inspiração para a linha nacionalista do grupo, criticando as posições públicas de Dugin a respeito da guerra na Ucrânia, assim como outros elementos de seu trabalho intelectual e político-ideológico.

<sup>64</sup> A Frente Sol da Pátria fez uma *live* com Nildo Ouriques, marxista e militante do PSOL, no dia 17 de maio de 2022 (Sol da Pátria, 2022). Já a Nova Resistência fez uma *live* com Ouriques no dia 8 de março de 2023 (Nova Resistência, 2023b).

unificação e o acúmulo de forças, garante uma certa continuidade do campo, um “caldo de cultura” em constante ebulição que ao menos mantém as coisas em movimento, em uma lógica “grupuscular”, que forma uma rede, ou ecossistema, de grupelhos.

O assassinato de Daria Dugina, filha de Dugin, em agosto de 2022, em um atentado a bomba em circunstâncias misteriosas, também representa um impacto para a articulação da rede quarto teórica transnacional. Dugina era uma importante empreendedora de movimento desta rede, atuando como figura pública do Movimento Eurasiano Internacional. A rede duginista tem construído uma figura de “mártir da dissidência” em torno de sua imagem.

Ao mesmo tempo em que enfrentava essas dificuldades, a organização seguia seu trabalho de articulação transnacional. No dia 29 de maio de 2022, publicava em suas mídias sociais um documento de adesão ao “Comitê Central de Libertação Americana”, que reúne nove organizações quarto teóricas latino-americanas (Nova Resistência, 2022a). É curioso notar que não há nenhuma publicação a respeito desse documento no website da NR, mas o canal da NR no Youtube tem uma seção “Camaradas do Continente” com hyperlinks para os seguintes canais: Círculo Patriótico Chile (Chile), La Clara Por Juventud Nacional (Cuba), Aurora Colombia (Colômbia), Plataforma Multipolar (Argentina), Vanguardia Colombia (Colômbia), Zero Schizo (Peru) e Proyecto Patria (Peru). Zero Schizo é pseudônimo de Israel Lira, neonazista peruano que foi preso por apologia ao nazismo em 2009. Ele aparece brevemente em uma reportagem da televisão peruana. Hoje em dia, Lira, ou Zero Schizo, se apresenta como dissidente e assume uma postura mais “comportada” de “intelectual” e militante conservador, atuando no Centro de Estudos Crisolistas e na Junta Nacionalista do Peru, como se verá na próxima seção. Ver a imagem a seguir:

Figura 21 - Cartaz que anuncia a formação do “Comitê Central de Libertação Americana”



Fonte: Nova Resistência (2022a).

No dia 14 de novembro de 2022, a organização realizou 1º Congresso Regional Sul-Sudeste, com a presença de Aldo Rebelo, do professor Alexandre Hage, da Unifesp, Comandante Robinson Farinazzo e outros, e com os objetivos de “fortalecer a nossa formação dissidente, integrar nossos camaradas regionais e ter contato com interessados, simpatizantes e companheiros de luta nacionalista” (Nova Resistência, 2022b). Neste congresso também foi aprovado um “programa mínimo” da NR (Nova Resistência, s.d.d.). Nesta ocasião, seus militantes realizaram um “ato patriótico” no Monumento às Bandeiras, na cidade de São Paulo, em uma defesa do “bandeirantismo”, que entende o legado dos bandeirantes como elemento fundacional da civilização brasileira.

Figura 22 - Cartaz do I Congresso Sul-Sudeste da Nova Resistência



Fonte: Nova Resistência (2022b).

Figura 23 - Amaryllis Rezende, Aldo Rebelo, Robinson Farinazzo e Raphael Machado



Fonte: Nova Resistência (2022b).

Paralelamente às aproximações e rupturas extrapartidárias, a NR conta com o que parece ser uma linha política para a inserção em partidos, com destaque para o já referido PDT, o Cidadania, e atualmente o PCO, com quem tem estabelecido uma proximidade crescente nos últimos dois anos. Pelo Cidadania elegeram seu primeiro militante a um cargo político (Ivanzinho Joventino, eleito vereador em Cuité-PB em 2020). O vínculo com o PDT, embora desgastado, sobretudo pelos efeitos das denúncias feitas por Letícia Oliveira e outros jornalistas e pesquisadores, segue existindo. André “Bicho Solto” Matos, neofascista duginista próximo à NR em São Paulo, foi expulso do partido pelo qual tentou se eleger em 2020<sup>65</sup>. Mas a proximidade com filiados ao PDT não deixou de existir. Pelo contrário, desde 2020, a organização tem investido nas relações com Aldo Rebelo (atualmente sem partido) e Comandante Robinson Farinazzo, representantes de uma ala mais à direita do PDT, com um nacionalismo e um trabalhismo próximos de uma tradição getulista, defendendo um Estado forte, isto é, autoritário e altamente militarizado. A aproximação com o ex-militante comunista Aldo Rebelo – que se filiou ao PDT em março de 2022 e é ex-deputado federal pelo PCdoB (do qual se desfiliou em 2017) e ex-ministro das pastas de esportes, da ciência, tecnologia e inovação, e da defesa nos mandatos da presidenta Dilma Rousseff – ocorreu no marco da articulação em torno do d’“O Quinto Movimento”. “O Quinto Movimento” é tanto o título do livro de Rebelo, que reúne uma leitura da formação histórica, política e social brasileira, quanto o nome de um projeto de nação vinculado a uma linha ideológica nacionalista que, segundo a NR, seria “o mais próximo que se poderia chegar” de um projeto alinhado à QTP no Brasil. Militantes da NR estiveram presentes no evento de lançamento do livro de Rebelo, que ocorreu no Chalé da Praça XIV, em Porto Alegre, em 2021 (Igor, 2021). Em nota pública na página oficial da NR no *Instagram*, Machado afirma peremptoriamente: “A Quarta Teoria Política, no Brasil, está com o Quinto Movimento”<sup>66</sup>.

Com Robinson Farinazzo, filiado em 2022 ao PDT (Rocha, 2022) e capitão de fragata da Marinha, as relações orbitam em torno de participações mútuas nas mídias sociais um do outro (Farinazzo tem um canal no *Youtube* com 429 mil inscritos, chamado Arte da Guerra, sobre questões militares e geopolítica, entre outros assuntos), assim como a participação em atividades *offline*. Farinazzo é, segundo Oliveira (2023) “um milico bolsonarista e olavista, que tá muito próximo da Nova Resistência, foi um dos candidatos da Nova Resistência em São

---

<sup>65</sup> Segundo a organização, em nota oficial (Nova Resistência, 2020a), “O Sr. André “Bicho Solto” não é membro da Nova Resistência – esteve, de fato, brevemente relacionado a ela, sem jamais formalizar sua adesão, tendo porém se desligado de vez em setembro de 2019”.

<sup>66</sup> O perfil do *Instagram* da NR foi desativado por determinação da empresa Meta, de forma que a URL não está mais disponível.

Paulo junto com o Aldo [Rebelo], e que também está inserido nesse contexto do Quinto Movimento”. Farinazzo discursou no I Congresso Regional Sul-Sudeste da Nova Resistência. Em 2022, faria o evento presencial com Dugin na Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro, já mencionado acima.

A organização foi idealizadora e realizadora, junto a Dugin, ao Movimento Internacional de Russófilos, e ao *think tank* chinês Thinkers Forum, da 1ª Conferência Global sobre Multipolaridade (Nova Resistência, 2023c). A mesa de abertura da conferência, que contou com a participação do atual ministro de relações exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, o qual gravou um discurso de saudação para o evento, teve a participação de Aleksandr Dugin, citado como presidente do MEI e Diretor do Instituto Tsargrad, e de Raphael Machado, presidente da Nova Resistência e iniciador da conferência. A mesa teve como coordenador Alexander Bovdunov, que, segundo a descrição da Nova Resistência em seu perfil de autor no website da organização brasileira, é “doutor em Sociologia pela Universidade de Moscou” e “liderança do Movimento da Juventude Eurasianista” (Bovdunov, 2023). Também estiveram presentes Konstantin Malofeev, bilionário conservador russo e dono do canal de televisão Tsargrad, Iurie Rosca, jornalista e ex-vice-primeiro-ministro da República da Moldávia, Alexander Markovics<sup>67</sup>, historiador, secretário geral do Instituto Suvorov<sup>68</sup> e editor-chefe da revista *Agora Europa*<sup>69</sup>, que reúne autores ligados à NDF e ao duginismo, e Leonid Savin, do *think tank* Instituto Tsargrad (Katehon), ligado a Dugin e Malofeev. A conferência contou com muitos outros atores, de todos os continentes; a relação completa de palestrantes será detalhada na próxima seção.

No dia 08 de julho de 2023, aconteceu a Conferência Interamericana e Caribenha sobre Multipolaridade, que ocorreu por videoconferência e foi transmitida no canal de *Youtube* da NR. Segundo a descrição do vídeo, a conferência foi “co-organizada pela Nova Resistência e pelos movimentos parceiros da Plataforma Ibero-Americana do Centro Multipolar Internacional” (Nova Resistência, 2023d), que foi criada a partir do 1ª Conferência Global sobre Multipolaridade, como um dos encaminhamentos dos debates para promover a articulação regional dos grupos ligados à rede quarto teórica transnacional. Na publicação do *website*, este centro de articulação internacional é chamado de “Centro Internacional de Estudos Multipolares ‘Daria Dugina’”, em homenagem à já mencionada militante duginista, filha e braço direito de

---

<sup>67</sup> Markovics já concorreu a um cargo político pelo FPÖ, partido de extrema direita austríaco (Russia vs World, 2022).

<sup>68</sup> Parece se tratar de um *think tank* pró-Rússia, alinhado ao duginismo, sediado na Áustria. O *website* oficial está em alemão. Disponível em: <http://www.suworow.at/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://gegenstrom.org/agora-europa>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Dugin, morta em atentado a bomba. Talvez pelo fato de o evento ser muito recente, ainda não achei muito material a respeito dele nas mídias da NR para além do chamamento para assistir à conferência no dia do evento, e do vídeo da transmissão postado na íntegra em seu canal do *Youtube*. Os participantes do evento serão relatados na próxima seção.

Figura 24 - Cartaz de divulgação da Conferência Iberoamericana e Caribenha sobre Multipolaridade



Fonte: Nova Resistência (2023)<sup>70</sup>

É curioso o caso da NR: se desde pelo menos o ano passado a organização tem sofrido uma certa dificuldade, ao ter suas mídias sociais com restrições de acesso ou retiradas do ar algumas vezes (no *Instagram* e no *Facebook*, mas nunca no *Youtube*, por exemplo; no *Facebook* aparentemente a página segue suspensa); ao mesmo tempo é possível afirmar que, apesar dos reveses que enfrentou sobretudo pelo trabalho diligente de Letícia Oliveira e a rede junto à qual atua, a infiltração da NR junto a grupos e espaços da esquerda a nível nacional, assim como uma relativa legitimação de sua presença nesses espaços, ainda tem obtido certo sucesso. No dia 1º de julho de 2023, Machado (2023) publicou uma coluna no portal de mídia de esquerda Brasil 247, dissertando sobre o recente caso da rebelião das forças mercenárias do Grupo Wagner na Rússia, e citando “o filósofo Alexander Dugin” como referência em seu texto. Machado também tem aparecido como analista geopolítico para a agência de notícias russa RT News (2023), e como “advogado e analista brasileiro” para a Sputnik News (Tapia, 2023).

<sup>70</sup> O cartaz estava disponível em URL que continha divulgação do evento no *website* da NR, mas por algum motivo essa URL foi retirada do ar.

A articulação mais sólida com uma organização de esquerda radical brasileira até o momento foi a aproximação com o Partido da Causa Operária (PCO), que começou a ocorrer em meados de 2022, através da participação mútua em atividades *online*, sobretudo *lives* e programas nos canais de *Youtube* das organizações, e ao longo do tempo essas relações foram se deslocando do mundo virtual para o mundo *offline*, com a aparição conjunta de militantes da NR e do PCO, por exemplo, na retomada indígena urbana Aldeia Marakanã, em 2020. Na imagem abaixo, é possível ver Ângelo Castilho, o “Tio Chico”, junto a militantes do PCO em ação conjunta na retomada.

Figura 25 - Printscreen de publicação da ação conjunta entre NR e PCO na Aldeia Marakanã



Fonte: Tom Camelo (2022).

Atualmente, segundo Letícia Oliveira (2023), Tio Chico milita simultaneamente no PCO e na NR. Ele é um ex-neointegralista da Frente Integralista Brasileira (FIB) e da Accale, mesma

organização de Eduardo Fauzi<sup>71</sup>, um dos autores intelectuais e materiais do atentado com coquetéis *molotov* à sede da empresa Porta dos Fundos no dia 24 de novembro de 2019). Foragido, Fauzi conseguiu fugir (não tão curiosamente) para a Rússia, onde foi preso preventivamente e extraditado para o Brasil (G1 Rio, 2022).

Figura 26 - Cartaz de divulgação de participação de Pimenta no canal de Youtube da NR



Fonte: Partido da Causa Operária (2023).

<sup>71</sup> Sobre Eduardo Fauzi e o ataque à sede do Porto dos Fundos, a organização emitiu uma curiosa nota oficial, em que, ao negar qualquer vínculo com o neointegralista, também afirma que “o Porta dos Fundos **MERECIA MUITO MAIS** (sic) do que apenas alguns molotovs. Merece a perseguição pública. Merece o encerramento de suas atividades” (Nova Resistência, 2020b).

Figura 27 - Pimenta com integrantes da NR (Tio Chico está à direita do dirigente do PCO)



Fonte: PTurvas (2023).

Como já mencionei falei, a relação da NR com outras organizações ligadas à QTP no Brasil é marcada por uma tendência hegemônica por parte da organização, o que leva a incorporações, mas também tensionamentos e rupturas, na relação com outros grupos. Para Oliveira, essa tendência da NR é fruto do comportamento autoritário e centralista de Machado na liderança da NR. Segundo a jornalista, além de Machado atuar como ferrenho *gatekeeper* da articulação do campo dissidente brasileiro com Dugin, a organização sob o comando do “camarada-líder” Machado, que “é brigado com meio mundo” (Oliveira, 2023), também pratica uma espécie de “parasitismo político” agressivo em relação a organizações menores, e as fusões de grupos à NR muitas vezes ocorre sob uma atmosfera de imposição do encampamento destas pela NR. Em trecho do *Pisando em Brasa*, brevemente descrito alguns parágrafos antes, no qual justifica a criação da NR diante de um cenário em que já havia organizações nacionalistas atuantes no

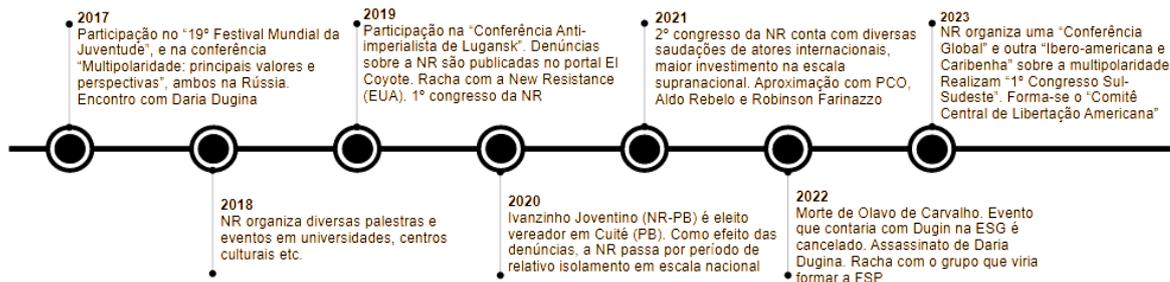
Brasil, Lucas Leiroz adapta uma máxima de Mussolini sobre o Estado fascista<sup>72</sup>: “Tudo pela NR, tudo dentro da NR, nada fora da NR” (Leiroz, *Pisando em Brasa*).

De tudo que foi dito acima, vale destacar alguns elementos relevantes, a saber: a centralidade das TICs e mídias sociais para a *articulação política* do campo dissidente, e, mais especificamente, da própria NR, e para fins de *propaganda*, de difusão de suas ideias; a importância da escala transnacional, das articulações com atores do campo dissidente internacional, sobretudo Dugin e os duginistas, na conformação e emergência desse campo no Brasil, que já surge umbilicalmente ligado a uma rede neofascista transnacional – que reúne sobretudo atores da NDE, do MEI, assim como outros indivíduos e grupos ligados a partidos, movimentos, e até a espaços formais da política institucional, como no caso da articulação com Aldo Rebelo, Comandante Farinazzo, o PDT e o PCO a nível nacional, e com Lavrov, a Embaixada da Bielorrússia, militantes de diversos setores do campo amplo da extrema direita global e outros atores a nível internacional. A caracterização dessa rede transnacional será o foco da próxima seção. Um outro ponto que merece destaque é o trânsito da NR entre espaços ligados à esquerda, como sindicatos, partidos, protestos, universidades e mídias, e suas relações com professores, militantes e jornalistas e outros sujeitos vinculados de alguma forma à esquerda. Antes de passar para a próxima seção, disponibilizo abaixo a linha do tempo desta breve história da NR.

Figura 28 - Linha do tempo: cronologia da emergência e atuação da NR



<sup>72</sup> “Tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado.”



Fonte: Elaboração própria (2023).

## 4.2 MAPEANDO A REDE TRANSNACIONAL EM QUE SE INSERE A NR

O objetivo desta seção final do capítulo é reter, após o que foi dito ao longo desse ensaio de historiografia da NR, a existência da rede transnacional em que se insere a organização, compreendendo articulações nessa perspectiva multiescalar entre o nacional e o internacional. As relações a nível nacional, com atores ligados ao PDT, ao PCO, assim como a grupos da extrema direita nacional, já foram exploradas acima. Agora, para fins heurísticos, demonstrarei evidências de um investimento de recursos na articulação transnacional pela NR.

É preciso ter em mente que, aqui, estou lidando com uma concepção bastante ampla e fluida de rede. Assim, não estou falando de uma coalizão ou outra forma organizativa com uma consistência orgânica mais sofisticada, por assim dizer, mas sim desse conjunto de atores com algum grau de articulação e diferentes níveis de consenso. Certamente, há, dentro desta rede mais ampla, um núcleo duro de atores com os quais a NR se articula politicamente, e esse núcleo pode ser uma rede, ou mesmo uma coalizão transnacional, quarto teórica. Seria interessante investigar isso, porém para esta dissertação não será possível. O conceito de rede utilizado aqui denota um conjunto heterogêneo de relações. Ou seja, o que chamo "rede" deve ser entendido em sentido bem amplo, e contempla desde as ligações mais "fracas" e circunstanciais entre atores até os vínculos políticos mais sólidos, que apontam para algum tipo de articulação política mais consistente, em torno de coalizões, coordenações, etc. No entanto, como meu interesse aqui é apenas demonstrar que essa rede transnacional existe e tem abrangência em tais e tais países, envolvendo tais e tais atores das mais diversas esferas de atuação, não está em meu escopo analisar exaustivamente essa rede social transnacional em seus meandros.

Assim, como já se pôde perceber na seção anterior, ao longo de sua breve história a NR abriu diversas articulações e vínculos com atores políticos individuais e coletivos, institucionais e extrainstitucionais, à esquerda e à direita, da esfera política, cultural, acadêmica, militar e religiosa, nacional e internacionalmente. Não entrarei aqui a fundo no histórico de suas

aproximações e rupturas, pretendo apenas reunir os atores que, segundo os últimos dados a que tive acesso, compõem a rede transnacional em que se insere a Nova Resistência.

Para tanto, destaco alguns documentos que trazem evidências mais concretas de vínculo político. Tais documentos são principalmente o vídeo *Dugin e demais camaradas saúdam a Nova Resistência* (Nova Resistência, 2021b), a publicação *Conferência Global sobre Multipolaridade: Vídeo Completo*, no website da NR (Nova Resistência, 2023c), e o vídeo *Conferência Ibero-Americana e Caribenha sobre Multipolaridade* (Nova Resistência, 2023d), publicado no canal oficial de *Youtube* da NR.

No vídeo *Dugin e demais camaradas saúdam a Nova Resistência*, de 2020, representantes de quinze grupo aliados da organização, de países da Europa ocidental e oriental, e América Latina, saúdam a NR por ocasião de seu segundo congresso. Dentre estes atores estão alguns que já foram citados nesta dissertação, como obviamente o próprio Aleksandr Dugin, Israel Lira (ou Zero Schizo), Ivanzinho Joventino, entre outros. Está presente também o fundador da extinta *Nouvelle Résistance*. O clima do vídeo, como é de esperar em um vídeo de saudações, é de “rasgação de seda”, mas é interessante o fato de que muitos dos atores caracterizam a NR como a “vanguarda” da QTP na América Latina e no mundo. Tanto que quem fecha o vídeo é Dugin, falando em português bastante fluente, e rasgando elogios à NR, afirmando que “[g]raças a vocês, o Brasil se tornou a vanguarda da Quarta Teoria Política, e a maior, mais ativa expressão da mesma” (Nova Resistência, 2021b). Veja-se o quadro a seguir:

Quadro 3 - Atores presentes no vídeo Dugin e demais camaradas saúdam a Nova Resistência

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Brasil	Ivanzinho Joventino	Primeiro militante da NR a se eleger. Vereador em Cuité, Paraíba, pelo Partido Cidadania
Chile	Carlos Salazar	Presidente do Círculo Patriótico de Estudos Chilenos e Indo-Americanos
Espanha	Enrique D'Acedo José Alsina Calvés	Analista político, tradutor, escritor e editor na Editora Fides Editor-chefe da Revista Nihil Obstat, a qual promove o hispanismo, uma espécie híbrido entre o falangismo e a QTP, reatualizando o primeiro sobre as bases da segunda
França	Christian Bouchet Maxence Smaniotto Mickaël Kurtic	Membro fundador da organização nacional-revolucionária Nouvelle Résistance (1991-1997) que, segundo a NR, foi a inspiração para seu nome. Filiou-se ao Front National em 2008 e segue membro do partido de extrema direita. Dirige a a Editora Ars Magna Militante da Organización Socialisme Révolutionnaire Européenne (OSRE) e editor da Revista Rébellion, descrita pelo próprio Smaniotto como o "coração" da OSRE Franco-lusitano, colabora com o grupo Egalité et Reconciliation (fundado pelo negacionista do Holocausto Alain Soral)
Grécia	Paul Antonopoulos	Colaborador no portal Greek City Times. Vive há anos no Brasil com sua esposa brasileira
Itália	Luca Boniardi Piero Manucci	Jornalista, representante do portal da Nova Direitam La Fenice, e da Radio Fenice Europa Ex-membro do Movimento Social Italiano (MSI), que existiu de 1946 a 1995, sendo a base da origem do Alleanza Nazionale, partido de extrema direita italiano, que em 2009 se fundiu com o Forza Italia para fundar o partido Il Popolo della Libertà, que formaria aliança com o Liga Nord e o Movimento pelas Autonomias
Peru	Israel Lira Alejandro Vasquez	"Escritor" segundo a NR, diretor do Centro de Estudos Crisolistas do Peru. Já foi preso por apologia ao neonazismo no Peru. Também milita na Junta Nacionalista do Peru Membro do Centro de Estudos Crisolistas do Peru. Também milita na Junta Nacionalista do Peru
Polônia	Pawel Wieczynski	Colaborador do portal de extrema direita Xportal ( <a href="https://xportal.press/">https://xportal.press/</a> )
Portugal	Manuel Rezende	Militante da organização Escudo Identitário
Rússia	Aleksandr Dugin	Presidente do Movimento Eurasiano Internacional, Diretor do Instituto Tsargrad

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nota-se que os atores que aparecem no vídeo se ligam a dois grandes blocos – um ligado a *think tanks*, institutos de pesquisa, ao campo acadêmico, à mídia e à cultura; e o outro ligado a organizações e movimentos políticos. Esse padrão também se verifica nos documentos seguintes, o que pode demonstrar como opera na prática a estratégia “metapolítica” na qual a produção de conhecimento, o trabalho de mídia e a propaganda ideológica têm suas fronteiras borradas.

O segundo documento analisado é a página *Conferência Global sobre Multipolaridade : Vídeo Completo* (Nova Resistência, 2023c), no *website* da NR. Nela está exposta a programação com a lista completa dos conferencistas, assim como um breve relato do evento. Ao que tudo indica, o link para o vídeo completo, no *Youtube*, não está incorporado à página (na ocasião da

postagem estava, não sei dizer o que ocorreu). A lista de participantes inclui 130 pessoas, de 77 países de todos os continentes, com exceção da Antártica, não habitada por civis. Grande parte destes atores estavam representando grupos como *think tanks* e centros de pesquisa acadêmica, movimentos e organizações políticas, grupos de mídia (tanto alternativas quanto hegemônicas), assim como instituições e órgãos políticos de diferentes nações. Alguns falaram enquanto intelectuais e “pesquisadores independentes”, sem representar nenhum ator coletivo. O evento foi organizado em blocos temáticos, correspondendo a seis blocos regionais: Leste e Sul da Ásia e Pacífico; Ásia Ocidental; Eurásia; Europa; África; América do Sul e do Norte. Os blocos contaram com participantes de todas as regiões assinaladas. Os discursos transcritos dos participantes foram veiculados em diversos idiomas no ecossistema digital duginista, difundidos a partir de *websites* como o *geopolitika.ru* e *katehon.com*, ligados diretamente a Dugin e ao Instituto Tsargrad, *paideuma.tv*, *4pt.su*, entre outros. Os discursos traduzidos para o português estão em sua grande maioria disponíveis no *website* da NR e no *geopolitika.ru*.

Nos quadros a seguir, pode-se ver a relação completa dos participantes do evento<sup>73</sup>:

---

<sup>73</sup> Optei por dividir os quadros de acordo com os continentes para fins de compreensibilidade das figuras. Note-se que os países eurasiáticos compõem simultaneamente os quadros que dizem respeito à Europa e à Ásia. Os Estados-nação cujo reconhecimento internacional não é consensual, tais como Abecásia e Ossétia do Sul, estão aqui listados pelo critério de autodeterminação, e não entrarei no mérito da legitimidade de seu *status* geopolítico.

Quadro 4 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Europa)

<b>Países</b>	<b>Pessoas (atores individuais)</b>	<b>Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)</b>
Abecásia	Ardzinba Inal Batovich	Ministro das Relações Exteriores da República da Abecásia
Alemanha	Waldemar Herdt	Empresário, ex-membro do parlamento alemão pelo partido de extrema direita AfD
Armênia	Babukhanyan Hay	Líder da "Strong Armenia with Russia. For a New Union", presidente da União "Direito Constitucional".
Áustria	Alexander Markovics	Historiador, editor-chefe da revista e portal Agora Europa, historiador, secretário-geral do Instituto Suvorov, think tank de tendência duginista
Azerbaijão	Mirbashiroglu Elshad  Mammadov Elshad	Membro do Parlamento (Milli Majlis) da República do Azerbaijão, membro do Conselho do Partido do Novo Azerbaijão, cientista político e professor do Departamento de Ciência Política e Gestão Política da Academia de Administração Pública do Azerbaijão  Professor, Universidade Odlar Yurdu
Bélgica	Robert Steuckers	Ensaísta e militante de extrema direita, colaborador do portal geopolitika.ru. Foi um dos expoentes da Nova Direita Europeia e seu giro intelectual
Bielorrússia	Azarenok Grigory  Lushch Sergey	Jornalista, radicalista, ideólogo propagandista do governo Lukashenko  Diretor da organização pública pró-Rússia "Young Russia", vice-presidente do Conselho de Coordenação das Organizações de Compatriotas Russos
Bósnia e Herzegovina	Srđan Mazalica	Membro da Assembleia Nacional da República da Bósnia e Herzegovina pela União dos Social-Democratas Independentes
Bulgária	Nikolay Malinov  Nikola Avreyski	Presidente do Movimento Russófilo Internacional e Presidente do Movimento Russófilo Nacional na Bulgária  Acadêmico, professor da Universidade de Biblioteconomia e Tecnologia da Informação de Sofia, Bulgária
Cazaquistão	Regina Sysoeva  Maxim Kramarenko	Especialista internacional segundo a NR, acadêmica na Universidade Internacional de Astana  Vice-presidente do Conselho de Coordenação Mundial de Compatriotas Russos
Chipre	Mikis Filaniotis	Russo-cipriota, membro do Coordinating Council of Russian Compatriots in Cyprus (KSORS) e propagandista pró-Rússia
Eslováquia	Jan Carnogursky	Primeiro-ministro da República Eslovaca na Tchecoslováquia em 1991-1992
Eslovênia	Zmago Jelinčič Plemeniti	Presidente do Partido Nacional Esloveno (Vodja stanka SNS), de extrema direita
Espanha	Enrique Refoyo  Juan Antonio Aguilar  Francisco Javier de Lara  Nuño Rodríguez  Guillermo Rocafort	Cientista político, tradutor, analista internacional e jornalista de guerra. Cobriu a invasão russa à Ucrânia. Redator-chefe da página de extrema direita El Espía Digital, que cobre assuntos ligados a inteligência, defesa e geopolítica (dentre eles, material traduzido de Dugin)  Diretor do Instituto Espanhol de Geopolítica, militar reservista do exército espanhol. Diretor do El Espía Digital. Foi um conhecido militante falangista  Pesquisador independente segundo a NR  Cientista e analista político. Editor no portal Quijote Globe, de análise geopolítica (publica também material traduzido de Dugin)  Segundo a NR, "PhD em economia, especialmente em fundos predatórios. Professor universitário". Autor de mais de 20 livros em economia e direito
Estônia	Alexander Kornilov	Chefe do portal de mídia baltija.eu. Kornilov teve seu visto de residência revogado por ser entendido como um propagandista do governo russo em solo estoniano
Finlândia	Johann Bäckman  Markku Siira	Acadêmico, sociólogo, criminologista, membro do partido de extrema direita pró-Rússia Valta Kuuluu Kansalle (O Poder Pertence ao Povo)  Analista geopolítico segundo a NR. Administra o website markkusiira.com, onde publica seus textos

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
França	<p>Elie Hatem</p> <p>Fabrice Sorlin</p> <p>Laurent James</p> <p>Lucien Cerise</p> <p>Arnaud Delvay</p> <p>Youssef Hindi</p> <p>Pierre-Antoine Plaquevent</p>	<p>Franco-libanês, "advogado internacional" segundo a NR, figura política de extrema direita, ligado a círculos antissemitas. Membro do Action Française, possui vínculos com Alain Soral e seu movimento Égalité et Réconciliation</p> <p>Cientista político e jornalista segundo a NR. É também um católico tradicionalista e fervoroso propagandista anti-LGBTQIA+</p> <p>Escritor e Tradicionalista cristão</p> <p>Ensaísta e figura pública de extrema direita, doutorando em filosofia, tem atuado como conspiracionista negacionista da pandemia de Covid-19</p> <p>"Advogado internacional de direitos humanos" segundo a NR, membro da Ordem dos Advogados do Estado de Washington (EUA) e da Ordem dos Advogados de Paris (França).</p> <p>Escritor franco-marroquino, escreve teses antissemitas, colabora com Alain Soral. Colabora no site <a href="http://strategika.fr">strategika.fr</a>, ligado ao Movimento Eurasiano Internacional</p> <p>Agitador e escritor conspiracionista. Colabora com a <a href="http://Égalité et Réconciliation de Soral">Égalité et Réconciliation de Soral</a>. Colabora no site <a href="http://strategika.fr">strategika.fr</a>, ligado ao Movimento Eurasiano Internacional</p>
Grã-Bretanha	<p>Alastair Crooke</p> <p>Keith Bennett</p>	<p>Ex-diplomata britânico, fundador e diretor do think tank Conflicts Forum, que se opõe à política externa de países ocidentais em relação aos países do Oriente Médio e à comunidade muçulmana em geral. O Conflicts Forum defende o governo Asad na Síria e o Hezbollah iraniano na arena internacional</p> <p>Co-editor da plataforma Friends of Socialist China (de cujo conselho Elias Jabbour, professor universitário e militante do PCdoB, é membro) e também editor do International Manifesto Group, projeto do Geopolitical Economy Research Group que representaria "uma diversidade de correntes do pensamento socialista" para discutir as transformações na conjuntura política e econômica internacional desde o início da pandemia</p>
Grécia	<p>Dimitrios Konstantakopoulos</p> <p>Yannis Rachiotis</p>	<p>Pesquisador independente, ex-conselheiro do primeiro-ministro grego Andreas Papandreou e ex-membro do Secretariado do Comitê Central do Partido SYRIZA</p> <p>"Advogado, figura pública" segundo a NR. Não foram encontradas mais informações</p>
Holanda	Alexander Wolfheze	Ensaísta e filósofo de extrema direita alinhado ao pensamento de Dugin. Tem artigos no website da editora Arktos, no <a href="http://geopolitika.ru">geopolitika.ru</a> e no <a href="http://kathon.com">kathon.com</a> (do Instituto Tsargrad)
Itália	<p>Lanfranco Cirillo</p> <p>Lorenzo Pacini</p> <p>Diego Fusaro</p> <p>Eliseo Bertolasi</p>	<p>Arquiteto e empresário italo-russo multimilionário. É conhecido por seus projetos para a burguesia e empresas russas (Há rumores ventilados pelo opositor Navalny de que teria construído um "palácio" de 1 bilhão de dólares para Putin, em um escândalo de corrupção)</p> <p>Cientista político, professor de filosofia política e geopolítica, membro do Movimento Eurasiano Internacional</p> <p>Autor, filósofo da Nova Direita italiana afim ao duginismo e professor de história da filosofia. É um dos autores mais traduzidos e publicados nas mídias da NR</p> <p>Antropólogo, cientista político, jornalista independente. Foi repórter de guerra no Donbass, no leste da Ucrânia</p>

<b>Países</b>	<b>Pessoas (atores individuais)</b>	<b>Organizações, grupos etc. (atores coletivos)</b>
Macedônia do Norte	Eftim Kletnikov	Poeta, ensaísta, crítico literário e tradutor
Malta	Pierre Tonna	Empresário segundo a NR. Não foram encontradas mais informações
Moldávia	Iurie Roșca	Jornalista, ex-vice-primeiro-ministro da República da Moldávia pelo Partido Cristão/Democrata Popular
Ossétia do Sul	Irina Tadaeva	Acadêmica e assistente do reitor na Universidade Estadual da Ossétia do Sul Alexander Tibilov
Polônia	Mateusz Piskorski	Político polonês, professor, cientista político e jornalista, membro do parlamento pelo partido de extrema direita Samoobrona Rzeczpospolitej Polskiej (Autodefesa da República da Polônia)
Portugal	Luis Ribeiro Alexandre Guerreiro	Jornalista e analista geopolítico Analista político e de segurança, acadêmico, comentarista de TV. Colabora com o United Nations High Commissioner for Refugees (UNHRC), ligado à ACNUR
Quirguistão	Tagaev Mamed	Diretor do Instituto de Língua Russa da KSUU, doutor em Ciências Filológicas, professor universitário
Romênia	Marvin Atudorei	Presidente do Fórum de Países Não Alinhados, doutor em Filosofia, escritor, jornalista na Romênia Cívica TV
Rússia	Aleksandr Dugin Alexander Bovdunov Sergey Lavrov Leonid Savin Sergey Glazyev Konstantin Malofeev Maria Zakharova	Presidente do Movimento Eurasiano Internacional, Diretor do Instituto Tsargrad Sociólogo, analista de relações internacionais, membro do Movimento Eurasiano Internacional Ministro de Relações Exteriores da Federação Russa Membro do Instituto Tsargrad, editor-chefe do geopolitika.ru, analista geopolítico Político e economista, membro do conselho de integração e macroeconomia da Comissão Econômica Eurasiática do governo Putin. Ex-militante do Partido Comunista da Federação Russa Empresário conservador, Vice-presidente do Conselho Mundial do Povo Russo, fundador da Tsargrad TV, presidente do Conselho de Administração do Grupo de Empresas Tsargrad <b>Porta-voz do Ministério de Relações Exteriores da Rússia</b>
Sérvia	Andreja Lovic Bobana Andjelkovic Branislav Tapuskovic Vladimir Kršljanin	Cientista político, analista de políticas de segurança, militar. Milita pela restituição do serviço militar obrigatório na Sérvia, e defende os interesses dos "sérvios em diáspora" Pesquisadora independente segundo a NR (é descrita como "jornalista sérvia" no site da organização). Tem publicações acadêmicas na área de filosofia com foco em Heidegger e socioinformática Advogado, ex-defensor do presidente da Iugoslávia, Slobodan Milosevic Político, diplomata e poeta. Vice-presidente da Academia Internacional Eslava de Ciências, Educação, Artes e Cultura, Alto Conselheiro do Ministério das Relações Exteriores da República da Sérvia. Putin concedeu-lhe cidadania russa em 2020
Suíça	Roger Jürg Köppel	Político, membro do Partido Popular da Suíça, categorizado como de extrema direita. Dono e editor-chefe da revista semanal Die Weltwoche, cuja linha editorial converge com as posições do partido
Suíça	Guy Mettan	Político, cientista político e jornalista, fundador do Swiss Press Club em Genebra.
Turquia	Berke Mustafa Berkil Dr. Doğu Perinçek Erol Ugurlu	Representante do The New International Order Initiative segundo a NR. Berkil é Secretário-Geral Adjunto do Partido Vatan, de extrema direita Presidente do Partido Patriótico (Vatan) segundo a NR. Diretor da Casa da Amizade Turco-Russa

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 5 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Ásia)

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Abecásia	Ardzinba Inal Batovich	Ministro das Relações Exteriores da República da Abecásia
Armênia	Babukhanyan Hay	Líder da "Strong Armenia with Russia. For a New Union", presidente da União "Direito Constitucional".
Azerbaijão	Mirbashiroglu Elshad  Mammadov Elshad	Membro do Parlamento (Milli Majlis) da República do Azerbaijão, membro do Conselho do Partido do Novo Azerbaijão, cientista político e professor do Departamento de Ciência Política e Gestão Política da Academia de Administração Pública do Azerbaijão  Professor, Universidade Odlar Yurdu
Bangladesh	Dr. Tawfique Haque	Professor do Departamento de Ciência Política e Sociologia (Presidente), Instituto de Política e Governança do Sul da Ásia (Diretor), fundador da ONG Mercy Mission, que atua em defesa dos direitos da comunidade muçulmana
Cazaquistão	Regina Sysoeva  Maxim Kramarenko	Especialista internacional segundo a NR, acadêmica na Universidade Internacional de Astana  Vice-presidente do Conselho de Coordenação Mundial de Compatriotas Russos
China	Wenging Wu  Zhang Weiwei  Li Xiguang	Membro do think tank de relações internacionais Thinkers' Forum  Professor de relações internacionais na Universidade Fudan, em Xangai. Participa do Thinkers Forum  Jornalista e professor da Universidade de Tsinghua, diretor do Centro Internacional de Estudos de Comunicação da Universidade de Tsinghua.
Chipre	Mikis Filaniotis	Membro do Movimento Russófilo Internacional
Índia	Vivek Valapoi  Atul Aneja  Rishabh Sethi	Pesquisador independente segundo a NR, co-fundador do projeto Smart Haiti  Jornalista internacional, escritor, editor de Assuntos Estratégicos do jornal The Hindu, editor do canal de mídia India Narrative  Acadêmico mestre em relações internacionais, vinculado à Universidade Estadual de Tver
Indonésia	Connie Bakri	Empresária e filantropa indonésia segundo a NR. Fundadora da Bakrie Center Foundation, que apoia programas de educação e empreendedorismo na Indonésia. Em sua conta no Instagram, se descreve como "autora, palestrante, analista de defesa e pensadora estratégica da Indonésia" (tradução minha)
Irã	Hanieh Tarkian  Foad Izadi	"Analista geopolítico e palestrante islâmico" segundo a NR. Na verdade Tarkian é uma mulher, é docente de Estudos Islâmicos radicada na Itália  Professor associado da Faculdade de Estudos Mundiais (Universidade de Teerã)
Iraque	Zeinab al Safar	Apresentadora de TV iraquiana-libanesa, editora-chefe e produtora executiva na emissora Al-Mayadeen, e pesquisadora acadêmica
Japão	Kimura Mitsuhiro	Historiador e professor da Universidade de Tóquio. Também é líder da organização nacionalista japonesa Issuikai
Libano	Zeinab Mehanna  Bouchra Al Khalil	Jornalista e acadêmica islâmica segundo a NR  Advogada, ex-defensora do ex-presidente iraquiano Saddam Hussein
Mianmar	Dr. Naing Swe Oo  Khin Maung Zaw	Fundador e diretor executivo do Thayniga Institute for Strategic Studies, consultor sênior do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais de Mianmar  Secretário Adjunto do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais de Mianmar
Moldávia	Iurie Roșca	Jornalista, ex-vice-primeiro-ministro da República da Moldávia pelo Partido Cristão/Democrata Popular
Mongólia	Erdenechuluun Lusan	Ex-Ministro das Relações Exteriores da Mongólia
Palestina	Amal Wahdan	Jornalista e ativista de direitos civis dos palestinos, é fundador e editor do Arab Gazette

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Paquistão	Shahzada Rahim	Jornalista, comentarista e cientista político. Analista de relações internacionais e geopolítica
	Sehar Kamran	"Político e ex-membro do Senado do Paquistão" segundo a NR, o que está parcialmente correto, pois na verdade trata-se de uma mulher
Quirguistão	Tagaev Mamed	Diretor do Instituto de Língua Russa da KSUU, doutor em Ciências Filológicas, professor universitário
Rússia	Aleksandr Dugin	Presidente do Movimento Eurasiano Internacional, Diretor do Instituto Tsargrad
	Alexander Bovdunov	Sociólogo, analista de relações internacionais, membro do Movimento Eurasiano Internacional
	Sergey Lavrov	Ministro de Relações Exteriores da Federação Russa
	Leonid Savin	Membro do Instituto Tsargrad, editor-chefe do geopolitika.ru, analista geopolítico
	Sergey Glazyev	Político e economista, membro do conselho de integração e macroeconomia da Comissão Econômica Eurasiática do governo Putin. Ex-militante do Partido Comunista da Federação Russa
	Konstantin Malofeev	Empresário conservador. Vice-presidente do Conselho Mundial do Povo Russo, fundador da Tsargrad TV, presidente do Conselho de Administração do Grupo de Empresas Tsargrad
	Maria Zakharova	Porta-voz do Ministério de Relações Exteriores da Rússia
Síria	Maram Susli (Syrian Girl)	Ativista e youtuber pró-Assad. Colabora com atores e mídias de extrema direita, como o InfoWars de Alex Jones, e o duginista Journal of Eurasian Affairs
	Farid Al-Shof	Pesquisador independente segundo a NR. Tem um canal de Youtube que segundo sua própria descrição dedica-se a combater o anti-islamismo
Turquia	Berke Mustafa Berkil	Representante do The New International Order Initiative segundo a NR. Berkil é Secretário-Geral Adjunto do Partido Vatan
	Dr. Doğu Perinçek	Presidente do Partido Patriótico (Vatan) segundo a NR.
	Erol Ugurlu	Diretor da Casa da Amizade Turco-Russa
Uzbequistão	Vladimir Berezovsky	Jornalista russo radicado no Uzbequistão, editor-chefe da vesti.uz. Em 2010 foi preso, acusado de traição por sua defesa da Rússia

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 6 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (África)

<b>Países</b>	<b>Pessoas (atores individuais)</b>	<b>Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)</b>
África do Sul	Khulekani Skosana	Membro da liderança interna da liga juvenil do partido governista Congresso Nacional Africano (ANC). Participou do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes na Rússia em 2017
Angola	Osvaldo Mboko	Professor universitário, especialista em Relações Internacionais, colunista político, comentarista de TV
Argélia	Smaine Djella	Pesquisador permanente do CRASC (Centro de Pesquisa em Antropologia Social e Cultural). Professor na Universidade de Argel 3. Tem textos publicados no site geopolitika.ru e no think tank Katehon, do Instituto Tsargrad
	Mekki Mohamed Said	Professor da Universidade de Algiers 3
Benin	Kemi Seba	Liderança política, escritor e militante pan-africanista franco-beninese, chefe da ONG Urgences Panafricanistes
Burkina Faso	Tapsoba Ludovic	Presidente da associação de ex-estudantes universitários soviéticos/russos
Camarões	Dr. Franklin Nyamsi	Filósofo e professor. Vive na França, onde leciona na na Université Charles de Gaulle Lille 3. Tem textos publicados no site geopolitika.ru
Mali	Adama Diabaté	Ativista da organização não governamental Grupo de Patriotas do Mali. Se apresenta em canais de mídia malineses como especialista em geopolítica
	Fatoumata Sidibe	Presidente da Comissão de Medicina Esportiva do Comitê Olímpico e Esportivo Nacional do Mali segundo a NR (de acordo com o site oficial da CNOSM, o atual presidente é Habib Sissoko)
	Younoussou Doukansy	Secretário da Juventude do Grupo de Patriotas do Mali, que promove a cooperação política, econômica e militar com a Rússia. Seu discurso na conferência traduzido para o inglês foi publicado no site geopolitika.ru
	Amadou Sekou Gambi	Presidente da Associação Malinesa de Estudantes e Amantes da Língua Russa
Seicheles	Dereck Meriton	Ativista do Youth Empowerment Seychelles (YES) segundo a NR
Senegal	Souleymane Anta Ndiaye	Pan-africanista, vice-Presidente do Movimento Russófilo Internacional, ex-primeiro secretário da Embaixada de Senegal na Federação Russa. Já deu entrevista para a RT News, emissora russa internacional
	Amadou Tidiane Wone	Ex-embaixador do Senegal no Canadá, ex-ministro da Cultura do Senegal. Escritor e militante pan-africanista
Somália	Barré Osman	"Pesquisador independente" segundo a NR. Não foram encontradas mais informações
Tunísia	Dr. Abdelaziz Messaoudi	Vice-Presidente da Associação Internacional de Amigos da Crimeia, doutor em filosofia, professor de língua árabe na Universidade de Qassim, na Arábia Saudita
Zâmbia	Patricia Kalinga	Diretora da Zambia Russia Alumni Association (ZAMRUS), que congrega zambianos acadêmicos e graduados na União Soviética e na Rússia
	Iubinda Habazoka	Presidente da Associação Econômica da Zâmbia

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 7 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (América)

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Argentina	Alberto Buela	Filósofo, peronista, analista geopolítico e professor universitário
	Marcelo Ramirez	"Pesquisador independente" segundo a NR. Apresentador no canal de Youtube Humo y Espejos, ligado ao canal AsiaTV
	Gonzallo Collado	Ítalo-argentino. Analista, especialista em geopolítica, segurança internacional e assuntos globais
Bolívia	Hugo Moldiz	Político, jornalista, analista político, advogado e professor universitário. Ex-Ministro de Governo da Bolívia. É filiado ao partido Movimiento al Socialismo (MAS). Dirige o periódico semanal La Época
Brasil	Pepe Escobar	Jornalista internacional, analista geopolítico. Ativo colaborador da mídia independente Brasil 247
	Lucas Leiroz	Jornalista, secretário de Relações Internacionais da Nova Resistência. É mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e diplomado em um programa de extensão cultural na Escola Superior de Guerra (ESG)
	Raphael Machado	Advogado, Presidente da Nova Resistência. Dono do blog Legio Victrix e um dos fundadores da editora Ars Regia
	Prof. Alexandre Hage	"Pesquisador independente" segundo a NR. Professor associado do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), segundo seu currículo Lattes
Chile	Luis Bozzo	Filósofo e diretor nacional do Centro de Estudos Patrióticos do Chile, think tank duginista sediado em Santiago
Colômbia	Juan Gabriel Caro Rivera	Analista "metapolítico e geopolítico" segundo a NR. Historiador e fundador do think tank Vanguardia Colombia
Costa Rica	Mauricio Ramirez	Jornalista, diretor do think-tank AsiaTV
	Jose Francisco Herrera	"Pesquisador independente" segundo a NR. Tem um blog onde raramente publica textos e participações em eventos
Cuba	Mario Padilla	Professor universitário na Universidad de la Habana e pesquisador do Centro de Investigações de Política Internacional
EUA	Cynthia McKinney	Ex-membro da Câmara dos Deputados dos EUA e candidata à presidência pelo Partido Verde em 2008. Atualmente leciona na North South University, em Bangladesh
	Joaquín Flores	Jornalista e analista mexicano-estadunidense e diretor da seção estadunidense do Center for Syncretic Studies, think tank duginista.
	Dr. Scott Bennett (EUA)	Professor ilustre de Ciência Política da Universidade Estadual da Pensilvânia.
Nicarágua	Manuel Espinoza	Analista geopolítico, diretor do Centro Regional de Análise Internacional da Nicarágua
Peru	Carlos Mamani Aliaga	Sociólogo e analista geopolítico, diretor do think tank Proyecto Patria
	Israel Lira	"Escritor" segundo a NR. Diretor do think tank Centro de Estudos Crisolistas do Peru. Já foi preso por apologia ao neonazismo no Peru
Uruguai	Gabriela Cultelly	Historiadora, economista e membro da Intellectuals and Artists in Defense of Humanity Network (Rede de Intelectuais e Artistas em Defesa da Humanidade), fundada em 2003, cujos membros de destaque eram Hugo Chávez e Fidel Castro. A rede propõe-se como "um movimento de pensamento e ação contra toda forma de dominação e exclusão".
Venezuela	Vicente Quintero	"Cientista social venezuelano" segundo a NR, é também jornalista freelancer e artista visual. Fez um curso de língua e cultura russa na Universidade Estadual Politécnica de São Petersburgo
	Sergio Arria	Vice-Ministro da Cultura da Venezuela. Coordenador da Rede de Intelectuais e Artistas em Defesa da Humanidade
	Juan Miguel Diaz Ferrer	Professor, ex-vice-ministro da Cultura da Venezuela

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 8 - Atores presentes na Conferência Global sobre a Multipolaridade (Oceania)

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Austrália	Ross Alexander Cameron  Mukadda Bruce Shillingsworth	Cientista político e comentarista. Pesquisador do Departamento de Segurança Nacional da Universidade de Canberra segundo a NR. De acordo com minhas pesquisas, Cameron, que atuou no parlamento australiano entre 1996 e 2004, foi desligado do programa <i>Outsiders</i> , do qual era co-apresentador, por declarações racistas durante o programa  Ativista nativo australiano pelos direitos indígenas na Austrália, defensor dos direitos humanos
Nova Zelândia	Matthew Robson	Ex-vice-líder do Partido Progressista, atuou no Parlamento por cerca de 10 anos. Ex-ministro de Desarmamento e Controle de Armas e ex-vice-ministro das Relações Exteriores da Nova Zelândia (1999-2002)

Fonte: Elaboração própria (2023).

Vamos agora para o documento *Conferência Ibero-Americana e Caribenha sobre Multipolaridade* (Nova Resistência, 2023d), gravação da transmissão ao vivo da conferência homônima disponível no canal de *Youtube* da NR. Quem coordenou o espaço foi Raphael Machado. Dugin gravou um vídeo falando em espanhol saudando o evento como mensagem de abertura da conferência<sup>74</sup>. O segundo a falar na mesa de abertura foi Felipe Quintas, cientista político que tem um canal no *Youtube* chamado *Brasil Independente* e é parceiro da NR, colaborando com textos no *website* da NR com frequência, e lançando conteúdo em conjunto com a organização no *Youtube*. O próximo foi o Comandante Farinazzo. E o seguinte foi Israel Lira, o Zero Schizo, o já mencionado neonazista peruano “*rebranded*”, e depois Jordán, que segundo apresentou Machado, é diretor do Partido Morena na seção de Sonora, México<sup>75</sup>. Em seguida quem falou foi o hondurenho Alberto Erazo, presidente do grupo *Estudios Metapolíticos Centroamericanos*, e depois Kevin, estudante de economia e dirigente do setor econômico do mesmo grupo.

Em seguida, foi enviada uma gravação em vídeo do “camarada” Fernando Stephen, jornalista e analista político argentino, e depois quem falou foi Fernando Trujillo, escritor mexicano. O peruano Carlos Aliaga, diretor do “gabinete de reflexão crítica e estratégica” *Proyecto Patria* (aparentemente um *think tank*), foi o seguinte; algo a ser destacado em sua fala é o agradecimento nominal a Dugin, Machado e Leiroz, “líderes do movimento patriótico soberanista Nova Resistência, do Brasil” (tradução minha), no começo de sua fala. Na continuação, falou Márcio Suárez Forti, escritor, cientista social e cientista político mexicano, representando a Plataforma Multipolar, do México. Depois foi a vez do “camarada” colombiano Juan Gabriel Caro Rivera, da organização Vanguardia Colombia. O cubano Mario Padilla,

<sup>74</sup> O tema central da fala foi sobre a identidade étnico-civilizacional latino-americana ou iberoamericana, criticando as noções pós-modernas de identidade, que negam uma essência aos processos de produção de identidade. Defende uma “identidade eterna” na América Latina, composta por dois tipos de identidade: pré-colombiana e pós-colombiana.

<sup>75</sup> Não encontrei informações que corroborem que há um Jordán na direção do partido Morena em Sonora. O Morena é o partido do atual presidente mexicano, López-Obrador. A atual presidente da seção estatal de Sonora é María del Rayo Gaytán Sánchez.

diretor do Centro de Investigações Políticas Internacionais, foi o próximo a falar. Depois foi a vez do gaúcho Augusto Fleck representando a NR. Iniciou “saudando os companheiros ibero-americanos”, dizendo ser “uma grande honra e satisfação fazer parte de um movimento tão necessário na construção de uma *filosofia ibero-americana pelo mundo multipolar*” (grifos meus) (Nova Resistência, 2023d, 2:19).

Após Fleck, quem falou foi a historiadora e economista uruguaia Gabriela Cultelly, membra da Intellectuals and Artists in Defense of Humanity Network; e depois o professor Manuel Espinoza, da Nicarágua, que pediu dez minutos para reparar problemas técnicos com sua conexão de wi-fi. E depois, Raphael Machado tomou a palavra para falar, desta vez como participante, não mediador. Em seguida, Espinoza retornou para fazer sua fala, convidando Machado, Leiroz e os demais para um curso sobre geopolítica e multipolaridade organizado pelo seu grupo, que também está com um projeto editorial de tradução da obra *Fundamentos de Geopolítica*, de Dugin, no que Machado agradece o convite e informa que também está traduzindo a obra para o português, a qual será lançada no início do ano que vem (certamente pela editora Ars Regia). Em seguida falam Ivone e Marcelo Ramírez, argentinos que representam o portal “Humo y Espejos”, que surge ligado à “AsiaTv – Generación de Contenidos”, e tem o objetivo de “ajudar a estabelecer uma linha estratégica, uma plataforma de reflexão que plasme e permita avançar no conhecimento mútuo através da redação de notas de análise e informação” (Humo y Espejos, s.d., tradução minha). Aparenta ser basicamente um *think tank* filiado às ideias duginianas – mais voltado à pauta da multipolaridade através de uma ênfase na geopolítica – mas sem mencionar tal filiação. Seu canal no *Youtube* tem mais de 39,9 mil inscritos.

O próximo foi o “camarada” Alejandro Vásquez, do Peru, convocado para ler um texto enviado pelo argentino Alberto Buela, professor de filosofia peronista que aderiu às ideias de Dugin e o tem como interlocutor intelectual ao menos desde o começo da década de 2010 – Não sei precisar a data dessa aproximação, mas uma citação em artigo publicado no *website* da NR remonta a uma publicação em que Buela mobiliza ideias de Dugin já em 2013 (Recalde, 2021). No dia 14 de setembro de 2014, dividiram a mesa “El peronismo y la Cuarta Teoría Política” na sede da Confederación General del Trabajo, ocasião em que o debatedor abre a mesa saudando a presença de Dugin, e agradecendo a Editora Austral, do Brasil, cujo esforço teria garantido a presença de Dugin (Pagina Transversal, 2021) –. Vásquez é colaborador do Centro de Estudos Crisolistas do Peru, e esteve presente no 1º Congresso Sul-Sudeste da NR; além disso, ao lado de Israel Lira, é um ativo empreendedor de movimento da rede quarto teórica latino-americana desde o Peru. Machado refere-se a Buela como “um dos grandes

intelectuais” e “um dos pensadores mais importantes vivos do nosso continente” (Nova Resistência, 2023d, 03:34:39), e lembra que a Editora Ars Regia lançou recentemente uma de suas obras em português, *Hispanoamérica contra o Ocidente*. Quem faz a última fala na conferência é “o camarada Lucas Leiroz”, apresentado por Machado como jornalista e diretor do setor internacional da Nova Resistência. Leiroz chama atenção para o fato de que a conferência iberoamericana é resultado do acúmulo e dos encaminhamentos da Conferência Global sobre Multipolaridade, ocorrida em 29 de abril, “em parceria com nossos amigos russos e chineses, e também do Movimento Internacional de Russófilos, que agrega membros do mundo inteiro”. Machado finaliza anunciando que será dada “continuidade nesse trabalho” (de articulação transnacional). Informa que pretendem fazer um “evento da lusofonia, uma conferência lusófona sobre multipolaridade, envolvendo, portanto, Brasil, Portugal, Angola, Moçambique e outros possíveis [...] países lusofalantes” (Nova Resistência, 2023d, 03:44:15), em cerca de dois meses. Também, segundo Leiroz,

teremos eventos que cruzem as plataformas também. Eventos que englobem ibero-americanos, europeus e africanos, uma ampla gama de possibilidades de cooperação. Estamos construindo a multipolaridade prática, que é essa coexistência de povos e cooperação. (Nova Resistência, 2023d)

Ao final, Machado pede que os assistentes da conferência sigam os canais parceiros dos grupos presentes na conferência, e encerra a transmissão com 03:46:39. Veja-se a seguir o quadro com a relação dos atores presentes no espaço.

Quadro 9 - Atores presentes na Conferência Ibero-Americana e Caribenha sobre a Multipolaridade

Países	Pessoas (atores individuais)	Organizações, grupos, etc. (atores coletivos)
Argentina	Alberto Buela	Filósofo, peronista, analista geopolítico e professor universitário
	Marcelo Ramírez	"Pesquisador independente" segundo a NR. Apresentador no canal de Youtube Humo y Espejos, ligado ao canal AsiaTV
	Ivone Ramírez	Apresentadora no canal de Youtube Humo y Espejos, ligado ao canal AsiaTV
	Fernando Stephen	Jornalista e analista político argentino, segundo a NR
Brasil	Felipe Quintas	Cientista político e youtuber (dono do canal Brasil Independente). Colunista no website da NR.
	Comandante Robinson Farinazzo	Oficial da Marinha, filiado ao PDT, Youtuber (dono do canal A Arte da Guerra)
	Lucas Leiroz	Jornalista, secretário de Relações Internacionais da Nova Resistência. É mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e diplomado em um programa de extensão cultural na Escola Superior de Guerra (ESG)
	Raphael Machado	Advogado, Presidente da Nova Resistência. Dono do blog Legio Victrix e um dos fundadores da editora Ars Regia
	Augusto Fleck	Militante da Nova Resistência e graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul
Colômbia	Juan Gabriel Caro Rivera	Analista "metapolítico e geopolítico" segundo a NR. Historiador e fundador do think tank Vanguardia Colombia
Cuba	Mario Padilla	Professor universitário na Universidad de la Habana e pesquisador do Centro de Investigações de Política Internacional
Honduras	Alberto Erazo	Presidente do grupo Estudios Metapolíticos Centroamericanos
	Kevin	Estudante de economia e membro do grupo Estudios Metapolíticos Centroamericanos
México	Jordán	Diretor do Partido Morena na seção de Sonora, México, segundo a NR. Não foi encontrado. Não foi encontrada nenhuma informação que corrobore isso
	Fernando Trujillo	Escritor e pensador dissidente segundo a NR, membro fundador da Coordinadora Nacional Tempestista do México
	Márcio Suárez Forti	"Escritor, cientista social e cientista político mexicano", segundo a NR. Membro da Plataforma Multipolar
Nicarágua	Manuel Espinosa	Analista geopolítico, diretor do Centro Regional de Análise Internacional da Nicarágua. Deu entrevista sobre a conjuntura nicaraguense no portal Brasil 247
Peru	Israel Lira	"Escritor" segundo a NR, diretor do Centro de Estudos Crisolistas do Peru. Já foi preso por apologia ao neonazismo no Peru. Também milita na Junta Nacionalista do Peru
	Carlos Mamani Aliaga	Sociólogo e analista geopolítico, diretor do think tank Proyecto Patria
	Alejandro Vásquez	Membro do Centro de Estudos Crisolistas do Peru. Também milita na Junta Nacionalista do Peru
Uruguai	Gabriela Cultelly	Historiadora, economista e membro da Intellectuals and Artists in Defense of Humanity Network (Rede de Intelectuais e Artistas em Defesa da Humanidade).

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nota-se como vários dos presentes nesta conferência estiveram presentes também na Conferência Global sobre Multipolaridade, bem como novamente a presença majoritária é de *think tanks*, projetos editoriais, mídias alternativas, movimentos russófilos internacionais e organizações políticas à esquerda e à direita. A fronteira entre as formas de atuação que assumem os grupos – isto é, as diferenças entre *think tanks*, canais de mídia, e organizações

políticas – se torna cada vez menos nítida no caso em questão<sup>76</sup>. Também se pode perceber que, de modo geral, os atores que se articulam nessa rede orbitam em torno de um desses três grandes grupos: apoio internacional à Rússia; Nova Direita Europeia; Eurasianos/Quarto-teóricos/Duginistas. Estes grupos formam uma mesma tessitura de relações, e atores individuais que estão vinculados a uma dessas formas de atores coletivos muitas vezes também fazem parte de grupos das outras ordens. É o caso de Israel Lira e Alejandro Vásquez, ambos militantes da Junta Nacionalista do Peru e do Centro de Estudos Crisolistas do Peru; assim como é o caso do próprio Dugin, que empreende sua trajetória entre a articulação política, a propaganda midiática e a produção acadêmico-“científica”. É disso que se trata a “guerra cultural” contemporânea, na forma da “metapolítica”.

De modo geral, nesta seção identifiquei a existência desta rede transnacional de grupos nacionalistas, ligada em algum grau ao duginismo, que mobiliza apoio internacional à Rússia e defende modelos análogos de governo para seus países. Como se pôde notar, esta rede expandida pela qual circulam – com maior ou menor grau de diálogo, convergência ou adesão – as ideias duginistas, tem uma dimensão considerável. A formação dessa rede se articula com o princípio do “nacionalismo internacionalista” apontado pela NR, assim como com a proposta de formação de um “pacto de cooperação”, contra a hegemonia unipolar liberal, da QTP. Seria interessante identificar quais são as possíveis coalizões e articulações mais estreitas que se inserem nessa rede expandida; infelizmente não terei tempo de fazê-lo.

Algo que contribui muito para a formação dessa rede é o ecossistema digital formado por *websites*, canais, páginas, mídias, entre outras, que apareceram ao longo deste capítulo. Esse ecossistema digital consegue se capilarizar e expandir a ponto de articular, de alguma forma, na rede, figuras políticas como ex-senadores, ex-diplomatas, assim como o próprio Sergei Lavrov, que gravou um vídeo para a abertura do evento, dentre outros; militantes de partidos, movimentos e organizações à esquerda e à direita, com diferentes graus de radicalidade; mídias alternativas, contra-hegemônicas ou *antiestablishment*, em formato de revistas, blogs, *websites*, canais de *Youtube*, etc., em ambos os lados do espectro político; atores ligados à academia e a *think tanks*, intelectuais, escritores, “pesquisadores independentes”; além, é claro, de atores de todos esses campos já ligados de alguma maneira à QTP ou a outras facetas do duginismo,

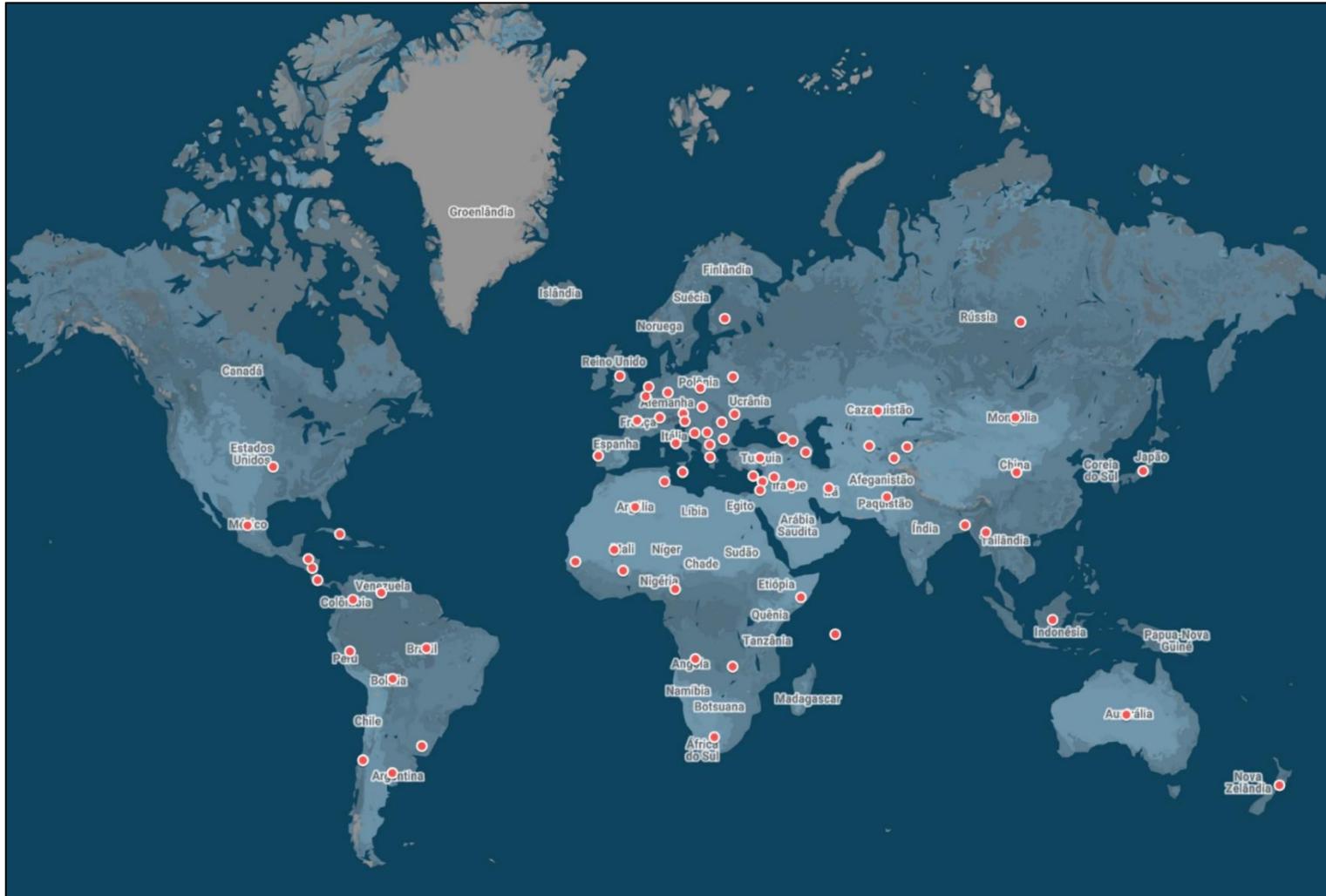
---

<sup>76</sup> O motivo principal disso, suponho, se relaciona justamente com a tática “metapolítica” impulsionada pelos grupos quarto-teóricos, que procura não apenas normalizar os pressupostos teóricos e políticos duginistas na academia e na luta política, mas mesmo estabelecê-los em um lugar de hegemonia cultural. O “gramscismo de direita”, ou *visto da direita*, na referência à formulação de de Benoist, operando na prática, torna opacas as fronteiras entre os lados, minando a distinção típica-ideal, mas importante tanto de um ponto de vista epistemológico quanto ético-valorativo, entre saber e ideologia.

como a Multipolaridade duginiana, ou o Neoeurasianismo. Como tudo indica, parece ser a partir de uma primeira captura *online* que encontros *offline* começam a se proliferar.

Finalizo esse capítulo com uma representação gráfica desta rede. No mapa ilustrado na continuação, pode-se conferir a relação completa dos países por onde se estende a ampla rede transnacional em que insere a NR, mapeada a partir dos três documentos previamente analisados. Esse mapeamento não pretende ser exaustivo, de forma que é muito provável que atores relevantes dessa rede estejam sendo deixados de fora. Porém, como minha intenção aqui é demonstrar que essa rede transnacional de relações existe como contexto, e não me debruçar nos pormenores da formação e atuação dessa rede, acredito que meu objetivo está cumprido.

Figura 29 - Representação gráfica da rede transnacional que a NR ajuda a articular



Fonte: Elaboração própria (2023)

## **5 ELEMENTOS IDEOLÓGICOS ESTRUTURAIS DA QTP E O AGENCIAMENTO DAS TAREFAS NUCLEARES DE ENQUADRAMENTO PELA NR**

Como pôde se ver nos capítulos anteriores, a QTP é uma doutrina nacionalista singular. No segundo capítulo, entre outras coisas, discuto algumas características globais da QTP, os principais temas e referências intertextuais mobilizadas. Aqui, demonstrarei como, enquanto proposta de um nacionalismo transnacional de circulação aberta, a doutrina da “‘Quarta Teoria Política’ deve ser completamente aberta” (Dugin, 2012a, p. 93), incompleta para fins da ação política, devendo ser adaptada, ou “acoplada” às escalas nacionais, subnacionais e supranacionais pelos atores que a ela aderem. Mas como se dá essa articulação entre estas diferentes escalas?

O capítulo que se inicia é o coração desta dissertação. É aqui que contraponho a tricotomia dos “elementos ideológicos estruturais” da QTP e a tricotomia das “tarefas nucleares de enquadramento” produzida pela NR para que a QTP possa significar a realidade brasileira, ou melhor, para que se possa emoldurar a realidade brasileira de acordo com os elementos estruturais da QTP. Meu objetivo neste capítulo é contrapor as dimensões diagnóstica, prognóstica e convocatória destas, para a partir desta comparação encontrar as particularidades da adesão da NR à QTP. Para isso, então, em um primeiro momento, identificarei a tricotomia dos elementos ideológicos estruturais da doutrina da QTP, e em um segundo momento prosseguirei à interpretação das tarefas nucleares empreendidas pela NR, procurando as variações e repetições na produção de MIACs pela organização a partir da doutrina à qual se filia.

Os resultados deste capítulo pavimentam o caminho para, nas considerações finais, discutir a articulação entre as escalas supranacional e nacional na adesão da NR à QTP, no que diz respeito ao trabalho de “alinhamento de molduras”<sup>77</sup> empreendido pela organização em relação aos elementos estruturais desta doutrina ideológica, objetivo central de minha pesquisa.

### **5.1 TRICOTOMIA DOS ELEMENTOS IDEOLÓGICOS ESTRUTURAIS DA QTP**

---

<sup>77</sup> Para uma discussão mais completa dos conceitos elencados neste parágrafo, ver o capítulo de Referencial Teórico.

Abaixo serão interpretadas e analisadas as dimensões diagnóstica, prognóstica e convocatória presentes na proposta teórico-ideológica de Dugin. O objetivo, além de apresentar de forma mais detalhada no que consiste a QTP, é ter elementos para posteriormente fazer a comparação entre essa tricotomia e as tarefas nucleares de enquadramento empreendidas pela NR, para compreender a relação entre esses dois conjuntos em termos das formas como a organização brasileira realiza o alinhamento de molduras com a QTP, que circula transnacionalmente, ao contexto brasileiro; ou seja, o alinhamento de molduras nesse jogo entre a escala transnacional e a escala nacional.

Mas por que não dar o mesmo tratamento ao conteúdo do livro e à produção da NR? Como já foi dito anteriormente nesta dissertação, a obra *A Quarta Teoria Política* é entendida por mim como texto que concentra os aspectos doutrinários da QTP, doutrina ideológica homônima ao livro. A escolha de tratar a doutrina da QTP e a produção da NR em dois níveis separados diz respeito a uma percepção de que, embora possam ser tratadas em termos de tarefas nucleares de enquadramento, as dimensões diagnóstica, prognóstica e convocatória da doutrina da QTP têm um grau de elaboração maior do que o conteúdo veiculado pela NR, que por seu caráter de propaganda política virtual, que circula em mídias sociais e em plataformas que privilegiam a brevidade, a simplificação e, em suma, a lógica do *clickbait*, faz o trabalho de seleção e simplificação da doutrina ideológica através da produção das MIACs que condensam e adaptam os significados da QTP, de circulação transnacional, para o contexto nacional brasileiro.

Antes de passar para a tricotomia dos elementos estruturais da QTP, ainda é preciso ressaltar que boa parte dos temas que serão tratados aqui já foram esmiuçados enquanto temas centrais da obra *A Quarta Teoria Política* no capítulo sobre Dugin, cuja última seção trata da caracterização global da doutrina homônima. Sendo assim, aquilo que já foi suficientemente tratado será retomado aqui de forma não detalhada.

### **5.1.1 Elemento diagnóstico**

O elemento estrutural diagnóstico corresponde ao conjunto de ideias, conceitos e perspectivas que localizam *o que está se passando*; ou seja, circunscrevem e emolduram a realidade em termos dos problemas que deverão ser enfrentados através da ação política proposta pela doutrina ideológica. Junto à enunciação dos problemas, geralmente são enunciados seus causadores ou perpetradores em uma gramática dos antagonismos (nós x eles).

Como se verá, Dugin focaliza sua atenção nas movimentações políticas, sociais e ideológicas ao longo do século XX, sobretudo a partir do pós-guerra. Entretanto, o autor dedica de fato uma análise mais demorada sobre a virada do século XX para o XXI, período em que identifica os maiores e mais significativos deslocamentos e transformações sócio-político-ideológicas da modernidade.

#### 5.1.1.1 Globalização, mundo unipolar e a hegemonia liberal global

Dugin (2012a, p.11) abre seu texto, logo nas primeiras linhas do parágrafo inicial da introdução, com uma síntese de seu diagnóstico da realidade:

No mundo atual, a política parece ter acabado, pelo menos como nós a conhecemos. O liberalismo persistentemente lutou contra seus inimigos políticos que haviam oferecido sistemas alternativos; isto é, o conservadorismo, o monarquismo, o tradicionalismo, o fascismo, o socialismo e o comunismo, e finalmente ao fim do século XX, havia derrotado todos eles.

A diagnose do mundo contemporâneo elaborada por Dugin, parcialmente apresentada no terceiro capítulo, pode ser sintetizada da seguinte forma: durante o século XX, as três grandes teorias políticas da modernidade – o liberalismo, o comunismo e o fascismo, nessa ordem – competiram por hegemonia a nível global. O liberalismo, filho pródigo do Iluminismo e principal força de ruptura com a ordem monárquica do medievo europeu, venceu a guerra ideológica pelos rumos da modernidade, por estar “melhor adaptado” (Dugin, 2012a, p. 19) a ela, na última década do século passado, quando caiu a URSS, em 1991.

Com a derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial e posteriormente o colapso da União Soviética, o liberalismo assume uma posição de hegemonia, de domínio quase soberano, em uma nova fase neoliberal, tanto como sistema político e econômico globalizado quanto em uma dimensão cultural e midiática, inaugurando na aurora do século XXI uma fase de homogeneização das identidades étnico-culturais e apagamento dos valores tradicionais da humanidade, passando de uma estrutura geopolítica bipolar para uma outra unipolar articulada em torno da hegemonia política, econômica e cultural estadunidense. Em suma, “o mundo atual é unipolar, com o Ocidente global como seu centro e com os Estados Unidos como seu núcleo” (Dugin, 2012a, p. 375).

#### 5.1.1.2 Pós-liberalismo: chegamos ao “Fim da história”?

De acordo com Dugin (2012a, p. 11), para garantir sua hegemonia, a elite liberal inicia uma nova fase em seu projeto:

Seria lógico assumir que a política se tornaria liberal [...]. Mas, ao invés, no início do século XXI tudo seguiu um roteiro diferente. O liberalismo, que sempre havia insistido na minimalização da política, tomou a decisão de abolir a política completamente após seu triunfo.

Mas como assim “abolir a política”? O pós-liberalismo diz respeito, assim, à passagem do liberalismo de um registro ideológico-político para uma dimensão ontológica; diz respeito ao entranhamento, através do “colapso da política”, “na própria carne da realidade social, a qual se tornou liberal”, para, eliminando a política e a ideologia, eliminar também seus concorrentes ideológicos (Dugin, 2012a, p. 11):

O conservadorismo, o fascismo e o comunismo, junto com suas variações secundárias perderam a batalha e o liberalismo triunfante transmutou-se em um estilo de vida: consumismo, individualismo e uma iteração pós-moderna do ser fragmentado e subpolítico. A política se tornou biopolítica, passando ao nível individual e sub-individual. Acontece que não foram apenas as ideologias políticas derrotadas que deixaram o palco, mas a política, enquanto tal, incluindo o liberalismo, que também se retirou. (Dugin, 2012a, p. 12)

Assim, após a derrocada da URSS, em 1991, a elite liberal aprofundou o processo de globalização, e tem tido sucesso quase absoluto na imposição de uma visão de mundo liberal, seus pressupostos e sensibilidades, como verdade ontológica do mundo, anterior à política e à ideologia, inaugurando uma forma pós-liberal de liberalismo.

Desse modo, de acordo com Dugin, a tese do “Fim da história”, declarada pelo filósofo e economista político liberal Francis Fukuyama em ensaio homônimo (1989) por ocasião da queda do Muro de Berlim, é antes “uma utopia política”, a utopia de um “Mundo Unipolar com uma aberta hegemonia global dos EUA”, “concebida como uma universalização de economia de livre mercado, da democracia política e da ideologia de direitos humanos como um sistema global aceito por todos os países no mundo” (Dugin, 2012a, p. 152). Vista como concretização do globalismo, processo universalista liberal, “a globalização é o mesmo que o fim da história” (p. 142).

Tendo vencido a batalha pela modernidade, o liberalismo avança em direção a uma forma pós-política, segundo Dugin, a pós-modernidade, período que apenas se anuncia no horizonte na virada do século XX para o XXI, e cujos rumos são disputados por diversas forças políticas, mas que se resume a uma batalha entre um polo ligado à Tradição e outro ligado à modernidade liberal – ou melhor, à forma contemporânea identificada como “pós-

modernismo”. Se os fascistas, e depois os comunistas, “perderam a batalha pela modernidade conforme os liberais triunfaram”, e a “questão da modernidade [...] pode ser removida da agenda”, no limiar do século XXI “a batalha pela pós-modernidade começa” (Dugin, 2012a, p. 30).

### 5.1.1.3 A construção do antagonismo em *A Quarta Teoria Política*

Aqui convém retomar um ponto importante do elemento estrutural diagnóstico da doutrina da QTP: o emolduramento da figura do inimigo, que servirá para, depois, no elemento prognóstico, pautar as articulações e alianças que serão necessárias para derrotá-lo. A figura do inimigo, como se verá, é um fator condicionante do campo das alianças; “O inimigo em comum é a instância em comum para todos os tipos de alianças políticas” (Dugin, 2012a, p. 378). Na obra *A Quarta Teoria Política* esse inimigo é caracterizado em termos gerais, até mesmo vagos, como uma “elite liberal global”, composta por atores do “Ocidente global”, tendo os Estados Unidos como núcleo (Dugin, 2012a, p. 375). Estes atores se localizam em diferentes esferas de atuação, da política institucional a grandes capitalistas e à indústria cultural e grupos ligados a uma suposta “esquerda liberal” (ou seja, a esquerda que Dugin rejeita), assim como em diferentes escalas, indo do mais global, como o imperialismo estadunidense, a seus satélites e *proxies* ao redor do mundo.

Em contrapartida, em outros materiais da autoria de Dugin traduzidos e compartilhados pela NR, assim como em materiais da autoria direta da NR, sua caracterização é mais detalhada, compreendendo um conjunto heterogêneo de atores supranacionais, nacionais, transnacionais e subnacionais, na esfera da política institucionalizada e para além dela, indo do governo estadunidense à OTAN, da indústria de Hollywood a coletivos, partidos e ONGs “pós-modernistas”, ligados a pautas como o antifascismo, antirracismo, feminismo e a questões da comunidade LGBTQIAP+. Assim, a figura do inimigo compreende, no topo, uma elite global, e na base, começa a se formar o antagonista, o “sub-indivíduo *twitteiro* sibilante e rizomático”, simulacro pós-moderno do homem político da modernidade (Dugin, 2012a, p. 183-184, grifos do autor).

Se levarmos em conta que o texto *A Quarta Teoria Política* procura cumprir a função de reunir a doutrina ideológica da QTP, faz sentido que a caracterização do inimigo seja apenas anunciada em termos gerais, localizando o alvo a nível macro, e que o emolduramento mais detalhado seja empreendido em materiais de comunicação e propaganda pelos operadores políticos da QTP. Assim como ocorre com outras facetas da QTP, o conteúdo específico que

preencherá o campo do inimigo deverá ser produzido a partir do trabalho, empreendido pela NR, de alinhamento de molduras ao diagnóstico geral da obra *A Quarta Teoria Política*. Mais adiante, quando chegarmos lá, apresentarei um quadro representando graficamente o trabalho de emolduramento do inimigo.

#### 5.1.1.4 Conspiracionismo

Não podemos perder de vista a dimensão espiritual, cósmica mesmo, desta disputa política. Como vimos no terceiro capítulo, um conspiracionismo difuso atravessa todo o elemento estrutural diagnóstico da QTP. O liberalismo, ou melhor, a “elite liberal global” é, em última instância, o Mal Absoluto; as forças da Tradição são as únicas capazes de efetuar uma batalha teomáquica com essas forças demoníacas e derrotar o inimigo, que assume uma face metafísica escatológica, como as forças do Anticristo atuando na Terra. Assim, os problemas políticos aos quais uma doutrina ideológica costuma endereçar em seu elemento de diagnose, são revestidos por uma dimensão escatológica – trata-se de um antiliberalismo escatológico fundamentado em uma teologia política Tradicionalista.

#### 5.1.2 Elemento prognóstico

O elemento estrutural prognóstico diz respeito à solução apresentada em relação ao diagnóstico da realidade efetuado; isto é, corresponde às respostas que são enunciadas às questões “*O que fazer? Como fazê-lo?*”. Aqui entram as estratégias e táticas de ação, isto é, o caminho proposto para ir de um mundo cujos problemas foram diagnosticados até a utopia vislumbrada (esse horizonte utópico é um dos elementos estruturais convocatórios, que serão tratados a seguir).

Para entender o projeto político da QTP, suas propostas e estratégias, é preciso antes de tudo compreender o diagnóstico feito por Dugin. Assim, veremos como a prognose de Dugin corresponde sobretudo às estratégias e propostas de ação para mobilizar uma frente amplíssima e radical de oposição ao inimigo liberal e à modernidade a partir de um enquadramento Tradicionalista. Assim, abordarei aqui as propostas da formação de um pacto de cooperação, da articulação entre diferentes atores com vistas a um mundo multipolar, a partir da rejeição das ideologias da modernidade, e rumo à criação de uma quarta teoria política.

### 5.1.2.1 Pacto de cooperação e multipolarismo

Um dos pontos centrais do elemento prognóstico da QTP é a proposta de um “pacto de cooperação” com vistas a superar a hegemonia ocidental e sua agenda por um mundo unipolar rumo à multipolaridade. Desse modo, a defesa desse pacto corresponde à formação de uma “frente anti-globalista e anti-imperialista (sic)” (Dugin, 2012a, p. 377-378), superando os “preconceitos anticomunistas e antifascistas” que são “ferramentas contrarrevolucionárias” “nas mãos dos liberais e globalistas” para manter “seus inimigos divididos”. É somente com a superação desses “preconceitos” entre ideologias e das “guerras e tensões entre as confissões [religiosas]” que será possível “a criação de uma nova estratégia de resistência ao Mal onipresente”, ou o “o reino do Anticristo” (Dugin, 2012a, p. 381-383); ou seja, a elite que sustenta a hegemonia liberal, que configura um mundo unipolar comandado pelas forças atlantistas Ocidentais. Para estar à altura desse grande inimigo, que, como se verá na próxima seção, é material e metafísico,

*Então nós precisamos unir a direita, a esquerda e as religiões Tradicionais do mundo em uma luta comum contra o inimigo em comum. Justiça social, soberania nacional e valores Tradicionais são os três principais princípios da Quarta Teoria Política. Não é fácil formar uma aliança tão diversificada. Mas nós devemos tentar se quisermos derrotar o inimigo (Dugin, 2012a, p. 383, grifos do autor).*

Os potenciais integrantes dessa frente são, assim, “esquerdistas radicais e a Nova Direita, assim como com religiosos e outros movimentos antimodernos, como ecologistas e Teóricos Verdes por exemplo” (Dugin, 2012a, p. 382), bem como as nações e os movimentos e organizações que combatem a influência do Ocidente e do liberalismo nos países subalternizados. Dito de outro modo, são “todas as forças que lutam contra o Ocidente, contra os Estados Unidos, Contra a democracia liberal, contra a modernidade e a pós-modernidade” (Dugin, 2012a, p. 377-378). A QTP pretende fornecer elementos ideológicos para a realização de uma reconfiguração de alianças e antagonismos, de novas clivagens políticas em escala local, nacional e global, a partir do fomento a novas articulações a partir da produção de convergências entre estes atores políticos.

Outro ponto a ser destacado, e que ainda diz respeito à prognose quarto teórica, é a centralidade da geopolítica. O paradigma multipolar defendido por Dugin reflete a importância central dada à geopolítica e à escala global na QTP. Segundo ele, somente um conjunto de alianças que vá da escala local à supranacional, da política institucional à militância

extrainstitucional, da batalha ideológica ao conflito militar, é capaz de derrotar a hegemonia do unipolarismo.

#### 5.1.2.1.1 Um parêntese importante sobre o pacto de cooperação

Esse “pacto de cooperação”, no entanto, não é um mero convite, mas uma interpelação agressiva. Em um texto publicado em um dos principais endereços de ecossistema digital duginista (4pt.su) e traduzido no *blog* Legio Victrix intitulado “Why fascism was (is) wrong?”<sup>78</sup>, em que empreende uma crítica teórico-teórica do fascismo, Dugin prega que, após vencido o liberalismo, inimigo número um, deve-se liquidar os “marxistas materialistas” e somente depois os “idiotas nazis” que não aderirem integralmente à QTP, abandonando suas convicções ideológicas pregressas.

O critério para a eliminação dos antigos aliados é a proximidade ideológica em relação à QTP: primeiro o liberalismo, o mais distante, o inimigo principal; o comunismo, aliado tático para derrotar o primeiro; e por fim, os neonazistas e fascistas, pois “é muito mais fácil para os ex-fascistas dar o passo seguinte sobre a base de uma fria análise geopolítica e ideológica da história intelectual e política do século XX, e unir-se à Quarta Via” (Dugin, 2015). No trecho a seguir, é possível perceber o ódio duginista ao marxismo que não quiser abandonar seus princípios materialistas:

Quando a oligarquia mundial repousar sobre suas ruínas, precisaremos acabar com os vermelhos [...] com seus idiotas materialismos e determinismos mecanicistas; com seu proletariado imaginado, ou pior, suas “multidões”; com seu igualitarismo incondicional; com seus “intelectuais” pervertidos mentalmente e sua “arte degenerada”. (Dugin, 2015).

Qualquer semelhança com o cálculo político por trás do Pacto Ribbentrop-Molotov não é mera coincidência. A estratégia fascista de infiltrar-se junto à esquerda, convergir com ela, formar aliança, para mais na frente destruí-la não é nenhuma novidade histórica.

#### 5.1.2.2 A amálgama entre comunismo e fascismo sobre uma moldura Tradicionalista

Em trecho imediatamente anterior à proposta de formação dessa insólita frente de oposição ao inimigo liberal global, Dugin propõe uma nova combinação entre elementos das

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.4pt.su/en/content/why-fascism-was-wrong>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ditas segunda e terceira teorias políticas, depurando-as de seus aspectos “demasiado modernos” (que seriam, principalmente, o materialismo dos comunistas e o racismo “científico” dos nazifascistas), a partir de uma matriz conservadora – isto é, baseada em valores “perenes” pré- ou anti-modernos – para derrubar a hegemonia liberal, que se encarna no imperialismo unipolar sob a figura dos Estados Unidos da América, e da Europa Ocidental como seu satélite no Velho Mundo.

Como Dugin justifica essas combinações inusitadas, para dizer o mínimo? Ele defende a rejeição das ortodoxias das teorias políticas modernas, através de uma “leitura cruzada”, interpretando “‘Marx através de uma perspectiva positiva da Direita’ ou ‘Evolva através de uma perspectiva positiva da Esquerda’”<sup>79</sup> (Dugin, 2012a, p. 34). Para ele, é possível fazer uma interpretação heterodoxa delas a partir da “a filosofia de Heidegger” a qual “pode provar ser aquele eixo central conectando tudo ao seu redor – das segunda e terceira teorias políticas reinterpretadas ao retorno da teologia e da mitologia” (p. 42). Nesse sentido, é mais do que significativo que o autor mais citado por Dugin seja Heidegger e o segundo seja Marx (vide subseção 3.2.2 do terceiro capítulo).

Dugin argumenta que, desintegrando ideias de seu “círculo hermenêutico”, pode-se capturá-las e integrá-las em uma quarta teoria política, que amalgama o “melhor” que há em cada uma das teorias políticas. Ou seja, retirando esses elementos do “todo” dessas teorias políticas, remanejando-as em uma nova forma política, a partir de um processo de desmembramento de seus componentes que leva à “dessemantização” e a consequente abertura para uma “ressemantização”, isto é, para o uso desses componentes em novas elaborações do pensamento político. Ao retirar fragmentos dessas ortodoxias de seus círculos hermenêuticos, argumenta que é possível “neutralizar”, por exemplo, o materialismo do marxismo, e o racismo do nacional-socialismo (Dugin, 2012a, p. 56-57). Dessa maneira, ele procura traçar o contorno exato do que procura aproveitar de cada uma delas. Do marxismo, rejeita a visão de mundo materialista e o determinismo econômico, aproveitando seu “método sociológico” de análise crítica do *Capital* e das instituições burguesas, o sentido de justiça social e sua imagética revolucionária em uma leitura heterodoxa que é postulada como “marxismo sociológico mítico” ancorado em uma perspectiva teológica. Assim, ele pode ser entendido em uma chave milenarista escatológica cristã:

---

<sup>79</sup> Mais uma vez, a inspiração, aqui, é Alain de Benoist e seu livro *Vu de Droite (Visto da Direita)* (1977), uma proposta de reinterpretação de autores como Gramsci a partir de uma perspectiva de direita.

Como um mito, o marxismo nos narra a história de um estado paradisíaco original (“comunismo primitivo”), o qual é gradualmente perdido (“a divisão primitiva do trabalho e a estratificação da sociedade primitiva”). Então, as contradições aumentaram, chegando ao ponto em que, no fim do mundo, elas foram reencarnadas na forma mais paradigmaticamente pura do confronto entre Trabalho e Capital. O capital – a burguesia e a democracia liberal – personificava o mal global, exploração, alienação, mentiras e violência. O trabalho incorporava um grande sonho e uma antiga memória do “bem comum”, cuja aquisição (a “mais-valia”) por uma maligna minoria deu origem a todos os problemas da vida. O trabalho (o proletariado) deve reconhecer os paradoxos dessa situação e se erguer contra seus mestres de modo a construir uma nova sociedade – um paraíso na terra – o comunismo. (Dugin, 2012a, p. 81)

Já o fascismo (e junto com ele o nazismo) deve ser, segundo Dugin, purificado de seus elementos explicitamente racistas e supremacistas, mas deve ser mantida a centralidade de valores ligados à conservação da tradição e do *ethnos* dos povos (vide subseção 3.2.2.4 do terceiro capítulo):

Sem o racismo, o nacional-socialismo não é mais nacional-socialismo – seja teórica ou praticamente – ele é neutralizado e descontaminado. Nós podemos agora proceder sem medo de objetivamente analisá-lo em busca daquelas ideias que podem ser integradas na ‘Quarta Teoria Política’. (Dugin, 2012a, p. 76)

É sobretudo da crítica nazista, também, que Dugin busca inspiração para fundamentar seu rechaço completo à filosofia liberal, ao liberalismo como sistema político e suas instituições, como a democracia liberal, o capitalismo burguês, o cosmopolitismo, etc.

Ainda segundo Dugin, a crítica da terceira teoria política ao liberalismo é mais completa e consequente do ponto de vista ético-filosófico, enquanto a análise do funcionamento do liberalismo como sistema capitalista globalizado é mais sofisticada na segunda teoria política (Dugin, 2012a, p. 80-81). No entanto, conforme o autor, ainda falta um elemento. Segundo ele, a amálgama entre a segunda e a terceira teoria política “é apenas o *primeiro passo*”, e não é suficiente para forjar uma ideologia capaz de combater o inimigo

A adição mecânica de profundamente revisadas versões das ideologias antiliberais do passado, não nos dá um resultado final. É apenas uma aproximação inicial, uma aproximação preliminar. Nós precisamos ir mais longe e fazer um *apelo à Tradição* e a fontes pré-modernas de inspiração. Aí nós temos o estado ideal *platônico*, a sociedade hierárquica medieval e as visões teológicas do sistema social e normativo (cristão, islâmico, budista, judeu ou hindu). Estas fontes pré-modernas são muito importantes para desenvolver a síntese nacional-bolchevique. Portanto, nós precisamos achar um *novo nome* para este tipo de ideologia e “Quarta Teoria Política” é bastante apropriado. Este nome não nos diz o que é essa Teoria, mas o que ela não é. Então ele é um tipo de convite e apelo, ao invés de um dogma. (Dugin, 2012a, p. 381-382, grifos do autor)

Assim, o arremate da costura que amalgama, na doutrina da QTP, aspectos da segunda teoria política a aspectos da terceira teoria política, é uma perspectiva de retorno da Tradição,

da teologia, de formas políticas pré-modernas do medievo europeu, da Grécia Antiga, e de diferentes “visões teológicas do sistema social e normativo (cristão, islâmico, budista, judeu ou hindu)” (Dugin, 2012a, p. 381). É esse “apelo à Tradição” que desenvolve a síntese nacional-bolchevique em outra coisa – a saber, a QTP.

### 5.1.3 Elemento convocatório

As formas de fomento à adesão, embora passem também pelos outros elementos estruturais da QTP, encontram lugar privilegiado na dimensão convocatória. Essa dimensão compreende tanto elementos do “*rationale*”, isto é, das formas de convencimento através da produção de uma identidade coletiva distintiva para o grupo, pintando-o como “vanguarda”, como agente das mudanças necessárias que foram levantadas e demarcadas nos elementos de diagnose e prognose, convocando à adesão, quanto elementos motivacionais, dispositivos simbólicos e que procuram atuar em uma dimensão extrarracional, na produção de identidade, de convicção, na afetação subjetiva do potencial adepto. Essas duas dimensões dos elementos estruturais convocatórios são atravessadas pela diagnose e pela prognose; a diferença está na ênfase: o elemento convocatório diz respeito ao tom, ou melhor, à ênfase dada à urgência de mobilizar e agir a partir de determinada doutrina ou corrente ideológica.

A dimensão do *rationale*, aqui, procura localizar a “missão histórica” dos potenciais aderentes ao pacto de cooperação duginista como a única força capaz de fazer uma oposição consequente ao mundo unipolar que está sendo instaurado pelo Ocidente liberal hegemônico pelos EUA. Dentro destes, procura localizar o papel dos adeptos da QTP como “soldados políticos”, entendendo a doutrina da QTP como uma doutrina da Cruzada pós-moderna da Tradição contra o liberalismo e a modernidade. O *rationale* contempla, como contexto histórico, em uma perspectiva positiva, a reemergência, a nível global, de forças políticas dessecularizantes ligadas aos conservadorismos e aos nacionalismos; e, em uma perspectiva negativa, os avanços vertiginosos das novas TICs, as mudanças climáticas, o paradigma pós-modernista e as lutas e pautas chamadas “pós-modernistas” de grupos feministas e grupos em defesa dos direitos LGBTQIAP+.

A dimensão motivacional diz respeito mais diretamente ao despertar das paixões políticas, através da exortação à organização e ação política fundamentada na QTP, assim como a uma utopia quarto teórica, ou da difusão de molduras que procuram produzir ou potencializar certo pânico moral relativo ao mundo contemporâneo e às crises e mudanças sociais que se desdobram a partir do fim do século XX e a entrada no século XXI, e que devem ser combatidas.

Contempla também uma formulação utópica do mundo que se almeja produzir. É importante pontuar que não são apenas as ideologias congênitas à esquerda que possuem utopias. Muito pelo contrário, os fascismos criam seus horizontes de futuro – o nazismo, por exemplo, possuía um horizonte utópico na formulação de um Terceiro Reich, um “Reich de mil anos” que ocuparia grandes extensões territoriais na Europa e além, objetivo que seria alcançado após purgar com sucesso o mundo da “ameaça judia”; o fascismo tinha a ambição de restaurar uma suposta glória imperial romana em uma nova etapa histórica. No caso de ambos, se justificava o expansionismo imperialista a partir de um referencial utópico.

A dimensão do *rationale* e a dimensão motivacional podem, e de fato é o que acontece grande parte das vezes, se justapor em um mesmo trecho do discurso. Seria incorreto mesmo afirmar que estas dimensões existem em separado, ou em contraposição. Mas, para fins heurísticos, acredito ser importante demarcar essa diferença, na medida em que foi identificada uma variação entre dois tipos de investimento convocatório, ora mais “racional”, através de uma retórica mais analítica, ora extrarracional, através do apelo a uma retórica exortativa, com abuso de recursos imagéticos, simbólicos e poéticos.

### 5.1.3.1 Rationale

O *rationale* da QTP diz respeito à produção de uma identidade coletiva para os aderentes desta doutrina, formando um campo do “nós” (em contraposição ao “eles”) que gira em torno da produção de novas clivagens políticas a partir da negação da divisão esquerda-direita da topologia política moderna – o campo do “nós” passa a ser categorizado como “dissenso” e como “periferia” contra a “conformidade”, que representa o centro hegemônico do mundo unipolar. Assim, a QTP é caracterizada como “resistência ao *status quo*” (Dugin, 2012a, p. 25, grifos do autor). Também faz parte do *rationale* uma dimensão que diz respeito às formas extrarracionais de mobilização e filiação à QTP, a qual é emoldurada como a única ideologia à altura da tarefa histórica de derrotar política e espiritualmente o liberalismo, encarnação do Reino do Anticristo na Terra.

#### 5.1.3.1.1 A batalha pelo futuro: pós-modernismo versus Tradição

Como consequência de seu diagnóstico – o qual localiza o fim da era moderna no limiar do século XX para o XXI, a partir do marco do fim da União Soviética e da conquista por hegemonia a nível global pelo antigo bloco ocidental da Guerra Fria – Dugin indica que estamos

vivendo um período de transição em direção a um novo paradigma. Porém, o novo paradigma em questão ainda está em aberto, pois os rumos do mundo estão em flagrante disputa.

[...] o atual mundo contemporâneo não pode ser considerado como uma realização adequada da Nova Ordem Mundial. Não há nenhuma Ordem Mundial definitiva de qualquer tipo. O que nós temos em vez, é a transição da Ordem Mundial que nós conhecemos no século XX para outro paradigma, cujas características ainda estão para ser totalmente definidas. O futuro será realmente global? Ou as tendências regionalistas irão dominar? Haverá uma única Ordem Mundial? Ou em vez disso, haverá várias ordens locais e regionais? Ou talvez o que nós estamos fazendo para lidar com o caos global? Não está claro ainda. A transição não está realizada. Nós estamos vivendo no meio disso. (Dugin, 2012a, p. 153)

É nesse campo de disputas que a QTP se localiza em oposição à elite liberal global e às forças pós-modernistas que atuam na corrosão dos pressupostos da modernidade. Essa disputa também é lida como uma “batalha pela pós-modernidade” (Dugin, 2012a, p. 27) e é, em última instância, uma batalha escatológica entre as forças do Anticristo encarnadas no liberalismo e no pós-modernismo e as forças ligadas à sagrada Tradição.

Paradoxalmente, no entanto, é nas brechas abertas pelo próprio liberalismo – em sua corrosão do paradigma moderno desde dentro, através de um “pós-modernismo”, e com a declaração do “fim da história”, o qual teria enterrado seus antagonistas através da entrada em uma fase pós-liberal – que se abre uma trincheira para combatê-lo:

O liberalismo se desenvolveu infalivelmente operando armas dirigidas contra suas alternativas diretas, o que foi a base de sua vitória. Mas é essa própria vitória que reserva o maior risco para o liberalismo. Nós devemos apenas averiguar a localização desses novos pontos vulneráveis no sistema global e decifrar suas senhas de login de modo a hackear seu sistema. Pelo menos, nós devemos tentar fazê-lo. (Dugin, 2012a, p. 31)

Segundo Dugin (2012a, p. 32), “A Quarta Teoria Política deve buscar sua “inspiração sombria” na pós-modernidade, na liquidação do programa do Iluminismo e na chegada da sociedade do simulacro, interpretando isso como um incentivo para a batalha, ao invés de como um dado fatal”. Se levarmos em conta que Dugin localiza o fim da era moderna na queda da ordem bipolar da Guerra Fria, e rejeita as três grandes teorias políticas da modernidade, em certo sentido, a QTP é uma teoria política pós-moderna. É nesse espaço-tempo que as forças da Tradição têm condições de se reagruparem, reemergindo como força política capaz de dar combate ao inimigo liberal sublimado em “pós-liberalismo”.

A QTP, como proposta de reconfiguração de alianças políticas a partir de um inimigo comum, é uma oportunidade de aliança de todas as forças que foram vencidas, “amalgama de um projeto comum e um impulso comum em relação a tudo que foi descartado, derrubado e

humilhado durante o curso da construção da ‘sociedade do espetáculo’ (construindo a pós-modernidade)” (Dugin, 2012a, 28-29).

O autor coroa o trecho acima com o famoso versículo bíblico sobre a Pedra Angular, “‘A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se pedra angular’ (Marcos 12:10)”. Outra referência religiosa na caracterização da missão histórica da QTP é a ideia segundo a qual “a Quarta Teoria Política é uma ‘Cruzada’” (Dugin, 2012a, p. 28) contra o liberalismo e seus “dogmas venenosos”, sendo um “imperativo moral” opor-se a ele (p. 330).

Dugin ainda adverte para o fato de que a QTP ainda carece de “características razoavelmente científicas e racionais”, ainda “mal discerníveis por trás da energia de intuições inovadoras e da super tarefa revolucionária de destruir as velhas ideologias” (Dugin, 2012a, p. 67-68). Além de advertir o leitor e potencial adepto de que, apesar de suas fragilidades analíticas, a doutrina ainda se encontra em estado de latência, anunciando sua novidade de forma ainda intuitiva, apontando que ainda há muito o que fazer, o que também ressalta o caráter “aberto”, “incompleto” e “absolutamente novo” da QTP, funcionando como um apelo para o desenvolvimento de futuros trabalhos teóricos “científicos” a partir dos pressupostos desta doutrina ideológica.

#### 5.1.3.1.2 Produção de uma identidade coletiva: o dissenso contra a conformidade, a periferia contra o centro e o retorno do soldado político

Passemos agora à função central da dimensão do *rationale*, isto é, a produção de uma identidade coletiva distintiva para o grupo – cuja missão é atuar para que se percebam como “importantes”, isto é, como sujeitos de mudanças, que terão um papel preponderante na transformação de um mundo cheio de problemas na utopia projetada sobre um horizonte de futuro. Se a contemporaneidade se apresenta como um campo de disputas, e o inimigo já foi devidamente localizado e classificado, quem faz parte do campo do “amigo”, quem é o sujeito coletivo a quem Dugin se dirige? De quem ele fala quando diz “nós”?

Potencialmente, todos os atores convocados pelo pacto de cooperação são potenciais adeptos da QTP. De forma ampla, eles formam o campo do “dissenso” contra a “conformidade”; a segunda reúne todo o conjunto de atores e instituições que consentem com o paradigma do centro hegemônico unipolar, o primeiro reúne os potenciais aderentes ao pacto duginiano e, dentro destes, os “soldados políticos” da QTP, os quais, dentre os aderentes, são aqueles que, convencidos pela doutrina, militam em torno de seus valores, princípios, pressupostos, estratégias e táticas.

A categorização das clivagens políticas contemporâneas em “dissenso” e “conformidade” relaciona-se intimamente, na doutrina da QTP, com o diagnóstico segundo o qual o espectro político da modernidade não se aplica mais à realidade pós-liberal e pós-moderna. Também está diretamente conectada ao prognóstico que dita o “que fazer” em torno da articulação desse campo em torno do “dissenso” ao liberalismo. Segundo Dugin (2012a, p. 28), “é impossível determinar onde a Direita e a Esquerda estão localizadas em relação ao pós-liberalismo. Há apenas duas posições: conformidade (o centro) e dissenso (a periferia). Ambas as posições são globais”. O dissenso é a oposição absoluta “ao pós-liberalismo como prática universal”, à globalização, à pós-modernidade, contra o ‘fim da história’ e o *status quo* (Dugin, 2012a, p. 25). Como se verá adiante, a noção que é traduzida como “dissenso” nesta edição de 2012, aparecerá como enquadramento privilegiado na forma como a NR enquadra, ou identifica, a sua militância e outros atores aliados (reais ou potenciais) enquanto “dissidentes” ou partes da “dissidência”.

Dugin lança mão da noção de “soldados políticos”, inspirada novamente por Carl Schmitt, para caracterizar uma atitude radical diante da política. O soldado político se distingue do político comum na medida em que, para o primeiro, a política é revestida de uma “dimensão existencial”, e assim pelo “fato de que ele mata e morre pela política” (Dugin, 2012a, p. 181). O autor, no entanto, adverte que, embora seja “uma imagem romântica maravilhosa” (Dugin, 2012a, p. 182), se trata ao mesmo tempo de “uma noção instrumental”, a qual, sendo um fenômeno da modernidade, é “charmosa, mas técnica”, não devendo ser hiperbolizada em seu uso (Dugin, 2012a, p. 183).

De acordo com o russo, embora o conceito tenha sido formulado nos anos 1930 (diga-se de passagem, por Schmitt, um teórico do nacional-socialismo), aquilo que ele representa é anterior à modernidade, pois “toda sociedade tradicional (como a de Gengis Khan) foi fundada por soldados políticos” (Dugin, 2012a, p. 182), além de que Nietzsche, segundo ele, teria previsto um tempo em que as pessoas estariam matando por ideais, e Dugin localiza esse período na primeira metade do século XX (p. 182). Para ele, se após 1945 o soldado político foi cada vez mais sendo substituído por um simulacro, um “pseudosoldado político” (p. 184), ou pelo “homem político” – o qual também está em decadência –, que não está disposto a matar e morrer, hoje em dia o simulacro vem tendo uma nova evolução pós-modernista, como “androide pós-humano rizomático” que “a nível de antropologia política” deve ser confrontado pelo retorno da personalidade do soldado político (Dugin, 2012a, p. 183), que emerge, liberado das teorias políticas da modernidade, como um dos “principais sujeitos da pós-política” (Dugin, 2012a, p. 180).

### 5.1.3.2 Motivacional

A dimensão motivacional é apenas um aspecto do elemento estrutural convocatório da doutrina da QTP, tal como se apresenta na obra *A Quarta Teoria Política*. Chamo-a “motivacional” em referência à “tarefa nuclear de enquadramento motivacional”, de Snow e Benford (2000, p. 617), que contempla essa dimensão extrarracional da mobilização política. Com isso, quero dizer que a dimensão motivacional não existe à parte dos outros aspectos do elemento estrutural convocatório, mas identifica os aspectos que endereçam de maneira mais direta essa dimensão extrarracional, com forte investimento em um tom exortativo, no recurso ao simbólico, em figuras de linguagem carregadas de função poética e no fomento aos pânicos morais que, de uma forma ou de outra, já se encontram mais ou menos difusos em dada conjuntura histórica, como por exemplo a “ideologia de gênero”, um dos carros-chefe da extrema direita global, teoria da conspiração que ajudou a eleger diversos candidatos ligados ao bolsonarismo no Brasil, dentre eles o próprio Bolsonaro, em 2018.

Esta seção será dividida em duas pequenas subseções, que correspondem a essas duas facetas da dimensão motivacional, uma positiva, relativa à exortação à ação, procurando afetar seus interlocutores anunciando uma “novíssima novidade” no horizonte, e outra negativa, a qual fomenta afetos ligados à raiva, ao pânico moral contra seus inimigos e contra o próprio mundo contemporâneo a partir de qualificações pejorativas, em enquadramento de degeneração, decadência, monstruosidade, e também utilizando a moldura da “ditadura” para caracterizar as práticas, valores e instituições do inimigo liberal.

#### 5.1.3.2.1 A QTP como “revelação de um novo horizonte” e convite para “espíritos livres”

Segundo Dugin, mesmo em seu aspecto negativo, isto é, como negação das teorias políticas da Modernidade, a QTP já se anuncia como “convite extremamente estimulante para um espírito livre e uma mente crítica” (Dugin, 2021, p. 54); ao se deparar com ela, “certas pessoas” deveriam correr “imediatamente para abrir uma garrafa de champagne” e começar “a dançar e se regozijar, celebrando a revelação de um novo horizonte”, pois de acordo com o autor “este é um tipo de um Ano Novo filosófico – um excitante salto no desconhecido” (Dugin, 2012a, p. 54). Também a retrata como uma teoria política que “invoca a viver perigosamente, a pensar de modo arriscado, a liberar e soltar todas as coisas que não podem ser levadas de volta

para dentro” (p. 92). A QTP é, em suma, “o nome para uma descoberta, para um novo começo” (p. 55).

#### 5.1.3.2.2 Ocidente liberal (pós-)moderno – catástrofe, ditadura e degradação da Terra

Conforme vimos rapidamente na subseção 3.2.2.5 do terceiro capítulo, a respeito de trechos em que o ultraconservadorismo de Dugin está mais evidente, o inimigo é enquadrado no quadro da degeneração, da decadência, do engano e da monstruosidade – e no limite, como o Mal Absoluto, como o Reino do Anticristo, em uma dimensão escatológica. O mundo unipolar, que tem o Ocidente global como seu centro hegemônico, na medida em que impõe seu modo de vida como o único universalmente aceitável, é caracterizado como “um tipo de ditadura global”, contra o qual deve-se lutar: “Portanto, *nós devemos lutar contra isto*. Se alguém nos priva de nossa liberdade, nós temos que reagir. E nós reagiremos. O Império Americano deve ser destruído. E em algum ponto, ele será” (Dugin, 2012a, p. 375-376, grifos do autor).

Logo em seguida, mobiliza os Tradicionalistas René Guénon e Julius Evola para atacar a unipolaridade, “baseada em valores modernistas e pós-modernistas” (p. 376), compartilhando sua visão, segundo a qual entendiam a Modernidade e sua “base ideológica (individualismo, democracia liberal, capitalismo, consumismo, etc)” como “a causa da futura catástrofe da humanidade e a dominação global do modo de vida Ocidental como razão da derradeira degradação da Terra”, concluindo de maneira profética que “o Ocidente está se aproximando do seu término e nós não podemos deixar que ele arraste todos nós para o abismo com ele” (Dugin, 2012a, p. 376).

Note-se como o conspiracionismo, a ideia de “imperativo moral”, a dimensão escatológica e o enquadramento da QTP como “Cruzada”, elementos já abordados em outras partes desta dissertação, na medida em que contribuem para uma atmosfera geral de pânico moral, são componentes desse aspecto motivacional extrarracional da doutrina.

## 5.2 AS TAREFAS NUCLEARES DE ENQUADRAMENTO DA NR

Chegamos agora à seção em que abordo o trabalho de enquadramento empreendido pela NR a partir da doutrina da QTP. O objetivo é analisar como a NR agencia a produção de enquadramentos interpretativos; nas considerações finais, explorarei como se dá o alinhamento entre estes e os elementos estruturais da QTP. Dito de outro modo, meu interesse aqui é

contrapor como a NR produz suas MIACs diagnósticas, prognósticas e convocatórias em relação aos elementos estruturais da doutrina da QTP.

Faço isso a partir de uma análise comparativa entre essas tricotomias – a saber, os três elementos estruturais da QTP e as três tarefas nucleares de enquadramento da NR –, as quais são aqui contrapostas de maneira a tornar possível um paralelo entre estes dois registros. Em seguida, nas considerações finais, discutirei os resultados encontrados à luz do conceito de “alinhamento de molduras”, com o fim de analisar os repertórios envolvidos nesse alinhamento com a QTP, para entender quais os repertórios e procedimentos envolvidos no trabalho de apropriação de doutrina nacionalista de circulação transnacional e sua adaptação à escala nacional.

### **5.2.1 Tarefas nucleares de enquadramento**

O conceito de tarefas nucleares de enquadramento já foi suficientemente abordado no capítulo que trata do referencial teórico. Basicamente, trata-se do trabalho de produção de enquadramentos em termos de um diagnóstico sobre o mundo (o que há de errado), um prognóstico feito a partir disso (como consertar esta situação), e, por último, de enquadramentos convocatórios que têm como objetivo influenciar e mobilizar potenciais adeptos a aderirem à doutrina (e com sorte à organização) que está sendo apresentada.

Antes de passar para a análise desta tricotomia propriamente dita, cabe comentar que não foi encontrada nenhuma forma de divergência ou discordância da NR, nem em relação aos pressupostos e aspectos doutrinários da QTP de modo geral, e nem a seus elementos estruturais. Assim, os resultados encontrados apontam para a total concordância da NR com a ortodoxia da QTP, no sentido em que não foram encontradas divergências em torno de nenhuma das três dimensões comparadas. Isto não quer dizer, obviamente, que a NR apenas reproduza os pressupostos da QTP de forma passiva; o trabalho criativo da NR em relação à doutrina à qual se filia está na passagem da escala mais macro da QTP, uma escala supranacional, para a escala nacional. É nessa adequação que a QTP é “acoplada” a uma tradição política nacionalista brasileira já consagrada – a saber, o trabalhismo – modulando-a de acordo com os valores, princípios e pressupostos da QTP. Nessa adequação, também, os antagonistas e potenciais aliados que haviam sido apenas delineados na obra de Dugin ganham corpos e rostos particulares, assim como os objetivos e o projeto anunciado se transformam em pautas, estratégias e em um programa político nacionalista de caráter singular.

Como essa adesão se dá sem divergências, e as variações encontradas orbitam todas nessa transição escalar, o que foi dito para os elementos estruturais da QTP deve ser tomado como ponto de partida da tricotomia das tarefas nucleares de enquadramento da NR. Assim, a NR enquadra a realidade brasileira de acordo com a doutrina da QTP. Mas de que maneiras a primeira alinha suas tarefas nucleares de enquadramento aos elementos estruturais da segunda? A discussão mais detalhada sobre o alinhamento de molduras agenciado pela NR será feita a seguir, nas considerações finais do trabalho, em que serão assinalados os elementos que apontam para as formas como a NR alinha suas molduras à doutrina da QTP, uma amálgama ideológica gestada na Rússia, com o objetivo de torná-la não apenas inteligível e significativa no contexto brasileiro, mas sobretudo persuasiva o bastante para recrutar potenciais adeptos no Brasil.

#### 5.2.1.1 Enquadramentos diagnósticos

Figura 30 - Ilustração de Dugin no site da NR



Fonte: Nova Resistência (s.d.c).

Quem está “a favor da hegemonia liberal global” no Brasil? Quem é o “inimigo”? Como as forças do globalismo<sup>80</sup> atuam em nosso país? Como já foi mencionado anteriormente, não foi encontrada nenhuma divergência entre os elementos estruturais diagnósticos da QTP e os enquadramentos diagnósticos produzidos pela NR. Meu foco aqui está nas formas específicas como a organização significa a conjuntura brasileira, ou melhor, como enquadra a realidade do país, emoldurando de forma específica atores, problemas e processos de modo a dar uma visão de conjunto – um *quadro* da realidade. Sendo assim, a ilustração abaixo demonstra as principais variações encontradas na forma como o campo do inimigo, do antagonista, é emoldurado ao longo do *corpus* analisado. Os enquadramentos diagnósticos para uma escala supranacional, global, serão considerados aqui de forma secundária, pois meu interesse recai sobre a escala nacional.

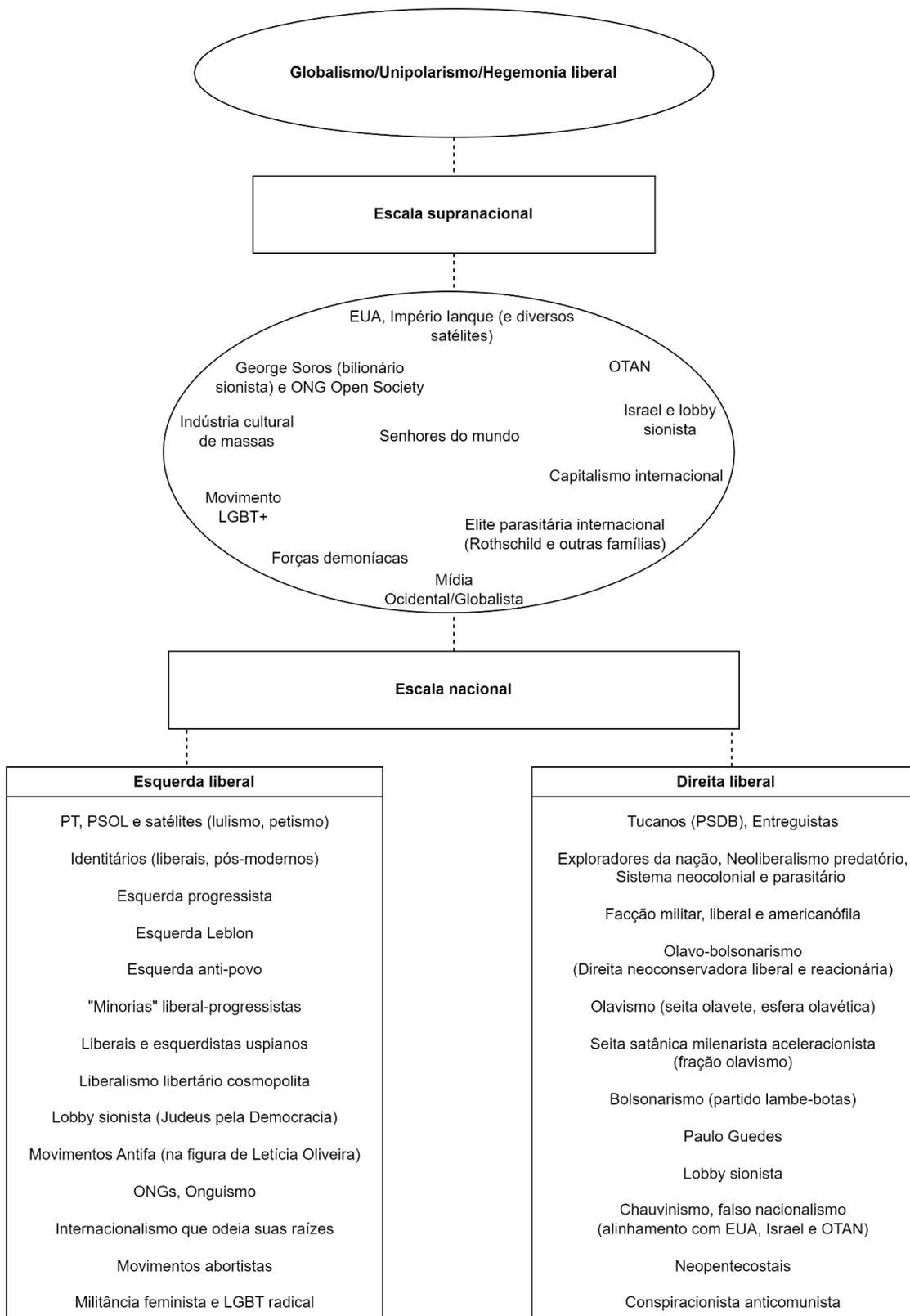
Dos 54 arquivos que compõem a amostragem destacada do *corpus* empírico total desta pesquisa para codificação e análise, 40 URLs do *website* da NR contêm enquadramentos de dimensão diagnóstica, o que corresponde a 74,07% do recorte analisado. Dentro destas 34 páginas, os materiais privilegiados para a análise dos problemas emoldurados nos enquadramentos diagnósticos da NR são os textos que avaliam a conjuntura e a correlação de forças nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, a saber: “Nota Oficial da Nova Resistência sobre as Eleições 2018” (nota pública assinada pela NR em 2018) (Nova Resistência, 2018), “Ciro acordou! Que não durma de novo” (Machado, 2022a), e “A luta entre Patriotas e Globalistas chegou ao Brasil” (Machado, 2022b) (ambos da autoria de Raphael Machado em 2022), assim como as URL “Discurso da Nova Resistência no Congresso Trabalhista” (Nova Resistência, 2019d), dentre outras, nas quais é feito um exercício de emolduramento da historicidade do Brasil recente a partir de uma perspectiva que reivindica para si a continuidade do “legado do trabalhismo”, o que se conecta às tarefas de enquadramento prognósticas.

A partir deste material, como se verá a seguir, é possível ter uma amostra da forma como enquadram o que há de errado com o país e efetuam sua leitura das “reais” clivagens políticas em jogo, sob a “falsa polarização” encenada pela hegemonia liberal em torno do petismo e do bolsonarismo, os quais, segundo a NR, são duas linhas de um mesmo campo hegemônico liberal anti-povo que se utiliza da dicotomia esquerda-direita como estratégia divisionista para dividir o povo e conquistá-lo política, econômica e moralmente.

---

<sup>80</sup> Segundo Grumke (2013, p. 19), a ideia de “globalismo” mobilizada pela extrema direita para denunciar uma “elite oculta”, “cosmopolita” e “antitradição” que comanda o “capital internacional” passa por uma forma relativamente velada de antissemitismo. A estratégia de substituição da ideia de “conspiração judaica” para uma “conspiração globalista” pode ser entendida aqui como uma forma de ocultamento ou codificação do antissemitismo, com o fim de não afastar potenciais aderentes que não se identificam diretamente com ele.

Figura 31 - Emoldurando o inimigo



Fonte: Elaboração própria (2023).

Talvez pelo fato de *A Quarta Teoria Política* se tratar de uma obra doutrinária para a QTP, e para não correr o risco de tornar o texto muito datado ou taxativo em sua categorização dos inimigos, Dugin os nomeia de forma consideravelmente vaga, em termos de uma “elite liberal global” que tem como principal ator os EUA. No entanto, em seu trabalho cotidiano de propaganda, a NR (assim como o próprio Dugin, mas isso fica para outro texto), enquadra o inimigo de forma muito mais explícita. Ao dar um rosto aos atores individuais e coletivos, supranacionais e nacionais, que estão sob a classificação de “liberal”, a organização substancializa as clivagens políticas de forma particular. Em relação à multiescalaridade transnacional, os antagonistas são identificados, em escala supranacional, por exemplo, como os “Senhores do mundo”: EUA e seus satélites, principalmente Israel, OTAN, a mídia ocidental, o capitalismo internacional, o FMI, uma “elite parasitária internacional” (como a família de banqueiros Rothschild, dentre outros), incidindo de maneira mais direta na esfera política e econômica dos países subjugados; e George Soros e sua Open Society Foundation, atuando sobre a esfera cultural, principalmente na pauta dos costumes e no apoio às “‘minorias’ liberal-progressistas” e “identitários pós-modernos”, como os movimentos feministas, antifascista e LGBTQIA+.

Em escala nacional, a leitura da NR associa, em termos gerais, a “esquerda liberal pós-moderna” à corrupção política e moral, à opressão ético-comportamental do povo através da “promoção fanática e virulenta das pautas morais e culturais” com o apoio do “bilionário sionista” George Soros e sua Open Society Foundation, o qual apoiou Lula para as eleições presidenciais em 2022, e financia diversos “movimentos abortistas” e “LGBT radical” (“forças demoníacas”, “anti-humanas”). Classificam-na como uma “esquerda internacionalista que odeia suas raízes”, “cosmopolita”, “anti-povo”. O petismo que disputa o poder hoje é, assim, emoldurado como partido que representa os interesses de Soros, estando muito afastado do “partido popular, de matriz sindicalista católica, que no início do milênio surgiu como alternativa ao neoliberalismo predatório em nossa nação”. Hoje, “a esquerda progressista diz defender o povo” e não obstante “odeia tudo que vem dele: sua fé, sua cultura, seus valores” (Nova Resistência, 2018).

Figura 32 - Capa do texto “A luta entre Patriotas e Globalistas chegou ao Brasil”



Fonte: Machado (2022b).

A direita liberal é identificada com a elite econômica e política do país, historicamente entreguista, em uma fase aprofundada de exploração capitalista através de um “neoliberalismo predatório”, reunindo a “burguesia compradora”, a “Banca” – isto é, o capital financeiro atuando em escala nacional – e seus representantes, tais como Henrique Meirelles e Paulo Guedes, os “Tucanos” (PSDB, o “entreguista FHC”), a “grande mídia”. Estes antagonistas são enquadrados como agentes internos da “colonização imperialista moderna”, representantes de um “sistema neocolonial e parasitário”.

E, finalmente, a NR observa a emergência do olavo-bolsonarismo, enquadrado como “a direita neoconservadora mais liberal e reacionária possível” como efeito da desastrosa política dos governos PT, que se aliou à direita liberal nas pautas econômicas, passando a fazer parte da corrupção política e econômica, e radicalizou a degradação e a corrupção na esfera cultural. Bolsonaro é acusado de falso nacionalista, um “globalista de viés atlantista” que usa uma retórica chauvinista; Bolsonaro e Olavo de Carvalho são enquadrados como “conservadores-liberais vinculados a uma agenda globalista, rentista e sionista” (Reis, 2020).

Figura 33 - Capa do texto “Nota oficial da Nova Resistência sobre as Eleições 2018”



Fonte: Nova Resistência (2018).

Assim, embora haja divergências e disputas de projeto internas ao globalismo, dividido em uma direita liberal (com ênfase em uma agenda econômica neoliberal), uma esquerda liberal (com ênfase numa pauta ideológico-cultural, através do pós-modernismo), e uma direita liberal-conservadora (a qual faz uso retórico do chauvinismo e do conservadorismo para fazer avançar os interesses do globalismo), todas essas frações respondem a uma mesma elite hegemônica global, e compartilham os mesmos princípios fundamentais e objetivos<sup>81</sup>, são forças que atuam de acordo com uma “perspectiva aceleracionista em prol do Governo Mundial” (Nova Resistência, 2022d). Ora, de modo geral, os objetivos destes inimigos não são diferentes daqueles que foram delineados na descrição do elemento diagnóstico na doutrina da QTP – a saber, a homogeneização dos povos e destruição da diversidade étnica, a degradação da família e dos valores tradicionais, a submissão política e econômica do “Povo” nas mãos de uma elite liberal que tem objetivos hegemônistas na esfera política, econômica, social, cultural, espiritual, etc. Essas idiosincrasias no emolduramento da realidade brasileira dizem respeito à forma como a NR interpreta os problemas que afetam a nação à luz da QTP, para oferecer um “que fazer”, um prognóstico, o qual será tratado na próxima subseção.

<sup>81</sup> Não terei tempo de entrar nesse assunto agora, mas é interessante observar que, se em 2018, a NR não tomou posição entre Haddad e Bolsonaro, em 2022 a organização insinuou fortemente que Lula é o principal inimigo, o que implica em um aceno ou apoio tímido a Bolsonaro, pelo fato de este representar, de alguma forma, os legítimos anseios do “Povo” e dos “Patriotas” contra os interesses globalistas, aos quais Lula está alinhado.

Figura 34 - Capa do texto “Ciro Acordou! Que não durma de novo!”



Fonte: Machado (2022a).

O texto “Ciro acordou! Que não durma de novo” comenta uma mudança de linha na campanha de Ciro e do PDT, a qual era criticada pela NR, pois “sempre foi confusa”, no sentido de ora se afirmar como alternativa de centro-esquerda, disputando o eleitorado petista, ora se colocar como terceira via, ora se colocar como “progressista” e ora “improvisar ‘antiprogressismo’”. Para destacar a afinidade, utiliza como imagem de capa uma fotografia que destaca o banner e amplifica um *slogan* que emoldura a realidade política brasileira de forma bastante afim com a leitura da organização: “Esquerda e direita: cúmplices do mesmo modelo”. Nesse texto, assinado por Machado, o líder da NR afirma que, embora o candidato tenha se posicionado tarde demais para 2022, a organização reconhece nesse gesto uma virada, por marcar um “choque” que “trouxe Ciro Gomes à realidade”, afastando-o de uma “coalizão apátrida da esquerda liberal, da classe jornalística, da classe artística, da classe pseudo-intelectual, dos barões do sistema financeiro e do lobby sionista brasileiro”, e se conectando de fato ao “povo brasileiro”, o qual “é razoavelmente social-democrata na economia e moderadamente conservador nos costumes”.

E assim, pelo fato de representar, mesmo que de forma distorcida e confusa, um certo legado do trabalhismo, a NR acena apoio a Ciro Gomes para 2026. Segundo Machado (2022), “os conservadores são um público cínico e desconfiado. Para conquistar seu voto é necessário um labor de longo prazo, honesto e duradouro”, e assim, o candidato deve se distanciar da “esquerda Leblon” e do “militontismo progressista do Twitter”, e aproximar-se das “raízes

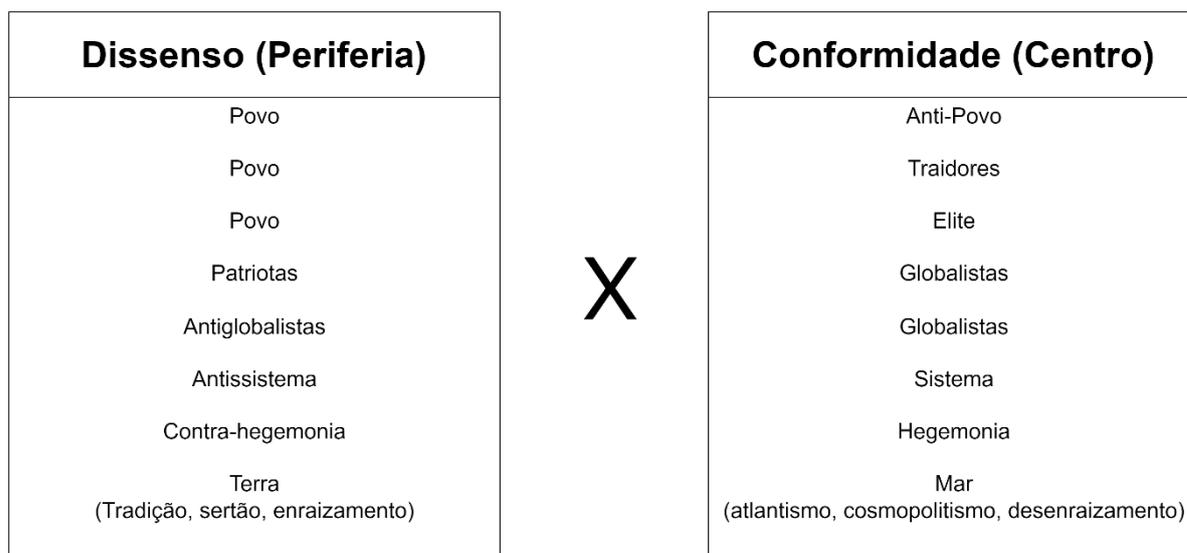
populares do povo, encontradas no Brasil Profundo”, resgatando as “origens do trabalhismo, nascido no Pampa, no extremo interior da ponta sul de nosso país, e espalhado e fortemente enraizado exatamente nos recônditos mais populares da Pátria”. O trabalhismo, ainda, “nunca foi de esquerda, sempre foi uma terceira posição (com as sementes de uma quarta posição)”, e o “socialismo moreno de Brizola nunca teve qualquer relação com o marxismo”.

Outro ponto importante diz respeito à sua leitura da conflitualidade política no Brasil. Assim como no resto do globo, no Brasil a “dicotomia esquerda-direita” consiste em um “falso dilema” que não dá conta dos problemas do país e da América Latina, o que torna “irrelevante” a “atual clivagem ‘direita versus esquerda’”. Trata-se de uma “falsa polarização”, pois “tanto a esquerda liberal quanto a direita liberal-conservadora hoje são anti-povo”, e o Brasil é “um país, entre centenas de outros, vitimado pelo globalismo (com todos os seus aspectos: imperialismo, capitalismo, financismo, imigricionismo, transumanismo, etc)” (Nova Resistência, 2021c).

A NR (2021c), assim, afirma que “tanto *Nós* [a NR] como o Inimigo Absoluto superamos a dicotomia direita/esquerda: eles pelo amálgama de tudo que é mais dissolvente; nós pela síntese entre tudo que fortalece e engrandece o Povo”, e propõe outras dicotomias no enquadramento das clivagens políticas no Brasil: globalistas x patriotas, sistema x antissistema, hegemonia x contra-hegemonia, conformidade x dissenso, dentre outras formas de emoldurar a conflitualidade política.

Em suma, o Brasil que sofre a “sanha destrutiva liberal” é o “Brasil Real”, o “Brasil Profundo”, que carrega os autênticos e legítimos valores e tradições do Povo brasileiro, sua “brasilidade”, caracterizada por uma relação entre unidade e diversidade – um Brasil feito de muitos povos, culturas e regiões (tradicionalistas), mas unificado em torno de um “Estado forte” que garante tanto unidade territorial quanto uma “soberania da tradição” – isto é, um Brasil que é diverso pois “etnoplural” (vide subseção 3.2.2.4 sobre “Antirracismo racista”), mas é contra a diversidade em relação a direitos e pautas de grupos subalternizados por gênero ou sexualidade. No quadro a seguir trago algumas das variações no enquadramento dos antagonismos pela NR.

Figura 35 - Enquadramento das clivagens políticas pela NR



Fonte: Elaboração própria (2023).

Um último ponto que é interessante comentar diz respeito à interpretação da formação histórica brasileira à luz da QTP e seu nacionalismo civilizacional, fundamentado na teoria dos “Grandes espaços” de Carl Schmitt (o nacionalismo defendido pela organização será abordado de forma mais detalhada na próxima subseção). Segundo a NR, o Brasil é uma nação em formação, que se encontra em processo de independência e libertação de forças imperialistas liberais, um “projeto civilizacional inacabado”, de vocação imperial, que pode liderar a “Pátria Grande ibero-americana”, fundando um Grande espaço ibero-americano junto dos países vizinhos. Esse potencial é o potencial de ser um ator central em um mundo multipolar: nesta nova ordem, o Brasil teria um papel importante de articulação com Portugal, os países lusófonos, um Grande espaço africano, e outros atores, como os atuais países que compõem o BRICS+ e as nações que resistem à hegemonia globalista do Ocidente.

A realização desse “destino civilizacional” efetiva a vocação imperial do Brasil, vaticinada por Darcy Ribeiro como a Nova Roma. Assim como na obra *A Quarta Teoria Política*, o antagonismo aqui tem um “sabor apocalíptico”. Essa dimensão escatológica, que emoldura os eventos históricos a partir de um enquadramento religioso da ação e da conflitualidade política, como uma batalha que em última instância é espiritual, cósmica, faz parte da tarefa diagnóstica mas atua também, e sobretudo, como tarefa convocatória, na medida em que instiga a partir da mobilização de afetos e sensibilidades oriundas do campo moral e religioso.

O uso da dicotomia dissenso/conformidade e suas variações será retomado nas subseções sobre os enquadramentos prognósticos e convocatórios, pelo fato desta oposição estar ligada tanto ao “que fazer” da NR, isto é, suas propostas de ação, quanto às suas formas de convocar potenciais adeptos, através da produção da identidade do campo “nós” e da mobilização de MIACs que carregam as tintas na dimensão simbólica exortativa, fazendo uso de uma linguagem mais poética, ou a enquadramentos que mobilizam sentimentos ligados ao pânico moral. Como já foi dito, a separação, por mim feita, das MIACs da NR em termos de três tarefas nucleares de enquadramento é um artifício heurístico para compreender como a organização enquadra a realidade brasileira de acordo com a doutrina da QTP, mas a tricotomia diagnose/prognose/convocação está a todo momento se sobrepondo de diversas maneiras. Dito isso, passemos agora às tarefas de enquadramento prognósticas.

### 5.2.1.2 Enquadramentos prognósticos

Figura 36 - A QTP ilustrada segundo uma organização quarto teórica



Fonte: BR resistência (2017a).

A partir de sua diagnose, a qual anuncia a decadência das clivagens políticas e ideologias da modernidade (acompanhando, como já foi dito, o diagnóstico feito n’A *Quarta Teoria Política*) e a necessidade de superação da dicotomia direita-esquerda que fundamenta o espectro político moderno, a NR propõe sua prognose: “O *como fazer* é avaliado por nós a partir do diagnóstico que realizamos dos cenários que se colocam a nossa frente” (Nova Resistência, s.d.b, grifos do autor). A imagem acima apresenta a QTP como o passo necessário na superação da modernidade e de suas ideologias obsoletas. A adesão a uma “quarta teoria política”, assim, é o núcleo da prognose da NR.

Foram codificados, do *corpus* empírico total, 36 URLs contendo enquadramentos prognósticos, o que corresponde a 66,66% da totalidade da amostra. O material de análise destacado, aqui, é os arquivos “Sobre nós” (Nova Resistência, s.d.b), “Principiologia”/Manifesto (Nova Resistência, s.d.a), “Para superar a caricatura do nacionalismo brasileiro contemporâneo” (Nova Resistência, 2021c), dentre outros.

Tentarei demonstrar aqui como o enquadramento alternativo das clivagens políticas que é veiculado nas mídias sociais da NR se relaciona, na ação política da organização, a um trabalho que objetiva a produção de novas clivagens políticas em escala nacional – isso aponta para uma dimensão criativa das MIACs, na medida em que enquadrar a realidade, na política, pode produzir efeitos sobre a realidade política. Considero que o investimento em MIACs que noticiam, defendem, exortam e expõem esse papel de articulação de um “novo campo” na política brasileira vai exatamente nesse sentido.

O passo inicial, como sugere a ilustração acima, é o abandono, no campo antiliberal (onde estão os adeptos da segunda e terceira teorias políticas, ou seja, os comunistas e os fascistas, potenciais dissidentes) das formas políticas “do passado” e a criação ou adesão de uma nova teoria política que recupera “o melhor” das antigas ideologias obsoletas, assim como elementos de tradições não (ou anti) modernas. Essa “nova síntese” é justamente a QTP, a qual tomará uma forma ou outra ao ser acoplada, na escala nacional, por alguma organização que alinhe e adapte a QTP à realidade nacional.

Em nosso caso, a NR reivindica o lugar de “única organização quarto-teórica do país” (A NR é a única organização quarto-teórica do país), sendo não somente “antiliberal”, como também estando “além dos socialismos e dos fascismos” (Reis, 2020), e se posicionando como a única “alternativa real à direita conservadora-liberal e a esquerda anti-patriótica e anti-povo” (Nova Resistência, s.d.b). No capítulo História da NR, eu faço uma caracterização da NR, e, na subseção seguinte, discuto as variações nas formas como a NR se autodefine, na intenção de produzir a identidade de sua militância; aqui, trago exemplos das maneiras como a organização enquadra a si mesma político-ideologicamente: “A Nova Resistência (NR) é uma *organização política de orientação nacional-revolucionária*, composta por trabalhistas, distributistas, tradicionalistas, nacionalistas de diversas vertentes e adeptos da Quarta Teoria Política [...]” (“Sobre nós” antigo, grifos meus<sup>82</sup>); “organização nacional-revolucionária que, com base na Quarta Teoria Política, busca *restaurar a dignidade imperial do povo brasileiro*” (Nova Resistência, s.d.b., grifos meus); “organização popular brasileira *patriótica e trabalhista*”. Sua

---

<sup>82</sup> Na URL atual, o texto está modificado, reduzido a dois parágrafos. Citei aqui a versão antiga do Sobre Nós.

“ideologia oficial é o *socialismo patriótico e/ou comunitarista* – que nada mais é que a *síntese* entre a doutrina trabalhista, o paradigma distributista e uma perspectiva comunitária (anti-individualista e crítica da sociedade de massas) da política e da sociedade” (Sobre nós antigo, grifos meus)<sup>83</sup>. Na figura a seguir, proponho um emolduramento que sintetiza a maneira como a organização procura se posicionar e, assim, propor sua posição de ator singular no campo político brasileiro:

Figura 37 - A ideologia da NR segundo ela mesma

**NR = (Nacionalismo-revolucionário + QTP) + Trabalhismo = Socialismo patriótico**

Fonte: Elaboração própria (2023).

A equação acima procura enquadrar de forma sintética a maneira como a NR se apresenta a seus potenciais aliados e adeptos. Antes de descrever a linha nacionalista defendida pela NR, faço um breve comentário sobre o “socialismo patriótico”, que seria o “resultado da interação entre a filosofia do trabalhismo brizolista, o vetor distributista da maximização da distribuição dos meios de produção, o aporte filosófico do comunitarismo e o paradigma cooperativista” (Nova Resistência, s.d.a). A ligação com Leonel Brizola e o brizolismo, enquanto “formulação socialista (e patriótica)” do trabalhismo, pode ser decorrente da adesão de Brizola à Internacional Socialista, a partir de uma posição que reivindica uma forma de “socialismo não marxista” (seu “socialismo moreno” que “nunca teve qualquer relação com o marxismo” conforme vimos na subseção anterior). No entanto, esse “socialismo patriótico”, que era inclusive apresentado como um dos princípios da NR em sua “Principiologia”, anteriormente chamada de “Manifesto”<sup>84</sup>, foi suprimido tanto da URL “Sobre nós” quanto desta URL em particular. Não saberia dizer o que motivou tal alteração; em todo caso, como estou tomando como base o *corpus* empírico recolhido durante o processo de pesquisa, analiso este dado como parte da amostra total.

<sup>83</sup> A filiação da NR ao distributismo, doutrina político-econômica conservadora, e ao comunitarismo, conceito disputado por críticos ao individualismo liberal de diferentes matizes ideológicos, na medida em que não fazem parte do meu problema de pesquisa, e em que não parecem ser tão mobilizados quanto os outros elementos por mim destacados ao longo do trabalho cotidiano de comunicação e propaganda da NR, não serão discutidos aqui.

<sup>84</sup> Infelizmente não consegui rastrear a data destas alterações na URL.

Segundo a NR, o nacionalismo brasileiro deve ser extirpado do ufanismo histriônico e caricatural, uma “síndrome de Policarpo Quaresma” que acomete os nacionalistas em nosso país, dando-lhes um tom “artificial, mecânico e exagerado”, além de lhes predispor a “todo tipo de conservadorismo”. Essa postura é “um dos principais obstáculos para a difusão de um *nacionalismo orgânico brasileiro*” (Nova Resistência, 2021c, grifos meus). Assim, a NR afirma que “para construir um nacionalismo revolucionário, portanto, é necessário revolucionar o próprio meio nacionalista primeiro.” (Nova Resistência, 2021c). A forma como a organização demarca a singularidade e a superioridade de sua linha nacionalista é enquadrando-a, como “Grande Nacionalismo” contra um “Pequeno Nacionalismo” (Nova Resistência, 2022d<sup>85</sup>), em que o segundo é o nacionalismo liberal “utilizado pelo globalismo como arma de fragmentação”, para conter o primeiro, verdadeiro patriotismo popular, que tem aspirações civilizacionais e anseia por império, rejeitando o pequeno nacionalismo que se resume à defesa chauvinista do Estado-nação.

Como já foi falado anteriormente, segundo a NR, “o Brasil não nasceu para ser um Estado-nação nos moldes iluministas e pequeno-burgueses” (Nova Resistência, 2021c), mas é um projeto civilizacional inacabado, tendo vocação imperial de liderar a civilização, a Pátria Grande, ibero-americana. Então, o nacionalismo revolucionário luta pela superação do sistema político internacional fundado no Tratado de Westfália, e o avanço rumo a um mundo multipolar, ancorado sobre Grandes espaços civilizacionais, em que o Brasil está destinado a ser um império, uma “Nova Roma”. O “revolucionário” do “nacionalismo revolucionário” se conecta a esse horizonte de futuro. E qual o lugar do trabalhismo nisso tudo? Vejamos agora.

Por que o trabalhismo compõe essa moldura-síntese apresentada na Figura 37, composta a partir das formas como a NR procura definir sua linha política, se ele figura como uma dentre as filiações de seus militantes, ao lado do distributismo, do tradicionalismo, do “nacionalismo de diversas vertentes” e da Quarta Teoria Política? Conforme demonstrarei na sequência, o trabalhismo tem um lugar especial no alinhamento, empreendido pela NR, entre a QTP e o campo político brasileiro. Como a organização produz uma ligação da QTP com o trabalhismo? Nas URLs “Entrevista no Canal 6 abordou Quarta Teoria Política, Trabalhismo, Ucrânia e muito mais” (Nova Resistência, 2020c), “A NR é a única organização quarto-teórica do país” (Reis, 2021), e “Manifesto do MÁTRIA – Setor Feminino da Nova Resistência” (Nova Resistência, 2022e), o alinhamento da QTP com o trabalhismo é emoldurado na chave de uma revitalização do segundo pela primeira.

---

<sup>85</sup> Esta URL noticia uma live de Dugin com Comandante Robinson Faninazzo, Rogério Anitablian e Lucas Leiroz, secretário de relações internacionais da NR.

A QTP é enquadrada como a “ferramenta necessária para que a doutrina de Vargas, Jango e Brizola seja situada no século XXI” (Nova Resistência, 2020c), sendo imprescindível considerar “o Trabalhismo em uma perspectiva quarto-teórica, a fim de superar os aspectos deletérios dessa corrente nacionalista brasileira” o que só poderá ser efetuado partindo “de uma leitura quarto-teórica do Trabalhismo, que só pode ser realizada a partir das raízes que deram origem ao próprio movimento” (Reis, 2021). Em resumo, a organização, na voz de seu “setor feminino”, defende a “radicalização do trabalhismo histórico à luz da Quarta Teoria Política” (Nova Resistência, 2022e). Posteriormente neste capítulo, retomarei a relação da NR, ou melhor, a relação que a NR procura produzir, com o trabalhismo. De todo modo, entendo que a radicalização defendida no manifesto do Matria se dá através da “linha nacional-revolucionária, baseada em uma Quarta Teoria Política”, caracterização que já foi discutida acima.

Ao conectar sua linha nacional-revolucionária filiada à QTP à tradição do trabalhismo, a NR procura ocupar um lugar “legítimo” no campo político brasileiro, ao mesmo tempo apresentando-se como uma versão mais radical e historicamente atualizada da tradição trabalhista, com orientação nacional-revolucionária e baseada na QTP. É aí que a NR propala seu papel, ao mesmo tempo, de “herdeira” do trabalhismo, e como “organização revolucionária de vanguarda”, como articuladora do pacto de cooperação no Brasil, mobilizando um campo “dissidente”, ou “patriótico” em escala nacional através do “diálogo”, da “integração”, das “alianças” e das “parcerias”. A organização, como vimos acima, chama essa amálgama de “socialismo patriótico” (vide Figura 37).

Um outro aspecto da ligação da QTP (uma doutrina nacionalista transnacional, um “metanacionalismo”) com o trabalhismo (uma “tradição” ou doutrina nacionalista legitimada como genuinamente nacional) tem a ver com a necessidade de legitimação como organização nacionalista, pois seria no mínimo estranho um grupo nacionalista brasileiro que segue uma ideologia nacionalista gestada na Rússia, ou seja, “alienígena”<sup>86</sup> (esse aspecto será retomado na subseção sobre as tarefas nucleares de enquadramentos convocatórias). A legitimação junto a setores nacionalistas, tanto à esquerda quanto à direita, é necessária justamente para efetuar seu papel de articulador da “aliança antiliberal” formada por seu “pacto de cooperação”. Abaixo tento representar graficamente o “pacto” proposto e sua relação com o objetivo estratégico de transformação das clivagens políticas a partir do diagnóstico de obsolescência do espectro

---

<sup>86</sup> Observei o uso recorrente, pela organização, do termo “alienígena” para categorizar “o que não é nacional”.

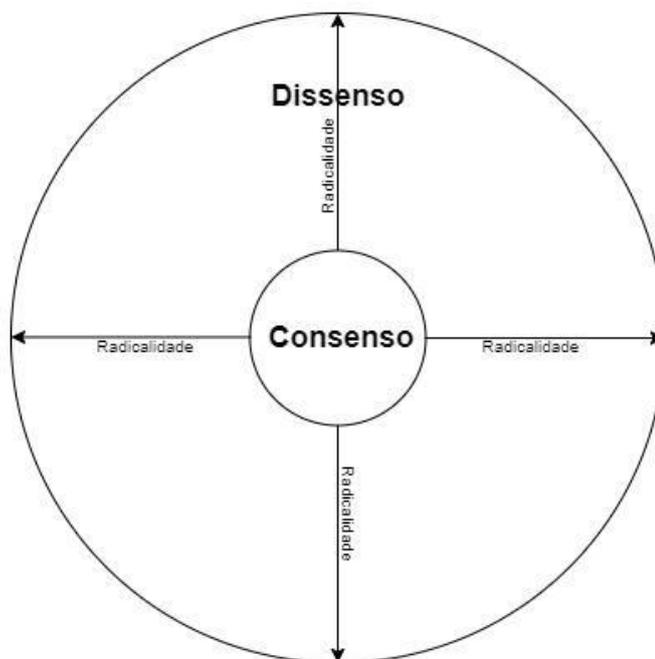
político da modernidade, fundado sobre a dicotomia esquerda-direita, e a consequente necessidade de entender a luta política a partir de outras clivagens (vide Figura 35

Figura 38 - O espectro político moderno



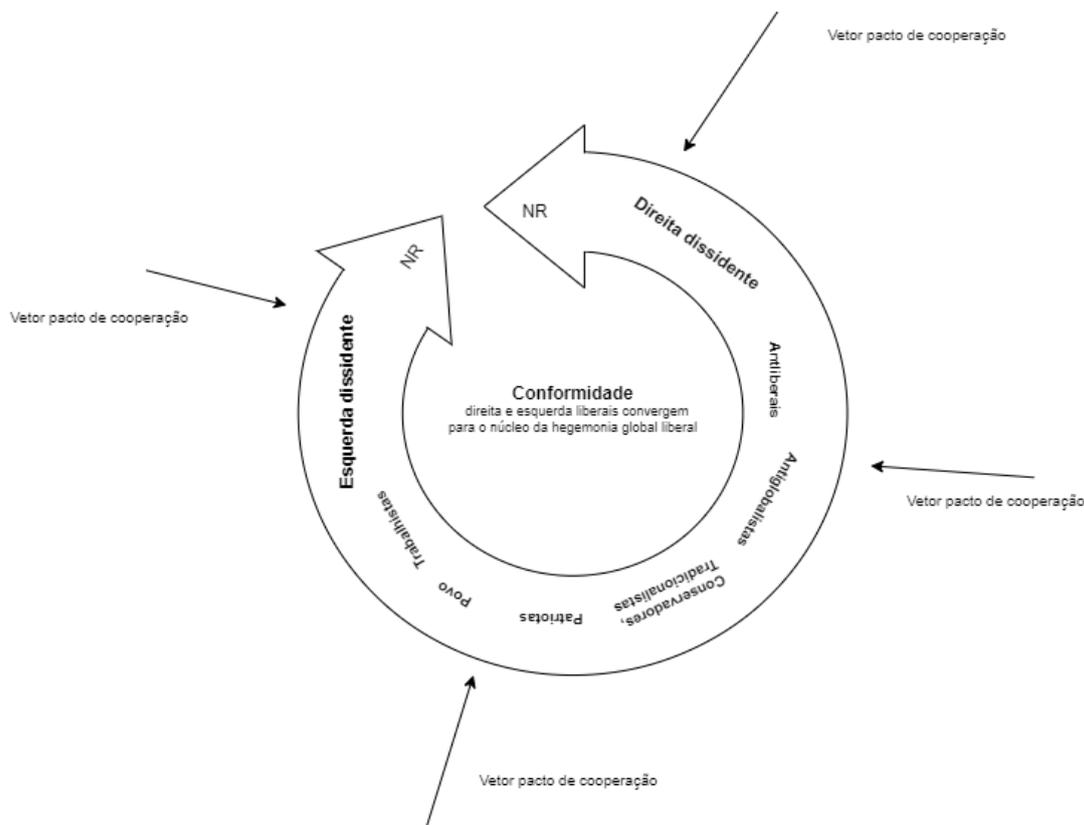
Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 39 - A nova topografia política proposta pela NR



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 40 - O “pacto de cooperação” articulado pela NR



Fonte: Elaboração própria (2023).

Neste ponto de minha pesquisa, posso afirmar com segurança que, enquanto ator coletivo, a NR é hoje a principal força política atuando como “empreendedora de movimento” dessa convergência entre atores de extrema esquerda e extrema direita. A defesa de uma “aliança entre justiça social e conservadorismo moral”, trazendo “a esquerda para o apoio dos valores morais tradicionais da população brasileira” (Nova Resistência, 2018) para “construir e consolidar um campo patriótico e popular, que represente o Brasil Profundo e seus valores” (Nova Resistência, 2018) a partir de uma “perspectiva metapolítica de síntese e superação da esquerda e direita” (Nova Resistência, 2019a) é o elemento central da prognose da NR. Para isso, a organização relata sua atuação política no sentido de estreitar “laços com comunidades étnicas de base e com dissidentes da esquerda e do nacionalismo” (Nova Resistência, 2019a), trazendo “a esquerda para o apoio dos valores morais tradicionais da população brasileira” e desempenhando a “difícil tarefa de construir pontes entre movimentos nacionalistas brasileiros sérios e patriotas de esquerda”, e superando o antifascismo e o anticomunismo, que “são as capas vermelhas usadas para enfurecer e atrair o gado conformista”, os “idiotas úteis” apegados à dicotomia esquerda-direita.

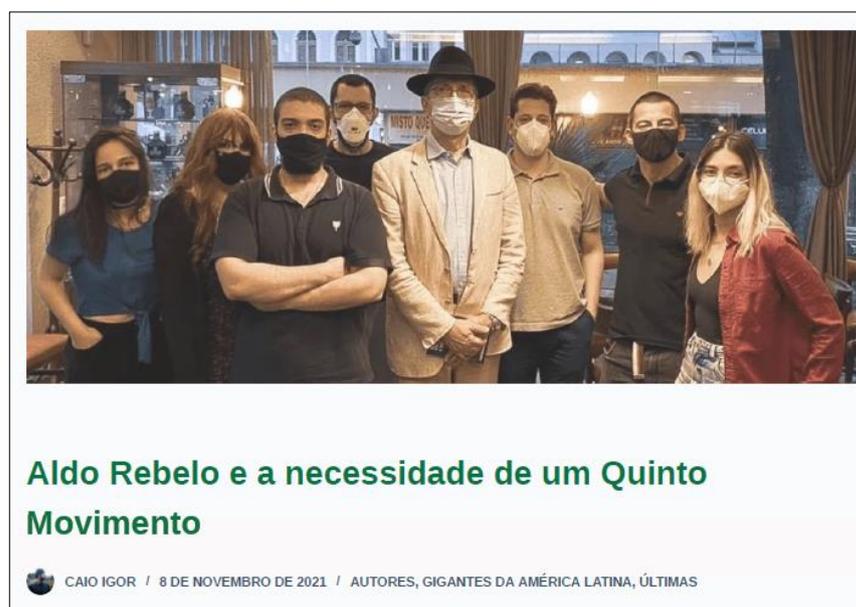
Além disso, ao identificar o “inimigo interno” na esquerda, isto é, enquadrado como a “esquerda liberal identitária pós-modernista”, a NR procura estimular, também, a produção de novas clivagens no interior da esquerda, descolando aqueles que identificam como os atores propensos a aderir à sua aliança, tais como o PCO, organização reconhecida como de esquerda radical com a qual têm mantido relações mais próximas no Brasil, e setores do PDT, partido fundado por Leonel Brizola e que reivindica o legado do trabalhismo, no qual alguns militantes da NR se filiaram, tal como foi denunciado por Letícia Oliveira em 2019, na já referida reportagem do portal *El Coyote*. O motivo principal para um relativo “freio” à infiltração do neofascismo na esquerda, isto é, à convergência com o duginismo por atores de esquerda, no Brasil, se dá pelo importante trabalho de denúncia feito pela jornalista Letícia Oliveira, entrevistada por mim, e pelo professor universitário e influenciador Renato Judz, entre outros.

Outra aliança com um ator ligado à esquerda que é realçada no trabalho de comunicação da NR é sua ligação com Aldo Rebelo, já referido no Capítulo História NR e seu Quinto Movimento, “um manifesto verdadeiro de defesa do País”<sup>87</sup> nas palavras do próprio. *O Quinto Movimento: propostas para uma construção inacabada* (Rebelo, 2021) é o título do livro lançado pelo político, atualmente sem partido, que é ex-militante do PCdoB, já foi deputado federal e ex-ministro em várias pastas nos governos Lula e Dilma.

---

<sup>87</sup> A fonte dessa citação é a página de Aldo Rebelo no *Instagram*. Em sua “bio”, destinada a uma breve autodescrição, Rebelo descreve a si mesmo como “homem comum na defesa do Brasil real”. Disponível em: <https://www.instagram.com/aldorebelo/>. Acesso em: 29 out. 2023.

Figura 41 - Raphael Machado (o segundo da esquerda para a direita) ao lado de Rebelo (no centro, de chapéu) no lançamento do livro *O Quinto Movimento: propostas para uma construção inacabada* (2021), no Chalé da Praça XV, em Porto Alegre



Fonte: Igor (2021).

Em matéria noticiando o lançamento do livro, que ocorreu no Chalé da Praça XV (Jornal do Comércio, 2021), em Porto Alegre, no dia 26 de outubro de 2021, destaca-se sobretudo as ideias do autor, enquadradas em sua afinidade com a QTP, e a presença de militantes da NR, cujos “camaradas (sic) têm acompanhado este lançamento e tomado parte neste debate vital para o país”, enquadrando as propostas de Rebelo como “verdadeiras propostas nacionalistas e patrióticas” e “o alicerce sobre o qual pode ser edificada uma ampla frente nacional-trabalhista” (Igor, 2021). O mesmo vale para o aceno ao presidenciável pedetista Ciro Gomes para 2026, apontado na subseção anterior.

O investimento da organização na produção de notícias, matérias, artigos e notas públicas que enquadram as transformações operadas nas clivagens políticas em escala nacional, em suas aproximações, articulações e convergências com atores de esquerda e direita, assim como suas rupturas, rachas, distanciamentos e antagonismos com atores destes dois campos, demonstra a centralidade do tema da obsolescência da dicotomia esquerda-direita e do tema do pacto de cooperação<sup>88</sup> dentro da prognose desta organização. É curioso notar o sentido de

<sup>88</sup> Junto com isso, existe a escala de relações internacionais da NR, que consegue fazer rede entre atores de colorações ideológicas muito mais heterogêneas. Como meu interesse recai de forma destacada sobre as maneiras como enquadram um “que fazer” para o Brasil, não analisarei esta escala internacional, a “rede autônoma de dissidentes internacionais, composta por nacionalrevolucionários, eurasianistas, meridionalistas, nacionalbolcheviques, nacionalistas de esquerda, anticapitalistas de direita e adeptos da Quarta Teoria Política” (Nova Resistência, 2019a) de que a NR faz parte e ajuda a articular, focando na escala nacional das tarefas de

síntese, de amálgama, de cruzamento entre referenciais ideológicos da esquerda radical e da direita radical, que cada uma dessas formulações carrega: nacionalismo revolucionário e socialismo patriótico. É impossível deixar de apontar um eco da conjugação do nacional-socialismo formulado na Alemanha um século atrás.

Um último comentário diz respeito a um programa político e a um projeto para o Brasil. Pelo que pude observar no material analisado, não faltam propostas nesse sentido. O programa político da organização não será analisado exaustivamente aqui, mas acredito que, a partir do que já foi discutido neste capítulo, vale a pena consultar o documento “Programa Mínimo da Nova Resistência” o qual evidencia em vinte e cinco pontos aquilo que a NR de fato pretende instaurar como projeto político quarto-teórico para o Brasil<sup>89</sup>, e demonstra o cruzamento entre políticas econômicas que podem ser ligadas à esquerda com políticas ideológico-culturais de matriz ultraconservadora sob um enquadramento do discurso enquanto “defesa da preservação cultural”. Passemos agora para a terceira dimensão da tricotomia das tarefas nucleares de enquadramento, os enquadramentos convocatórios.

---

enquadramento prognósticas. (Para ver alguns exemplos dos atores articulados a nível internacional, ver a última sessão do capítulo História NR).

<sup>89</sup> Ver “Programa Mínimo da Nova Resistência”. Disponível em: <https://novaresistencia.org/programa-minimo-da-nova-resistencia>. Acesso em: 29 out. 2023.

### 5.2.1.3 Enquadramentos convocatórios

Figura 42 - A NR e a reivindicação de um legado



Fonte: Nova Resistência (s.d.d)

Na ilustração da Figura 42, a qual recebe destaque na página inicial da organização, estão presentes diversos elementos. As figuras públicas representadas são, da esquerda para a direita, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola, Alberto Pasqualini (acima dele, Ariano Suassuna, e abaixo, Gilberto Freyre) e Enéas Carneiro; no centro está Getúlio Vargas. No canto inferior esquerdo, vemos três monumentos que podem ser entendidos em uma chave regional e nacional: o Laçador, em Porto Alegre, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, e o monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gato. No canto inferior direito, uma imagem de São Jorge. Ao fundo da imagem, uma harpia (ou gavião-real ou águia-imperial-brasileira), animal que é nativo, entre outros países, do Brasil, e que é a maior ave de rapina do mundo, simbolizando a grandeza da nação. No centro da imagem, a silhueta do que parecem ser um

homem e uma mulher no cume de uma montanha empunhando bandeiras com a estrela verde da NR, e abaixo disso o nome e a consigna da organização.

A tarefa de enquadramento convocatória, ao contrário de minhas expectativas, foi codificada no maior número de URLs do *website*: ao todo codifiquei enquadramentos convocatórios em 47 páginas, e portanto esta dimensão nuclear de enquadramento está presente em 87,04% dos textos do site. Isso se explica, em parte, pelo fato de o elemento convocatório das tarefas nucleares de enquadramento estar agregado, próximo a ou justaposto com a diagnose e a prognose. Esse investimento na dimensão convocatória não deveria surpreender, afinal, se trata de uma organização política que, além de ler a realidade e traçar um horizonte de futuro, precisa reunir adeptos em torno de sua causa para atingir seus objetivos. O material privilegiado de análise são as URLs “Sobre nós” (Nova Resistência, s.d.b), “Principiologia”/Manifesto (Nova Resistência, s.d.a), “Discurso da Nova Resistência no Congresso Trabalhista” (Nova Resistência, 2019d), “Nota oficial da Nova Resistência sobre as Eleições 2018” ((Nova Resistência, 2018), “NOTA OFICIAL DE SOLIDARIEDADE DA NOVA RESISTÊNCIA em apoio a Antonio Neto, Gustavo Castañon, Ciro Gomes e Aldo Rebelo” (Nova Resistência, 2022f), dentre outros.

De modo geral, o mesmo que foi dito para a tarefa diagnóstica a respeito da caracterização do inimigo vale aqui para o campo das identidades e alianças. Se em *A Quarta Teoria Política* essas caracterizações são amplas e relativamente pouco numerosas, no trabalho de comunicação da NR, os enquadramentos convocatórios dimensionados no *rationale* e no simbólico-motivacional recebem bastante ênfase, tanto em relação à categorização da identidade de si (e de seus aliados) quanto em relação às MIACs que convidam, exortam, convocam ou comovem à ação e à adesão à NR. Vamos à dimensão do *rationale* da NR, que contempla: 1) a produção de MIACs sobre um quadro da história brasileira e a produção de continuidade tanto com este processo histórico mais amplo quanto com a doutrina trabalhista; 2) a produção de MIACs ligadas à identidade do grupo e seus aliados.

#### 5.2.1.3.1 *Rationale*

Esta subseção se divide em dois blocos, os quais versam sobre o trabalho de enquadramento em relação à história e à identidade a partir dos elementos estruturais da QTP. Vamos para a discussão sobre a história.

### 5.2.1.3.1.1 História

A imagem que abre esta seção pode ser entendida como uma síntese do trabalho de invenção de continuidade, no intuito de buscar legitimação ao conectar-se com uma “tradição da sociedade”. Esse trabalho de ligação com uma dada continuidade histórica é parte essencial da tarefa convocatória, na medida em que estabelece a moldura de um quadro que insere o grupo na história do nacionalismo brasileiro, conectado ao trabalhismo e enaltecendo símbolos históricos e religiosos nacionais.

Dentre as figuras políticas representadas, todos têm relação com o nacionalismo, e quatro tiveram relação direta com o trabalhismo; Vargas, Pasqualini e Brizola foram filiados ao PTB; Brizola fundou e militou depois no PDT até o fim de sua vida; Darcy, após o exílio filiou-se ao PDT também, tendo sido militante do PCB em sua juventude. Suassuna era declaradamente socialista, e foi presidente de honra do PSB, e seu legado é reivindicado por sua importância como expoente do Movimento Armorial, de um regionalismo não separatista que enaltece a pátria, na visão da NR. Freyre está neste panteão pela sua presumida importância como pensador da questão nacional e da formação histórica e social brasileira, a partir de sua obra, a qual levanta no mínimo polêmicas e controvérsias. Enéas ocupa um lugar por ser o exemplo de um líder ufanista enérgico, iracundo, em defesa da soberania brasileira, contra o entreguismo e com linha abertamente autoritária e nacionalista.

De que maneiras a organização emoldura uma ligação com o legado do trabalhismo? Como é criada essa continuidade? A doutrina trabalhista é enquadrada como, além de verdadeiramente nacionalista e soberanista, eminentemente nacional; o trabalhismo, “legítima experiência de luta do povo brasileiro contra os exploradores da nação e contra o projeto de manutenção do país nas mãos de um sistema neocolonial e parasitário”, “nascido no Pampa, no extremo interior da ponta sul de nosso país, e espalhado e fortemente enraizado exatamente nos recônditos mais populares da Pátria” (Machado, 2022a), por Getúlio Vargas, que recebe epítetos como “o Augusto dos Pampas”, “o bárbaro erudito da fronteira austral”, “Pai da Pátria”, “Pai dos Pobres”, aquele que “salvou a Pátria da escravidão oligárquica pela força”. Como se vê, Vargas é enquadrado como líder forte, como o “Júlio César brasileiro”, um plebeu que tomou o poder das mãos de uma Elite insidiosa, e está radicalmente ao lado do Povo – como um generoso ditador que atendia aos interesses da Nação. Na URL “O nacionalismo no Terceiro Mundo e a ideia de uma Quarta Teoria Política”, a organização reivindica o varguismo como nacionalismo terceiro-mundista, e aponta para a necessidade de uma retomada deste legado: “Precisamos de um novo Vargas, de uma personalidade que zombe [...] do processo político

formal que existe no Brasil. Essa deverá ser nossa via para o Dissenso”. A partir dessa referência, vemos qual o tipo de “revolução” avultado pela NR, uma nos moldes do Estado Novo, que “salva a democracia por meio da ditadura” (Nova Resistência, 2022g), em uma concepção política em que “democracia e ditadura não são opostos”.

Além de Vargas, duas figuras da “tradição trabalhista” que recebem destaque são Brizola e Darcy Ribeiro, de modo geral pois ambos têm trajetória de militância radicalmente comprometida com o Brasil e o “Povo brasileiro” (o “Povo” em maiúscula, constantemente utilizado pela organização, remete a uma ideia de Povo como entidade orgânica), que nomeia a obra canônica de Darcy Ribeiro, e onde formula a ideia de Nova Roma que, como veremos melhor no final deste capítulo, foi apropriada como horizonte utópico pela organização. Brizola é caracterizado como o “Caudilho”, um “verdadeiro patriota”, e “um dos maiores representantes do nacionalismo-popular e revolucionário”, que atuou por todos os meios, reformistas e revolucionários. A organização se considera “herdeira de Brizola” (Nova Resistência, 2022h). No caso de Ribeiro, caracterizado como dono de uma “personalidade vulcânica em constante erupção” o emolduramento vai no sentido de exortá-lo como “um dos maiores brasileiros de todos os tempos”, “um dos maiores, se não o maior, e mais pungentes amantes do Brasil”, aquele que foi “responsável pelas fundações do que há de mais belo e profético quanto ao espírito brasileiro e a encarnação de seu grande destino” (Zonta, 2021) (a Nova Roma, tema que será abordado na subseção sobre os enquadramentos motivacionais e simbólicos).

Em resumo, a NR aproveita os noventa e nove anos do nascimento de Ribeiro, “um homem que nunca renunciou perante a tarefa revolucionária de transformar o Brasil”, como oportunidade para honrar “sua vida, seu repouso e seu inestimável legado” (Zonta, 2021). Em suma, a NR se coloca na disputa do legado do nacionalismo no Brasil (e no continente sul-americano) ao emoldurar a si mesma “como herdeira de nomes como Vargas, Perón, Enéas Carneiro e Brizola, e outros nomes do nacionalismo revolucionário no qual se insere” (Nova Resistência, 2022f).

Um último ponto a ser abordado diz respeito à reivindicação da memória e da história do Brasil, das lutas populares aos movimentos na cúpula do poder. A NR faz memória a momentos bastante heterogêneos e, no limite, conflitantes, entre si, como diversas lutas, revoltas e movimentos populares, tais como a Cabanagem, a Balaiada, Canudos, a Revolta dos Malês; assim como recorda e comemora a Independência, o Brasil-Império e as bandeiras, que “inspiram nossa longa marcha rumo à Nova Roma” (Ato Patriótico no Monumento às Bandeiras). No enquadramento de seus “heróis nacionais”, aqueles que “lutaram ao longo de século de formação territorial e civilizacional brasileira”, acontece o mesmo. São

homenageados: Antônio Conselheiro, Duque de Caxias, Getúlio Vargas, os heróis de Guararapes, José Bonifácio, Maria Quitéria, José Bonifácio, João VI, Pedro I e Pedro II, Raposo Tavares, Borba Gato e os bandeirantes em geral.

Essa reivindicação de momentos e atores da história tão díspares entre si, conjugando mesmo atores que antagonizavam entre si, como o movimento de Canudos, por exemplo, que foi massacrado pelas tropas do Império, faz parte de uma concepção de historicismo “integrativo” ou “orgânico”. Em outra URL, discutindo a história a partir dessa concepção, a organização chega a insinuar que a Alemanha não deveria viver em negação sobre os doze anos sendo comandada pelo nacional-socialismo, e que ela deve se reconciliar com esse período, afirmando que não devemos cair em “dualismos de mentalidade ocidentalizada”, que condenam certos momentos e etapas na formação da nação ou da civilização brasileira e louvam outros, defendendo que devemos honrar absolutamente tudo aquilo que nos torna o que somos “Império e República, Centro e Regiões, Brancos, Negros e Índios, Unidade e Pluralidade: é tudo Brasil” (Machado, 2022c).

Figura 43 - Enquadrando a história em ato



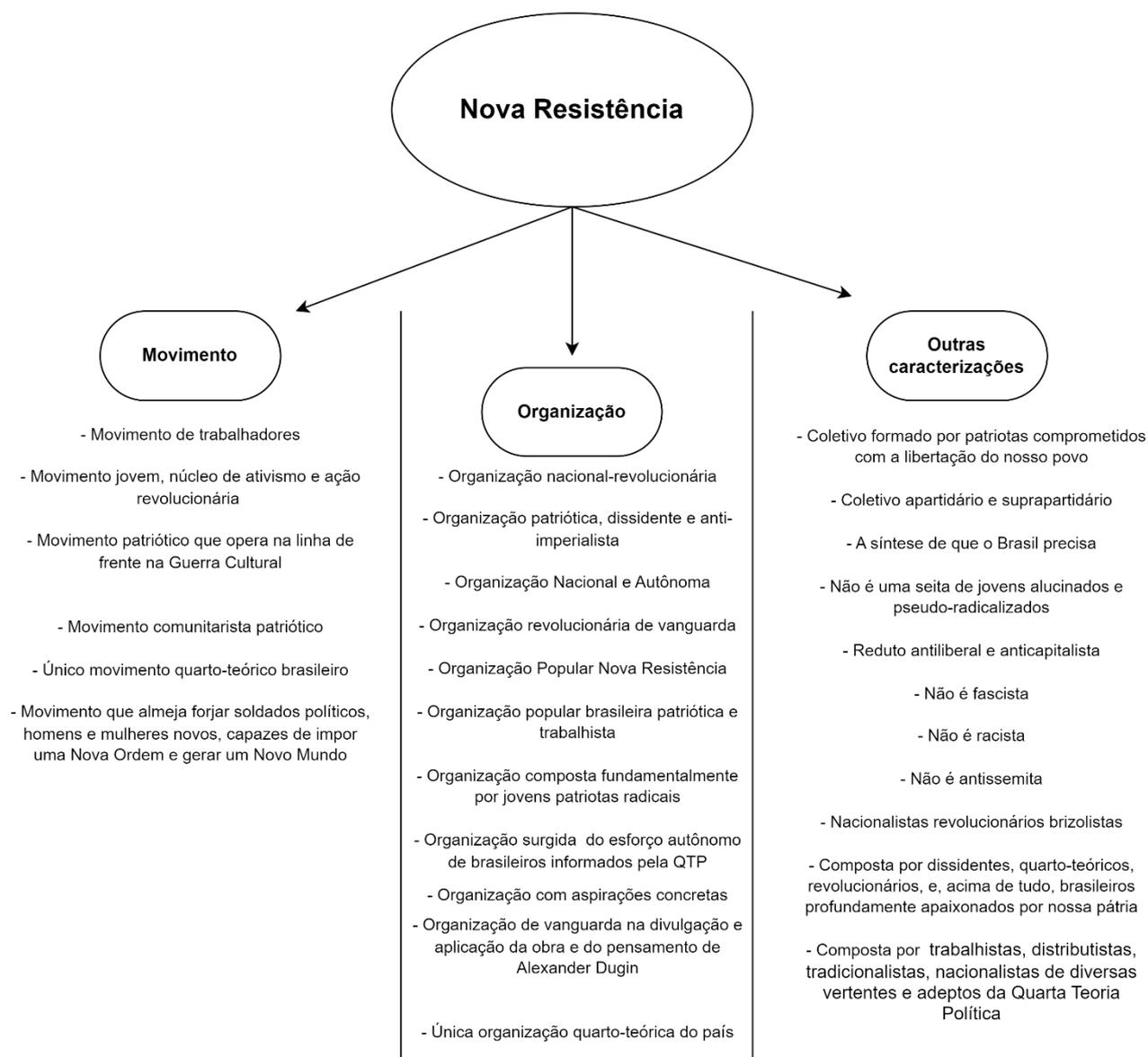
Fonte: Nova Resistência (2022i).

A partir dessa imagem, fica mais evidente a relação da NR com a história. Esse ato, que reuniu dezenas de militantes da NR por ocasião de seu I Congresso Regional Sul-Sudeste, foi realizado como reação à ação direita que vitimou a estátua do pobre genocida Borba Gato, reivindicado como um dos “heróis da civilização” por este grupo. Dentre as bandeiras empunhadas estão: a da Ordem de Cristo (cruz vermelha sobre fundo branco), antiga bandeira ligada à Igreja Católica, a primeira a ser hasteada pela Coroa Portuguesa em terra invadida; a bandeira oficial da República Federativa do Brasil; a bandeira com a estrela verde da NR; a bandeira da Multipolaridade (na verdade a Estrela do Caos, que foi apropriada pelos duginistas); além de uma outra, mais ao fundo, não identificada. Mais “integrativo” do que isso é impossível, me parece.

#### 5.2.1.3.1.2 Identidade

No entanto, a reivindicação de um legado, no caso em questão, além de produzir um quadro de continuidade entre a história do Brasil, o trabalhismo e a NR, também atua no sentido de emoldurar a identidade singular da organização e de sua militância nacionalista. Pois seria no mínimo estranha a emergência de uma organização “verdadeiramente nacionalista” e “patriota” que reivindicasse abertamente a filiação a uma ideologia nacionalista russa sem estabelecer a ligação com o movimento nacionalista nacional (com o perdão da redundância). Na figura a seguir, trago algumas das formas como a organização caracteriza a si mesma.

Figura 44 - As MIACs produtoras de identidade da NR



Fonte: Elaboração própria (2023).

Além das caracterizações expostas graficamente acima, os militantes da NR costumam chamar uns aos outros, assim como a seus aliados, de “companheiros”, “camaradas”, “militantes” – como costumam referir-se a si mesmos e uns aos outros os atores políticos ligados à esquerda –, que são “dissidentes”, “nacionalistas”, “patriotas” e “revolucionários” e “de vanguarda”. Sobre a questão do “Dissenso”, e da dissidência, Raphael Machado explica, no episódio do *podcast Pisando em Brasa*, “A Verdadeira História da NR”, que “o núcleo do que devemos chamar de dissidência hoje em dia está na Quarta Teoria Política, como a teoria política mais avançada, mais desenvolvida de nossa era. Mas evidentemente, o dissenso, a dissidência é algo mais amplo”, abarcando também algumas “franjas” ou “elementos

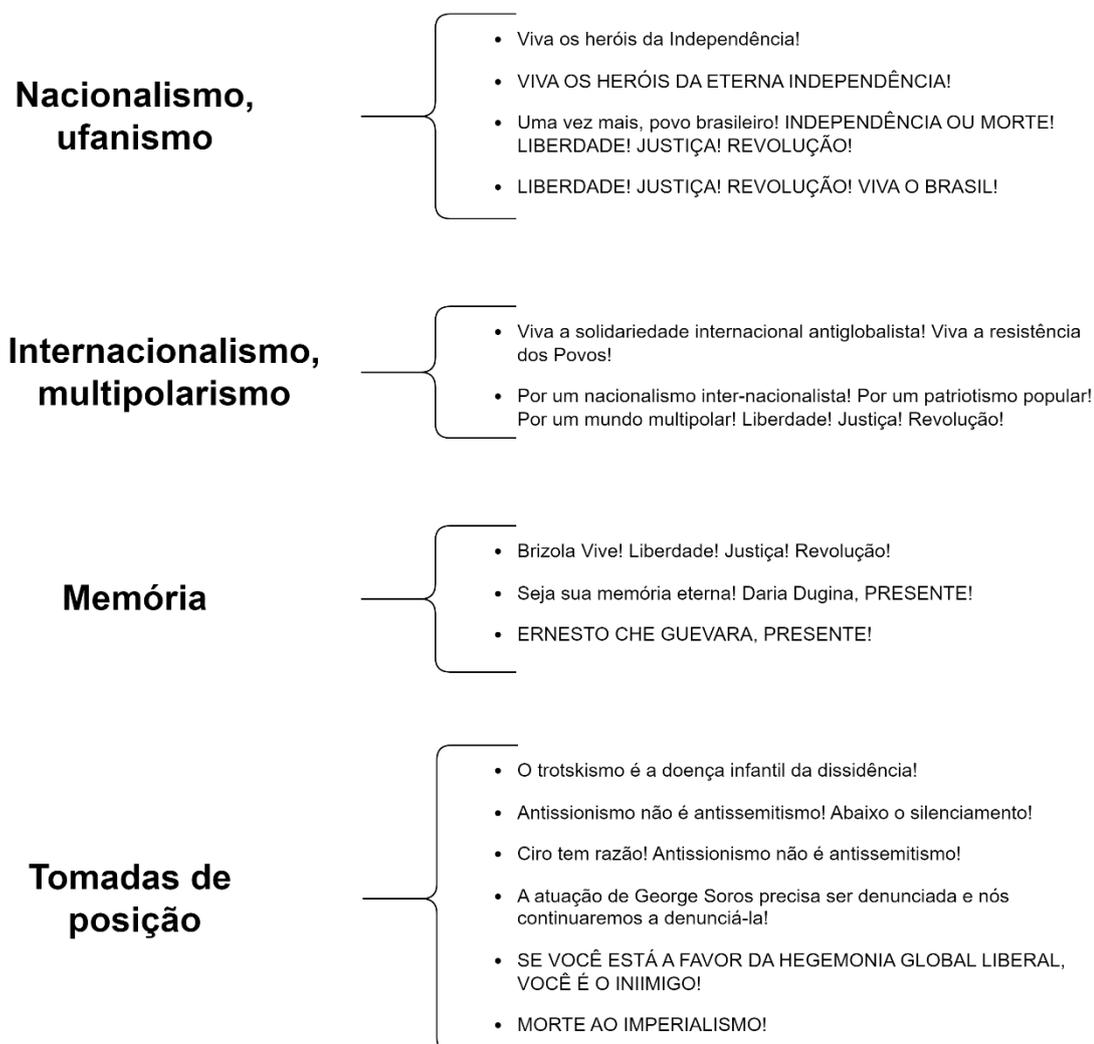
heterodoxos da segunda e da terceira teoria política”. A partir de sua posição como “vanguarda” na constituição de um campo patriótico dissidente, “conclama nacionalistas de esquerda e de direita, conservadores sérios, patriotas, trabalhistas, tradicionalistas das mais variadas vertentes” (Nova Resistência, 2018).

Outra caracterização de si, que foi encontrada em mais de uma ocasião, é de seus militantes como “soldados políticos”, conceito de Carl Schmitt utilizado por Dugin em sua obra. A NR enquadra a si mesma como “um movimento que almeja forjar soldados políticos”, e o “objetivo fundamental da Nova Resistência”, de acordo com a organização, “é recrutar e treinar uma *nova classe de soldados políticos*” (Sobre nós antigo, grifos meus), enquadrando seu militante, real ou potencial, como “soldado político nacional-revolucionário do século XXI” (Principiologia/Manifesto). Esses “soldados políticos” são os militantes quarto-teóricos que atuam na “vanguarda”, no núcleo da dissidência, como empreendedores de movimento, trabalhando pela articulação dessa “rede autônoma de dissidentes internacionais”. O tema do belicismo, de uma ênfase na poética da guerra, será tocado na subseção seguinte.

Um outro elemento importante do *rationale* diz respeito a um “*call to arms*”, uma convocação colocada em termos da urgência de tomar posição em um combate que não pode ser adiado, e de cujo resultado “o destino do Brasil, enquanto Pátria, depende”: “Só há duas opções. Só há dois lados a se tomar posição”, isto é, a Conformidade e o Dissenso. “Se está com um, automaticamente se está contra o outro e vice-versa. Escolha sua opção: nós já escolhemos a nossa” (BR Resistência, 2017a), e assim a organização “conclama nacionalistas de esquerda e de direita, conservadores sérios, patriotas, trabalhistas, tradicionalistas das mais variadas vertentes para formarem um campo patriótico”, sublinhando que “as diferenças entre nós agora não são tão importantes. O importante é permanecermos de pé!” (Nova Resistência, 2018). Como eu disse anteriormente, é difícil manter separados os enquadramentos de convocação racional e os extrarracionais, mesmo para fins heurísticos. Optei por manter a separação para sublinhar, na subseção abaixo, sobre os enquadramentos motivacionais e simbólicos, as MIACs em que o grupo “carrega nas tintas” em formas de emoldurar a realidade que apelam mais diretamente a uma dimensão simbólica e emocional.

## 5.2.1.3.2 Enquadramentos motivacionais e simbólicos

Figura 45 - Palavras de ordem



Fonte: Elaboração própria (2023).

Apresentei acima, para fins de demonstração, a totalidade das palavras de ordem, que foram encontradas em 22 URLs, 40,74% do total de URLs codificadas. O lema da organização (“Liberdade! Justiça! Revolução!”), pelo fato de ter sido encontrado e codificado repetidas vezes ao longo do material, só aparece na figura acima quando apresenta alguma variação. Como já foi dito em relação aos elementos ideológicos estruturais, a dimensão motivacional não é uma dimensão à parte dos enquadramentos convocatórios; o termo procura demarcar, dentre este conjunto mais amplo, as molduras que trabalham com mais ênfase em torno da dimensão extrarracional da mobilização política. Assim, as palavras de ordem, a imagética e a poética condensam e enfatizam determinadas pautas, geralmente ligadas às dimensões

diagnóstica e prognóstica, amplificando o apelo e condensando significados em torno de enquadramentos que contêm um tom exortativo.

Na presente subseção trago alguns dos elementos extrarracionais da dimensão convocatória das tarefas de enquadramento. Aqui, reúno a mobilização de molduras que ampliam e condensam significados, como palavras de ordem e imagens. Elas se dividem, basicamente, em um polo que chamo “positivo”, no sentido de mobilizar afetos ligados à exortação da esperança, o investimento no emolduramento de si como o grupo mais apto a efetuar as mudanças desejadas, assim como a dimensão utópica, um horizonte de futuro compartilhado, enquadrado pelo mito da Nova Roma.

O polo que chamo “negativo” tem a ver com afetos que remetem à mobilização da indignação, orbitando em torno de uma necessidade de transformação, associado à intenção de produzir medo ou raiva, através do pânico moral ou mesmo de um discurso radicalizado. Esses afetos de medo e de raiva mobilizam em torno do polo negativo no sentido da negação mesmo, daquilo que deve ser negado, combatido.

#### 5.2.1.3.2.1 Polo negativo dos enquadramentos motivacionais e simbólicos

Figura 46 - “Morte ao imperialismo!”



Fonte: Nova Resistência (s.d.c).

O tom belicista das MIACs convocatórias da NR é apreensível em diversos aspectos das palavras de ordem da Figura 46, com destaque para a “MORTE AO IMPERIALISMO”, em destaque na ilustração acima. Uma mão empunhando um fuzil de tipo *Avtomat Kalashnikova* – mais conhecido como “AK”, famoso rifle de fabricação soviética que ainda circula globalmente, geralmente utilizado por forças militares e grupos paramilitares, e associado simbolicamente a levantes, revoluções e revoltas ao redor do mundo – sobre o fundo de uma bandeira dos EUA em chamas, contém um apelo especial a sujeitos que procuram uma orientação política radical (e aqui é possível associar com um apelo à juventude, pela estética disruptiva, radical e *antiestablishment* da ilustração). Essa figura põe em destaque algumas mídias sociais da organização, o que também aponta para o objetivo eminentemente convocatório desta peça de propaganda.

Outros exemplos de uma retórica belicista emoldurando a ação política dizem respeito à poética belicista mobilizada ao longo do material analisado. Para começar, a própria ideia de “soldado político” remete a esse enquadramento da política. Alguns exemplos de MIACs belicistas alertam para a “destruição física” dos “patriotas” (os “absolutamente fora do poder”, “os de baixo”, “o povo”), os quais precisam se unir e se organizar para derrubar “os de cima”, os “inimigos liberais” que não irão parar até atingirem seus desígnios (Machado, 2022); convocam a empunhar suas armas: “O combate derradeiro é contra o imperialismo e o único inimigo real é o globalismo. Levantemos nossas espadas contra ele para que sua morte não tarde a chegar” (BR Resistência, 2017b). Com isso, tentei demonstrar como a linguagem política da NR passa por uma gramática de guerra<sup>90</sup>.

E esta não é uma guerra qualquer, pois se trata, em última instância, de uma luta com dimensão escatológica, conforme demonstra o trecho discurso de Leiroz na Conferência Global sobre a Multipolaridade:

Sabemos que, neste momento, nossos heróis [os combatentes russos na Ucrânia] estão sacrificando suas vidas no campo de batalha para lutar pela multipolaridade. E honramos seu trabalho necessário além de tudo. Entretanto, também *devemos ter em mente que essa é uma guerra mental e espiritual e que nossos filósofos e santos são os inimigos número um dos globalistas [...]* (Nova Resistência, 2023e, grifos meus).

<sup>90</sup> Aqui cabe dizer que não vejo problema nenhum com a violência política, a qual considero um legítimo instrumento de defesa contra o poder constituído pelos grupos subalternizados em torno de questões de classe, raça ou gênero. Mas considero haver uma diferença entre uma forma *radical e rebelde* de emoldurar a conflitualidade política, e uma retórica belicista, que mobiliza significados associados a uma esfera militar. Enquanto a primeira é difusa entre grupos e movimentos sociais ligados à esquerda, a segunda é um tema central no fascismo e outras manifestações de extrema direita.

Os “filósofos”, os “soldados” e os “santos” correspondem respectivamente, portanto, a uma luta que passa por três níveis: um nível ideológico-cultural (a metapolítica), um nível político-militar (a guerra propriamente dita), e um nível teopolítico (a batalha escatológica entre o bem e o mal).

No entanto, nem tudo está perdido, pois ainda segundo o discurso de Leiroz, existe a perspectiva de uma “marcha rumo à liberdade”, a um “Grande Despertar”, uma tomada de consciência da trama conspiratória pela Humanidade, que se reconhece ao reconhecer o inimigo comum e seu plano. “Portanto, é exatamente isso que quero dizer com Multipolaridade. O despertar humano. A consciência de que estamos juntos em uma *guerra* contra aqueles que querem nos subjugar, colonizar e aniquilar” (Nova Resistência, 2023e, grifos meus). Essa abertura para um futuro a partir do “Grande Despertar” é o que sustenta a produção de uma utopia brasileira pela NR, uma “Nova Roma tropical”. Esse assunto será retomado adiante.

Ora, como eu já argumentei, o conspiracionismo é uma potente ferramenta de mobilização de afetos ligados ao medo, e essa dimensão espiritual de fundo escatológico da luta política que institui um inimigo a nível cosmológico, enquadrando-o como ameaça existencial, é um dos elementos centrais da doutrina da QTP. E, assim, esse conspiracionismo difuso figura como pano de fundo dos enquadramentos que procuram mobilizar pânico moral. Como já foi visto, o globalismo é uma força demoníaca de destruição da Tradição e de homogeneização da humanidade, e as pautas da “esquerda identitária pós-moderna” são enquadradas nessa chave. Desta forma, tal como foi visto na subseção sobre as tarefas de enquadramento diagnósticas, os “movimentos abortistas” e “LGBT radical” (“forças demoníacas”, “anti-humanas”) são financiados pela “elite parasitária globalista”, na figura de George Soros (um “bilionário sionista”) e sua ONG Open Society (que financia e articula estes movimentos para destruir a família, o papel “tradicional” de homens e mulheres em um determinismo biológico de gênero e, no limite, desestabilizar países para impor o globalismo “cosmopolita”, “desenraizado”). O “LGBTQ+” é tido, assim, “como expressão cultural” “da dominação” de uma “minoridade dominante se regozije em pisar nos de baixo”, isto é, o Povo, naturalmente conservador e tradicionalista: “A ideologia LGBTQ+ não é sobre respeito e diversidade, mas poder e maldade. Só pode ter sido criada por mentes demoníacas, perturbadas e profundamente misantrópicas” (Nova Resistência, 2022j). A figura abaixo apreende bem o enquadramento que é agenciado.

Figura 47 - “God is gay” (Deus é gay)



Fonte: Nova Resistência (2022j).

Foi encontrado também um trecho que enquadra a relação da “esquerda liberal” e a questão das drogas na chave do combate à criminalidade: “Como levar a sério uma esquerda liberal que defende que os usuários de crack na Crackolândia não são pessoas escravizadas pelo vício (vício explorado por traficantes), mas, sim, pessoas exercendo sua liberdade de escolha?”, inquire a NR em uma nota pública sobre as eleições presidenciais de 2018, e prossegue seus questionamentos: “como levar a sério uma esquerda liberal que defende a legalização da prostituição e a legalização das drogas?” (Nova Resistência, 2018). As pautas de gênero e o enquadramento das drogas na chave do “combate à criminalidade” antes de uma questão de saúde pública e acesso a políticas públicas são dois dos carros-chefe das pautas morais que mobilizam diferentes setores do conservadorismo de extrema direita brasileiro. Agora, vamos para os afetos positivos, aqueles que procuram mobilizar a partir de um aspecto criativo, um horizonte utópico.

#### 5.2.1.3.2.2 Polo positivo dos enquadramentos motivacionais e simbólicos

Já vimos a forma como Dugin “vende” a QTP em sua obra. Finalmente chegamos no polo positivo dos enquadramentos de dimensão motivacional e simbólica, à exortação do sentido justo, digno e necessário da luta, da mobilização da esperança e da projeção de um futuro utópico, uma “Nova Roma”, como veremos adiante. Aqui também entram as

caracterizações da QTP e da NR como, “novíssima novidade” e “síntese superior”, a “síntese de que o Brasil precisa” (Nova Resistência, s.d.a). A NR, organização cujo nome já aponta para a ideia de “novidade política” (a partir de uma “síntese”) associada à ideia de “resistência” (geralmente utilizada pela esquerda radical) faz o mesmo, apresentando a QTP como a única ideologia capaz de desvelar um horizonte utópico. O autoemolduramento enquanto “novíssima novidade” e “síntese superior” é parte importante da dimensão convocatória das tarefas nucleares de enquadramento da organização, que abre seu manifesto, ou principiologia, com a seguinte frase, em negrito: “O Brasil precisa de um *novo* fôlego, de um *novo* suspiro: de um *novo* respingo de jovialidade criativa e de uma *nova* cólera revolucionária!”. Logo após, afirmam que “a Nova Resistência é um movimento que almeja forjar soldados políticos, *homens e mulheres novos*, capazes de impor uma *Nova Ordem* e gerar um *Novo Mundo*” (Nova Resistência, s.d.a, grifos meus). Na antiga URL “Sobre nós”<sup>91</sup>, a NR enquadra a si mesma como “a síntese de que o Brasil precisa” e na antiga Principiologia, como “síntese superior”: “Supostos opostos são conciliados em uma *síntese superior* que se apoia nos paradigmas do projeto de uma Quarta Teoria Política” (Nova Resistência, s.d.a, grifos meus). Ora, como já vimos, o emolduramento de si enquanto novidade política, que criará um “novo homem” e uma “nova sociedade” é uma característica nuclear das expressões do (neo)fascismo, como já vimos a partir de Griffin (2018), no referencial teórico. Essa característica diz respeito à dimensão utópica do fascismo.

Qual a utopia da NR para o Brasil? 16 dos 54 textos codificados, um total de 29,63%, mencionam, em algum momento, a “Nova Roma” de Darcy Ribeiro. A exposição mais completa do “mito da Nova Roma” (no sentido soreliano mesmo, segundo a própria organização) está na URL “O legado de Darcy Ribeiro”, da autoria de Gabriel Zonta, militante da NR-Paraná, texto já mencionado anteriormente. Neste texto, a Nova Roma “ênfatiza” e “reivindica”

sua mais bela e *profética visão* e desejo para o Brasil:

‘Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. Na verdade das coisas, o que somos é a Nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso auto-sustentado’.  
(Darcy Ribeiro) (Zonta, 2021, grifos meus).

<sup>91</sup> Como já referido, a atual seção “Sobre nós” foi editada recentemente e não conta mais com esse trecho. Disponível em: <https://novaresistencia.org/sobre-nos/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

Não quero cair em uma crítica anacrônica, tirando o trecho acima de contexto, em relação ao livro “O Povo Brasileiro” em específico e à obra de Ribeiro como um todo quando digo ser inegável que ele carrega traços de um certo misticismo ufanista no paralelo que faz do Brasil com Roma, “uma Roma tardia e tropical”. No entanto, ao conectar a ideia de Darcy ao império romano, na medida em que faz “uma pequena homenagem a Roma, bem como votos para a construção de um projeto grandioso para o Brasil do futuro” (Machado, 2020), associando a Nova Roma à “vocação” e “destino” imperial do Brasil, a partir de um “anseio por Roma, Império, Tradição” que anima a NR (Machado, 2022d), a organização emoldura essa ideia de outra forma. Uma forma que é bastante estranha, para dizer o mínimo.

Figura 48 - De Roma à Nova Roma



Fonte: Machado (2020).

Segundo a NR, o Brasil “nasceu para ser um Império (com ou sem imperador, não importa), Pátria de Povos, centro de uma Civilização continental, a Nova Roma dos Trópicos, coração de uma constelação civilizacional continental.” (Nova Resistência, 2021c). A estranheza da Nova Roma da Nova Resistência fica evidente na passagem abaixo:

*O espírito romano* ainda vive em nós, *herdeiros ultramarinos da mais grandiosa das civilizações antigas*. Não necessariamente em todos nós, mas em uns poucos, em uma *vanguarda*, aos quais o Fado impôs uma *sagrada incumbência*, e que deverão impôr a disciplina necessária à multidão informe, para dar origem a um *novo Estado*, uma *nova*

*civilização*, que deverá durar séculos, e cujos feitos deverão ser celebrados por toda a eternidade. (Machado, 2020, grifos meus).

A NR, assim, reveste-se de uma aura sagrada, enquanto “vanguarda” herdeira da “mais grandiosa das civilizações”, animada por um “espírito romano”, que deverá impor uma “nova civilização” e um “novo Estado” – em suma, uma Nova Roma. O caráter de “sagrada incumbência” também está ligado à dimensão escatológica do “realizar o destino histórico imperial de nosso país” (Nova Resistência, 2022e) o qual será atingido após um “Desfecho”. A ideia de um “desfecho” enquanto ruptura com o imperialismo de Brizola é enquadrada em uma moldura escatológica, e passa a ser emoldurada como “uma batalha de sabor apocalíptico”, o “nosso Armageddon, que colocaria povo e ‘anti-povo’ em trincheiras opostas” (Nova Resistência, 2019d). A “revolução” da NR, informada pela doutrina da QTP, é uma revolução soteriológica, isto é, é uma forma teológica de emoldurar “revolução” enquanto “salvação”, “redenção”. O “enfrentamento apocalíptico” é um passo necessário para dar fim ao atual estado de coisas e realizar nosso destino, rumo à instauração da “Pátria Grande ibero-americana”, uma “Nova Roma”, destino civilizacional que resgata uma “vocação imperial” do Brasil como líder nesse processo; a dissidência é o sujeito dessa transformação, quem pode fazer isso; e a QTP dá os instrumentos necessários para atingir esses objetivos.

Chegamos ao fim da seção sobre as tarefas nucleares de enquadramento. Passarei agora para as considerações finais deste trabalho, discutindo as formas de alinhamento de molduras nas quais a NR investe em seu agenciamento da doutrina da QTP na produção de MIACs relativas à escala nacional, e finalizando com inconclusões e reflexões que apontam para pesquisas futuras.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de fazer as considerações finais deste trabalho. Tendo em vista a resolução de meu problema de pesquisa, nas linhas que seguem ofereço respostas à minha pergunta de pesquisa a partir da análise dos resultados dos capítulos anteriores. Essa pergunta diz respeito a duas questões centrais: *Qual o lugar da escala transnacional na produção discursiva dos atores políticos nacionalistas de extrema direita contemporâneos? Como eles mobilizam (e possivelmente ressignificam) enquadramentos interpretativos de circulação internacional?*

Essas considerações finais se dividem em duas partes. Em um primeiro momento, procuro dar uma resposta ao problema da pesquisa, discutindo os resultados encontrados e tecendo considerações que possam trazer contribuições empíricas e teórico-analíticas. Em um segundo momento, farei alguns apontamentos a partir de reflexões suscitadas por leituras, dados e *insights* que fogem ao escopo do trabalho, mas podem contribuir para uma futura agenda de pesquisas tanto sobre a emergência das extremas direitas contemporâneas de modo geral, quanto sobre a difusão do duginismo na direita brasileira, mais especificamente.

### 6.1 RESULTADOS

Com vistas a contribuir à resolução da questão colocada, analiso abaixo alguns dos resultados da pesquisa à luz do conceito de “alinhamento de molduras”, para interpretar como se dá a articulação transnacional do nacionalismo agenciado pela NR. Essa é uma forma de “nacionalismo transnacional” em dois sentidos inter-relacionados: ela investe recursos organizativos e estratégicos na articulação de uma rede transnacional, e adota uma “doutrina nacionalista transnacional”, a QTP, a qual propõe as bases de um nacionalismo de caráter aberto, que prevê a adaptação criativa em cada contexto nacional, e tem como um de seus objetivos estratégicos a articulação dessa rede transnacional de nacionalistas<sup>92</sup>, mencionada acima. Depois de uma discussão específica, focada nos achados teóricos diretamente relacionados ao problema de pesquisa, proponho uma caracterização mais pormenorizada da NR enquanto expoente do neofascismo contemporâneo brasileiro.

---

<sup>92</sup> Caldeira Neto menciona essa característica criativa da NR, que não apenas “importa” o neofascismo da NDE ou duginista, mas procura além disso efetuar a adequação destas doutrinas “à realidade étnica e política brasileira, utilizando temas como miscigenação, religiosidades e matizes folclóricas diversificadas” (Caldeira Neto, 2022, p. 613).

Como já vimos, a organização enquadra a realidade brasileira a partir dos elementos ideológicos estruturais da QTP alinhados à escala nacional, dando substância a uma interpretação quarto-teórica da realidade brasileira (dimensão diagnóstica), à proposição sobre o que fazer a partir disso (dimensão prognóstica), e à mobilização em torno de sua causa (dimensão convocatória). Levando em conta que não foram encontradas divergências da NR em relação aos pressupostos da QTP, os resultados da pesquisa apontam, assim, para a absoluta adesão da organização a esta doutrina. Sendo assim, as variações encontradas se dão no sentido da acoplagem da QTP ao trabalho de significação, ou enquadramento, da realidade brasileira pela NR, o que leva à conclusão de que o alinhamento de molduras agenciado pela organização se concentra sobretudo no subprocesso de “ligação de molduras”, associado ao subprocesso de “amplificação de molduras” para efetuar a incorporação de referências histórico-culturais brasileiras, objetivando dar um “conteúdo nacional” a elementos que já se encontram na QTP.

O principal procedimento para efetuar o alinhamento da QTP à escala nacional é a criação de “pontes” entre essa doutrina transnacional e a escala nacional. Isso diz respeito às formas como a NR efetua essa *ligação de molduras* (“*frame bridging*”), ou seja, a criação de conexões a partir de semelhanças ou convergências ideológicas entre seu enquadramento da realidade brasileira e uma doutrina transnacional formulada por um neofascista russo. A “conexão estrutural” mencionada por Snow e colaboradores (1986, p. 467) é aqui entendida em termos da produção de uma continuidade entre as tricotomias contrapostas no último capítulo.

Um primeiro apontamento sobre o trabalho de ligação de molduras: uma parte importante desse subprocesso diz respeito às mídias e infraestruturas que conectam estruturalmente a QTP ao nacionalismo brasileiro; ou seja, a conexão aqui tem um sentido também infraestrutural. O papel das novas TICs, entendidas como complexos conjuntos de infraestruturas, é central na facilitação dos fluxos informacionais que permitem essa circulação e produção de rede (“*networking*”), numa espécie de “imediatez hipermediada”, que atua para impulsionar a articulação transnacional destes nacionalistas *sui generis*, num “antiglobalismo globalizado”. Esse aspecto da ligação de molduras é importante, na medida em que o papel das mídias sociais é central na estratégia de crescimento da NR e de divulgação e capilarização, à esquerda e à direita, das ideias que circulam nesta rede transnacional. Enquanto produtora de conteúdo quarto-teórico, veiculando não apenas o seu material de propaganda, mas materiais da autoria de diversos outros atores internacionais articulados na mesma rede, a organização atua com o objetivo de não apenas difundir a QTP, mas também mobilizar um campo político em torno dela.

Os enquadramentos diagnósticos mobilizados pela organização procuram enquadrar os problemas do país de forma a emoldurar, em um mesmo conjunto de MIACs, insatisfações compartilhadas tanto pelos públicos da esquerda – denunciando a agenda neoliberal no Brasil, o imperialismo e o etnocentrismo ocidentalizado inerente às instituições da democracia liberal – quanto pelos da direita – denunciando, por exemplo, a “ideologia de gênero” e o “progressismo liberal” como “arma de destruição da Tradição”. Assim, a NR não procura “inventar a roda” em seu diagnóstico; ela recorre, por assim dizer, a um repertório já existente, através da “amplificação de molduras”, amplificando aquelas que já têm circulação em âmbito nacional, tanto as associadas de forma geral ao campo da direita e da extrema direita conservadora quanto aquelas ligadas ao campo da esquerda radical e revolucionária, sobretudo a setores de linha autoritária do comunismo e do nacionalismo de esquerda, assim como os ecos do conservadorismo que penetram à esquerda do espectro político, como o espantinho dos “identitários liberais pós-modernos” que estariam atuando com suas “pautas identitárias” e neutralizando o classismo marxista, ou a centralidade da classe como sujeito político revolucionário.

A particularidade da interpretação da realidade feita pela organização está neste duplo enquadramento do foco da insatisfação, que identifica inimigos à esquerda e à direita, a partir de molduras interpretativas que fazem parte dos repertórios de contestação à esquerda e à direita, propondo outra demarcação das identidades políticas e levando à avaliação de que essa dicotomia está obsoleta, pois o inimigo está profundamente capilarizado em ambos os polos do espectro político moderno. Este inimigo assim ganha materialidade: atores políticos nacionais à esquerda e à direita, e em diferentes esferas de atuação, são emoldurados como “liberais” e conectados a uma trama conspiratória globalista.

Com os enquadramentos prognósticos ocorre algo parecido, mas em termos do “que fazer”. Desta forma, tendo identificado os problemas que assolam a nação, assim como os inimigos que os causam, a NR apresenta seu prognóstico, identificando potenciais aliados a nível nacional e internacional, e impulsionando uma linha política que convoca à formação de novas alianças entre os “dissidentes” de todas as colorações políticas, a partir do antagonismo com os inimigos internos “liberais” em cada campo da dicotomia esquerda-direita, a qual deve ser superada também pela topologia Dissenso (Periferia)/Conformidade (Centro) analisada no capítulo anterior<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> Ver Figuras 38, 39 e 40.

A construção de identidade e legitimidade da NR enquanto organização nacionalista se dá na produção de uma conexão entre a QTP e o legado do trabalhismo, assim como a reivindicação do legado e da memória de episódios da história do Brasil, trabalho enfatizado na tarefa nuclear de dimensão convocatória. A reivindicação de um *legado* do trabalhismo coincide com a proposta de uma variação, uma versão radicalizada desta doutrina nacionalista a partir do nacionalismo revolucionário de orientação quarto-teórica. Pelo fato de a QTP ser um corpo de ideias intencionalmente amplo e aberto, uma parte significativa da adesão a ela demanda esse trabalho de “acoplagem”, de agenciamento de uma “nova” ideologia nacionalista, a partir da releitura quarto-teórica de alguma tradição nacionalista consagrada em solo nacional. A conexão estrutural do trabalhismo com a QTP se dá a partir da categorização da doutrina trabalhista como legítima expressão da “terceira posição” brasileira, seu nacionalismo soberanista e a orientação radical de alguns de seus expoentes (seja na vertente conservadora autoritária de Getúlio Vargas e Alberto Pasqualini, à direita, seja na vertente socialista de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, à esquerda), dentre outros elementos. Dada sua amplitude ideológica, isto é, sua característica amalgâmica, fundada sobre cruzamentos ideológicos entre elementos dos fascismos e de correntes comunistas e socialistas, a QTP possui um alto grau de maleabilidade, podendo ser emoldurada de diferentes maneiras, conectando-se a correntes, vertentes e doutrinas ideológicas diversas, em diferentes contextos nacionais. Voltarei a essa questão mais adiante.

Um outro ponto a respeito da ligação de molduras que merece destaque na dimensão convocatória é o investimento em um horizonte utópico. Se a projeção do destino russo por Dugin passa pela mistificação de um passado imperial glorioso da “Mãe Rússia”, dessa grande civilização continental, a NR deve inventar seu horizonte de futuro. E como ela o faz? Ao reivindicar o legado de Darcy Ribeiro, reivindica também sua utopia da Nova Roma, enquadrando-a em uma variação quarto-teórica, a partir de algumas ressonâncias da ideia de Ribeiro com a forma “império”, um dos temas centrais do imaginário fascista, que tornam possível ligá-la a um ideal de “Roma Eterna” cujo espírito anima os “soldados políticos” da “dissidência”, e sobre uma suposta “vocação” e “destino” “imperial” do Brasil, tema difuso ao longo da estética e da imagética fascista. É como se os “soldados políticos” da Nova Resistência almejassem uma Nova Roma sobre a qual pudessem efetuar uma nova marcha, um século após a performance da “Marcha sobre Roma” do Duce e seus camisas negras.

Resumindo, tanto a conexão entre QTP e trabalhismo, quanto a adaptação da diagnose, da prognose e dos elementos convocatórios da QTP à escala nacional, dando substância aos inimigos, problemas e soluções na escala nacional, são exemplos de um trabalho transnacional

de ligação de molduras associado à amplificação de molduras, a nível organizacional, compreendido pela NR, na medida em que esta produz MIACs que significam a realidade brasileira a partir de uma conexão com a QTP.

A respeito da amplificação de molduras, irei desdobrar alguns de seus aspectos mais relevantes para minha pesquisa, a partir do comentário acima sobre a “dupla amplificação de molduras”, à esquerda e à direita. Como já foi dito, se a NR “importa” uma doutrina para produzir um “novo nacionalismo”, ela não o faz partindo do zero. É possível identificar as duas variações da amplificação, a *amplificação de valores* e a *amplificação de opiniões e convicções*, no alinhamento de molduras que a NR empreende. Em relação à amplificação de valores, a máxima do escritor e agitador antissemita da extrema direita francesa, Alain Soral, “Esquerda do trabalho, direita dos valores”, mobilizada com frequência, sintetiza a posição da NR. Contudo, embora estabeleça o alinhamento com valores ligados à esquerda, como a ideia de “justiça social” e pautas que se aglutinam em torno dela, a defesa conservadora dos “valores tradicionais” contra a “degeneração liberal” tem maior peso, por conta da percepção, pela organização, de uma suposta formação conservadora do “Povo brasileiro”, detentor de uma “brasilidade” transcendente, o qual habita o “Brasil Real”, ou o “Brasil Profundo”. E assim, as pautas em defesa de grupos subalternizados, como as mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+, são enquadradas como, no mínimo, “individualismo liberal”, pela “ênfase demasiada em liberdades individuais”, e no limite, como parte de uma trama conspiratória diabólica para destruir aqueles valores e instituições tradicionais. Os contornos particulares do inimigo em solo nacional e a especificidade deste problema global a nível nacional já foram interpretados no capítulo anterior.

Também cumpre destacar um outro achado da pesquisa, que diz respeito ao foco último do trabalho de “ligação de molduras” entre as MIACs produzidas pela NR e os elementos ideológicos estruturais da QTP. O foco deste agenciamento é a produção de sentido, ou melhor, a ressignificação de certos pressupostos, com vistas ao objetivo de transformação dos “*master frames*” que informam os pressupostos básicos sobre a realidade política e existencial do mundo. Como já discuti no capítulo do referencial teórico, o subprocesso de “transformação de molduras” diz respeito às formas de promoção de interpretações concorrentes, ou redefinições em termos de enquadramentos alternativos (Snow *et al.*, 1986, p. 473), reconstituindo a forma de perceber “o que está acontecendo”. O subprocesso compreende dois níveis: a transformação de molduras de domínio específico, e a transformação de molduras interpretativas globais.

No domínio específico, isto é, o domínio do político, o alvo são as clivagens políticas da modernidade. A NR, ancorada na QTP, propõe, e procura efetuar, o reenquadramento das

clivagens políticas, passando da dicotomia esquerda-direita, que fundamenta o espectro político moderno, para a dicotomia dissenso-conformidade, reconfigurando o próprio quadro de significação da conflitualidade política, não mais entre esquerda e direita, mas entre “dissidentes” das obsoletas esquerda e direita e a conformidade, ou consenso, com a hegemonia, liberal global.

Em relação à transformação de molduras interpretativas globais, o objetivo é substituir enquadramentos primários. No caso da NR, fundada na QTP, pode-se afirmar que ela liga suas MIACs aos objetivos ideológicos de redefinição das “*master frames*” a nível de significação da realidade como um todo, e não apenas da realidade política, na medida em que infunde uma interpretação alternativa da realidade a partir do enquadramento conspiratório informado pela ideia do globalismo, teoria da conspiração difundida por diversos setores da extrema direita que, no caso do duginismo, se funda em uma dimensão escatológica e teopolítica, baseada em uma leitura Tradicionalista da realidade.

Sendo assim, na medida em que adere totalmente à QTP, a NR não se utiliza da transformação de molduras em relação à doutrina originária de seu pensamento; ela produz suas MIACs vinculadas ao objetivo de transformação de molduras que está no âmago da QTP, ou seja, empreende, também aí, uma *ligação de molduras* com o objetivo de agenciar a conexão entre os elementos da QTP que objetivam essa transformação e o contexto sócio-histórico brasileiro.

Dito de outra forma, não há transformação de molduras entre NR e QTP, há apenas ligação associada à amplificação. O objetivo da acoplagem da QTP à realidade nacional relaciona-se com o trabalho de ligação de molduras entre as MIACs produzidas pela NR e os elementos ideológicos estruturais da QTP, com o objetivo de transformar tanto as clivagens políticas a partir da divisão entre dissenso e conformidade, no domínio específico da política, quanto a percepção do fenômeno político (e da própria natureza da realidade) a partir de uma chave teopolítica escatológica e conspiracionista, no domínio mais geral, que diz respeito à natureza do real, isto é, a uma dimensão ontológica.

É importante apontar um outro achado da pesquisa, que não tive tempo de discutir no desenvolvimento. Ele diz respeito a outros atores que compõem essa rede duginista transnacional, e assim realizam um trabalho de ligação de molduras, análogo ao que a NR faz com o trabalhismo, na acoplagem da QTP à escala nacional, produzindo cada qual uma forma ideológica ligada à QTP a partir de certas especificidades tanto do contexto nacional em que operam quanto da singularidade do grupo aderente à QTP. Na Rússia, Dugin criou o primeiro movimento quarto-teórico, seu Neo-eurasianismo, que fundamenta ideologicamente o

Movimento Eurasiano. Na Argentina é feito o mesmo com o peronismo, trabalho empreendido principalmente pelo filósofo e professor universitário Marcelo Gullo e seus associados; no Peru, criou-se o crisolismo<sup>94</sup>, empreendimento encabeçado por Israel Lira (vulgo Zero Schizo, “ex”-neonazista), Alejandro Vásquez e associados; na Espanha temos o hispanismo, uma releitura quarto-teórica do falangismo, agenciada por José Alsina Calvés e parceiros. Há outros exemplos dessa produção transnacional de nacionalismos na rede duginista por grupos neofascistas, tais como o “nacional-tempestismo” no México<sup>95</sup>. Todos estes atores e movimentos têm vínculos com a NR, como vimos no quarto capítulo deste trabalho.

Concluo aqui a discussão sobre o processo de alinhamento de molduras empreendido pela NR. Após tudo o que foi apresentado, finalizo a seção dos resultados com uma caracterização da NR, a qual frequentemente afirma, com veemência, não ser fascista. Concordo com Caldeira Neto, o qual caracteriza a NR como representante de uma vertente “metapolítica” e “eurasiana” de um campo do neofascismo brasileiro que embora venha a emergir tardiamente como ator político, hoje constitui “uma expressão bem articulada do neofascismo brasileiro, seja em termos de estrutura [...], assim como na interlocução internacional” (Caldeira Neto, 2022, p. 613). A categorização de Dugin como expoente do neofascismo russo já é um ponto consensual, ao menos na academia europeia, há mais de uma década<sup>96</sup>.

Ora, mas o que dizer então de quem anda com fascistas, cita fascistas, tem passado fascista, reconhece e reivindica “elementos heterodoxos” do fascismo em sua ideologia? Em primeiro lugar, algo que deveria ser uma obviedade: a autodeterminação êmica não deve ser critério absoluto para a caracterização dos objetos de estudo na pesquisa sociológica sobre a política. Mesmo que empregue esforços em afirmar que não é uma organização fascista, ao reivindicar uma forma revolucionária de nacionalismo (o “nacionalismo-revolucionário”), um “ultranacionalismo”, que entende o Brasil como uma nação em desenvolvimento rumo a um “destino manifesto”, a partir da glorificação mítica do passado colonial e imperial (e do futuro, a “Nova Roma”), da “Nação” junto a um “nacionalismo internacionalista” e à oposição ao ocidentalismo e o imperialismo, em uma ideologia altamente hibridizada entre extrema

---

<sup>94</sup> Ver “Breve aproximación a los fundamentos del Crisolismo o de la posible construcción de una Cuarta Teoría Política Peruana y Latinoamericana”. Disponível em: <https://www.4pt.su/es/content/breve-aproximacion-los-fundamentos-del-crisolismo-o-de-la-possible-construccion-de-una-cuarta>. Acesso em: 24 nov. 2023.

<sup>95</sup> O grupo “Coordinadora Nacional-Tempestista” é, segundo o relatório do Departamento de Estado dos EUA que veio a público recentemente, um grupo satanista (Estados Unidos da América, 2023, p. 15). Pelo que pude analisar de sua página no *Instagram*, o grupo realmente tem vínculo com o satanismo. Em princípio não tenho nada contra os satanismos, mas não deixa de ser irônico o fato de a NR recorrer à demonização de seus adversários, taxando-os de “satânicos”, “demoníacos”, mas ter vínculo próximo com um grupo desse tipo.

<sup>96</sup> Ver Umland (2007); Laruelle (2006); Sedgwick (2004) e Teitelbaum (2020).

esquerda e extrema direita, e apresentando-se como “síntese superior” e “novidade política”, a NR configura-se como expoente de um campo do neofascismo brasileiro em emergência.

Como pode a negação do fascismo ser fascismo? A chave para a singularidade do neofascismo da NR está justamente no rechaço a esse epíteto. Não, a NR “não é fascista”. Ainda que, como já foi dito, cite fascistas, reivindique suas obras, compartilhe elementos centrais do imaginário fascista, ande com fascistas e tenha militantes com um reconhecido passado ligado ao fascismo (admitido pelos próprios). Ao negar o fascismo, a organização se filia à própria vocação originária do fascismo, ou mesmo de seu impulso gerador que, através de seu “jogo de espelhos” (Bernardo, 2022a, p. 67), isto é, da apropriação, captura e cruzamento de elementos heterogêneos, oriundos dos mais contraditórios campos políticos, tais como a extrema direita e a extrema esquerda, negando a filiação a qualquer um deles e fundando o “novo” a partir da “síntese”, carrega a impressão digital desta corrente política.

A NR é o principal expoente de um campo que emerge no Brasil em torno do duginismo, que por sua vez é fortemente inspirado pela tendência “hibridizante” do neofascismo europeu, e sua virada “intelectualista” da década de 1960, sobretudo com a NDF. A organização duginista começou a crescer no Brasil por conta do desconhecimento do campo neofascista ao qual é filiada; ela continua se capilarizando e ocupando espaços, não mais pelo total desconhecimento, mas pelo apelo a uma suposta “unidade tática” por parte de uma certa esquerda, numa cegueira em relação à história que beira o cinismo.

Um outro aspecto desse campo do neofascismo está na centralidade estratégica do agenciamento de uma rede transnacional, que pode ser vista através do recurso constante a eventos, traduções e em geral na difusão de leituras que interpretam a realidade política a partir de um enquadramento quarto-teórico. Em cada um dos países onde atuam, os atores duginistas procuram produzir a convergência que funda o pacto de cooperação. Este pacto, assim, faz convergir junto a esta rede atores em uma multiescalaridade transnacional e uma heterodoxia ideológica; ou seja, as alianças articuladas pelos empreendedores de movimento duginistas são costuradas entre atores com alto grau de heterogeneidade entre si, e em todos os âmbitos, desde o local, ao nacional e ao supranacional, tendo como único critério o consenso sobre um inimigo em comum, independente das diferenças de concepção ideológica. Essa tática visa a construção gradual de alinhamento teórico e ideológico, unidade tática e unidade de ação com vistas a influenciar a correlação de forças onde os atores duginistas fazem rede (“*networking*”) a partir de sua inserção – seja na academia, em *think tanks*, em espaços, movimentos e organizações políticas, centros religiosos, culturais, ou o exército.

A articulação de um “pacto de cooperação” a partir do cruzamento de temas oriundos de campos opostos do espectro político é um mecanismo gerador do fascismo, o qual, efetuando uma dobra, ou ferradura, no espectro político ao capturar tanto doutrinas e temas heterogêneos quanto atores em um mesmo campo, diz estar fundando uma nova ideologia a partir de uma síntese que captura os melhores elementos das teorias e ideologias políticas em circulação, sem preconceitos. O “fascismo sem nome” (Bernardo, 2022b, vol. 6, p. 14), isto é, a estratégia de ocultamento da filiação fascista concomitante à mobilização de temas e repertórios originários do fascismo, fabricado por Dugin e difundido transnacionalmente (um erudito no que diz respeito às fontes ideológicas inspiradoras e aos expoentes teóricos do fascismo) carrega, desde o Pós-guerra, e na entrada do século XXI, a essência do fazer político fascista, seu jogo de espelhos, sua prestidigitação hibridizante produtora de amálgamas ideológicas. Pois, para que o autêntico fascismo contemporâneo cumpra sua vocação originária, ele precisa reabilitar os temas clássicos do pensamento fascista, ao mesmo tempo em que nega esta filiação, e apresentasse como a “novíssima novidade” da época, e a única saída para dar combate ao estado de coisas que se impõe.

Ao relatar a emergência da NR, e junto com isso, do campo neofascista ao qual pertence, espero ter contribuído para caracterizar a existência um setor da extrema direita brasileira que está alinhado à extrema direita russa e à NDE, e não à “convergência ultraliberal-conservadora” (Cesarino, 2022) de matriz estadunidense, que dá forma ao bolsonarismo, e ao olavismo, os quais têm hegemonizado até o presente momento a extrema direita brasileira. Além disso, diferente desse setor, largamente baseado em uma retórica anticomunista paranoide, que propicia uma leitura da realidade política na chave da polarização entre esquerda e direita, o campo neofascista do qual a NR é um dos principais expoentes oferece uma perspectiva na chave da convergência, ou melhor, da captura, de setores da esquerda pela extrema direita. Além disso, os achados desta pesquisa apontam para a necessária tarefa de investigar com mais fôlego a heterogeneidade e a conflitualidade interna à extrema direita brasileira.

## 6.2 APONTAMENTOS FUTUROS

Para finalizar, teço apontamentos para futuras pesquisas. Ao longo desta dissertação, sobretudo nas fases de coleta e análise dos dados referentes à rede transnacional em que a NR

se insere, identifiquei a existência de um ecossistema digital duginista<sup>97</sup>, dimensão sociotécnica dessa rede, que me intrigou por alguns motivos que discuto a partir daqui. Em uma abordagem tecnopolítica, é possível equacionar a relação entre a emergência desse ecossistema, que prolifera através de uma lógica de “colapso de contextos”, de desestabilização de dicotomias nucleares da modernidade (tal como a topologia política polar esquerda-direita), e o funcionamento da Internet 2.0, regida pela plataformização e algoritmização (Cesarino, 2022). A “explicação cibernética” dos fenômenos tecnopolíticos, proposta por Cesarino em *O mundo do avesso* (2022), procura aplicar o sentido cibernético original da “teoria dos enquadramentos” tal como foi formulada por Gregory Bateson. Em uma explicação cibernética, assim, um enquadramento não é lido na chave do interacionismo simbólico, isto é, enquanto moldura interpretativa, mas sim como um quadro cognitivo anterior à interpretação que, mais do que emoldurar formas de significar a realidade, modula os próprios contornos de nossa percepção e cognição, os limites do real.

O campo da tecnopolítica, entendido como abordagem da política por uma perspectiva sociotécnica, impõe um conjunto de problemas empíricos que apontam para certas afinidades eletivas entre a estratégia de mobilização desse ecossistema duginista – que privilegia a articulação transnacional mediada por infraestruturas sociotécnicas – e o funcionamento da internet contemporânea que, ao contrário de ser um ambiente “neutro” do ponto de vista político-ideológico, é marcada por uma lógica plataformizada e algorítmica, a qual introduz vieses técnicos que têm efeitos mais do que relevantes sobre as relações sociopolíticas. Esses resultados sugerem a formação de uma complexa teia de conexões internacionais entre *websites*, mídias sociais e plataformas digitais, envolvendo atores individuais e coletivos – organizações, partidos, movimentos, mídias, *think tanks*, acadêmicos – com diversas orientações ideológicas, formando um mesmo ecossistema digital.

Em síntese, os resultados encontrados nesta pesquisa, combinados às leituras e reflexões feitas ao longo desse percurso, apontam para algumas hipóteses a serem testadas em uma futura pesquisa: 1. o ecossistema digital duginista vincula atores heterogêneos, objetivando produzir uma reconfiguração do espectro político moderno, torcendo as relações de aliança e antagonismo em uma nova ferradura, para além da oposição esquerda-direita; 2. esse trabalho de vinculação encontra ressonância na internet plataformizada, que potencializa a proliferação de formas políticas híbridas, tal como este campo quarto-teórico procura se colocar, a partir de

---

<sup>97</sup> Um ecossistema digital é um sujeito híbrido, compósito e multiescalar, composto por uma multiplicidade de vínculos sociotécnicos em uma teia de relações mediadas por uma infraestrutura que vincula dispositivos, plataformas, mídias, infraestruturas e atores, enfim, elementos humanos, maquínicos, etc.

sua perspectiva, como “nova síntese”; 3. o que aglutina esses atores tão heterogêneos está calcado em um enquadramento da realidade que une uma crítica ao imperialismo e colonialismo das forças do chamado Ocidente Liberal com uma gramática escatológica a respeito do liberalismo como Mal Absoluto e Reino do Anticristo, fundamentada em uma teologia política Tradicionalista.

## REFERÊNCIAS

ALBANESE, Matte.; DEL HIERRO, Piero. *Transnational Fascism in the Twentieth Century: Spain, Italy and the Global Neo-Fascist Network*. London: Bloomsbury, 2016.

ALMEIDA, Rafael *et al.* *Índice de aulas do Curso Online de Filosofia (COF) de Olavo de Carvalho*. Disponível em: <https://www.rafaelalmeida.com/cof.html>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do sigma*. São Paulo: EdUnesp, 2015.

BARTH, Frederik; STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1997.

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

BENFORD, Robert. An Insider's Critique of the Social Movement Framing Perspective. *Sociological Inquiry*, v. 67, n. 4, p.409-430, 1997.

BERNARDO, João. *Labirintos do Fascismo: A Teia dos Fascismos*. v. 1. São Paulo: Hedra, 2022a.

BERNARDO, João. *Labirintos do Fascismo: Metamorfoses do Fascismo*. v. 6. São Paulo: Hedra, 2022b.

BERTONHA, João Fábio. A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 43, n. 1, p. 99–118, 2000.

CAIANI, Manuela. Radical right-wing movements: who, when, how and why? *Sociopedia*, v. 1, n. 11, p. 1-15, jan. 2017.

CAIANI, Manuela; KRÖLL, Patricia. The transnationalization of the extreme right and the use of the Internet. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, v. 39, n. 4, p. 331–351, 2015.

CALDEIRA NETO, Odilon. O neofascismo no Brasil, do local ao global? *Esboços*, v. 29, n. 52, p. 579–598, 2022.

CALDEIRA NETO, Odilon.; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O fascismo em camisas verdes*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CESARINO, Leticia Maria Costa da Nóbrega. Identidade e representação no bolsonarismo. *Revista de Antropologia*, v. 62, p. 530-557, 2019.

CESARINO, Leticia Maria Costa da Nóbrega. *O mundo do avesso: verdade e política na Era Digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

COSTA, Débora Silva. “*Blogosfera Protestante*”: a primavera dos movimentos contra-hegemônicos na Igreja Evangélica brasileira. 2016. 223 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

COWAN, B. A. A hemispheric moral majority: Brazil and the transnational construction of the new right. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 61, n. 2, p. 1–25, 2018.

COWAN, B. A. “Nosso Terreno” crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira. *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 101–125, 2014.

DELLA PORTA, Donatella. *Clandestine Political Violence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*. 2018. 336 f. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. O crime de ódio e o neonazismo na internet: análise de uma experiência etnográfica. *Proceedings of the Third International Conference of Forensic Computer Science*, p. 79-81. ABEAT: Guarujá, 2008.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

EYNON, Rebecca; FRY, Jenny; SCHROEDER, Ralph. The ethics of online research. In: FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. *The SAGE handbook of online research methods*. 2. ed. Londres: Sage, 2017. p. 19-37.

FAUSTO, B. *O pensamento autoritário nacionalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERNANDES, Eduardo. *Campos de batalha jornalística: os enquadramentos construídos por Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 na luta pela (i)legitimidade do ciclo de manifestações de 2013, em Porto Alegre/RS*. 2016. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. Online research methods in the social sciences: an editorial introduction. In: FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. *The SAGE handbook of online research methods*. 2. ed. Londres: Sage, 2017, p. 3-16.

FROIO, C.; GANESH, B. The transnationalisation of far right discourse on Twitter. *European Societies*, v. 21, n. 4, p. 513-539, 2019.

GAMSON, William; CROTEAU, David; HOYNES, William; SASSON, Theodor. Media Images and the Social Construction of Reality. *Annual Review of Sociology*, v. 18, p. 373-393, 1992.

GELLNER, Ernest. Nations and Nationalism. Nova York: Cornell University Press, 1983.

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GRIFFIN, Roger. *Fascism (Key Concepts in Political Theory)*. Cambridge: Polity, 2018.

GRUMKE, Thomas. Globalized anti-globalists. The Ideological Basis of the Internationalization of Right-Wing Extremism. In: MERING, Sabine; MCCARTY, Timothy Wyman. *Right-Wing Radicalism Today: Perspectives from Europe and the US*. Abington; Nova York: Routledge, 2013. p. 13-21.

HEWSON, Claire. Research design and tools for online research. In: FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. *The SAGE handbook of online research methods*. 2. ed. Londres: Sage, 2017. p. 57-75.

HOBBSAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOGAN, Bernie. Online social networks: concepts for data collection and analysis. In: FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. *The SAGE handbook of online research methods*. 2. ed. Londres: Sage, 2017, p. 241-258.

JOHNSON, Matthew. Globalization and decline of the West: Eurasianism, the state and rebirth of ethnic-socialism. *Signs of the times*, 09 maio 2014. Disponível em: <https://www.sott.net/article/278824-Globalization-and-decline-of-the-West-Eurasianism-the-state-and-rebirth-of-ethnic-socialism>. Acesso em: 14 dez. 2023.

KALIL, Isabela Oliveira. Políticas antiderechos en Brasil: neoliberalismo y neoconservadurismo en el gobierno de Bolsonaro. In: SANTANA, Ailynn Torres (ed.). *Derechos en riesgo en América Latina*. 11 estudios sobre grupos neoconservadores. Quito: Fundación Rosa Luxemburg, 2020. p. 35-54.

KALIL, Isabela Oliveira (coord.). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro*. Relatório de pesquisa. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FES%20PSP.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

KASTORYANO, Riva. Multiculturalism and interculturalism: redefining nationhood and solidarity. *Comparative Migration Studies*, v. 6, n. 1, p. 1-11, 17 maio 2018.

KAUFMANN, E. Complexity and nationalism. *Nations and Nationalism*, v. 23, n. 1, p. 6-25, 2017.

KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. *Activists beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*. Ithaca: Cornell University Press, 2019.

KOENIG, Thomas. Compounding mixed-methods problems in frame analysis through comparative research. *Qualitative Research*, v. 6, n. 1, p. 61-76, fev. 2006.

KRAUT, Robert E.; GERGLE, Darren; FUSSELL, Susan R. The use of visual information in shared visual spaces: Informing the development of virtual co-presence. *In: Proceedings of the 2002 ACM conference on Computer supported cooperative work*. 2002. p. 31-40.

LARUELLE, Marlene. Aleksandr Dugin: a Russian version of the European radical right. *Occasional Paper*, v. 294, p. 1-25, 2006.

LEVI, Margaret; MURPHY, Gillian H. Coalitions of contention: The case of the WTO protests in Seattle. *Political Studies*, v. 54, n. 4, p. 651-670, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia. Editora Nacional e EDUSP, 1970.

MACKLIN, Graham. The British Far Right's South African Connection: AK Chesterton, Hendrik van den Bergh, and the South African Intelligence Services. *Intelligence and National Security*, v. 25, n. 6, p. 823-842, 2010.

MACKLIN, Graham. Transatlantic Connections and Conspiracies: AK Chesterton and The New Unhappy Lords. *Journal of Contemporary History*, v. 47, n. 2, p. 270-290, 2012.

MACKLIN, Graham. Transnational networking on the far right: The case of Britain and Germany. *West European Politics*, v. 36, n. 1, p. 176-198, 2013.

MAGALHÃES, David. Neofascismo brasileiro e suas articulações transnacionais: uma contribuição a partir das Relações Internacionais. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 29, n. 52, p. 693-701, 2023.

MAMMONE, Andrea. *Transnational Neofascism in France and Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. *In: MARTINS, José de S. (Org.). Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 77-131.

MCNAUGHT, R. Fundador do grupo “New Resistance” dos EUA faz acusações contra “Nova Resistência”: ENTRISTAS! Disponível em: <https://tribunadaimpressalivre.com/fundador-do-grupo-new-resistance-dos-eua-faz-acusacoes-contr-nova-resistencia-entristas/>. Acesso em: 3 maio 2022.

MAREŠ, Miroslav; LARYŠ, Martin. The Transnational Relations of the Contemporary Russian Extreme Right. *Europe - Asia Studies*, v. 67, n. 7, p. 1056-1078, 2015.

MUDDE, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas. *The far right today*. Cambridge: Polity, 2019.

OLIVER, Pamela; JOHNSTON, Hank. What a good idea! Ideologies and frames in social movement research. *Mobilization: An International Journal*, v. 4, n. 1, p. 37–54, 2000.

PARLAND, Thomas. The extreme nationalist threat in Russia: the growing influence of Western rightist ideas. Routledge, 2004.

PEREIRA, Matheus. *Enquadramento interpretativo, lógicas de ação e dinâmicas interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia*. 2014. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RASMUSSEN, Karsten Boye. Data quality in online environments. In: FIELDING, Nigel G.; LEE, Raymond M.; BLANK, Grant. *The SAGE handbook of online research methods*. 2. ed. Londres: Sage, 2017. p. 37-53.

ROCHA, Camila. 'Menos Marx mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018a.

ROCKER, Rudolf. *Nacionalismo y Cultura*. Buenos Aires: Imán, 1942.

SEDGWICK, Mark. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford University Press, 2004.

SILVA, Beatriz. *Aleksandr Dugin e a Quarta Teoria política: uma análise do discurso da nova extrema direita*. 2022. 105 f. TCC (Graduação em História) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2022.

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*, v. 25, n. 61, p. 143–164, 2017.

SÍMBOLOS. *Estrela do Caos*. 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.simbolos.com.br/estrela-do-caos/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SNOW, David *et al.* Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. *American Sociological Review*, v. 51, n. 4, p. 464, 1986.

SNOW, David; BENFORD, Robert. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. *International Social Movement Research*, v. 1, p. 197–217, 1988.

SNOW, David.; BENFORD, Robert. Framing processes and social movements: An overview and assessment. *Annual Review of Sociology*, v. 26, n. 1, p. 611-639, 2000.

SOREL, Georges. *Reflexões Sobre a Violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TARROW, Sidney. *The New Transnational Activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TEITELBAUM, Benjamim R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Unicamp, 2020.

TRIANDAFYLLIDOU, A. Nationalism in the 21st century: Neo-tribal or plural? *Nations and Nationalism*, v. 26, n. 4, p. 792–806, 2020.

UMLAND, Andreas. *Post-Soviet ‘Uncivil Society’ and the rise of Aleksandr Dugin: A case study of the extraparliamentary radical right in contemporary Russia*. 2007. Dissertation (PhD in Philosophy) – Faculty of Social and Political Sciences, University of Cambridge, Kyiv, 2007.

VON BÜLOW, Marisa. *Building transnational networks: Civil society and the politics of trade in the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

VON BÜLOW, Marisa; VILAÇA, Luiz; ABELIN, Pedro Henrique. Varieties of Digital Activist Practices: Students and Mobilization in Chile. *Information, Communication & Society*, 22(12), 1770-1788, 2019.

WILSON, John. *Introduction to Social Movements*. Nova York: Basic Books, 1973.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ANARQUISTAS. [Itália] Detido o companheiro anarquista Marco Marino “Zac” acusado de um ataque incendiário contra o consulado grego, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2023/04/11/italia-detido-o-companheiro-anarquista-marco-marino-zac-acusado-de-um-ataque-incendiario-contra-o-consulado-grego/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ALCÂNTARA, Eduard. O Império como Forma Mais Completa de Organização Político-Social. *Nova Resistência*, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/06/27/o-imperio-como-forma-mais-completa-de-organizacao-politico-social/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ARTE DA GUERRA. Dugin: A crise da Ucrânia e a nova geopolítica mundial. *Youtube*, 28 abr. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=amlh-jzbHqE&ab\\_channel=ARTEDAGUERRA](https://www.youtube.com/watch?v=amlh-jzbHqE&ab_channel=ARTEDAGUERRA). Acesso em: 14 dez. 2023.

BALANÇO GERAL. Brasileiro é preso na Ucrânia sob a acusação de terrorismo. *Youtube*, 11 out. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rEh3QL7xBmI&t=264s&ab\\_channel=Balan%C3%A7oGeral](https://www.youtube.com/watch?v=rEh3QL7xBmI&t=264s&ab_channel=Balan%C3%A7oGeral). Acesso em: 14 dez. 2023.

BAND JORNALISMO. Acusado de terrorismo na Ucrânia é preso com munições em São Paulo. *Youtube*, 10 maio 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=f8HViDhewNk&ab\\_channel=BandJornalismo](https://www.youtube.com/watch?v=f8HViDhewNk&ab_channel=BandJornalismo). Acesso em: 14 dez. 2023.

BRAGA, Eduardo Paim. Entrevista com Raphael Machado sobre Quarta Teoria Política. O Sentinela, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://www.osentinela.org/vozes-da-dissidencia-2-entrevista-com-raphael-machado-sobre-quarta-teoria-politica/>. Acesso em: 11 maio 2022.

BOVDUNOV, Alexander. Mircea Eliade: Política Sagrada e Existencial. Nova Resistência, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/04/28/mircea-eliade-politica-sagrada-e-existencial/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CAPEZ, Fernando. Deputado Fernando Capez - Solicita Investigação de Encontro Neofascista. *Youtube*, 12 set. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heTMCJ8Y08k>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CARVALHO, O. de; DUGIN, A. *Os Eua e a Nova Ordem Mundial*. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CELESTINO, Guilherme. Ucrânia é típico Estado falido criado artificialmente, diz ideólogo russo. *Folha de São Paulo*, 28 maio 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1460944-a-ucrania-e-tipico-estado-falido-criado-artificialmente-diz-extremista-russo.shtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DÉLSKÝ POTÁPĚČ. Délský Potápěč, s.d. Disponível em: <https://deliandiver.org/>. Acesso em: 11 maio 2022.

DUGIN, A.; CARVALHO, O. DE. *Os Eua e a Nova Ordem Mundial*. Campinas: Vide Editorial, 2012.

DUGIN, Aleksandr. *A Quarta Teoria Política*. Curitiba: Editora Austral, 2012a.

DUGIN, A. *The Fourth Political Theory*. Moscou: Eurasian Movement, 2012b.

DUGIN, A. *Geopolítica do mundo multipolar*. 1. ed. Curitiba: Editora Austral, 2012c.

DUGIN, A. *Chetvertaya politicheskaya teoriya*. Moscou: Amphora, 2009.

DUGIN, A. *Osnovy geopolitiki: geopoliticheskoe budushchee Rossii*. Moscou: Arktogeia, 1997.

DUGIN, A. Aleksandr Dugin - Por que o Fascismo era(é) incorreto?. *Legio Vitrix*, 21 abr. 2015. Disponível em: <https://legio-vitrix.blogspot.com/2015/04/aleksandr-dugin-por-que-o-fascismo-erae.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

EVRAZIA. Eurasian Movement, s.d. Disponível em: <http://evrazia.org/modules.php?name=news&file=article&sid=1915>. Acesso em: 11 maio 2022.

EL COYOTE. 3. “Até quando, Catilina?”. A infiltração neofascista no PDT, parte II. 19 jul. 2019. Disponível em: <https://elcoyote.net/uncategorized/3-ate-quando-catilina-a-infiltracao-neofascista-no-pdt-parte-ii/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. *Caderno de Estudos Estratégicos*. A crise russo-ucraniana: diferentes enfoques. n. 1, abr. 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno\\_abril-2023\\_a-crise-russo-ucraniana\\_diferentes-enfoques.pdf](https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno_abril-2023_a-crise-russo-ucraniana_diferentes-enfoques.pdf). Acesso em: 14 dez. 2023.

ESSINGER, Silvio. Mayhem: Banda acusada de nazismo teve guitarrista assassinado por baixista e suicídio de vocalista. *O Globo*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/noticia/2023/03/entenda-por-que-o-mayhem-e-acusado-de-neonazismo.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Guru da expansão russa, Aleksandr Dugin tem seguidores no Brasil e é fã de bossa nova*. 03 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/guru-de-putin-aleksandr-dugin-tem-seguidores-no-brasil-e-e-fa-de-bossa-nova.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FRENTE NACIONAL TRABALHISTA. *Sobre nós*. s.d. Disponível em: <https://frentetrabalhista.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

G1 RS. UFRGS anuncia desligamento de aluno indiciado por racismo. 14 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/07/14/ufrgs-anuncia-desligamento-de-aluno.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

G1 RIO. *Quem é Eduardo Fauzi, suspeito de ataque ao Porta dos Fundos extraditado da Rússia para o Brasil*. 04 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/03/04/quem-e-eduardo-fauzi-suspeito-de-ataque-ao-porta-dos-fundos-extraditado-da-russia-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

GEOPOLITIKA.RU. *Página principal*, s. d.

GULLO, Marcelo. Marcelo Gullo: “O vírus é o maior golpe ao humanismo, mas há saída”. *Nova Resistência*, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2020/12/29/marcelo-gullo-o-virus-e-o-maior-golpe-ao-humanismo-mas-ha-saida/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

HUMO Y ESPEJOS. *Quienes somos?* s.d. Disponível em: <https://humoyespejos.com.ar/about/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

IGOR, Caio. Aldo Rebelo e a necessidade de um Quinto Movimento. *Nova Resistência*, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/11/08/aldo-rebelo-e-a-necessidade-de-um-quinto-movimento/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

JEST NAS WIELU. Os terroristas brasileiros na guerra da Ucrânia. *Universo Ucrâniano*, 2 maio 2015. Disponível em: <https://ucrania-mozambique.blogspot.com/2015/05/os-terroristas-brasileiros-na-guerra-da.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

JORNAL DO COMÉRCIO. *Aldo Rebelo autografa livro no Chale da Praça XV*. 26 out. 2021. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/politica/2021/10/817536-aldo-rebelo-autografa-livro-no-chale-da-praca-xv.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/politica/2021/10/817536-aldo-rebelo-autografa-livro-no-chale-da-praca-xv.html). Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. Entrevista com Aleksandr Dugin no Encontro Nacional Evoliano - A Nova Rússia é a resistência contra a Nova Ordem Mundial. *Legio Victrix*, 27 set. 2014. Disponível em: <https://legio-victrix.blogspot.com/2014/09/entrevista-com-aleksandr-dugin-no.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. Celebremos a Cidade Eterna e construamos uma Nova Roma! *Nova Resistência*, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2020/04/21/celebremos-a-cidade-eterna-e-construamos-uma-nova-roma/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. Ciro acordou! Que não durma de novo. *Nova Resistência*, 26 set. 2022a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/09/26/ciro-acordou-que-nao-durma-de-novo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. A luta entre Patriotas e Globalistas chegou ao Brasil. *Nova Resistência*, 28 set. 2022b. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/09/28/a-luta-entre-patriotas-e-globalistas-chegou-ao-brasil/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. Celebrar tudo que é Brasileiro. *Nova Resistência*, 26 jul. 2022c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/07/26/celebrar-tudo-que-e-brasileiro/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. A Nova Resistência não deve nada ao Olavo de Carvalho! *Nova Resistência*, 27 jan. 2022d. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/01/27/a-nova-resistencia-nao-deve-nada-ao-olavo-de-carvalho>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Raphael. O Caso Wagner: Uma Semana Depois. *Brasil 247*, 1 jul. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/o-caso-wagner-uma-semana-depois>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MARQUINA MONTAÑANA, Ricardo. Rusia, revolución conservadora. *Youtube*, 23 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKnOECC6YIY&t=1861s>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MILÀ, Ernesto. Psicopatologia do Antifascismo: Análise de uma Enfermidade da Alma. *Nova Resistência*, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/04/25/psicopatologia-do-antifascismo-analise-de-uma-enfermidade-da-alma/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MÁTRIA – MULHERES EM AÇÃO PELA TRADIÇÃO ÍBERO-AMERICANA. *Nossos parceiros*, s.d. Disponível em: <http://matriamulheres.blogspot.com/p/nossos-parceiros.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MAZOLA, Daniel. Fundador do grupo “New Resistance” dos EUA faz acusações contra “Nova Resistência”: ENTRISTAS! *Tribuna da Imprensa Livre*, 2020. Disponível em: <https://tribunadaimpressalivre.com/fundador-do-grupo-new-resistance-dos-eua-faz-acusacoes-contr-nova-resistencia-entristas/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MULUNGU ANARCHY COLLECTIVE. [Esp/Eng/Tr] “Por lo tanto, es importante pensar, sentir y atacar contra cualquier cosa [...]”. *Instagram*, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChzfbrCIFyS/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NEW RESISTANCE – NORTH AMERICA. *Grupo do Facebook*, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/257388387941564>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NEW RESISTENCE EVROPA. *Facebook*, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NREvropa/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. O nacionalismo no Terceiro Mundo e a ideia de uma Quarta Teoria Política. *Nova Resistência*, 12 ago. 2017a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2017/08/12/o-nacionalismo-no-terceiro-mundo-e-a-ideia-de-uma-quarta-teoria-politica/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. O ethos mítico-heroico de Che. *Nova Resistência*, 14 jul. 2017b. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2017/07/14/ethos-mitico-heroico-che/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. Principiologia da Nova Resistência. s.d.a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/manifesto/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Sobre nós*. s.d.b. Disponível em: <http://www.http://novaresistencia.org/sobre/>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

NOVA RESISTÊNCIA. *Página inicial*, s.d.c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Programa Mínimo da Nova Resistência*. s.d.d. Disponível em: <https://novaresistencia.org/programa-minimo-da-nova-resistencia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *I Fórum Fluminense de Resistências Patrióticas: diretrizes para uma alternativa patriótica*. 20 out. 2017. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2017/10/20/i-forum-fluminense-de-resistencias-patrioticas/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Nota Oficial da Nova Resistência sobre as Eleições 2018*. 29 out. 2018. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2018/10/29/nota-oficial-da-nova-resistencia-sobre-as-eleicoes-2018/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *4 anos de Nova Resistência!* 31 jan. 2019a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2019/01/31/4-anos-de-nova-resistencia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Nova Resistência participa de Conferência Anti-Imperialista em Lugansk*. 7 maio 2019b. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2019/05/07/nova-resistencia-participa-de-conferencia-anti-imperialista-em-lugansk/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *NR no 1º de Maio na República Popular de Lugansk!* 4 maio 2019c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2019/05/04/novaresistencia-1-de-maio-lugansk/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Discurso da Nova Resistência no Congresso Trabalhista*. 21 maio 2019d. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2019/05/21/discurso-da-nova-resistencia-no-congresso-trabalhista/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Nota oficial da Nova Resistência*. 21 set. 2020a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2020/09/21/nota-oficial-da-nova-resistencia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Eduardo Fauzi é “duginista”? Ele tem alguma ligação com a Nova Resistência? Sobre os delírios direitistas e esquerdistas*. 5 jan. 2020b. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2020/01/05/eduardo-fauzi-e-duginista-ele-tem-alguma-ligacao-com-a-nova-resistencia-sobre-os-delirios-direitistas-e-esquerdistas/>. Acesso em: 4 maio 2022.

NOVA RESISTÊNCIA. *NR na TV Comunitária (RJ): ‘O mundo de hoje vive em uma hegemonia liberal’*. 12 mar. 2020c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2020/03/12/nr-na-tv-comunitaria-rj-o-mundo-de-hoje-vive-em-uma-hegemonia-liberal/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Nova Resistência realiza seu IIº Congresso Nacional*. 18 out. 2021a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/10/18/nova-resistencia-realiza-seu-ii-congresso-nacional/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Dugin e Demais Camaradas Saúdam a Nova Resistência*. *Youtube*, 15 out. 2021b. Disponível em: [https://youtu.be/uIt1-v\\_dfJY](https://youtu.be/uIt1-v_dfJY). Acesso em: 18 out. 2021.

NOVA RESISTÊNCIA. *Para Superar a Caricatura do Nacionalismo Brasileiro Contemporâneo*. 8 out. 2021c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/10/06/para-superar-a-caricatura-do-nacionalismo-brasileiro-contemporaneo/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *O mundo entrou em tempos perigosos [...]*. *Twitter*, 29 maio 2022a. Disponível em: [https://twitter.com/br\\_resistencia/status/1531032182638141440](https://twitter.com/br_resistencia/status/1531032182638141440). Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Nova Resistência realiza seu I Congresso Regional Sul-Sudeste*. 17 nov. 2022b. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/11/17/nova-resistencia-realiza-seu-i-congresso-regional-sul-sudeste/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Disney e parceiros se unem para promover o aborto no cinema e televisão*. 18 set. 2022c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/09/18/disney-e-parceiros-se-unem-para-promover-o-aborto-no-cinema-e-televisao/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Dugin se encontra com patriotas brasileiros*. 19 maio. 2022d. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/05/19/dugin-se-encontra-com-patriotas-brasileiros/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Manifesto do MÁTRIA – Setor Feminino da Nova Resistência*. 12 dez. 2022e. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/12/12/manifesto-do-matria-setor-feminino-da-nova-resistencia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *NOTA OFICIAL DE SOLIDARIEDADE DA NOVA RESISTÊNCIA em apoio a Antonio Neto, Gustavo Castañon, Ciro Gomes e Aldo Rebelo*. 1 fev. 2022f. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/02/01/nota-oficial-de-solidariedade-da-nova-resistencia-em-apoio-a-antonio-neto-gustavo-castanon-ciro-gomes-e-aldo-rebelo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Getúlio e a Democracia Cesarista*. 22 set. 2022g. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/09/26/getulio-e-a-democracia-cesarista/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *A Nova Resistência é antisemita? Resposta às Fake News*. 18set. 2022h. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/09/18/nova-resistencia-antissionismo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Ato Patriótico no Monumento às Bandeiras*. 20 nov. 2022i. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/11/20/ato-patriotico-no-monumento-as-bandeiras/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *A essência nefasta do movimento LGBTQ+*. 13 jul. 2022j. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/07/13/a-essencia-nefasta-do-movimento-lgbtq/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Dugin publica artigo na Escola Superior de Guerra*. 30 jun. 2023a. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/06/30/dugin-publica-na-escola-superior-de-guerra/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *O que esperar do Lula 3.0? Realidades e expectativas | conv. Nildo Ouriques | Estado-Maior #36. Youtube*, 8 mar. 2023b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6ox8wVOkecw&ab\\_channel=NovaResist%C3%AanciaNR](https://www.youtube.com/watch?v=6ox8wVOkecw&ab_channel=NovaResist%C3%AanciaNR). Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Conferência Global sobre Multipolaridade: Vídeo Completo*. 4 maio 2023c. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/05/04/conferencia-global-sobre-multipolaridade-video-completo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Conferência Ibero-Americana e Caribenha sobre a Multipolaridade. Youtube*, 8 jul. 2023d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K132wrAJLas&t=7158s>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOVA RESISTÊNCIA. *Discurso de Lucas Leiroz para a Conferência Global Multipolar*. 29 abr. 2023e. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/04/29/discurso-de-lucas-leiroz-para-a-conferencia-global-multipolar/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NUOVA RESISTENZA ITALIA. *Chi siamo*. s.d. Disponível em: <https://nritalia.org/chi-siamo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

O'HARA, Jamie; FITZGERALD, Craig. *Subcomandante Marcos e o Movimento Zapatista: Terra, Nação e Autonomia. Nova Resistência*, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2018/02/28/subcomandante-marcos-e-o-movimento-zapatista-terra-nacao-e-autonomia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Leticia. “Desgraça, estás de pé; agora toma o rumo que bem te parecer.”: um perfil de Rafael Lusvardhi. *El Coyote*, 4 out. 2019. Disponível em: <https://elcoyote.net/politica/desgraca-estas-de-pe-agora-toma-o-rumo-que-bem-te-parecer-um-perfil-de-rafael-lusvardhi/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Letícia. Entrevista com Letícia Oliveira por Ramiro Valdez. Não publicada. 2023.

PAGINA TRANSVERSAL. Alexander Dugin y Alberto Buela en la CGT Buenos Aires 140914. *Youtube*, 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgL-gT-c5gw>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA – PCO. Perseguição política, a influência das ONGs imperialistas [...]. *Twitter*, 26 out. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/PCO29/status/1717633721333932127>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PERÓN, Juan Domingo. Juan Perón sobre a morte de Che Guevara. *Nova Resistência*, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2017/08/11/peron-sobre-a-morte-de-guevara/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PIMENTEL. Apressa-te lentamente: a ópera do neofascismo e do neostalinismo. *El Coyote*, 5 set. 2019. Disponível em: <https://elcoyote.net/politica/apressa-te-lentamente-a-opera-do-neofascismo-e-do-neostalinismo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PISANDO EM BRASA. [Locução de]: Nogueira Sousa. Entrevistada: Raphael Machado, Isaac Silva, Lucas Leiroz e Raphael Camisão. s.l.: Nova Resistência, 1 out. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1UDEi18YzSEf8iMLXCpi5t?si=cd866bce42ab4aad>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PTURVAS. Xérem, membro da NR, ficou famoso em uma foto com [...]. *Twitter*, 3 set. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/PTurvas/status/1698181020569182481>. Acesso em: 14 dez. 2023.

REBELO, Aldo. *O Quinto Movimento* - Propostas para uma construção inacabada. Porto Alegre: Já Editores, 2021.

RECALDE, Aritz. Aleksandr Dugin e o Continentalismo Ibero-Americano. *Nova Resistência*, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/06/19/aleksandr-dugin-e-o-continentalismo-ibero-americano/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

REIS, André Luiz dos. A Nova Resistência: Organização Nacional e Autônoma. *Nova Resistência*, 30 maio 2020. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2020/05/30/a-nova-resistencia-organizacao-nacional-e-autonoma/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

REIS, André Luiz dos. A NR é a única organização quarto-teórica do país. *Nova Resistência*, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/04/05/a-nr-e-a-unica-organizacao-quarto-teorica-do-pais/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ROCHA, Lucas. PDT anuncia filiação de militar que apoia Salles e Nise Yamaguchi; ele deve sair candidato. *Revista Fórum*, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/3/29/pdt-anuncia-filiao-de-militar-que-apoia-salles-nise-yamaguchi-ele-deve-sair-candidato-112251.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

RODA VIVA. Ciro Gomes comenta presença de militantes de extrema-direita no PDT. *Youtube*, 16 ago. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Acaegq3gvd0&ab\\_channel=RodaViva](https://www.youtube.com/watch?v=Acaegq3gvd0&ab_channel=RodaViva). Acesso em: 14 dez. 2023.

RT NEWS. *Enfoque en los beneficios mutuos: El BRICS atrae a más naciones frente al egocentrismo occidental*. 2 jun. 2023. Disponível em: <https://actualidad.rt.com/video/468965-enfoque-beneficios-mutuos-brics-atrae>. Acesso em: 14 dez. 2023.

RUSSIA VS WORLD. *The Suvorov Institute in Vienna, Austria*. 23 ago. 2022. Disponível em: <https://russiavsworld.org/the-suvorov-institute-in-vienna-austria/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SANDOUNO, Sâa François Farafín. Black Lives Matter: Uma Manipulação Liberal e Globalista. *Nova Resistência*, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/07/17/black-lives-matter-uma-manipulacao-liberal-e-globalista/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SAVIN, Leonid. Memória de Hugo Chávez. *Nova Resistência*, 5 mar. 2023. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2023/03/05/memoria-de-hugo-chavez/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SCHMITT, C. *El nomos de la tierra: en el derecho de gentes del “Jus publicum europaeum”*. Buenos Aires: Struhart & Cia., 2005.

SOL DA PÁTRIA. Nacionalismo brasileiro e política na América Latina. *Youtube*, 17 maio 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mTapqqR4EeQ&t=4644s&ab\\_channel=SoldaP%C3%A1tria](https://www.youtube.com/watch?v=mTapqqR4EeQ&t=4644s&ab_channel=SoldaP%C3%A1tria). Acesso em: 14 dez. 2023.

TAPIA, Sebastián. Lula propõe grandes reformas para Brasil. *Sputnik News*, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://sputniknews.lat/20230614/lula-propone-grandes-reformas-para-brasil-1140564854.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

TEIXEIRA, Guilherme. Não à destruição de nossa história! *Nova Resistência*, 1 ago. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/08/01/nao-a-destruicao-de-nossa-historia/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

TEIXEIRA, Guilherme. O Estado Novo e o Homem Novo. *Nova Resistência*, 17 out. 2022. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2022/10/17/o-estado-novo-e-o-homem-novo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

TOM CAMELO. O PCO segue botando fascista dentro de [...]. *Twitter*, 2 out. 2022. Disponível em: [https://twitter.com/tomcamelo\\_/status/1576705759655899138](https://twitter.com/tomcamelo_/status/1576705759655899138). Acesso em: 14 dez. 2023.

WIKIPEDIA. *Flag of the National Bolshevik Party*. 2007. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/National\\_Bolshevism#/media/File:National\\_Bolshevik\\_Party\\_flag.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/National_Bolshevism#/media/File:National_Bolshevik_Party_flag.svg). Acesso em: 14 dez. 2023.

ZANINI, Fábio. Guru de Putin, Aleksandr Dugin tem seguidores no Brasil e fala português. Conheça. *Valor*, 02 mar. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/03/02/guru-de-putin-aleksandr-dugin-tem-seguidores-no-brasil-e-fala-portugues-conheca.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ZONTA, Gabriel. O legado de Darcy Ribeiro. *Nova Resistência*, 30 out. 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/10/30/o-legado-de-darcy-ribeiro/>. Acesso em: 14 dez. 2023.